



Digitized by the Internet Archive  
in 2018 with funding from  
Getty Research Institute





*Mitchell's lith*

*Lith. R. N. dos M<sup>tes</sup> 70.º 12.º L.*

*D. João 3.º*

**PORTUGAL**  
**PITTORESCO**

OU

**DESCRIÇÃO HISTÓRICA D'ESTE REINO.**

POR M. FERNANDO DENIS.

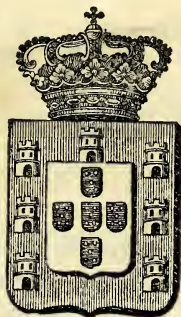
PUBLICADA

**POR UMA SOCIEDADE.**

---

**VOLUME II.**

---



**LISBOA.**

TYP. DE L. C. DA CUNHA.

*Costa do Castello n.º 15.*

—  
1846.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT

RESEARCH REPORT

NO. 100

1950

BY

ROBERT H. DICK



PHYSICS DEPARTMENT

UNIVERSITY OF CHICAGO

1950



# PORTUGAL

## PITTORESCO

OU

### DESCRIÇÃO HISTÓRICA D'ESTE REINO.

---

*Reinado de D. João III.*

“**E** UMA lei da divina Providencia, diz João de Barros, que uns plantão e outros colhem o fructo da arvore.» D. Manoel tinha começado a colheita, D. João III a acabou. Póde-se dizer que o reinado d'este principe foi, como o de seu pai, todo empregado em realizar o vasto pensamento de D. João II. Não é em Portugal que se deve buscar a historia d'esta illustre epoca, mas sim em Africa, no novo mundo, e nas Indias; por isso nos contentaremos com expôr em summa os principaes successos da vida d'este monarcha, pa-

ra proseguir, dando á nossa noticia alguma amplitude; os grandes feitos militares, que illustrarão o seu reinado, e o movimento intellectual, que o acompanhou.

D. João III nasceu em Lisboa a 6 de junho de 1502, e subio ao throno no anno de 1521. Posto que foi menos instruido que seu irmão o infante D. Luiz, discipulo do celebre Pedro Nunes, tudo prova que recebeu grande cultura intellectual, e que nos negocios mostrou uma d'essas raras capacidades, que antes determinão um grande reinado do que fazem fallar do grande rei.

Casou D. João III, a 5 de fevereiro de 1525, com a filha de Philippe II: a rainha, a que o venerando bispo de Sylves escrevia suas cartas admiraveis por sabedoria e patriotismo, tiuha-se tornado sinceramente Portugueza, o que mais tarde provou.

Na preciosa *Miscellanea*, em que mostrou d'um modo ás vezes tão original o movimento da sua epoca, e em que mencionou as prodigiosas mudanças succedidas pelo fim do reinado de D. Manoel, Garcia de Rezende insiste sobre o incremento da marinha, e faz subir a trezentos o numero de navios de todos os tamanhos, de que era possivel dispor no tempo de D. João III. O mesmo escritor vio vender em Lisboa, n'um só dia, 700,000 cruzados de drogas e especiarías, e acrescenta que os veadores da fazenda concluirão então um mercado tal, que outro semelhante não se tinha ainda visto.

Foi sem duvida alguma este prodigioso desenvolvimento do commercio e marinha que induzio D. João III a cuidar sollicito na conquista das Indias; porem não tardou elle em abandonar aos Mouros quatro praças importantes. Alcaçar, Arzila, Saff e Azamor havião custado muito sangue aos Portuguezes para que d'ellas se fizesse assim o sacrificio, e a despeito das maravilhosas victorias, que nas Indias succedião, Faria e Souza não pôde abster-se de vêr n'este desprezo das antigas possessões d'Africa a causa dos males, que mais tarde affligirão o reino.

Ponhamo-nos no ponto de vista d'este monarcha ; o nosso pensamento deve antes de tudo tentar descobrir as vantagens, que as conquistas da Asia hão de ainda produzir ao filho do rei afortunado.

*Nomes dos vice-reis, que succedem a Albuquerque. — Principaes acontecimentos durante a sua administração. — Vasco da Gama é elevado á dignidade de vice-rei. — Sua morte.*

Depois de haver mencionado esses feitos d'armas verdadeiramente prodigiosos, que aos Portuguezes assegurarão o dominio dos mares da India, ninguem por certo espera que sigamos os inflexiveis conquistadores na execução definitiva da obra, que Albuquerque e Almeida lhes havião legado. Nomearemos todavia os capitães famigerados, os administradores habeis, os maritimos intrepididos, que lhes succederão, e de passagem faremos menção das lutas, que novas ambições-suscitarão. N'esta rapida nomenclatura de vice-reis, nomeados por D. Manoel e D. João III até Vasco da Gama, os documentos officiaes de Barreto de Rezende, comparados com os de João de Barros, d'algunha sorte nos guiarão. Os successos e as datas assim apresentarão um grão de certeza, que nem todos os historiadores offerecem.

A alta personagem, que substituiu Albergaria, teve ao mesmo tempo o titulo de terceiro vice-rei e quarto governador das Indias; chamava-se Diogo Lopes de Sequeira, e partio de Lisboa a 27 de março do anno de 1518. A sua administração durou até ao anno de 1522: foi Diogo Lopes que construiu a fortaleza de Cahul, e durante o tempo em que elle conservou o poder, a Abyssinia se achou em fim em relação com os Portuguezes.

D. Duarte de Menezes, conde de Tarouca, foi tambem nomeado por D. Manoel vice-rei das Indias; partio a 5 d'abril de 1521, e conservou o poder por espaço de trez an-

nos. O successo mais notavel da sua administração foi a revolta d'Ormuz: D. Duarte de Menezes proseguio com vigor a guerra contra Malaca.

Trez annos erão passados depois do fallecimento de D. Manoel, quando se tratou de reparar uma grande injustiça; em 1524, Vasco da Gama, o almirante dos mares da India, foi condecorado com o titulo de vice-rei, e partio a 9 d'abril do mesmo anno, para se apossar do poder, que por mais de vinte annos tinha esperado. Todo o mundo conhece a sentença, que termina por assim dizer esta vida memoravel. Alguma cousa ha na sua poetica exaggeração, que vai bem a esses conquistadores de reinos, que devem affrontar tudo, até a furia dos elementos. Approximando-se Vasco da Gama das costas da India, diz a maior parte dos historiadores, uma agitação insolita se manifestou no meio das agoas, as ondas se encapel-lárão sem que nada annunciasse tormenta; aos violentos embates das ondas no navio, um grito de terror succedeo. No meio d'estes sinistros presagios, Vasco da Gama conservou tranquillidade. *E' o mar*, disse elle, *que treme diante de nós*. O heroe, a que os cronistas do decimo sexto seculo dão o titulo de conde almirante, pôde ver as magnificencias nascentes de Goa, mas em breve se ausentou d'esta cidade para ir á de Cochim, onde falleceo a 25 de dezembro de 1524. Só trez mezes e vinte dias conservou o poder, e affirmão que as disposições repressivas, que no leito da morte adoptára, assás provão o que seria uma administração vigorosa dirigida por elle. Em Vasco da Gama havia não vulgar espirito de providencia, um sentimento intimo da gloria nacional (1), e tudo dá azo a presumir que elle teria encaminhado ainda mais

(1) Accusavão-no comtudo de se abandonar a subitos transportes, que fazião reccar a sua presença; no estado tranquillo, todos celebravão a affabilidade de suas maneiras e a dignidade, que elle sempre conservava.

rapidamente os Estados da India para esse grão d'esplendor, que em breve devia excitar a admiração dos Europeos.

Foi Vasco da Gama primeiro sepultado em Cochim, e só em 1528 pôde o seu corpo ser trazido para a villa da Vidigueira (1), onde ora está. Os habitantes de Goa fizeram mais tarde ao conde almirante uma honra, que não recebeu Almeida, nem Albuquerque. N'uma das praças da cidade erigirão, em 1598, a sua estatua, que era dourada, e fôra, diz Diogo do Couto, lavrada segundo um retrato mui parecido, que existia no palacio dos governadores, e cuja copia se via outr'ora no lugar em que o conselho municipal se congregava. No ensejo da inauguração da estatua, grandes festas se fizeram na capital das Indias, e Diogo do Couto pronunciou por esta occasião um discurso. Mais d'uma vicissitude havia de soffrer a effigie do grande homem; tirada da praça, em que fôra inaugurada, ali a tornárão a pôr com o andar do tempo; e o ultimo historiador de Goa, o P. *Cottineau de Cloguen*, diz que ella ainda existe não longe do palacio semi-derrocado. Lá ía não ha muito tempo o velho sacerdote bretão inclinar-se, no meio d'aquellas ruinas, diante da sobredita estatua, que talvez ao presente tenha desaparecido.

Henrique de Menezes foi o setimo governador das Indias, e tomou posse logo depois da morte de Vasco da Gama, a 25 de dezembro de 1524. Não pôde elle cumprir as altas funcções, que lhe forão delegadas, senão até ao fim de fevereiro de 1526, epoca em que veio a fallecer na cidade.

(1) Na provincia do Alemtejo, não longe da Vidigueira, havia no decimo sexto seculo um convento chamado de *Nossa Senhora das Reliquias*, que era da ordem do Carmo, e tinha sido fundado um anno antes do descobrimento das Indias. Para este convento se trasladárão os ossos de Vasco da Gama, que forão depositados n'um sumptuoso mausoléu. Se nos reportamos ao author do *Agiologio Lusitano*, que nos subministrou estas particularidades, poucos mosteiros havião em Portugal tão ricos como o de Nossa Senhora das Reliquias.

de Kananor; foi no seu tempo que os Portuguezes destruíram Challe, Panane e Gio. Henrique de Menezes queimou Culeta, e alcançou uma victoria assignalada sobre o rei de Bentaim.

Epoca de desordens foi aquella em que appareceu Lopo Vaz de Sampaio; este curto periodo occupa mesmo muitas paginas na historia das dissensões, que mancháram de sangue a India portugueza. Buscaremos explicar a origem d'estas encarniçadas lutas, e de grande auxilio nos será aqui o livro de Barreto de Rezende, e um antigo viajante francez, que não é assás consultado quando se trata d'estas remotas regiões em que elle por largo tempo residio (1). Quando um novo governador das Indias, ou mesmo um vice-rei, era nomeado para ir residir em Goa, via-se investido no poder por tempo de trez annos sómente, e com os documentos officiaes da sua nomeação levava os alvarás, que providenciavão á sua substituição, se viesse a fallecer, ou houvesse de voltar á Europa. Para si reservava a metropoli o direito de nomear muitos successores ao vice-reinado, no caso em que um dos escolhidos fosse arrebatado por algum acontecimento, ou se visse na impossibilidade d'aceitar a nomeação. As cartas fechadas, que assim investião no poder uma personagem qualquer, erão sempre objecto d'um segredo impenetravel, e só com grande solemnidade podião ser abertas. E' o que succedeo depois da morte de Vasco da Gama; o seu immediato successor era Henrique de Menezes, por appellido o Roxo, de que acima havemos fallado. Quando a enfermidade o lançou na sepultura, em 1526, no meio de seus grandes feitos, recorreo-se ás cartas d'investidura conservadas em reserva: aberta solemnemente a primeira, n'ella se achou designado D. Pedro Mascarenhas: este denodado capitão estava então em Malaca, onde fazia com vigor a guerra contra

(1) O P. Philippe, Relação da sua viagem ao Oriente, traduzida do latim em francez por Pedro de Santo André. Lião, 1652, 1 vol. in-12.

os Malaios. D. Pedro Mascarenhas carecia de tempo para chegar a Goa, e era indispensavel prover interinamente ao governo. Então Affonso Menia, veador da fazenda, abriu a segunda carta, em que se achava designado Lopo Vaz de Sampaio, que logo reivindicou o exercicio dos direitos annexos á sua nomeação; porem só lhe foi entregue a administração depois que d'elle exigirão um juramento solemne de resignar a authoridade nas mãos de D. Pedro Mascarenhas, logo que este a reivindicasse. Lavrou-se auto d'esta resolução, e todos os fidalgos, que residião em Goa, o assignárão, com declaração expressa de que só obedecerião ao novo governador até á chegada de D. Pedro Mascarenhas. Parece á primeira vista que similhante auto deveria obviar toda a especie de dissensão, mas não succedeo assim: D. Pedro Mascarenhas voltou á costa do Malabar e debalde invocou a fé dos juramentos. Lopo Vaz de Sampaio, que estava na posse do poder, o conservou com uma audacia pouco vulgar e á custa de sangue se manteve. Na IV decada de João de Barros, que ficou imperfeita, se pôde lêr a relação d'estas discordias (1) crueis, em que duas facções entre si disputárão o poder. Não é comtudo possivel recusar ao oitavo governador das Indias o titulo d'habil general, d'isto tiverão os Asiaticos terriveis provas: não só elle sujeitou momentaneamente ElRei de Cambaya, o sultão Bahdur, cuja fama enchia a Asia, e que estava afeito a ser reputado como um dos mais poderosos principes d'aquellas regiões, mas destruiu a armada do soberano de Calicut, sem embargo d'um soccorro de vinte mil homens, que ElRei de Narzinga lhe enviava, e tambem anniquilou *Porka*: em fim, assegurou o dominio dos Portuguezes no golfo Persico, ferindo elle mesmo com o seu punhal Racz Ahmed, que ali governava. Depois d'este

(1) Ali se pôde tambem vêr que D. Pedro Mascarenhas fez uma das acções mais extraordinarias d'aquelle tempo, apoderando-se da pessoa do rei de Bentam, no meio da sua opulenta capital. Isto succedeo em 1527. Faria diz que um só dia de victoria lhe deo muitos seculos d'illustres recordações.

terrível destruidor de cidades, indispensavel era um homem mais prudente, e sobre tudo mais humano; é o que a metropoli conheceo, quando no fim de quatro annos nomeou successor a Lopo Vaz de Sampaio. Um homem eminente começava a grangear uma assustadora preeminencia no Guzarate; Bahdur Schah, que os Portuguezes designavão sob o nome de rei de Cambaya, promettia um formidavel inimigo aos conquistadores de *Bdjapur* e de tantas outras regiões da península: um dos homens mais notaveis de Portugal foi enviado a governar as Indias: algumas linhas transcritas d'um de seus melhores biographos o darão a conhecer.

#### *D. Nuno da Cunha.*

D. Nuno da Cunha nasceo d'uma illustre família; era filho d'esse famigerado Tristão da Cunha, mais d'uma vez memorado. Em verdes annos passou a Africa, onde militou ao mando do grande Nuno Fernandes d'Ataide: em breve navegou para as Indias, em companhia de seu pai. As cidades de Oja e Brava, entregues ás chamas, derão azo a prever o que havia de ser um dia D. Nuno da Cunha, que foi armado cavalleiro por Affonso d'Albuquerque. Havendo executado grandes feitos, que pela brevidade d'esta noticia deixamos em silencio, elle voltou a Portugal, e D. João III o elegeo para decimo governador das Indias. Como tal, no mez d'abril do anno de 1528, D. Nuno da Cunha partio de Lisboa: antes de chegar a Goa, destruiu Mombaça, cujo principe fazia uma guerra offensiva a muitos soberanos da costa de Moçambique. Havendo superado immensos obstaculos, D. Nuno chegou em fim á capital das Indias, onde a sua entrada foi quasi um triumpho. A D. Nuno da Cunha coube a gloria d'anniquilar o poder do sultão Bahdur, o mais formidavel inimigo que os Portuguezes encontrárão. A pesar de tudo o que havia feito em Dio, Chaul e Baçaim, este grande homem foi victima da calumnia. Um historiador portuguez diz com razão que D. João III deo ouvidos a uma ac-



cusação indigna do character d'um soberano, e que ordenou que sem demora lhe trouxessem D. Nuno da Cunha carregado de ferros. Partindo de Cochim no anno de 1539, continua Barbosa, elle chegou a Kananor, tão offendido do máo procedimento de D. Garcia de Noronha, quanto atormentado por uma dolorosa enfermidade. D. Nuno proseguio a viagem, mas tinha interiormente a certeza de que a sua existencia não se devia prolongar. Este sentimento do seu proximo fim augmentou ao dobrar o cabo de Boa Esperança; elle comprehendeo que era chegada a sua derradeira hora. Foi então que do proprio punho escreveu uma carta em que declarava não possuir da fazenda real mais que cinco moedas, tiradas dos despojos do sultão Bahdur e reservadas para serem offerecidas a ElRei. Perguntando-lhe o seu capellão se queria que o seu cadaver fosse trazido a Portugal para que se lhe desse decente sepultura, D. Nuno da Cunha respondeo: « Já que aprouve a Deos trazer-me ao meio do Oceano, seja o mar o meu sepulcro: a terra não me quer, tão mal recebeo meus serviços, que não devo deixar-lhe os ossos. D. Nuno expirou aos 5 de março de 1539, tendo cincoenta e dous annos d'idade, e dez de governo nas Indias, e o seu corpo foi, conforme o seu desejo, lançado ao mar. Era este governador de magestoso aspecto, e, como Camões, cego d'um olho, que perdera n'uma cavallhada com D. João III. Em João de Barros se podem lèr suas cartas, e o Cancioneiro de Rezende nos transmittio suas poesias, que n'um livro especial esperamos publicar um dia.

A este insigne varão succedeo Garcia de Noronha, que havia recebido o titulo de governador em 1538; era o decimo na ordem de successão. Falleceo a Garcia de Noronha tempo para assignalar o seu governo por feitos importantes, porque morreo em 1540, um anno e sete mezes depois da sua chegada ás Indias: na cathedral de Goa foi o seu corpo sepultado.

*Heitor da Silveira.*

No tempo de Garcia de Noronha, o celebre Heitor da Silveira se abalisou por sua habilitade e valor no meio dos varões eminentes, que de toda a parte appareião. Como vencedor discorreo pelas costas de Guzarate e destruiu os corsarios, que assolavão o littoral. Foi Heitor da Silveira que para ElRei de Portugal ganhou a fortaleza de Baçaim, cuja planta Barreto de Rezende conservou na sua excellente obra; tambem fez tributario de Portugal o xeque, que em Adem governava, e soube inspirar temor aos de *Tana* e *Xael*.

*Primeiro cerco de Dio.*

No anno de 1538 Antonio da Silveira teve a gloria de sustentar na fortaleza de Dio esse memoravel cerco, cuja lembrança só as victorias de D. João de Castro puderão desvanecer. Doze mil janizaros, ao mando de Solimão Pacha, que então governava no Egypto, fizeram junção com as forças do poderoso soberano, que reinava em Guzarate, e não obstante as descargas d'uma artilheria consideravel, e o fogo de sessenta e cinco navios, Antonio da Silveira obrigou este numeroso exercito a levantar o cerco da cidade em que elle se havia encerrado. O intrepido capitão havia feito outras façanhas: Surrate, Damão, e outras muitas praças tinham caido em seu poder. Antonio da Silveira teve a felicidade de voltar a Lisboa coberto de gloria, e esta vez o soberano não foi ingrato, pagando com desprezo e perseguição tantos annos de triumpho (1).

(1) A fama do primeiro cerco de Dio foi tal, que Francisco I, transportado da gloria, que Antonio da Silveira acabava de ganhar, pensou em chamal-o para o seu serviço, o que teria feito se o pudesse conseguir sem que D. João III se offendesse. Pedro de Mariz e Maffei affirmão que o rei de França mandou a Portugal retratar Antonio da Silveira, e que ordenou que entre as effigies dos gran-



*Sci Lith*

*Off. R. N. des. M<sup>o</sup> A<sup>o</sup> 12.*

*Fernando Magalhães*



*Magalhães.*

Fernão de Magalhães pertencia a uma familia illustre; poucas noticias positivas ha comtudo ácerca do seu nascimento. Um joven escritor brasileiro d'alta esperanza, A. Varnhagem, affirma que elle era natural do Porto. Fernão de Magalhães houve necessariamente de seguir serios estudos em cosmographia, antes de apparecer como chefe d'uma empreza audaz: o certo é que no Oriente se instruiu, e que no anno de 1510, assiste á tomada de Malaca, ao mando do grande Affonso d'Albuquerque. N'esta epoca grangeou Magalhães minucioso conhecimento das costas do Oriente, e quando a Portugal voltou, obteve um cargo honroso; porem desejando certas vantagens pecuniarias, ou antes um privilegio, que lhe não concedeo D. Manoel, exasperado se foi a Castella a offerecer seus serviços. Affirmão os seus apologistas que para não merecer o nome de traidor, Magalhães quiz legalmente acabar suas ralações com a patria; naturalizou-se Hespanhol, dando a este acto quanta publicidade lhe foi possivel; e só depois d'esta formalidade se foi apresentar a Carlos Quinto e lhe prometteo descobrir um novo caminho para chegar aos mares da India (1). A antiga boa fé dos que admirarão os

des capitães fosse posto o seu retrato, que, se isto é verdade, deve ter feito parte da collecção de pinturas de Fontainebleau.

(1) O sabio e consciencioso Navarrete offerece as mais exactas e circumstanciadas particularidades a este respeito: em 1512 achava-se Magalhães de volta em Portugal, e a 12 de junho recebeu o fôro de moço fidalgo, tendo direito a 1:000 rs. por mez de salario; como tal, tinha tambem um alqueire de cevada por dia. No anno seguinte, foi elevado de moço fidalgo a fidalgo escudeiro, com o ordenado de 1850 rs. mensaes. «Tudo isto se acha provado por um recibo assignado por elle em data de 14 de julho do mesmo anno; ignoramos se elle foi immediatamente continuar seus serviços em Africa e na Asia; porem é certo que depois dos acontecimentos d'Azamor... elle sollicitou d'ElRei, em attenção á sua jerarchia, nobreza, e merito de que havia dado provas, algumas graças, e en-

Albuquerque e os Castros não pôde admittir a asserção dos apologistas, e o homem, que desde a origem os estrangeiros saudarão com o nome de grande, ficou entre os Portuguezes tido em conta de desleal; o proprio Camões, admirando-o, não o absolve. Seja como for, o imperador promptamente aceitou os offerecimentos, que Fernão de Magalhães lhe fez, e mandou aperceber cinco navios, em que embarcárão duzentos e cincoenta homens d'equipagem. Mencionaremos uma notavel circumstancia d'esta expedição, é que ella depende tanto mais da historia de Portugal, quanto entre os homens incumbidos de dirigil-a havião quasi tantos Portuguezes como Castelhanos. Em quanto Fernão de Magalhães commandava a capitania em qualidade de capitão mór, Duarte Barbosa, seu primo, Alvaro de Mesquita, Estevão Gomes e João Rodrigues de Carvalho no meio dos Hespanhoes representavão a nação activa, que já havia executado tantos descobrimentos grandes. Luiz de Mendoza, Gaspar de Quezada, João de Cartagena, e João Serrano commandavão os quatro navios de que constava a armada, que deo á vela de São Lucar de Barrameda a 21 de setembro de 1519, e navegou em direcção ás costas do Brazil. Foi na altura do Rio de Janeiro que para os navegantes começou uma serie de calamidades, que fizerão lamentar que a alta providencia, de que se havia feito prova no ensejo da memoravel expedição de Vasco da Gama, não guiasse uma empreza, que se podia reputar ainda como mais importante debaixo do ponto de vista scientifico. A mingoa de viveres, a falta de certas munições, as enfermidades causadas pela mudança de clima, tudo contribuiu para exasperar os animos, e em breve se tramou uma conspiração contra Fernão de Magalhães. Obri-

tre ellas um augmento de moradia. Por este nome se designava certo salario honorifico, que, sendo pequeno, tinha muita importancia para os nobres de Portugal... Recusou ElRei despachar tão justo e moderado requerimento, por estar certamente prevenido contra Magalhães." Vid. Fernandez de Navarrete, *Collección de viagens*, etc. t. IV.

gado se julgou o chefe Portuguez a haver-se com extrema severidade, e mandou executar os principaes fautores da rebelião; Luiz de Mendoza e Gaspar de Quezada perecerão. Este rigor teve prompto effeito; o tumulto socegou, Magalhães proseguio a viagem e foi invernar a um cabo, onde apparecerão pela primeira vez estes homens d'alta estatura, dos quaes exageradas relações devião fazer verdadeiros gigantes. *Darville, d'Orbigny* (1), *Gauthier*, mostrarão, por um maduro exame, o credito, que se devia conceder á narração de *Pigafetta*, que nos transmittio a descripção d'esta primeira viagem ao redor do mundo, o que fez em termos, que desencaminharão os que o seguirão.

Seja como fôr, Magalhães chegou ao *cabo das Virgens*, e lhe deo este nome porque o descobrio a 21 d'outubro, dia em que a Igreja celebra o martirio de Santa Ursula e de suas companheiras. A doze legoas d'aquelle cabo descobrio o famoso estreito (1). Depois de haver navegado um espaço de cincoenta legoas n'esta passagem, de que ignorava a saída, encontrou outro mais vasto, que desembocava no mar do poente, e o estreito tomou desde logo a denominação, que mais tarde devia ter. Não seguiremos Magalhães durante as mil e quinhentas legoas, que elle devia andar ainda antes de chegar a essas famosas ilhas de que *Pigafetta* conservou a curiosa descripção; bastará dizer que o illustre viajante, chegando em fim a *Zebu*, foi acolhido n'esta ilha do archipelago das *Filippinas* com hospitalidade por um principe, que as primeiras relações designão pelo nome de *Hamabar*. Este principe

(1) Vid. a descripção chronologica das opiniões relativas aos Patagonios, publicada por este sabio no *Homem americano*, t. 1.

(1) Afirmarão que o estreito de Magalhães fôra claramente indicado, desde o decimo quinto seculo, n'um dos dous mappas, trazidos outr'ora a Portugal por D. Pedro d'Alfarrobeira, e que se conservavão no convento d'Alcobaça. A destruição d'estes preciosos monumentos da geographia primitiva não permite estabelecer discussão alguma admissivel sobre este ponto: remettemos o leitor para a dissertação publicada nas *Memorias de litteratura*.

foi convertido ao christianismo, ao menos na apparencia; mas difficil é acreditar que fosse perfeitamente instruido nas verdades da religião, como asseverão alguns historiadores portuguezes. Em guerra com o chefe da ilha de *Matan*, é mui provavel que Hamabar intentasse fazer dos recém desembarcados poderosos auxiliares: Magalhães servio com effeito aquelle principe na sua desavença, e o ajudou a alcançar duas victorias sobre o dito chefe da ilha de *Matan*, ao qual os Europeos do decimo sexto seculo conservarão o nome, provavelmente mui alterado, de *Calpulupo* ou de *Cilapulapu*. O soberano de *Zebu* e a rainha, abraçando o christianismo, havião jurado fé e homenagem ao imperador. Não fez o mesmo o chefe de *Matan*; posto que vencido, não quiz prestar o juramento, que d'elle exigião. Indispensavel foi pelejar, e n'esta circumstancia Hamabar, aterrado do poder dos estrangeiros, não lhes deo efficaz soccorro, se todavia não os atraiçoo; é o que em breve prevará a mui antiga relação, que mostra o procedimento do grande navegante sob o seu verdadeiro aspecto. Para bem comprehender a narração da catastrophe, indispensaveis se tornão algumas particularidades.

*Relação de Pigafetta. — Morte de Fernão  
de Magalhães.*

Não foi por truncadas e imperfeitas relações que houve-mos noticia da memoravel viagem de que tratamos: um nobre cavalleiro de Rhodes, Antonio Pigafetta, acompanhou Magalhães na sua navegação, e, quando voltou d'esta prodigiosa expedição, apresentou a Carlos Quinto a narração da viagem, redigida, como elle mesmo declara, segundo um diario escrito sem interrupção desde o momento da partida até ao da volta. Uma questão, cuja importancia ninguem contestará, se tem suscitado n'estes ultimos tempos: tratava-se de saber em que lingua foi escrita a primeira viagem ao redor do mundo. Posto que a nação, a que pertencia o historiographo da expedição, asseverasse que foi em italiano, as judi-



ciosas investigações, que M. *Raymond Thomassy* inserio no Buletim da Sociedade de geographia, não deixão duvida a este respeito. Como a relação de Marco Polo, a do gentil-homem de Vicença foi primitivamente escrita em francez. Antonio Pigafetta era certamente do numero dos boñs *espiritos italicos*, que entenderão, no decimo quinto seculo, as verdadeiras propriedades d'este idioma, sobre os quaes insiste *João le Maire*. Póde-se dizer que Pigafetta estimava e honrava a lingua franceza, e que n'ella conversava melhor que na propria « por causa da resonancia, graça e cõrtezia humana. »

A narração da morte do grande navegante chegou ao nosso conhecimento escrita no francez, que se fallava na corte de Francisco I. De Thomassy transcrevemos a preciosa pagina, que menciona as circumstancias d'aquella catastrophe. Em 1521, recusando-se o chefe da ilha de Matan a toda a proposta d'uma vassallagem, de que mui bem antevia as consequencias, Magalhães se pôz em marcha contra elle: o incendio d'algumas habitações seguio a passagem dos Portuguezes, irritarão-se os animos, uma funesta pugna se travou. « Então vierão, diz Pigafetta, com tanta furia contra nós, que com uma frecha envenenada ferirão na perna o capitão, pelo que este ordenou que nos fossemos pouco a pouco retirando; . . . . porem elle, como bom capitão e cavalleiro, com alguns outros continuava a pelejar; e não querendo retirar-se, um Indio lhe arremeçou ao rosto uma frecha de canna, e elle logo o matou com a sua lança, deixando-lha embebida no corpo. Querendo depois puxar pela espada, só pôde desembainhal-a até ao meio, por causa d'uma ferida, que tinha no braço; o que vendo os inimigos sobre elle se arremeçãrão, e matãrão o espelho, a luz, o conforto de todos, o nosso verdadeiro guia. Em quanto o estavão golpeando, algumas vezes se voltou para vêr se todos estavamos nos navios; do melhor modo que pudemos salvãmos e recolhemos os feridos nas embarcações, que logo se fizerão á vela. »

Esta citação d'um precioso manuscrito, pertencente a M. Beaupré, completa ou rectifica os successos expostos até ao

presente. O texto francez, que existe na Bibliotheca real, não é tão explicito, mas as duas narrações são concordes, tratando do abandono em que ficou o corpo do desafortunado capitão. Parece que Pigafetta previo a influencia das calumnias, que mais tarde virião deprimir a memoria do grande homem, de que foi companheiro fiel; sobre tudo receia para elle um desdem funesto, e em termos cheios de nobreza diz ao grã-mestre Villiers, a quem dedicou a sua relação: « Tenho esperanza em vossa illustrissima senhoria, que a fama d'um valente e nobre capitão não será extineta, nem esquecida em nossos dias; porque entre suas outras virtudes, era constante e soffredor de trabalhos. Navegando fazia mappas maritimos, e a verdade d'isto é manifesta; por quanto nunca outro teve tanto engenho, afouteza e saber para conceber a idéa de rodear uma vez o mundo, para o que já havia dado ordem; porem a sua magnanima empreza foi interrompida por esta batalha, que se deo n'um sabbado, vinte e sete d'abril do anno de mil quinhentos e vinte e um; e o capitão a quiz dar n'este dia por ser o da sua devoção. »

Poucas particularidades se sabem da vida privada d'este homem extraordinario: sómente consta que fôra casado com uma filha de Diogo Barbosa, alcaide mór do castello de Sevilla. Osorio, que entendia dos homens e provavelmente o conheceo, trata-o de *vir nobilis et magno animo praeditus* (1). João de Barros celebra a sua consumada pratica das sciencias e a sua experiencia no que dizia respeito á navegação. O Roteiro, em que elle depositou suas observações, e que Antonio Moreno, cosmographo mór de *la casa de contractacion*, conservava, ficou envolto no pó d'alguma bibliotheca (2). Na sua

(1) O curioso retrato, que aqui offerecemos, é tirado da magnifica collecção do *Louvre*; o desenho original é mui semelhante a um retrato, que se mostra em Toledo, mas que nos pareceo ter menos caracter.

(2) Com a relação de Barbosa, convem citar o livro de Duarte de Rezende, que foi feitor em Ternate. Este viajante pouco conhecido escreveu uma obra intitulada; *Tratado da navegação*,

terceira decada conservou Barros a ordem do dia, que Magalhães promulgou a 21 de novembro de 1520 no estreito de Todos os Santos, na qual elle dava aos capitães, que o acompanhavão, as instrucções, que julgava indispensaveis para o bom êxito da empreza. Este precioso escrito, raras vezes lido, attesta as previsões d'aquelle ousado navegante.

Só vinte annos erão passados depois do descobrimento do Brazil, e contudo, cousa que ainda ninguem notou, um de seus filhos participava d'uma das mais memoraveis emprezas do decimo sexto seculo. O filho de João de Carvalho, natural d'America, embarcou na armada, que ia fazer a primeira viagem ao redor do mundo; e se lhe foi dado abandonar *Sripada*, rei de *Paloan*, que o deteve em consequencia d'uma desintelligencia, se pôde voltar ao seu paiz natal passando pela Europa, elle deve ser reputado como o primeiro Brasileiro, que fez o giro do globo. (1)

Todos sabem o modo porque a expedição terminou. Conforme Pigafetta, foi desde a epoca em que se abandonou a inhospita ilha de Zebu que houverão as primeiras informações sobre as ilhas Molucas, objecto principal d'esta arriscada navegação. Depois de muitos acontecimentos, que não poderião ter lugar n'esta narração, os companheiros do desafortunado viajante chegarão a Tidor, onde houverão noticia da morte mui recente de Francisco Serrão, antigo amigo e parente do seu capitão general, aquelle, cujos descobrimentos memorámos, e que a Magalhães deo mais d'uma informação preciosa. Depois de visitarem este archipelago, em abril de 1522, os sobreditos navegantes dobrarão o cabo de Boa Esperança, e, n'um sabbado 6 de setembro do referido anno, elles entrarão na bahia de *San Lucar*. Dos sessenta homens, de que

que *Fernão de Magalhães e seus companheiros fizeram ás ilhas de Maluco*. Infelizmente este tratado, escrito em 1522 e dedicado ao grande Barros, ficou em manuscrito, em quanto se imprimiu de Duarte de Rezende uma traducção do livro de *Amicitia*.

(1) Vid. a primeira viagem ao redor do mundo por Pigafetta durante os annos de 1519, 1520, 21 a 22; Paris, anno IX.

ainda constava a equipagem do navio *Victoria* nas Molucas, só restava dezoito. Muitos dos valentes tinham perecido, o proprio chefe da expedição não pôde tornar a ver a sua patria, onde talvez a gloria o houvesse justificado; porem grande mudança se havia executado nos conhecimentos geographicos, e, como alguém com eloquencia disse, « Magalhães tinha feito entrar no mundo exterior e visivel essa mesma verdade, que Colombo baseára n'outra ordem de cousas e d'idéas » (1).

*Divisão do isthmo de Panama proposta no decimo sexto seculo.*

No momento em que esta grande questão agita os espiritos, no momento talvez em que o problema está a ponto de se resolver, curioso é por certo mostrar a antiguidade d'um projecto, que ora interessa a toda a Europa, mas de que n'outro tempo interessava principalmente Hespanha e Portugal. E' um antigo historiador portuguez o primeiro que dá estas particularidades, e posto que primitivamente a proposta viesse d'um piloto hespanhol expedido por Carlos Quinto, importante nos parece provar o facto. Depois de referir como Alvaro de Saavedra partio no anno de 1527 para as Molucas, Antonio Galvão expõe em summa a sua navegação, o descobrimento, que elle fez d'esses negros a que os Portuguezes chamarão *Papuas*, as particularidades mui pouco sabidas, que assignalão o resto da campanha; e finalmente accrescenta estas palavras notaveis: « Saavedra, vendo que o tempo estava mais a seu sabor, se encaminhou para a terra, sobre o isthmo da cidade de Panama, porque este isthmo não tem mais de dezeseis a dezoito legoas de largo, e n'elle podia descarregar o cravo da India, assim como as mercadorias, que levava, as quaes podião ir em carros pelo meio dos campos

(1) Barcou e Penhoen: *Revista dos dous mundos*. Numero de 1.º de julho de 1834.

por espaço de quatro legoas até ao Rio Sagre, que dizem ser navegavel e que desemboca no mar do Norte, perto de *Nombre de Dios*, onde se achavão os navios de Castella, os quaes podião transportar tudo, em menos tempo e com menos perigo que pela via do cabo da Boa Esperança. Sabido é além d'isto, que das Molucas a Panama sempre se navega entre os tropicos seguindo a direcção da linha. Porém nunca elles poderão encontrar ventos nem obter tempo favoravel para executar este desejo. Pelo que voltárão ás Molucas mui tristes, tanto mais que Saavedra havia fallecido. — Ora dizião que elle tinha o designio de haver-se de tal modo, que o imperador dêsse ordens para que fosse aberta essa terra da Castella d'ouro e da Nova Hespanha d'um mar ao outro, porque o podião fazer em quatro sitios dfferentes, a saber: do golfo de São Miguel a Uraba; de Panama a *Nombre de Dios*; ou pelo rio de Nicaragua, que nasce n'um lago a trez ou quatro legoas, na parte do sul, e leva suas agoas ao Norte, dando navegação a barcos e a navios pequenos. Tambem ha outra passagem de Tagante ao Rio de Vera Cruz, pela qual seria igualmente possivel abrir um canal. Se isto se fizesse, haveria a facilidade de navegar das Canarias ás Molucas, sob o zodiaco, por conseguinte com um clima temperado, e isto em menos tempo e com menos perigo que pelo cabo de Boa Esperança, ou pelo estreito de Magalhães, ou mesmo pela terra de Corte Real, ainda no caso que se houvesse encontrado o estreito, que deveria conduzir aos mares da China (1). » Não quizemos separar este curioso paragrapho da narração da memoravel expedição de Magalhães. E' sempre importante mostrar que nenhuma empresa, por grande que nos pareça, intimidava aquelles homens afootos. A viagem ao redor do mundo, a separação das duas Americas, os trabalhos, que devem desviar o curso do Nilo, nada os espanta: vamos lançar um golpe de vista sobre as regiões em que este projecto extraordinario talvez um momento esteve a ponto de se rea-

(1) Tratado dos descobrimentos, p. 75 e 76.

lisar. A Abyssinia, que ora attrahe todas as attenções, cedo veio a ser o alvo dos Portuguezes.

*A Abyssinia mais bem conhecida na Europa. — Embaixada ao paiz do Preste João. — Francisco Alvares e Duarte Galvão.*

Temos referido a fabula do Preste João, como vogava no começo da era dos grandes descobrimentos; um bispo d'Abyssinia devia em breve dissipar uma parte dos erros, que a seu respeito corrião. Em 1515, ElRei D. Manoel tratou de expedir uma embaixada áquelle soberano, que o enviado de D. João II havia, por suas relações, definitivamente estabelecido na Abyssinia. Escolheu ElRei para esta importante missão dous homens notaveis por seu character e saber; um d'elles, Duarte Galvão, falleceo no mez de julho de 1517, na ilha de Camoran, e foi substituido por D. Rodrigo de Lima; o outro, Francisco Alvares, era o proprio capellão d'ElRei. Proseguirão os dous embaixadores sua viagem, e, no mez d'abril de 1520, entrárão na corte d'Ethiopia, onde logo forão agazalhados com singulares demonstrações de jubilo e affeição. Para corresponder á cortezia d'ElRei de Portugal, o soberano d'Abyssinia expediao ao successor de D. Manoel um frade venerado em seus Estados, o qual se chamava Zagazabo. O religioso ethiopio, depois d'entregar a este monarcha uma preciosa reliquia, devia ir vêr o summo pontifice, que elle havia, segundo dizem, reconhecido como chefe da Igreja catholica. Francisco Alvares acompanhou o religioso ethiopio, no qual fundava grande esperanza, e ambos chegarão a Lisboa a vinte e quatro de julho de 1527. Francisco Alvares, provido n'um excellente beneficio em galardão de seus serviços, acompanhou Zagazabo a Roma, onde Clemente VII os acolheu com paternal benevolencia, em janeiro de 1533.

Referimos estas particularidades, porque é na verdade a Francisco Alvares que a Europa deve as primeiras noti-

eias exactas ácerca d'um paiz, cuja riqueza foi tão pouco exausta pelas conquistas do decimo sexto século, que tudo ali resta ainda a fazer pelo commercio europeu (1).

Depois de haver animoso discorrido por ignotos paizes, mas no meio dos quaes ao menos não cessava de achar-se entre povoações christãs, Francisco Alvares quiz por uma relação sincera desvanecer as chiméras, que aos olhos de muita gente occultavão ainda o imperio do Preste João. Para que nada faltasse á sua obra, elle foi a Pariz em busca de typo, e mesmo de compositores, que julgava talvez com prevenção superiores aos de Galharde, o diligente impressor de Lisboa. A primeira edição do seu livro appareceu em 1540, e entre outras noticias preciosas continha um retrato do famigerado Preste João, debalde buscado até áquella epoca. No tempo de Francisco Alvares, elle era um bello mancebo, *côr de maçã bayonesa não muito parda*. A obra do zeloso capellão foi em continente traduzida em hespanhol, e, no seguinte anno, — *A descripção historica da Ethiopia, contendo a verdadeira relaçõ das terras e paizes do grande rei e imperador Preste João* — appareceu em Antuerpia (2); a traducção italiana só em 1563 saio á luz.

Havendo indicado em summa como se estabelecerão as primeiras relações dos Portuguezes com a Abyssinia, quere-

(1) Um viajante ha pouco chegado d'aquelle paiz, M. *Lefebvre*. disse: « Nenhum progresso intellectual tem feito a Abyssinia: isto resulta da sua posição isolada, e da completa falta de communicação com nações, que lhe fossem iguaes em civilisação. Por quanto não havia nenhum povo circunvisinho, que a não separasse do resto do mundo; de modo que antes de Francisco Alvares e dos Portuguezes, debalde se buscaria o melhor vestigio de relação directa da Abyssinia com alguma das regiões europeas.

(2) Eis aqui o titulo do antigo livro portuguez, que rarissimo se tem tornado: *Preste João das Indias Verdadeira informação das terras do Preste João, segundo vio e escreveu o padre Francisco Alvares, capellão d'ElRei nosso senhor, agora novamente impressa por mandado do dito senhor em casa de Luiz Rodrigues, livreiro de sua alteza, Lisboa MDXL.*

riamos tambem narrar as primeiras lutas começadas no tempo d'Estevão da Gama, governador das Indias, mas isto nos faria sair do nosso plano, e ao habil escritor, que se incumbio d'escrever a historia da Ethiopia, deixaremos a narração d'este curioso episodio. Contentar-nos-hemos pois com lembrar que em 1528, um chefe musulmano, visir do rei d'Adel, á frente d'um exercito turco, se arrojou sobre as povoações sujeitas ao christianismo por *Frumencio* desde o quarto seculo. O filho do illustre almirante D. Christovão da Gama levou um efficaz soccorro áquelles povos governados por um chefe chamado Onadinguel, e com os quinhentos homens, que capitaneava, teve a gloria d'anniquilar o chefe do paiz de Zeila: o visir do rei d'Adel pereceo na batalha. Quizerão os jesuitas depois estabelecer suas conquistas espirituaes nos lugares em que os guerreiros enviados das Indias havião começado as conquistas da espada; successos mui diversos acompanhãõ estas tentativas, que largamente referem Telles e Lacrozo, que muitas vezes se fundão na sincera narração d'uma occular testemunha d'estes acontecimentos. « A relação, que nos deixou o patriarcha João Bermudes, diz um antigo escritor, não é mais que a narração do que na Abyssinia succedeo a D. Christovão da Gama, é a historia de seus combates e victorias, de sua derrota, morte e suas consequencias. . . . O rei e a rainha d'Abyssinia tratãrão mui bem os Portuguezes em quando do seu auxilio carecerão: o venerando João Bermudes julgou chegar ao momento feliz em que a divina misericordia ía manifestar-se sobre aquelles povos e reduzil-os a fé catholica; porem, passado o perigo, todas estas felizes esperanças se esyaecerão: os Portuguezes forão dispersos, o patriarcha houve de fugir, e foi recebido em Goa com todas as honras devidas ao seu character, e, havendo ali residido por algum tempo, voltou a Lisboa onde falleceo. » Não poderia ser nosso intento demorar-nos mais tempo sobre a origem d'estas relações importantes; sabemos além d'isto que um sabio religioso de São Lazaro, que aproveitou uma longa residencia na Abyssinia, vai publicar uma historia completa d'aquellas



regiões tão pouco conhecidas. Provavel é que o livro do P. Sapeo nada deixe a desejar sobre estas primeiras viagens dos Europeos e sobre as vicissitudes, que agitárão aquelle imperio. Quanto a nós, as guerras da India nos occuparão quasi exclusivamente, e buscaremos referir os successos d'estas lutas heroicas, depois de lançar um golpe de vista sobre certas instituições do reinado de D. João III. Passamos a tratar da assembléa representativa, que preservava os direitos da nação, e da riqueza commercial, que tornava o povo portuguez respeitavel aos olhos das outras nações.

### *Cortes de Portugal.*

No tempo d'ElRei D. João III, esta antiquissima instituição soffreo uma notavel modificação, o que nos induzio a introduzir aqui as circumstancias summarias, que pretendemos dar a respeito de suas attribuições. Já se vio, pelo que deixamos referido ácerca de D. Affonso Henriques, que a sobredita instituição teve principio com a monarchia, e que desde a origem suscitou em Portugal profundo sentimento de nacionalidade. Até ao meio do decimo sexto seculo, a epoca das convocações era incerta; porem, no reinado de D. João III, assentou-se em que as Cortes fossem convocadas de dez em dez annos. Esta determinação era certamente um progresso, mas a fatal catastrophe, que em breve desordenou as instituições de Portugal, a tolheo de produzir seus fructos. Um escritor portuguez n'estes termos definiu a acção d'aquellas assembléas: «Tinhão as Cortes entre nós por objecto, diz elle, estabelecer a forma e qualidade dos impostos, assim como a administração da justiça: ellas devião consultar a opinião nacional quando se tratava do casamento dos principes, da opporrtunidade da guerra, e finalmente sobre todos os assumptos relativos á boa administração e á publica prosperidade.

«As Cortes erão sempre convocadas pelo rei ou pelo regente; nas cartas expedidas para este fim ás municipalidades devia-se declarar o lugar da reunião, que era indetermi-

nado. Ainda que os povos o julgassem necessario, as Cortes não se podião congregar sem que fossem convocadas pelo rei, a quem então se requeria a sua convocação. »

Quasi inutil é acrescentar que as Cortes de Portugal erão, como as outras assembléas da península, compostas do clero, nobreza e povo. Os bispos, os abbades de certos mosteiros, os cavalleiros, e as pessoas de reconhecida nobreza, representavão as duas primeiras classes: o povo tinha seus procuradores; cada concelho nomeava dous. Parece positivo que, pelo meio do decimo sexto seculo, forã restringidos os direitos das Cortes. Antes d'esta epoca, era permittido aos procuradores do povo requerer o que julgassem conveniente a bem dos povos, cujos representantes erão. O escritor nacional, a que devemos estes documentos, com razão pondera que o maior inconveniente d'este modo de representação era incluir em si a causa do absolutismo puro. O rei tinha com effeito o direito de fazer leis em Cortes, mas sem que as ditas leis fossem por ellas propostas.

*Preoccupações politicas de D. João III. — Abandono de certas praças em Africa.*

Foi ElRei D. João III, como seu pai, essencialmente preocupado pelo pensamento de que toda a prosperidade de Portugal consistia no commercio das Indias, e certo é que uma situação de fazenda, que lhe permittia, como effectivamente succedeo, emprestar dinheiro ao rei de França, podia facilmente illudir este monarcha sobre seus verdadeiros interesses. No desejo de multiplicar as conquistas nas regiões orientaes, D. João III foi mais longe que D. Manoel: em Africa abandonou certas conquistas, que enchião d'orgulho seus predecessores, e, como diz Rezende, quando era possivel subjugar Marrocos, por assim dizer sem disparar um tiro, o joven monarcha aos Mouros abandonava Arzila, Safim e Azamor; porem já não era o tempo em que um homem como Lopo Barriga aterrava os Arabes por acções tão audazes, que

a sua lembrança entre elles se tinha perpetuado, não esquecendo nenhum que sob os muros do castello d'Algueil, em Safim, o valoroso cavalleiro, feito prisioneiro pelos musulmanos, fôra tambem seu vencedor. N'aquelle tempo os Portuguezes, com um punhado d'homens, chegarão até ás portas de Marrocos. Faria e Souza amargamente deplora, e com razão, que D. João III abandonasse suas praças em Africa. Outra exprobração cumpre fazer a este monarcha; por quanto misturou sempre as cousas mais funestas ás mais nobres instituições, e se deo novo impulso á universidade de Coimbra, de que *Klenardt* falla com admiração, em seus Estados introduzio a inquisição, e voluntariamente se sujeitou a uma companhia religiosa, cuja ambição nascia então. Em breve soube a dita companhia fazer do rei o seu primeiro instrumento: começemos pelo santo officio, depois fallaremos dos jesuitas.

#### *Origem da Inquisição em Portugal.*

A este respeito existe uma historia vulgar, preconizada por Luiz Paramo e admittida por muita gente; esta historia se encontrará resumida em todos os livros publicados durante o decimo oitavo seculo, e talvez n'ella haja alguma verdade; abster-nos-hemos todavia de lhe conceder valor historico, e para achar a verdadeira origem da inquisição, tão pouco conhecida dos proprios escriptores portuguezes, recorreremos a um manuscrito da Bibliotheca real, que rariissimas vezes se consulta. (1)

Em Portugal como em Hespanha, a perseguição contra os judeos da raça infeliz dos novos convertidos, designados pelo nome de *Marranos*, teve toda a sua actividade pelo fim do decimo quinto seculo. Comtudo Portugal se havia por largo tempo recusado aos meios de rigor: no reinado de D. João III, consentio em ser o interprete das vontades do clero; se-

(1) *Informatione somaria del principio e progresso della conversione che hanno haruto i Giudei nel regno di Portogallo.*

gundo o author italiano, que temos á vista, n'aquella epoca, um theologo, chamado *Maestro Pietro Margaglio*, denunciou os judeos á authoridade requerendo contra elies procedimentos coativos semelhantes aos que estavam em uso no resto da Peninsula. O mesmo author affirma que D. João III, instigado pelas relações, que quotidianamente lhe fazião, escreveu a Carlos Quinto pedindo-lhe informações ácerca da inquisição e do modo de repressão seguido em Hespanha. Sabendo os *Marranos* d'esta mensagem, despacharão, segundo dizem, dous israelitas, que a interceptarão, e exercerão inauditas crueldades na pessoa do correio, cuja cabeça foi enviada aos judeos, que celebrarão festas por esta occasião. O governo portuguez tirou devassa; os judeos, em que recaião suspeitas de haverem participado d'este crime horrivel, forão encarcerados e confessarão tudo no meio de tormentos: espantoso foi o supplicio a que os condemnarão; depois de lhes serem decepadas as mãos, atarão-os a cavallos, e forão certamente esquartejados, ainda que a narração do author italiano não contem outras particularidades sobre este ponto.

Seja como fôr, o desígnio, que primeiro manifestou D. João III, foi então differido, e parou n'esta execução, de que não seria difficil encontrar segundo exemplo n'aquella epoca de barbaridade systematica. Todavia por aquelle tempo o bispo de Ceuta, que pertencia á ordem dos franciscanos, encontrando no territorio d'Oliveira cinco *Marranos*, que judaizavam, os mandou processar juridicamente e forão queimados. Este bispo foi depois ter com ElRei, e o exhortou a dar uma forma regular aos processos da inquisição; e só então tratou o monarcha d'obter de Paulo III uma bulla, que definitivamente em seus Estados estabelecesse o tribunal do santo officio. A dita bulla foi com effeito expedida, mas os *Marranos* assustados souberão frustrar o seu effeito. Os individuos suspeitos de pertencer á raça judia começarão ainda assim desde então a viver em grande ansiedade; e, por espaço de dous ou trez annos, cessarão de celebrar, mesmo em segredo, as ceremonias do seu culto, a que com o andar do tempo vol-

tarão; a authoridade ecclesiastica houve-se com rigor, e o terrível tribunal foi regularmente constituido.

Com certa reserva admittimos esta narração; comtudo as diversas alternativas, que aqui se assignalão, concordão perfeitamente com as datas d'uma excellente obra publicada em Portugal, segundo a qual a bulla d'instituição era do anno de 1531; os judeos frustrarão a poder d'ouro o seu effeito, dirigindo-se á corte de Roma, e além d'um indulto geral, obtiverão, em 1534, que fosse suspensa a inquisição. Perseverando D. João III na sua resolução, o tribunal foi d'um modo definitivo estabelecido em 1536. O certo é que D. Fr. Diogo da Silva foi o primeiro inquisidor geral, e que exerceo suas funcções até ao anno de 1539, epoca em que o cardeal infante D. Henrique passou a exercel-as.

Veja-mos agora a lenda, que se encontra nos livros mais graves, ácerca do estabelecimento do santo officio em Portugal. Tambem será um manuscrito da Bibliotheca real, que nos subministrará os successos, que em summa narraremos.

### *Fernando de Saavedra.*

O impostor, de que aqui tratamos, era filho d'um capitão hespanhol, chamado João Peres de Saavedra. Depois da morte de seu pai, passou a Valhadolid, onde mostrou prodigiosa habilidade na arte de calligraphia. Segundo a narração inedita, que elle nos deixou, a sua primeira falsificação foi destinada a executar uma boa acção. Em breve porém elle arremedou a assignatura de pessoas mui illustres, sem exceptuar a do imperador, e d'este modo executou numerosas velhacadas. O encontro fortuito d'um theatino (1) lhe suscitou a idéa d'estabelecer o santo officio em Portugal: elle se informou minuciosamente d'este clérigo de todas as formalidades estabelecidas pela corte de Roma para a instituição do dito tribunal, e imitou então uma bulla de Paulo

(1) Clerigo regular de São Caetano.

III, sem que n'ella faltasse cousa alguma. Fernando de Saavedra imaginou um estratagemma inaudito: foi ter com um provincial de franciscanos, que residia em Ayamonte, mui distante da capital do Algarve, visto que o seu convento era situado nas fronteiras de Castella, e lhe annunciou que elle, homem pouco instruido, no caminho encontrára a bulla, que lhe trazia; accrescentou que a dita bulla podia pertencer a um dignitario da Igreja, que na vespera tinha encontrado, e que por bem das cousas da mesma Igreja, ainda que isso houvesse de lhe custar uma grande somma, estava decidido a ir restituir aquelles objectos, se erão de verdadeira importancia, ao prelado, que os perdera. Em poucos momentos o desejado effeito foi obtido, o provincial lia com enthusiasmo a falsa bulla d'instituição, e alguns dias depois Saavedra discorria pelas cidades fronteiras como legado a latere. Depois de haver com artificio obtido do mordomo do marquez de Tarifa uma consideravel somma, Saavedra se foi a *Lerena*, onde a inquisição tinha uma casa; elle visitou este edificio, e o manuscrito hespanhol accrescenta que d'ali trouxe consigo trez inquisidores: estes erão o licenciado Pedro, Alvares de Bezerra, e o licenciado Cardenãs.

De Badajoz enviou o insigne impostor suas cartas apostolicas a ElRei, « *el qual de maravilla se escandalize.* » D. João III resistio, elle pediu uma demora, que lhe foi concedida; o falso nuncio usou de palavras vehementes; porem mais tarde o monarcha intimidado lhe permittio a entrada em Elvas, prevenindo-o de que folgaria de recebê-lo em pessoa e no lugar da sua residencia. Saavedra demorou-se trez mezes na corte, diz elle, e empregou outros trez mezes em discorrer pelo reino, impondo castigos aos christãos novos, punindo com fogo os que oppunhão resistencia. Só no fim d'este tempo se descobrio o seu engano, Saavedra foi preso, e metido n'uma liteira, bem escoltado o levárão ás fronteiras, onde o entregárão ao marquez de Villa Nueva. O impostor foi processado e condemnado ás gales, onde esteve dezoito annos.

Mui longe estamos nós de dar a esta anecdota o grão d'importancia, que lhe tem attribuido diversos authores. Notaremos comtudo que ella se acha entre documentos authenticos do decimo sexto seculo, roubados por assim dizer dos archivos da inquisição, e que a nossa narração contem circumstancias ignoradas por Luiz Paramo (1), que primeiro deo certo credito á historia de Saavedra. Ainda que só fosse a titulo de *curiosidade historica*, era importante fazer aqui menção da historia do supposto fundador da inquisição em Portugal, tanto mais que as fallacias audazes d'um habil impostor puderão durante o decimo sexto seculo misturar-se ás perseguições de que erão victimas Mouros, Marranos e judeos. A diante tornaremos a fallar do terrivel tribunal (2).

*Chegada dos Jesuitas a Portugal. — Influencia, que estes religiosos obtem no tempo de D. João III.*

Portugal é talvez o unico reino da Europa onde se compôz um poema epico em honra dos jesuitas: verdade é que

(1) Este author, que escreveu um livro sobre a origem da inquisição, chama a este Fernando de Saavedra, Pedro, e diz ser natural de Cordova. Um livro publicado em Lisboa em 1821, sob o titulo de *Historia completa das inquisições d'Italia, Hespanha e Portugal*, faz representar este papel a um frade; outros o attribuem a um judeo. A historia de Fernando de Saavedra foi publicada em hespanhol sob o titulo: Saavedra (Alonso Perez). *Vida del falso nuncio de Portugal escrita per el mismo* 1788.

(2) A obra mais especial, que se tem escrito, sobre a inquisição de Portugal, é devida a um religioso chamado F. Pedro Monteiro. Incumbido pela academia d' historia de apresentar um trabalho completo sobre a materia, publicou, in-f.º, em 1723, na cidade d'Evora, um tratado intitulado: *Noticia geral das Santas Inquisições d'este reino*. Em 1749, elle deo á luz a sua *Historia da Santa Inquisição*. N'estas obras se encontra a lista de todos os inquisidores de Portugal; e n'outro escrito, publicado em 1750, o author busca provar que a inquisição existia no tempo de D. Affonso II.

Antonio Figueira Durão, author dos Iniciados, pertencia á companhia, cuja perseverança infatigavel celebrou. Porem não seria possivel dissimular que se a patria dos Albuquerque, Castros e Camões, foi por espaço de trez seculos a terra promettida do jesuitismo, o reino em que colonias incultas permittião satisfazer ambições quasi sem limite, foi tambem de todos os paizes da Europa aquelle, em que a decadência da companhia foi mais estrondosa, e sobretudo mais bem combinada. Todavia, longe estamos ainda da catastrophe, e em poucas palavras referiremos a origem d'uma influencia, que só uma poderosa mão pôde anniquilar.

D. João III havia chegado ao auge do poder, ao cume d'essa elevada fortuna, que o poeta tão bem memorou, quando se lembrou de chamar para junto da sua pessoa alguns d'esses religiosos celebres, que em breve havião de dominar o Estado. No anno de 1540 pediu D. João III a Roma dous padres da companhia, ou a companhia conseguiu suscitar-lhe este desejo. Como quer que seja, Paulo III, que então occupava a cadeira pontificia, lhe enviou um Portuguez da dita ordem, o qual se chamava Simão Rodrigues d'Azevedo, e o celebre religioso, que mais tarde foi denominado o apóstolo das Indias. Francisco Xavier e o seu companheiro aportarão a Lisboa a trinta do mez de maio do anno de 1540, e forão logo aposentados no hospicio de Todos os Santos, para que se achassem mais perto do palacio então designado pelo nome d'*Estaos*; é isto ao menos o que nos diz o historiadôr a que devemos estas particularidades quasi ignoradas. Foi d'esta humilde residencia, ainda assim tão visinha do throno, que os jesuitas se espalhárão para sujeitar o mundo oriental e povoar, um seculo mais tarde, as solidões da America. Com effeito, São Francisco Xavier partio para as Indias no anno de 1541, e ElRei cuidou immediatamente em fundar em Coimbra o celebre collegio, que deo tantos missionarios á companhia. As diversas dotações, que ElRei concedeo ao sobredito collegio, fazem commummente reputar Portugal como o primeiro reino da Europa em que os jesuitas



possuirão bens de raiz, que em breve devião augmentar d'um modo prodigioso. O P. Simão Rodrigues, cujo nome pouco mencionado é na historia, veio habitar em Lisboa com o P. Gonçalo de Medeiros pelo começo do anno de 1542, e foi reitor do collegio de Santo Antão. A estes dous religiosos se deve sem duvida alguma attribuir a influencia, que em breve a ordem exerceo no espirito de D. João III. Alvaro de Lião, que parece ignorar estas particularidades, mas que segue passo a passo os progressos, que aquella ordem fez n'este reino, se exprime com a sua energia costumada sobre os resultados da sagaz seducção, que tudo mudou em politica, e que, dirigindo-se primeiro ao monarcha, em breve dominou o paiz. Depois de mencionar a chegada dos dous fundadores a Lisboa, Lião se exprime n'estes termos a seu respeito. «O primeiro foi sempre estrangeiro na corte e mostrou-se indifferente ás honras, que lhe fazião; não descançou até que de Lisboa se ausentou, embarcando para as Indias. Simão Rodrigues applicou-se a estabelecer em Portugal o imperio da ambiciosa sociedade de Loyola. . . . Este fanatico, ajudado por dez companheiros, tão incançaveis como elle, conseguiu usurpar direitos ao episcopado, e apossou-se de toda a ingerencia no governo da Igreja e do Estado, assim como da educação da mocidade. O proprio D. João III fez os votos dos jesuitas, e a nobreza de Portugal começou desde então a vêr-se molestada por corruptores da moral christã.» Não é nosso intento seguir passo a passo as usurpações da sociedade, sómente lembraremos que, dous seculos mais tarde, quando o marquez de Pombal apprehendeo anniquillar o poder dos humildes companheiros de Simão Rodrigues, estes possuíão em Portugal vinte e quatro collegios, e dezeseite residencias, que se podião reputar como os mais ricos de todo o reino. Então se vio verificada a celebre profecia de S.

Francisco de Borja, que n'uma apparente prosperidade tinha visto as causas da destruição (1).

*Lisboa na idade media e Lisboa no tempo da renovação. — Auge do esplendor d'esta cidade. — Curiosa estatistica extrahida d'um livro official da idade media.*

Refere uma antiga lenda allemã, que certo cavalleiro querendo em Jerusalem vêr a mais formosa cidade da Europa n'um espelho magico, logo Lisboa a Grande, como se dizia então, se offereceo á sua vista. Com effeito, Lisboa gozava n'aquelle tempo d'uma fama de magnificencia, que havia sempre augmentado desde o reinado de D. Fernando. A capital do reino de Portugal, tal qual se erigia no decimo terceiro e decimo quarto seculo, durante a epoca verdadeiramente feudal, exigiria, para que d'ella se pudesse offerecer uma descripção um pouco circumstanciada, mais espaço do que aquelle de que podemos dispôr n'uma noticia em que tantas cousas importantes devem ser em summa expostas. Se Lisboa, cidade romana, se acha descrita com suas antiguidades preciosas no livro d'Azevedo, o periodo em que esta cidade pertenceo aos Mouros, foi narrado por alguns escriptores arabes, entre os quaes cumpre mencionar em primeiro lugar Edrisi. Fernão Lopes refere em parte seus augmentos durante a idade media, no tempo em que o grande Janeanes, o fundador de tantas instituições, a cingio de suas muralhas: n'aquelle epoca numerosas construcções se elevárão, executárão-se trabalhos por largo tempo projectados, mórmente quando a paz, concluida em fim com a Hespanha, menos uteis tornou as muralhas. Alguns arrabaldes forão unidos á antiga cidade, reputada já como maravilha pela maior parte dos historiadores. Esta nova disposição da cidade, o character que

(1) *Veniet tempus cum se societas multis quidem hominibus abundantem, sed spiritu et virtute destitutam, mœrens intuebitur.*

ella tomou então, o seu todo feudal, se é licita esta expressão, tudo foi mui bem descrito ha pouco tempo por um escriptor nacional, para que deixemos de transcrever algumas das suas passagens antes de pintar Lisboa tal qual era no tempo d'ElRei D. João III. (1)

« Lisboa, guerreira e depois mercantil, disse o senhor Herculano, teve tambem, não uma só, mas duas villas novas, contiguas ao seu cinto de muralhas: a primeira ao sul, a segunda ao poente; aquella chamava-se Villa Nova de Gibraltar, esta Villa nova d'Andrade. A segunda, que teve principio no decimo quinto seculo, apenas durou dous dias (2), porque Lisboa, porque esta villa, limitada no fim do duodecimo seculo a quinze mil habitantes, ao passo que Sylves a Mourisca continha vinte e cinco mil, cresceo com tal rapidez, no tempo dos descobrimentos, que, rompendo suas barreiras, ou antes arremecendo-se por cima do recinto occidental de seus muros, no berço engolio aquella villa. . . . Não succedeo o mesmo a Villa Nova de Gibraltar; . . . villa nova era o concelho dos judeos.

« A idade media, esta epoca sobremaneira poetica porque tinha crenças, . . . a idade media havia feito de Lisboa um symbolo da historia religiosa e politica. O municipio christão, partindo do castello ou do Alcaçar, situado na eminencia, dilatava-se até ao pé da montanha, em cujo cume se erguia, como soberana de todos os edificios dos arredores, a Torre de Menagem, aposento do alcaide mór como representando o poder real e a aristocracia. A' sombra do alcaçar e

(1) Muitos authores nos tem conservado os diversos nomes impostos a Lisboa em diferentes epocas e por diferentes nações; aqui os apresentaremos, conforme um author acreditado A capital do reino de Portugal foi alternativamente chamada: *Elisea*, *Ulissea*, *Ulisipolis*, *Ulisipo*, *Olisips*, *Olisipon*, *Olisipona*, *Ulixippona*, *Exubona*, *Lisipo*, *Lisipoa*, e em ultimo lugar *Lisboa*. Vid. Cardoso, *Agiologio Lusitano*, t. III, p. 673.

(2) No seu foral, Evora tem o titulo de cidade. Lisboa, no seu, é simplesmente chamada villa.

mais que a meia encosta, a sé erguia suas duas torres quadrangulares. Entre estes dous edificios, expressões materiaes da monarchia, da nobreza e da Igreja, era situada a sala do senado. O palacio plebeo do concelho, partindo com a torre septentrional da sé, representava por sua construcção humilde o povo, que, em silencio, se preparava a estender seus braços endurecidos pelo trabalho e a subjugar algum dia, á direita o alcaçar, á esquerda a igreja. Na configuração da cidade se resumia a historia social do passado e a profecia do futuro; sim, como tantos objectos da idade media, Lisboa era um verdadeiro symbolo.

« Ella não o era todavia unicamente do pensamento politico, mas tambem da idéa religiosa. No meio do bairro populoso, no lugar eminente se mostrava o christianismo. Ao norte, n'um profundo valle e apinhoando suas casas em torno da mesquita apenas tolerada, via-se o arrabalde dos Mouros, a Mouraria; ao sueste, quasi ao oriente, a Judiaria: uma crença verdadeira, mas que só tinha tido um tempo, do lado onde o sol se elevava para allumiar as alturas; a religião de Jesus Christo, complemento divino d'esta fé; o mahometismo, transformação impia e tenebrosa das duas crenças, occulto por assim dizer ao norte, quasi debaixo da sombra, que desenhava a cruz triumphante, e ao longe as vastas solidões do Oriente, a través das quaes os filhos do Evangelho levarião algum dia o *livro* para as regiões ainda ignoradas dos mundos novos. Sim, o antigo Portugal tinha feito da cidade do Tejo um symbolo e uma profecia sublimes (1). » Vamos fazer comprehender, n'um rapido golpe de vista, o segundo periodo d'esta descripção, para nós por certo mais

(1) O senhor Herculano prosegue observando que a monarchia, victoriosa em fim da idade media, soube fazer esquecer a sua poesia, porque na preocupação d'organisar, reger e nivellar, ella perdeu inteiramente o sentido das sensações. Não era o nosso plano seguir o habil escritor, que acabamos de citar; pelo que remettemos o leitor para a collecção de que foi extrahido este fragmento.

curioso, mas tambem menos original. Os geographos da renovação, antigos cronistas já esquecidos, ainda aqui trarão as pedras do edificio.

Se algum de nossos leitores tem visto a cosmographia d'Ortelio, ou melhor ainda a de Munster, terá podido examinar nas estampas ou mappas, que ornão estes antigos volumes. a — *insigne cidade de Lisboa* —, tal como a Europa a admirava ainda no decimo sexto seculo.

A cidade fundada por Ulisses (como á porfia repetião historiadores e poetas), a mui antiga capital da Lusitania não tinha então menos de dez mil habitações, algumas de cinco andares; n'aquelle tempo havião dezoito mil familias estabelecidas no seu recinto, o que formava uma povoação permanente de cem mil almas, á qual cumpria ajuntar nove mil novecentos e cincoenta escravos. Porem quem com este calculo se contentasse, teria certamente uma idéa imperfeita da povoação total; porque o antigo author, que nos subministrou estas particularidades, ponderou que a povoação trabalhadora excedia a designada pelo nome de vizinhos, e não incluiu no seu calculo a corte, nem os mercadores estrangeiros, nem em fim a gente, que quotidianamente vinha, ou que andava fora nos navios.

N'aquelle tempo, havião em Lisboa trezentas e vinte e oito ruas, cento e quarenta travessas, oitenta e nove becos e sessenta e duas encruzilhadas, que não se podem incluir na enumeração das ruas propriamente ditas.

Passaremos agora a tratar das diversas freguezias de Lisboa; por que é curiosa a sua descripção, com ella vamos occupar algumas paginas d'esta obra.

### *Fundação da Freguezia de Santa Justa, e Rufina.*

E' a freguezia de Santa Justa e Rufina uma das trez, que o bispo de Lisboa, D. Gilberto, instituiu n'esta cidade logo depois de ElRei D. Affonso Henriques a conquista aos Mouros; segundo consta pelos antigos historicos foi, no au-

no de 1173, a primeira igreja em que se depositou o corpo de S. Vicente martir, logo que chegou do Promontorio Sacro, no Algarve, conservando-se pela lembrança d'este facto um nicho de pedra por cima da porta principal da igreja, do lado do Evangelho, onde estava a imagem do mesmo santo.

Fr. Apollinario da Conceição, apontado pelo padre João Baptista de Castro, e por nós examinado, nos dá uma noticia especial sobre este objecto, a qual elle copiou d'um manuscrito, e se vê na demonstração historica, n.º 204 onde diz o seguinte: — « Depois que o santo esteye depositado n'« ta santa Sé, o deão e conegos d'ella desannexarão de si  
« uma dignidade para andar sempre no priorado de Santa Jus-  
« ta em memoria da grande mercê, que receberão do prior  
« d'ella D. Monia, ou Moniz. E estando de posse d'esta co-  
« nezia os priores de Santa Justa mais de cento e oitenta an-  
« nos, aconteceu um grande caso, e grave, que é de serem  
« mortos na propria conezia, de mortes subitaneas, e em ca-  
« sos desastrados, cinco conegos successivamente de cem an-  
« nos a esta parte, e por tradição antiga, se achão mais trez  
« mortos da propria fórmula. O que se entende succedeo, se-  
« gundo parece, de se alevantarem os do cabido com a co-  
« nezia, desannexando-a da promessa, e posse inviolavel de  
« 180 annos, que a possuirão os priores de Santa Justa, e  
« tirando-lha, a fizerão doutoral, chamando-se hoje ainda a  
« conezia de S. Vicente, e a mim me disse um conego, que  
« disserão a um doutor, que se não puzesse á opposição d'el-  
« la; porque havia fama, que os que se oppunhão a ella, mor-  
« rião todos subitamente. Ao que respondeo sorrindo-se, e zom-  
« bando o conego, que foi profeta n'esta lembrança, pois  
« morreo depois de se vêr n'esta conezia doutoral de morte  
« subitanea, achando-o morto pela manhã seus criados, que  
« o ião acordar para que fosse ao Desembargo do Paço, on-  
« de era desembargador, o que succedeo a oito de janeiro do  
« anno de 1608. » — O padre Baptista de Castro parece incli-  
nar-se pouco a acreditar esta noticia, por ser unicamente

dada por um escritor, e isto com algumas circumstancias, são palavras d'elle, *que debilitão o seu credito, por isso se deve lêr com desconfiança.*

O parrecho de Santa Justa tem predicamento de prior, e não o de vigario, como foi sentenciado em 1752 em juizo a favor d'Alexandre Freire, prior da dita igreja, contra os beneficiados da mesma. Esta parrechia obtinha-se por concurso, e era do padroado ecclesiastico, ainda que antigamente pertencia ao padroado real, mas ElRei D. Diniz, no anno de 1305, o transferio aos padres Vicentes. O rendimento calculava-se antigamente em seiscentos mil réis, e ali havia oito beneficiados com duzentos mil réis cada um: d'estes erão seis do padroado ecclesiastico e dous do real, por se annexarem no anno de 1550 os fructos d'uma commenda, e se unirem, para repartir *pro rata* entre os beneficiados toda a maça da terça benefical, ficando das duas, que restavão, uma para a coroa, outra para a mitra.

Havia n'esta igreja a irmandade dos clerigos ricos, antiquissima e mui exemplar, não só rica de bens espirituaes, como tambem dos temporaes, possuindo muitos foros, e propriedades, sendo o seu fundador o padre Domingos, em 1247, estabelecendo-a na Sé; passou depois para S. Thiago, d'ali para a Magdalena, e ultimamente para Santa Justa. O seu compromisso foi approved pelo arcebispo D. Miguel de Castro, em 11 de fevereiro de 1593, e o primeiro patriarcha de Lisboa D. Thomaz d'Almeida lhe confirmou o adittamento de varios capitulos, em 14 de setembro de 1731.

A igreja de Santa Justa resistio aos violentos abalos do terremoto, de tal sorte que n'aquelle mesmo dia se cantou ali a missa conventual, e houve sermão conservando-se assim até á noite; mas como o prior visse, no seguinte dia, que já por quatro partes o incendio a acommettia, determinou em primeiro lugar pôr a salvo o Santissimo, e pegando nos dous vasos sagrados, que estavão no sacrario, um pertencente á sua freguezia, outro á de S. Nicoláo, que ali se tinha unido pela destruição do seu templo, caminhou em pro-

cissão para a praça do Rocio, onde se levantou logo um tabernaculo; e collocados ali os vasos sagrados, se administrou o sagrado Viatico á multidão de pessoas feridas: tambem n'elle se recolherão os vasos sagrados do Hospital real, e do Hospicio, ou enfermaria dos frades Arrabidos. N'esta barraca esteve a parochia por dous mezes e meio, fazendo-se n'ella todas as funcções parochiaes, mas sobrevindo depois as agoas do inverno, foi transferida para a ermida de S. Camillo, sita no palacio, que foi do marquez de Cascaes, ao poço do Borratem, onde se conservou até vespera de Ramos de 1757, mudando-se n'este dia para a sua antiga igreja, onde se fez uma acomodação, que custou mais de 5,000 cruzados, mas que foi deitada abaixo por causa do novo risco da cidade no tempo do marquez de Pombal; mas nós ainda vimos a igreja, que servio até ao tempo em que a freguezia se mudou para S. Domingos, onde existe; e supponho a antiga, com alguns reparos, que então se lhe fizerão, porque bem poucos annos ha que a capella mór se concluiu, e se poz a pedra do remate sobre a porta principal, e se fizerão outros arranjos, que todos ficarão inutilizados pela mudança da freguezia, que com effeito ganhou perdendo. Nos limites da freguezia de que fallamos existião os templos seguintes. — O convento de S. Domingos; o hospicio de Santo Antonio dos Capuchos da provincia da Piedade, existente no palacio do duque de Cadaval; a ermida de Nossa Senhora do Amparo, que foi consumida pelo fogo. Depois por mandado do conde d'Oeiras se abriu uma rua de 40 palmos de largo até á rua dos Canos separando o convento de S. Domingos do Hospital real de Nossa Senhora da Escada. Esta igreja era antiga e conservava a sua memoria do bispo D. Gilberto, do tempo da fundação da monarchia: estava contigua ao adro de S. Domingos, e com tribuna regia para a sua igreja. O terremoto e incendio a consumio.

Existio tambem nos limites d'esta parochia o tribunal do santo officio, que n'aquelle tempo estava nos paços cha-



mados dos Estaus (1), que havia mandado fazer o infante D. Pedro, filho d'ElRei D. João I, quando governava este reino, para aposentadoria dos embaixadores.

Este palacio ficou inteiramente arruinado pelo terremoto, mandando o tribunal fazer no meio do Rocio uma acomodação interna de madeira, em quanto se reedificava o antigo, que ficou expedito no que tocava ao tribunal, que ali existio até 30 de março de 1821, em que por decreto das cortes foi extinto, e derrubada a figura da Fé ao som d'instrumentos, e vozes d'alegria do povo.

Desnecessario parece dizer que este foi o palacio da Regencia do reino na ausencia do senhor D. João VI, e que este mesmo foi o que ardeu no dia 14 de junho de 1836.

Havião tambem no Rocio, antes do terremoto, vinte e cinco arcos de pedraria com sua abobada, cujo terreno pertencia, parte ao Senado da Camara de Lisboa, e parte aos frades de S. Domingos, os quaes arcos occupavão o comprimento da praça, desde a Bitesga até ao adro da igreja dos ditos

(1) Sobre esta palavra ha varias interpretações. O padre Fenseca, na sua Evora gloriosa, diz que este palacio se chamou dos Estaus por ter os alicerces fundados em estacas de pinho. D. Raphael Bluteau, no supplemento ao seu dictionario, diz que se deriva da palavra *stallum*, que na baixa latinidade queria dizer — *locus ubi quis stat* — lugar onde alguem está em pé, nome que não se acha no calepino de Facciolati, 1726 edição de Padua, pesto que venha no dictionario de Noel, Paris 1824, onde lhe vemos a interpretação de *lugar no coro, cadeira no capitulo*, e com a differença de o trazer *stallus*, é masculino, quando Bluteau o traz neutro, com signal de que é da inferior latinidade, e sem apontar author classico, que d'elle usasse: o mesmo Bluteau é tambem da opinião que se derivasse da palavra franceza Estau, que significa corte de açougue, e poderia ser que no Rocio houvesse antigamente algum açougue no lugar onde se fundarão os ditos paços. Examinando nós o dictionario de Wailly, Paris 1806, não achamos tal vocabulo. José Soares da Silva, vida d'ElRei D. João I, liv. I cap. 72, quer que se derive da dita palavra franceza Estau, significando uma pequena tenda portatil, ou fixa, em que se mostrão os generos, que se vendem, porque no pateo d'aquelle palacio se vendião, como em loja de capella, varias mer-

padres, e ali havião duzentas lojas em que se vendião diversas mercadorias. Decorava antigamente esta praça o hospital de Todos os Santos, e o grande chafariz de que ainda se lembrão com saudade os poucos velhos, que hoje existem d'aquelle tempo. Pouco antes do terremoto, no dia 22 de julho de 1755, se fez na dita praça um combate de touros que foi mal presagiado pelo povo, havendo tido lugar semelhante divertimento já outra vez no anno de 1647.

Antes do terremoto, contava a freguezia de Santa Justa 1940 fogos, hoje numera 1230.

### *São Nicoláo.*

A igreja, e notavel freguezia de S. Nicoláo é uma das mais antigas de Lisboa, pois consta não só por tradição, mas pela historia ecclesiastica d'este patriarchado, que o bispo D. Matheos a mandára, de novo erigir no anno de 1280, posto que n'esse tempo se achava ausente em Italia. E sendo cer-

cadorias. Depois d'esta analyse do padre João Baptista de Castro resulta que nenhum d'aquelles interpretes atinou com o verdadeiro significado d'este vocabulo, que só se entende, como diz o mesmo padre, pelo que se lê na chronica d'ElRei D. Affonso V. cap. 8, escrita por Duarte Nunes, no lugar que diz assim: « No tempo das « cortes, entre outras liberdades, que o infante em nome d'ElRei « concedeo ao povo de Lisboa, foi que n'aquella cidade não houves- « se aposentadoria, e que se fizessem os Estaus no Rocio, em que « ElRei pudesse alojar a sua corte. . . . Pelo qual beneficio quize- « rão os cidadãos ordenar uma estatua de marmore ao infante sobre « os mesmos Estaus, que elle mandou edificar; e perguntando ao « infante com que forma, e postura queria que se fabricasse, elle « com rosto tristonho lho defendeo. » Confirma-se isto com um alvará passado em Almeirim, a 13 d'outubro de 1449, que se achava no cartorio da casa de Bragança, maço 94 n.º 1, que Manoel da Maia communicou ao dito padre Castro, e n'aquelle documento se lia o seguinte: — *Nós El-rei fazemos saber a vos vereadores, procuradores e homens bons da nossa mui nobre, e mui leal cidade de Lisboa, que nas Cortes, que em essa cidade fizemos, foi acordado segundo sabces, que nos bairros dos senhores ácerca dos paços que em essa cidade tivessem, fossem feitos Estaus em que os seus poder-*

to que ElRei D. João I, no anno de 1430 annexára a renda dos fructos d'esta igreja á Universidade de Lisboa, bem se infere que já antecedentemente estava estabelecida, e que era do padroado real.

Passados tempos foi preciso reedificar-se (1), assim se transferio o seu sacrario para a ermida de N. S.<sup>a</sup> da Victoria, que estava dentro dos seus limites, onde permaneceu até 8 d'agosto de 1627, em cujo dia se restituiu solemnemente á sua igreja reedificada, a qual se acabou de rebocar no anno de 1650, como constava da inscrição d'uma pequena pedra, que estava posta na parede da parte de fóra da mesma igreja, nas costas d'uma capella da invocação de S. Bartholomeu.

E' hoje esta igreja da nação, e n'ella tem havido alguns priores muito estimaveis pelas suas virtudes, como foi o reverendô prior João Pissarro, que fallecendo a 6 de maio de 1660 com signaes de predestinado, viveo por muitos annos depois a memoria de suas virtudes.

No infausto dia do terremoto experimentou esta igreja uma total e horrorosa destruição, e com o incendio subsequente a perda de todo o seu movel preciosissimo; e para que a lastima fosse mais sensivel, morrerão n'esta tragedia, dentro dos limites da parochia perto de 4000 pessoas; ficando d'esta sorte a freguezia arruinada, deserta e inhabitavel.

Passou esta igreja a unir-se á de Santa Justa, d'ahi a uma barraca no Rocio, e depois á ermida do Marquez de

*sem pousar por seus dinheiros, e por quanto o conde de Ourem mei primo hi tem seus paaços como sabees, porem vos mandamos, que logo mandees fazer os ditos Estaus no dito seu bairro o mais acerca dos seus paaços, que bem poderdes em tal guiza que os seus abastadamente em elles possam pousar etc.*

(1) Nas ruinas da igreja velha se achãrão algumas antigas inscrições em pedras, como refere Luiz Marinho d'Azevedo, e transcreve uma no cap. 8 do liv. 3. das Antig. de Lisboa: e d'ellas se mostra haver n'este sitio templo erecto á deosa Tethis por voto dos marinheiros, e barqueiros lisbonenses no tempo da Gentilidade, como bem se persuade Francisco Leitão Ferreira.

Castello Melhor, d'onde regressou á ermida da Victoria em 1796, em que existio até 4 de dezembro de 1803, d'onde veio para a sua igreja.

Muitos beneficios e capellas teve esta igreja, e entre muitas irmandades, que contou, houve a de N. S.<sup>a</sup> das Mercês, bastante historica, porque trazendo origem d'uma romagem, que certos devotos, affavorados com o exemplo da festa instituida em Alemquer pela rainha Santa Isabel! fazião todos os annos indo de Lisboa á igreja da Merciana com um Cirio; no anno de 1431 não querendo admittil-os os mórdomos da Merciana por causa da peste, que então graçava em Lisboa, os taes confrades voltando descontentes, estabelecerão a mesma confraria em S. Nicoláo, com o novo titulo de N. S.<sup>a</sup> das Mercês, e fazendo o seu compromisso, não só lho approvou o nuncio, Jeronimo Riceno, aos 27 de janeiro de 1538, mas deo-lhes faculdade para erigirem capella com adro e sino, o que foi confirmado por D. Jorge d'Almeida, em 28 d'agosto de 1565. No anno de 1728 se agregou esta irmandade á archi-confraria de Santo Adrião de Roma para participar das indulgencias, que os summos pontifices lhe tem concedido, já não existe.

Dentro do seu territorio se achava situado o convento de *Corpus Christi*, erecto pela rainha D. Luiza, mulher d'El-Rei D. João IV. Tinha esta freguezia antes do terremoto 2325 fogos, e 1844 pessoas de communhão; hoje tem 870 fogos.

#### *Fundação da real freguezia de S. Julião.*

Entre as freguezias de Lisboa aquella de que tratamos, chamada antigamente S. Gião, é d'origem mui antiga e gloriosa, pois consta que já no anno de 1200 existia erecta em parochia, e que na sua pia baptismal recebeu o baptismo o pontifice João XXII, que se chamava Pedro Julião; como tambem o veneravel padre Affonso de Castro, que morreo martir nas Molucas, e o veneravel mestre João Vicente, fundador da insigne congregação de S. João Evangelista.

E' fama que no reinado de D. Sancho II a igreja antiga fôra sagrada pelo bispo D. Domingos Jardo, no anno de 1241, e que ElRei D. Diniz fizera doação do padroado d'esta igreja ao cabido da Sé. Quandó ElRei D. Manoel mandou fazer o magnifico palacio nas margens do Tejo, chamado Paços da Ribeira, como existente nos limites d'esta freguezia, foi tanta a especialidade com que a honrou, que não só a mandou reedificar generosamente, mas até ordenou que todas as vezes que fosse necessario aos enfermos do paço receber os sacramentos, d'esta freguezia se lhe administrasse tudo, sem embargo de haver sacrario na capella real de S. Thomé: e para salvar os privilegios do seu capellão mór, e comtudo poder o prior de S. Julião exercer dentro do palacio estas funcções, o condecorou com o titulo de capellão regio.

Consta esta freguezia d'um prior, que antigamente apresentava o patriarcha de Lisboa, e tinha o seu rendimento em fructos certos, e incertos, pouco mais ou menos. Tinha seis beneficiados de alternativa com o pontifice e o patriarcha de Lisboa, e tinham obrigação do coro de manhã, e de tarde, com o rendimento de 150,000 rs. cada um; com o tempo se extinguirão, sendo que depois da queima da igreja, em 1816, ainda nos parece que havia coro na ermida da Oliveira.

No altar mór estavam as imagens de S. Julião; e de St.<sup>a</sup> Bazelisa, sua esposa. Estamos certos de ouvir dizer a pessoas antigas d'esta parochia que são as mesmas imagens, que hoje existem na dita ermida da Oliveira, escapadas ao terremoto. Estavão outr'ora na capella mór as imagens de S. Pedro e S. Paulo, pertencentes á irmandade dos clerigos estabelecida n'esta igreja pelo prior e beneficiados, em 1625.

Quando sobreveio o terremoto de 1755 toda a igreja de S. Julião se arruinou, caindo por terra, morrendo em suas ruinas algumas pessoas, entre ellas alguns ecclesiasticos da mesma igreja, seguido-se o não menos lastimoso incendio, que tornou em cinzas aquella opulencia, escapando sómente ao fogo, ainda que debaixo do entulho, a casa do despacho

da irmandade de N. S.<sup>a</sup> das Candeas, e a fabrica e capella da confraria de St.<sup>o</sup> Antonio. Em tão grande calamidade resolveo-se o prior a mandar erigir uma barraca de madeira no Terreiro do Paço, onde permaneceu exercendo as funcções parochiaes até 8 de janeiro, vespera de S. Julião, de 1758, transferindo-se n'este dia para o sitio da antiga igreja, onde se fez outra de frontal muito decente, com cinco altares, para cuja obra alguns devotos se prestárão com esmolas. Pouca foi a duração do novo templo, porque celebrando o Senado da Camara n'esta igreja as exequias pela rainha, a Snr.<sup>a</sup> D. Maria I no dia 4 d'outubro de 1816, com toda a grandeza possivel, achando-se as paredes e capellas armadas com ricos veludos, e no meio da igreja um cenotaphio elevadissimo, por um descuido, como pensárão uns, por motivo de roubo d'um relógio, como pensárão outros, ao tempo de accender uma das serpentinas, que estavam junto á eça, pegou ineluzivelmente o fogo pelas 4 horas da tarde com tanta rapidez, que communicando-se ao tecto, d'excellente pintura de Pedro Alexandrino, e ás armações do resto da igreja, e ateadado vivissimamente, sem poder acodir-lhe força alguma, reduziu aquelle magestoso templo a deploravel estado.

Houve comtudo accordo de salvar a sagrada Eucharistia, que foi levada para a ermida de N. S.<sup>a</sup> da Oliveira. O prior passeava então no Terreiro do Paço, apenas soube que o fogo era na sua igreja ficou como doudo, e em quanto vivo foi, quando lhe fallavão em tal desastre derramava copiosas lagrimas.

Antes do terremoto constava a real freguezia de S. Julião de 1600 fogos, hoje consta de 690; mas como abrauge parte do coração da cidade é bastantemente povoada, e seus moradores são quasi todos distinctos por suas riquezas, e qualidades excellentes, tornando-se por todos os motivos esta freguezia uma das mais respeitaveis de Lisboa.

*Santa Maria Magdalena.*

Não obstante ter padecido esta igreja por varias vezes alguns contratempos, como forão os incendios succedidos no anno de 1369, em tempo d'ElRei D. Fernando I, e d'ElRei D. Manoel os terriveis effeitos da peste do anno de 1560, e o memoravel estrago do tufão de vento no anno de 1600; successos, que arruinárão e consumirão a maior parte dos documentos do seu cartorio; todavia existe ainda n'elle um livro antiquissimo, que vimos, pelo qual constava que na era de 1202, que corresponde aos annos de Christo de 1164 fallecera D. Fuas, prior d'esta igreja, e lhe deixára as terras, e herdade do Murganhal, com um encargo d'anniversario, o qual ainda se fazia a 13 de setembro de 1770.

Continuão as memorias d'esta parochia ainda pelo anno de 1537, pois segundo refere o cronista mór Fr. Francisco Brandão, por esse tempo, reinando D. Sancho II, consta d'uma escritura, que João Annes, e Ourcoona Richardes pagavão ás religiosas de Chellas o foro de umas casas, que estavão sitas na freguezia da Magdalena, junto ao paço dos navios d'ElRei: *Quas habemus in Parochia Sanctæ Mariæ Magdalencæ circa Palatium navigiorum Regis.*

A' vista d'esta antiguidade tiverão alguns para si que a causa de pertenderem os irmãos do Santissimo d'esta parochia hombraer nos actos publicos processionaes com os da freguezia dos Martires, era respeitand'o a igual primazia das suas origens, e erecções; o que não póde ser, porque a dos Martires é sem controversia mais antiga. A razão fundamental d'esta igual concorrência procede da tradição, que ha de serem os irmãos do Santissimo da Magdalena os primeiros, que n'esta cidade introduzirão as opas, ou capas vermelhas, sem embargo de que não falta quem lhes refute esta primeira invenção.

Sempre foi esta igreja do padroado real, como consta do censual da mitra feito pelo arcebispo D. Fernando de Me-

nezes no anno de 1547, e d'um contrato celebrado no anno de 1552, sendo bispo de Lisboa D. Theobaldo, em que com authoridade regia, sendo prior ou reitor o mestre João Fogaça, se devidirão os fructos d'esta segunda entre o prior e beneficiados, que até áquelle tempo vivião juntos n'umas casas contiguas á igreja, depois foi do padroado das rainhas, sendo reputado o seu rendimento até ao dia do terremoto em 600\$ rs., e hoje é da nação o lote do mesmo rendimento annual.

Este templo resistio victorioso ao incidente do terremoto, mas não pôde escapar ao incendio successivo, que tudo reduzio n'elle ao ultimo estrago e destruição, livrando-se unicamente o Santissimo, que foi para St.<sup>a</sup> Apolonia, d'onde veio depois para a freguezia de S. Julião, em uma pobre barraca no Terreiro do Paço, d'onde passou para a freguezia de S. Martinho.

A' vista do que se acha aqui descrito, que é copia das memorias, que ha no cartorio d'esta igreja, e das quaes se servio o padre João Baptista de Castro, no seu mappa de Portugal, t. III., nada ha mais a dizer.

Quanto á data da trasladação do Santissimo depois do terremoto, é ignorada: advertindo-se que da igreja de S. Martinho veio collocar-se no lugar que é hoje sacristia, d'onde foi trasladado para a igreja em que se acha.

Constava esta freguezia antes do terremoto de 800 fogos e 3700 pessoas de communhão: depois d'elle ficou com 4 fogos e 434 pessoas dispersas por varias barracas, porque as ruas se entulhãrão com a ruina dos edificios; hoje consta de 2047 pessoas de Sacramento e 447 fogos.

#### *Fundação da real Freguezia de Nossa Senhora dos Martires.*

Para tratarmos da fundação da primeira freguezia de Lisboa, qual é a de que vamos fallar, largo tempo seria preciso; porem limitar-nos-hemos a dar uma noticia succinta de



tão antiga parochia, escrevendo estas memorias com a lembrança dos venturosos dias da nossa juventude, que dentro d'aquellas sagradas paredes passamos.

Se quizermos indagar a verdadeira origem da freguezia de N. S.<sup>o</sup> dos Martires, andaremos ás apalpadellas n'essa escura noite do seculo 12, e pouco adiantaremos em nossas investigações, e por isso temos por melhor seguir a opinião de que no dia 13 de maio do anno de 1147 teve principio n'uma ermida, onde os cavalleiros estrangeiros, que ajudárão a ElRei D. Affonso Henriques na conquista de Lisboa, collocárão a imagem sagrada de Nossa Senhora, que consigo havião trazido na armada, e como fossem reputados martires aquelles, que morressem em tão gloriosa empreza, chamarão a Senhora, e o seu templo com este nome, não deixando D. Affonso Henriques de ampliar muito aquelle santo lugar, depois da conquista da cidade, até porque aquelle fôra o terreno, que elle mandou benzer por D. João Peculiar, arcebispo de Braga, que acompanhava o mesmo rei, para servir de cemiterio aos que morressem na batalha.

Por este modo goza esta parochia indubitavelmente a primazia de origem entre todas as de Lisboa, o que se confirma, em primeiro lugar, porque n'ella se conservou até ao terremoto a primeira pia baptismal, onde se via gravado este letreiro aberto na sua origem. — *Esta é a pia em que se baptisou o primeiro christão n'esta cidade quando no anno de 1147 se tomou aos mouros.* — Esta pia foi reformada em 1692, e seus ignorantes reformadores pensando melhora-la tiverão a imprudencia de a polir, tirando-lhe os signaes de sua respeitavel antiguidade, transformando o que estava em letra gothica para redonda, accrescentando áquelle desproposito, o de se confessarem criminosos de tão grande culpa, escrevendo o seguinte. — *R. no anno de 1502* — (1). Prova-se em segun-

(1) Esta pia foi depois achada quando se desentulhárão as ruinas da igreja, e como ali se formou a igreja nova de S. Francisco os pedreiros tiverão a barbaridade de a quebrar e metter nas

do lugar porque é a unica freguezia, que faz a sua procissão solemne do corpo de Deos primeiro que nenhuma da capital: prova-se (além d'outras muitas testemunhas) porque consta que fôra sagrada a 13 de maio, de que faz memoria o Martirologio Lusitano, solemnisando-se este dia com uma procissão na cathedral de Lisboa.

Que a igreja de N. S.<sup>a</sup> dos Martires é real ninguem o pôde duvidar, quando vemos que o seu fundador foi ElRei D. Affonso Henriques, além de que nos seus limites nasceo ElRei D. João V, e todos os seus irmãos, filhos d'ElRei D. Pedro II, tanto do primeiro como do segundo matrimonio, além de outros dos antigos monarchas habitarem no seu districto, e ainda hoje é juiz perpetuo da irmandade do SS. o soberano imperante, e por isso na casa do despacho da dita irmandade se lhe conservou um magnifico throno, tendo no meio do espaldar, por baixo do docel, um quadro pintado a oleo, que representa a Soberana Padroeira d'aquella igreja.

Tambem se faz digna de toda a attenção esta freguezia quanto ao seu primeiro prior, que foi bispo de Lisboa D. Gilberto, ao qual ElRei D. Affonso Henriques a doou com todas as suas rendas, ordenando-lhe que sempre fosse igreja Collegiada, mas tempos depois passou o priorado d'esta igreja aos deões da sé de Lisboa por nomeação do mesmo bispo, conservando-se o dito priorado n'aquellas dignidades por mais de 172 annos. Até 1338 tendo sido deões os priores da freguezia dos Martires, administrando por seus coadjutores os Sacramentos a seus parochianos, e sendo prior n'aquelle anno Egidio Lourenço, fez transacção do padroado da dita igreja com o cabido da sé, por contrato celebrado a 3 d'outubro de 1376, que existe no archivo da cathedral de Lisboa. Por este modo continuou no priorado da igreja dos Martires o dito cabido até ao anno de 1389, tempo em que elle pretendeo alliviar-se d'este trabalho, não deixando os rendimen-

paredes da nova obra; por isso não nos admiremos do que temos visto em nossos dias.

tos, que havia dado ElRei D. Affonso Henriques, quizerão largar o peso da grande somma de rendimentos, como diz uma nota manuscrita na demonstração historica de Fr. Apollinario da Conceição, pag. 59; para este fim impetrarão uma bulla no sobredito anno, ficando desde então parochiada por um cura, e mais ou menos coadjutores, pois em 1551 erão nove, e diminuindo este numero, havião em 1741 sómente trez, e sempre até ao dito anno apresentados pelo cabido, mas por extincção d'elle, acabárão tambem os priores d'esta parochia, que depois de tantos seculos voltou para o padroado real, d'onde saíra. Voltou, diz outra nota manuscrita, o direito de apresentar quem trabalhasse, mas não o patrimonio do apresentado, por ficar dependendo a sua subsistencia dos freguezes, contra toda a razão e expresso direito.

Quanto aos Santos Martires, cujas reliquias se venerão n'esta igreja, « muito antes se conservárão em honrosas sepulturas, em cujas campas havião epitaphios latinos, nos quaes se manifestávão os nomes d'estes Santos, e bem aventurados cavalleiros de Christo, suas mortes, e como fazia Deos por elles grandes milagres, e tiradas das sepulturas suas reliquias, se collocárão no altar das Almas, em que permanecem.» Antig. de Lisboa part. 1. c. 8.

No meio do presbiterio da capella mór estava sepultado o padroeiro, em sepultura ordinaria, com este simples epitaphio — *Aqui jaz Duarte Teixeira.* — Este bemfeitor d'esta igreja falleceo no 1.º d'abril de 1479. Na mesma sepultura jazião os ossos de sua mãe Brites Teixeira, trasladados do convento de S. Francisco da cidade.

Se da irmandade dos escravos da Senhora se organisou a irmandade do Santissimo, é esta sem duvida a mais antiga de Lisboa, como quer Fr. Apollinario da Conceição, e parece razoavel, mas onde faltão documentos authenticos não se pôdem asseverar cousas tão antigas.

Existião no cruzeiro duas capellas, uma da parte da Epistola, outra do lado do Evangelho. A da parte da Epistola pertencia a S. Jorge Martir, defensor do reino, cujos confrades

erão os Inglezes, que acompanhárão o mesmo santo na conquista de Lisboa, e que depois da restauração da cidade aqui ficarão. A capella collateral do lado do Evangelho era do apostolo S. Pedro, com sua confraria, que foi a primeira d'este santo em Lisboa, e que por isso deve datar da fundação da freguezia.

A igreja dos Martires perdeu, pelas mudanças, que n'ella se fizeram, a sua antiga forma, conservando-se porem os paineis do tecto, e os debaixo do côro, que não se moverão dos seus lugares, ficando tambem as paredes primitivas, excepto as do frontispicio, e capellas do cruzeiro.

Visitando ElRei D. João V. esta igreja na Quinta Feira Santa do anno de 1734 reparou no grande calor procedido das luzes pela pouca altura do tecto do templo, e então lhe disserão que havia um irmão, que desejava reparar esta falta, mandando á sua custa levantar o dito tecto, mas que o não podia fazer por causa de duas janellas da igreja visinha, quando essa falta de luz se podia mui bem remediar. — *Pois*, disse ElRei, *faça a obra, que os religiosos do convento, visio ter remedio a falta, que receção, de luz, não deixarao de convir em que se levante o tecto*; — porem quando se tratava dar a execução á obra projectada, foi o provincial de S. Francisco fallar a ElRei contra a pretensão, e o monarcha lhe respondeo — *que se os padres tinham com que se defender que o fizessem* —, e mandando proceder ás diligencias do estilo, fez socegar os religiosos, ordenando por um decreto, de 15 de julho de 1745, que as irmandades podessem levantar a igreja 12 palmos. Em virtude d'este decreto começou a obra, que no anno de 1750 se concluiu.

No dia 1.º de novembro de 1755, os abalos do terremoto e a voracidade das chamas destruirão a igreja. Todos os templos e casas, que havião nos limites d'esta parochia, tiveram o mesmo destino; apenas dez familias escapárão no pateo de dentro, chamado dos coches, no palacio do duque de Bragança, segundo nos parece, porque este pateo era no Thezouro Velho.

Depois d'este dia deploravel, a freguezia passou para uma barraca, na quinta das casas de Rilhafolles, onde se conservou até á vespera de Natal do mesmo anno, e depois se transferio para a ermida de N. S.<sup>a</sup> dos Martires, no sitio do Rego, onde pela primeira vez se cantarão as matinas do Natal, achando-se ali expostas as reliquias dos Santos Martires, que o fogo respeitou. D'este lugar passou a freguezia dos Martires para a ermida de S. Pedro Gonçalves Telmo, ao Corpo Santo, no meio da Quaresma de 1756; onde se conservou até ser trasladada para o magnifico templo em que ora está.

Constava a freguezia de N. S.<sup>a</sup> dos Martires antes do terremoto de 1600 fogos, hoje consta de 550.

*Fundação da Freguezia de Nossa Senhora do Loretto,  
pertencente á nação Italiana.*

Foi a primeira igreja do Loretto erecta n'uma ermida de St.<sup>o</sup> Antonio, que os confrades da nação italiana ampliaram por concessão do pontifice Leão X, e d'ElRei D. Manoel, pelo anno de 1517, sendo depois annexada ao cabido Lateranense por um breve, que o mesmo cabido passou a 20 d'abril do anno de 1518, confirmado pelo mesmo papa Leão X em 1523, e ultimamente por Benedicto XIII em 6 d'abril de 1726.

No dia 29 de março de 1651, quarta feira de Lázaro, aconteeo queimar-se esta igreja com a grave perda de mais de 400.000 cruzados, salvando-se comtudo apenas o cofre do Santissimo Sacramento, que foi transferido para a ermida de N. S.<sup>a</sup> do Alecrim, começando-se no mesmo anno, a 17 d'abril, a descutulhar a igreja para se reedificar, e no fim de 25 annos o templo foi acabado com todo o primor.

Não soffreo esta igreja grande prejuizo pelo terremoto, apesar de serem fortissimos os abalos a que resistio. Cairão sómente algumas piramides e pedras d'uma famosa torre, que adornava o frontispicio, mas felizmente sem damno de pessoa alguma. Isto obrigou muita gente a buscar aquelle sagra-

do asilo, onde passarão todo o dia, e toda a noite do sabbado 1.º de novembro de 1755, em clamores a Deos.

Na segunda feira, 3 d'aquelle infausto novembro, se communicou ao templo o incendio pelos telhados do palacio do Secretario de Guerra, e não só ficou abrazada a igreja, mas derretida toda a prata, e consumidos os preciosos ornamentos.

Como a sacristia e o corredor chamado — Via Sacra — não soffrerão damno algum, determinárão os italianos se fizesse n'ella a igreja, e por este motivo, no vão do altar da sacristia se abriu uma porta para a Rua Larga de S. Roque, e na parede fronteira se fez o altar mór, onde se collocou o sacrario e a imagem de N. Senhora, e no concavo os ossos de S. Justino martir que tinhão escapado ao incendio.

Principiárão a celebrar-se os officios divinos n'esta nova igreja, no dia 5 de junho de 1756. Assim esteve a sobredita igreja até que a devota nação italiana levantou o magnifico templo, que hoje existe.

### *S. Pedro em Alcantara, outr'ora em Alfama.*

Na historia ecclesiastica de Lisboa, escrita pelo arcebispo D. Rodrigo da Cunha, achamos duas memorias quasi repugnantes sobre a origem d'esta igreja; porque na vida do bispo D. Sueiro Annes, cap. 18 diz, que no anno de 1191 dera este prelado á fabrica da sé a igreja de S. Pedro d'Alfama. E na vida do bispo D. Vasco Martins, cap. 90 affirma, que este prelado estando em Santarem, commettera, em 21 d'abril de 1344., a D. Diogo, seu vigario geral, a instituição da igreja de S. Pedro d'Alfama. D'onde parece se deve inferir, que esta igreja, ou tivera duas instituições, ou que a segunda fora reformação da primeira; mas de qualquer sorte, sempre ella é antiquissima.

Com o terremoto experimentou esta igreja total ruina, ficando sómente em pé a parede da parte do Evangelho ao norte, com a capella da irmandade de Santa Cruz e almas,

e n'este estrago perecerão mais de 100 pessoas d'ambos os sexos. A mesma destruição padecerão quasi todas as propriedades d'esta Parochia; porque constandõ ella de 108, só 6 ficarão em estado de ser habitadas. A' vista d'esta catastrophe se forão os habitantes refugiar nos campos e suburbios da cidade, fabricando, para se recolherem, barracas em varios sitios.

Mandou ElRei D. Joze que a Junta da Meza do Bem Commum fizesse a decente accommodação para a parochia: esta se fez exactamente na antiga igreja com toda a promptidão, grandeza e segurança, e para ella se transferio o Sacramento com uma procissão solemnissima em 19 de março do anno de 1757.

No dia 11 de fevereiro de 1770 foi a freguezia de S. Pedro mudada para a ermida da irmandade do Senhor Jesus da Caridade, sita ao Calvario em Alcantara, onde se celebrãõ os officios divinos, e mais funcções parochiaes, até 18 de fevereiro de 1786, em que foi trasladado o Santissimo da dita capella para a actual igreja parochial e collegiada, sita na Rua da Tapada em Alcantara, com todos os seus privilegios, isenções e regalias, conforme as letras apostolicas de Benedicto XIV, que principião: *Et S. Ecclesiarum*, expedia a instancias do Senhor D. Joze I. O terreno para a fundação d'esta igreja foi dado pela Senhora D. Maria I á irmandade do Santissimo, a qual deo principio á obra com os seus rendimentos e esmolas.

A igreja é magnifica, espaçosa e alegre, construida á romana; tem duas sacristias, mui boas officinas, e dous cemiterios etc.

Constava esta freguezia antes do terremoto de 352 fogos e 1500 pessoas d'ambos os sexos, depois do terremoto ainda em Alfama nas propriedades reedificadas numerava 50 fogos e 700 pessoas, hoje aonde se acha estacionada em Alcantara 1615 fogos, pessoas de communhão d'ambos os sexos 4987, população 5889.

*S. Vicente de Fora.*

Estabeleceo-se esta parochia dentro do insigne e sumptuoso templo de São Vicente de conegos regrantes de Santo Agostinho, fundado por D. Affonso Henriques para jazigo dos cavalleiros allemães, que morrião na expugnação de Lisboa, lançando elle mesmo a primeira pedra fundamental, aos 21 de novembro de 1147.

Aos violentos impulsos do terremoto estremeceo todo este grande edificio, e se prostrou logo caindo, no meio da igreja o seu zimbório, e muitas piramides, que por ornato o cercavão; morrendo mais de 57 pessoas, e se arruinárão muitas casas em todo o seu ambito. Os conegos valerão a muita gente por esta occasião.

Conserva-se ainda hoje a igreja no mesmo estado, sendo o deposito das pessoas reaes, que morrem na capital. O convento é hoje a residencia dos patriarchas de Lisboa e seus tribunaes.

Constava esta freguezia antes do terremoto de 544 fogos, hoje contem 450.

*Santa Marinha.*

D'uma inscripção, que está sobre a porta principal d'esta igreja da parte do Evangelho, consta ter sido sagrada aos 12 de dezembro de 1222, e este é o documento mais certo da sua antiguidade. Foi ella do padroado real, que ElRei D. Diniz deo a Pedro Salgado; depois foi da ordem de Christo, hoje é da nação.

Mandou-se demolir este templo porem ainda existe em ruinas.

Tinha esta parochia antes do terremoto 200 fogos, hoje conta com a de Santo André 575.



*Salvador e S. Thomé.*

Com a prodigiosa invenção da santa imagem de um crucifixo, que n'este sitio se descobrio logo depois da conquista de Lisboa, se erigio uma ermida com o titulo de Santo Salvador da Matta, á qual concorria muita gente pelos grandes prodigios, que Deos obrava por intervenção d'esta veneranda imagem. A devoção continua do povo, e o concurso dos fieis moverão o prelado diocesano a que erigisse na ermida uma parochia: quem elle fosse, e em que anno se estabeleceo não se sabe com certeza: só achamos que o bispo do Porto, D. João Esteves d'Azambuja, que depois foi o segundo arcebispo de Lisboa, constituirá esta igreja em priorado, com beneficiados, annexando-lhe a igreja de Bemfica, de que recebião as duas partes dos dizimos, e a Sé a terceira parte, ficando todavia a apresentação d'este priorado encorporada no padroado da coroa.

Depois no anno de 1391 obteve o mesmo prelado d'El-Rei D. João I a mercê do padroado d'esta igreja para si; e no mesmo anno alcançou de Bonifacio IX um breve que começa: *Ad ea quæ Divini cultus augmentum*, para fundar na dita igreja um mosteiro de religiosas dominicanas, e poder-lhe annexar as rendas e direito, que ao prior e beneficiados da sobredita parochia pertencião, de tal forma que vagando os ditos beneficios a prioreza, e freiras do mosteiro pudessem tomar posse das rendas; e convertel-as em seus usos: e para administrar os sacramentos aos freguezes, ella se obrigou a constituir um vigario, assignando-lhe ordenado competente para sua sustentação. E um embargo de que depois de começada a obra houverão duvidas, que o diocesano de Lisboa dizia ser em prejuizo das rendas episcopaes, fez-se composição, pela qual o bispo do Porto, prioreza e freiras largarão ao prelado de Lisboa a quinta parte dos dizimos da igreja do Salvador em 29 de julho de 1393.

O parochio d'esta freguezia era apresentado pelos con-

des dos Arcos, como descendentes de João Esteves, alcaide mór de Lisboa, chamado o Privado, e irmão do sobredito arcebispo D. João Esteves d'Azambuja, posto que os condes usão hoje do appellido de Noronha.

Supposto não se poder averiguar a verdadeira origem da igreja de S. Thomé, é sem duvida que ella gozou d'uma grande antiguidade. Do primeiro livro de privilégios e mercês de reis e principes fl. 25, que se conservava no cartorio de Santa Maria, constava que ElRei D. Diniz com a rainha St.<sup>a</sup> Isabel fizera doação ao mosteiro d'Alcobaça do padroado da igreja de S. Thomé pelo anno de 1320. Consta mais que no anno de 1414 mandara a Universidade, então existente em Lisboa, tomar posse d'esta igreja, que tinha vagado por morte do seu prior Gomes João. Dos tempos mais chegados a nós temos memorias da sua existencia no anno de 1551, segundo o Summario, que então imprimio Christovão Rodrigues d'Oliveira.

Está hoje unida esta igreja com a do Salvador na Real Capella da Ordem Terceira de Xabregas no Menino Deos, onde forão unidas no anno de 1837.

Muitas cousas tornavão singulares estas igrejas pela sua antiguidade; porem da parochia de S. Thomé se fez um pequeno largo com varanda de grades de ferro para passeio dos habitantes d'Alfama.

Constava a freguezia do Salvador, antes do terremoto, de 266 fogos, e a de S. Thomé de 275; hoje as duas unidas contão 885 fogos.

### *S. Martinho e S. Thiago.*

A fundação da parochia de S. Martinho foi reputada entre as mais antigas da cidade, porque já desde o anno de 1168 achamos em escrituras memorias d'ella. Na mesma igreja existia um authenticico documento da sua antiguidade, em uma pedra com a seguinte inscripção:

*XIII. K. February IHNVS Ramirus. Hu.  
Eccœ Priorus Præfectus. Obijt. E.  
MCCXXI.*

Quer dizer: *Decimo tertio Kalendas February Hieronymus Ramirus hujus Ecclesiæ Priorus Præfectus obiit æra 1221.* Do qual monumento se colligia, que no anno de Christo de 1183, a que corresponde a data da era de 1221; lo-grava está igreja a preeminencia de priorado. Tambem consta que no 1.º de maio de 1491 assistira o prior d'esta igreja ao Synodo, que na cathedral fizera o bispo D. Sueiro Annes.

Com o tempo se arruinou o primeiro edificio, e querendo o conde de Villa Nova, D. Gregorio de Castello Branco, correr com o gasto da sua reedificação, lançou solemne-mente a primeira pedra nos fundamentos da nova igreja a 11 de novembro de 1634. Da memoria d'esta reedificação consta, que a primeira pedra fundamental se collocára n'aquella parte em que se levantou o cunhal da igreja.

Ella soffreo ruina com o terremoto, abrindo-se, e caindo aos seus impulsos algumas porções das abobadas e paredes, e percipitando-se um dos sinos, que se fez em pedaços. Arruinárão-se tambem algumas casas pertencentes á mesá prioral d'esta igreja, e outras mais da propria freguezia, e com especialidade as cadêas da Cidade e da Corte, d'onde os presos sairão francamente, e a casa da Relação experimentou hor-rivel destroço. N'esta ruina fallecerão á porta do templo sete pessoas.

Passado um mez, tempo em que a maior perturbação dos animos se havia algum tanto serenado, foi esta freguezia situar-se na ermida de Santa Barbara, ás Fontainhas, onde esteve por espaço de nove mezes na companhia da de S. Jorge, em cuja ermida ambos os priores exercerão por turno os Officios divinos, com uma alternada harmonia até setembro de 1756, tempo em que se restituiu á antiga igreja

de S. Martinho já reparada, onde se conservou até ao anno de 1834, em que foi unida á de S. Thiago, e o seu antiquissimo templo mandado demolir para alargar a rua.

O documento mais verdadeiro da fundação de S. Thiago, é uma composição, que o prior e beneficiados fizeram entre si no anno de 1337. Ha memoria da sua existencia no de 1371, porque tambem se conserva a do seu prior João de Souza, vigario geral do bispo Agapito Colona, de que se lembra a Historia Ecclesiastica de Lisboa. Continuão as memorias até ao anno de 1551, em que Christovão Rodrigues d'Oliveira d'ella faz menção no seu summario; e desde o anno 1555 é o tempo d'onde começarão a correr os assentos no livro mais antigo dos baptisados, que tem esta igreja, no qual todavia se conserva a tradição de ser erecta pelo primeiro bispo de Lisboa D. Gilberto. No seu adro havia uma antiquissima pedra em que se lia:

*Asclepi Clicini  
Decimi.*

Da qual se lembra Cardoso no Agiologio tom. II. p. 31. E era memoria que os moradores de Lisboa dedicarão ao presidente Asclepi pelo anno 300 de Christo.

Pouca ruina padeceo com o terremoto, e esta foi logo reparada.

Constava a freguezia de S. Martinho antes do terremoto de 30 fogos; a de S. Thiago de 120, hoje as duas unidas contem 500.

#### *Fundação da Freguezia de São Mamede.*

Esta freguezia não estava antigamente onde ora existe, mas sim na rua, que ainda conserva o nome d'este santo. Quanto á sua antiguidade, parece que esta parochia foi estabelecida no tempo do bispo D. Fr. Estevão II por constar da vida do mesmo bispo, que achando-se em Avinhão a 16 de

maio de 1313 commettera a Martins Matheos e a Pedro de Formão a instituição d'esta igreja, que n'aquelle tempo se fundava; mas por uma escritura, que existe no cartorio d'esta igreja, se póde inferir que esta freguezia já no anno de 1220 se achava erecta, pois n'este mesmo anno instituio ali Maria Pires, mulher de Pedro Martins de Bulhão, uma missa cantada em sua vida todas as sextas feiras, em honra da Santa Cruz.

Quasi da mesma antiguidade era um nobre sepulcro de pedra, onde por constante tradição jazião os restos mortaes do pai de Santo Antonio: esta sepultura estava posta debaixo d'um arco, juuto dos degrãos do adro da igreja, conforme o uso d'aquelles tempos, mas depois ficou da parte de dentro da sacristia, que se fez no anno de 1665.

O templo soffreo pelo terremoto completa ruina, o incendio o reduzio a cinzas com todas as suas alfaias e livros, morrendo pouco mais ou menos quarenta pessoas n'este desastre, ficando quasi extinctas todas as propriedades dos seus limites parochiaes. N'estas circumstancias lastimosas se foi o prior acolher á igreja de S. Christovão, d'ali passou á de S. Patricio, onde se conservou a freguezia até á transferencia para a nova igreja começada, e não acabada, no sitio onde hoje a vemos. Quando a freguezia de S. Mamede estava no seu antigo lugar, comprehendia em seus limites o collegio de S. Patricio, que hoje pertence aos Irlandezes.

Não deixaremos de dizer que o lugar onde foi a igreja de S. Mamede é ainda um montão de ruinas; e que o carneiro da igreja antiga serve hoje de habitação, a pessoas pobres, que por falta de meios não duvidão occupar a morada dos mortos. Tanto póde em uns a necessidade, em outros o esquecimento do dever!

A freguezia de S. Mamede constava antes do terremoto de 300 fogos; hoje consta de 1230.

*Fundação da Freguezia de São Lourenço.*

Sobre a fundação d'esta parochia pouco temos que dizer, porque a mais autentica noticia, que d'ella temos, quanto á sua antiguidade, consta d'uma pedra, que pensamos ainda existe na igreja, da qual memoria se vê que o bispo de Lisboa D. Matheos, no anno de 1309, que corresponde á era de Christo de 1271, com as suas mãos erguera no dito templo um altar em honra de Santa Victoria, virgem, isto a rogos de Vicente Martins, vigario d'ElRei, e Alvaro de Lisboa.

Esta igreja soffreo muita ruina com o terremoto, porque veio abaixo o coro e quasi todo o tecto, ficando ainda assim salva a capella mór, e não morrendo pessoa alguma n'este desastre. Passada que foi a maior violencia, em continente se mudou o SS. para a igreja do Menino Deos, erigindo-se um altar na cerca dos marquezes de Ponta de Lima, então viscondes de Villa Nova da Cerveira, e ali forão por alguns dias celebrados os officios divinos, em quanto se apromptou, com toda a decencia, uma das salas do palacio, para onde o SS. foi levado em procissão e se continuárão os exercicios parochiaes.

Existe nos limites d'esta parochia o mosteiro de N. S.<sup>a</sup> do Rozario das freiras Dominicás.

Com a violencia do terremoto caio o tecto da igreja, e as paredes do coro, da torre, e alguns dormitorios padecerão ruina, facil de reparar; os muros do convento, da parte do castello tambem forão derribados, mas depois se levantarão: n'este desastre morreo uma religiosa, uma secular, uma criada, e uma escrava. As freiras com o susto d'este acontecimento romperão a clausura buscando as casas de seus pais, ou parentes; recolhendo-se as outras a uma barraca na quinta dos frades de S. Domingos, em Arroios, até que por fim voltárão ao seu mosteiro.

A freguezia de S. Lourenço constava, antes do terremoto, de 150 fogos; hoje consta de 650.

### *Fundação da Freguezia de S. José.*

Sendo arcebispo de Lisboa o cardeal infante D. Henrique, vendo que a freguezia de Santa Justa era assás dilatada, desmembrou uma porção d'ella, e a deo para a de S. José, a 20 de novembro de 1567, erigindo a parochial na ermida do mesmo santo; que os pedreiros e carpinteiros á sua custa havião fundado, com licença do arcebispo de Lisboa, D. Fernando, passada a 6 de julho de 1545, fora dos antigos muros da cidade, além das portas de Santo Antão, mil e quatrocentos passos andantes.

Pouco damno soffreo esta igreja com o terremoto: só a frontaria padeceo algum estrago, e por isso a irmandade do SS. mandou fazer uma barraca de madeira no campo da Horta, por detraz do palacio de Marco Antonio, mudando-se para ali a freguezia onde esteve até 22 de julho de 1757, transferindo-se n'este dia para a sua antiga igreja, que os pedreiros e carpinteiros renovarão, e reformarão.

Antes do terremoto constava esta freguezia de 1100 fogos; hoje conta 1839.

### *Santos-o Velho.*

Serve esta igreja do maior padrão da antiguidade do christianismo em Lisboa, porque n'este sitio grangearão a coroa do martirio os gloriosos trez irmãos Verissimo Maxima e Julia, na perseguição do imperador Diocleciano pelo anno de Christo 303. Aqui lhes derão os christãos sepultura e lhes erguerão certo genero d'altar, ou ermida; e os santos como protectores d'esta cidade a defenderão milagrosamente d'um apertado cerco, que lhe puzerão depois os barbaros Alanos.

Occupada Lisboa pelos Mouros, uma das igrejas, que

elles deixárão intacta aos christãos foi esta, em que estavam sepultados os veneraveis corpos dos martyres, a quem pela fama dos prodigios, que Deos por sua intercessão obrava, tinham respeito os proprios Sarracenos; e quando D. Affonso Henriques houve de lhes conquistar ultimamente Lisboa, estes santos auxiliarão contra os Arábes o exercito christão; motivo porque aquelle inclito heroe, tanto que se vio victorioso, melhorou a antiga ermida, mandando erigir no mesmo lugar um templo mais espaçoso que dedicou aos trez gloriosos martyres.

Passado pouco tempo, depois que a ordem de cavallaria de S. Thiago começou a florecer, e a augmentar-se em Portugal, tratou ElRei D. Sancho I de lhe fundar um convento, onde houvessem religiosos da mesma ordem para administrarem os Sacramentos aos cavalleiros, que andavão na guerra, e para servir de sepultura aos que no reino fallecessem; e assim o mandou edificar junto d'esta ermida no anno de 1122, sendo então mestre da ordem D. Sancho Fernandes, e prior do convento D. Christovão.

Aqui viverão os religiosos até ao tempo d'ElRei D. Affonso III., em que sendo tomada aos Mouros a villa de Alcacer do Sal, passárão para ella os referidos religiosos; e com esta mudança o dito convento se converteo em mosteiro de religiosas da mesma ordem, occupando-o as mulheres e filhas dos commendadores, até que no anno de 1490 se passárão para o novo mosteiro de Santos, que lhes mandou edificar ElRei D. João II, transferindo-se com as religiosas os corpos dos martyres.

Desoccupada esta igreja, o cardeal D. Henrique, sendo arcebispo de Lisboa em 1566., a elegeo para parochia, desmembrando-a da freguezia de N. S.<sup>a</sup> dos Martyres.

Não foi muito o prejuizo, que o terremoto causou a esta igreja, porque sómente sentio alguma ruina no coro; porem não obstante foi tal o susto n'aquelles primeiros dias, que por cautella de maior estrago, mandou o parochio mudar o Santissimo para uma ermida das casas de D. Rodrigo



de Noronha, contigua ao convento dos Marianos. Depois regressou á sua igreja onde existe.

A fabrica d'esta igreja é antiquissima, e o frontispicio bem deixa ver o interno do seu gosto.

Antes do terremoto, esta freguezia constava de 1800 fogos; hoje consta de 2460.

### *São Paulo.*

Se houvermos de dar credito a uma inscripção collocada sobre a porta d'esta igreja, e aberta em pedra, haveremos de affirmar que fora erecta no anno de 1412 (1). Porém da relação de Christovão Rodrigues d'Oliveira consta, que no anno de 1551 não havia ainda tal parochia, nem igreja, e que a memoria mais antiga, que d'ella ha, é desde o anno de 1572, de que faz menção Jorge Braunio no Mappa de Lisboa; e assim não se pôde com certeza assignar a verdadeira epoca da sua primeira origem.

Arruinou-se com o terremoto este templo, em que morrerão mais de noventa pessoas: a este desastre succedeo o fogo, que acabou de destruir o referido templo com tudo o que n'elle havia. Escapou unicamente o vaso sagrado, que foi levado para a igreja de S. João Nepomuceno, onde esteve só um dia, porque no domingo seguinte á noite passou para a igreja parochial de Santa Isabel, d'onde voltou para S. João Nepomuceno; até que construindo-se uma igreja de madeira junto da antiga, a ella se restituiu vespera do Corpo de Deos da mesma parochia, no anno de 1757.

Depois se edificou o magnifico templo, que ora vemos, collocando-se no anno de 1830 em uma de suas torres o lindo jogo de sinos, que ali estão. A sua fabrica é magestosa

(1) Assim se persuadio o A. do Santuar. Marian. tom. pag. 493: mas o A. da Demonstração historica o reprova com razão em o num. 266.

e tem muitos altares; muito influe a sua posição para esta grandeza.

Constava esta parochia de 1000 fogos e 4000 pessoas, antes do terremoto; hoje contém 1020 fogos.

### *Nossa Senhora da Pena.*

A primeira instituição d'esta freguezia foi no mosteiro de St.<sup>a</sup> Anna, de religiosas terceiras de S. Francisco, intitulando-se então por este motivo parochia de St.<sup>a</sup> Anna. Suppõe-se que seria erecta pelo cardeal arcebispo D. Henrique, desmembrando-a de St.<sup>a</sup> Justa, pois a memoria mais antiga da sua existencia é constar que fôra visitada pelo arcebispo D. Jorge d'Almeida, no anno de 1570.

Depois passarão a freguezia para uma igreja, que se andava fazendo, dedicada a N. S.<sup>a</sup> da Pena, mudando para ella o Sacramento com solemne procissão, em 25 de março de 1705.

Ficou esta igreja totalmente derrotada com o terremoto, porque aos seus primeiros impulsos caíram logo os remates das torres do frontispicio, que sepultarão algumas pessoas, que ião fugindo para o adro, e abatendo-se immediatamente o tecto, privou da vida muita gente, que se achava na igreja.

N'este lamentavel desamparo se foi o parochio abrigar n'uma ermida, que havia na portaria do Collegio de Santo Antão, dos padres Jesuitas, para onde mudou o Sacramento, e ali esteve parte do mez de novembro do fatal anno de 1755, exercendo as funcções parochiaes, e depois se transferio para a igreja do recolhimento de N. S.<sup>a</sup> da Encarnação, e d'ahi para a ermida d'Alexandre Metello, da qual passou para a freguezia edificada, onde hoje existe.

Constava esta parochia antes do terremoto de 1336 fogos e 5066 pessoas de communhão. Depois do terremoto, com as pessoas, que se abarracarão no campo, chegou ao numero de 1432 fogos, hoje tem 2000.

*S. Sebastião da Pedreira.*

Reinando ElRei D. João IV, e estando a santa igreja de Lisboa em sé vacante, se estabeleceo esta parochia pouco mais ou menos pelo anno de 1642, edificando-se a igreja á custa dos freguezes, e junto d'uma antiga ermida com a mesma invocação, que era dos carpinteiros da rua das Arcas, onde costumava assistir, desde que veio da India, o patriarcha d'Alexandria D. João Bermudes, que falleceo no anno de 1570, e mandando que ali o sepultassem, forão seus ossos depois transferidos, por ordem de D. Filippa de Tavora, sua sobrinha para o cruzeiro da capella mór da nova igreja, onde presentemente jazem em sepultura rasa, com suas armas esculpidas sobre a campa, e com a humilde inscripção: — *Sepultura do Patriarcha Da Lexandria Dom João Bermudes.*

Esta igreja parochial ficou intacta dos horriveis impulsos do terremoto. Não sabemos ao certo quantos fogos contava antes d'este horrivel acontecimento; hoje tem 810.

*S. Miguel d'Alfama. (1)*

Da origem, e antiguidade d'esta parochia, não achamos outro documento mais que a memoria, que Christovão Rodrigues d'Oliveira d'ella faz no seu summario impresso no anno de 1551, por onde se prova a sua anterior existencia. O P. Antonio Carvalho no tomo III da Corographia diz que

(1) O padre D. Raphael Bluteau, no Voc.<sup>o</sup> Portug., diz que este bairro é o mais antigo de Lisboa. O nome é arabico, quer dizer banho d'agoa quente, conforme explica João de Barros nas antiguidades do Minho cap. 2. E' porque em Alfama ha grande abundancia d'agoas quentes, e já em tempo dos Mouros as havia, por isso chamavão a este sitio Alfama, que corresponde ás Thermas dos Gregos. Os curiosos podem vêr Duarte Nunes na Descrip. de Portug. cap. 12. pag. 34.

se reedificára *á fundamentis* no anno de 1674, por estar ameaçando ruina o edificio antigo.

Não ficou esta igreja isenta dos estragos do terremoto; porque arruinando-se o tecto, que ficava sobre o côro, o prostrou com tudo o que comprehendia: tambem o precipicio das suas duas torres não só fez estremecer as paredes do lado esquerdo, mas as de quasi toda a igreja. Este estrago obrigou a que a parochia se estabelecesse n'umas casas fronteiras ao Campo da Lã, d'onde se restituiu á sua igreja, depois de reparada, quando foi possível.

Constava esta parochia antes do terremoto de 870 fogos e 3700 pessoas de communhão. Depois experimentou a diminuição de metade, porque as melhores propriedades, que estavão no ambito d'esta freguezia, ficarão mui arruinadas, e seus inquilinos e donos passarão para outros territorios, e para estas ruinas pobremmente reparadas forão assistigentes humildes: hoje a freguezia consta de 860 fogos.

### *Nossa Senhora do Socorro.*

Foi esta freguezia extrahida da de Santa Justa, em tempo do arcebispo D. Miguel de Castro, estabelecendo-se na igreja de S. Sebastião da Mouraria, que era dos artilheiros, pelo anno de 1596, e se começou a intitular freguezia de S. Sebastião da Mouraria. Foi augmentando o numero dos freguezes, e parecendo pequena a ermida, determinarão fabricar maior templo. Com tanto fervor se diligenciou a obra da nova igreja, que em 29 de setembro de 1646 foi n'ella collocado o Sacramento, saindo em procissão da sobredita ermida, d'onde tambem se transferio a imagem de N. S.<sup>a</sup> do Socorro, que deo titulo ao novo templo, e parochia.

No memoravel dia do grande terremoto se arruinou, e ficou por terra a capella mór e o cruzeiro, como tambem as capellas do Santo Christo, N. S.<sup>a</sup> do Socorro a Velha, e a de Santo Antonio; e o mais que permaneceu em pé, ficou mui estremecido e arruinado: não morrerão n'este desastre

mais de quatro pessoas. Cuidou-se logo em mudar o Sacramento para a ermida de N. S.<sup>a</sup> da Conceição, que estava na segunda portaria do collegio, que foi de Santo Antão, d'onde passou para a antiga igreja.

Tem esta parochia quatro ermidas e um recolhimento. As ermidas são, N. S.<sup>a</sup> da Guia, N. S.<sup>a</sup> da Saude, Colleginho de N. S.<sup>a</sup> do Bom Despacho, e S. Lazaro, pertencente á Camara Municipal. O recolhimento é o de N. S.<sup>a</sup> do Amparo da Mouraria.

Antes do terremoto, esta freguezia tinha 1600 fogos; hoje contem 1800.

#### *Nossa Senhora das Mercês:*

Estando a santa igreja de Lisboa em sé vacante pela morte do seu arcebispo D. Rodrigo da Cunha, concedeo o reverendo cabido licença no anno de 1652 ao desembargador do paço Paulo de Carvalho, para que se pudesse estabelecer em igreja parochial uma ermida sita na rua Formosa, e dedicada a N. S.<sup>a</sup> das Mercês.

N'esta igreja, com o terremoto se arruinou a tribuna da capella mór, a frontaria da igreja, a torre, e com o seu precipicio ficou destruido o côro, e uma tribuna, que ali tinha o padroeiro. Padecerão tambem consideravel ruina muitas propriedades de casas, dentro dos limites d'esta parochia, das quaes a maior parte se achão restabelecidas, em cuja destruição perderão a vida mais de noventa pessoas. Obrigou este aperto ao parocho a transferir o Santissimo para a ermida da Ascensão de Christo, sita na calçada do Combro, e ali esteve em quanto a igreja parochial se reedificou, tornando a mudar-se para ella o Santissimo, a 22 de maio de 1757, onde permaneceu até que por ordem do governo foi transferida para a igreja do convento de N. S. de Jesus, pertencente á extincta ordem de religiosos da terceira ordem de S. Francisco, no districto da freguezia de St.<sup>a</sup> Catharina, depois de 1834.

Constava esta freguezia antes do terremoto de 840 fogos; hoje tem 2290.

*Fundação da Freguezia de Santa Isabel.*

A causa de se fundar esta freguezia foi o grande augmento de população nos suburbios de Lisboa, e no sitio de Campo-lide, por cujo motivo o patriarcha D. Thomaz d'Almeida fez erigir esta nova parochia, para o que desmembrou parte dos moradores da freguezia de S. Sebastião da Pedreira, e parte dos de St.<sup>a</sup> Catharina e S. José, escolhendo para esta fundação a ermida de Santo Ambrozio, que estava um pouco a cima do convento das Trinas do Rato, e ali celebrou missa no dia 14 de maio de 1741, determinando que desde aquelle dia fosse invocada a freguezia com o titulo de Santa Izabel, rainha de Portugal.

No dia 4 de julho do seguinte anno, 1742, fundou o mesmo patriarcha uma igreja nova para restabelecimento da freguezia, e seu sobrinho, o principal Almeida, com rito solemne lançou a primeira pedra nos fundamentos d'este edificio.

Posto que esta igreja não estivesse ainda acabada pelo terremoto, comtudo não sentio ruina alguma, nem aquella em que residia a parochia; nem mesmo constou que no districto da freguezia houvesse damno, excepto na rua da Cotovia, desde as casas de D. Rodrigo, até ás obras do conde de Tarouca (onde hoje chamamos Patriarchal Queimada) e bairro do Pombal, onde houve algum prejuizo nos edificios.

Constava esta freguezia antes do terremoto de 1460 fogos; em 1757, de 2415, e hoje tem 4135.

*Santissimo Sacramento.*

Teve esta freguezia o seu principio na igreja do convento da Santissima Trindade, estabelecendo-a o Arcebispo de Lisboa D. Jorge d'Almeida, pelo anno de 1584; na pri-

meira capella do lado direito entrando na igreja, e desmembrando-a das freguezias de S. Nicoláo, e Martires. Depois no anno de 1664, se passarão para a igreja das Convertidas, onde pouco tempo estiverão, os baptismos se fazião na parochial dos Martires com licença do cabido.

Havia-se dado principio a uma nova igreja, com o titulo do Santissimo Sacramento, para servir de parochia; no sitio fronteiro ao palacio do Marquez d'Arronches, lançando-se a primeira pedra no edificio a 26 de novembro de 1667, e estando feita grande parte, se demolio por embargo do mesmo marquez, até que o conde de Valadares offerecendo liberalmente terreno proprio defronte do seu palacio para fundamento da igreja, se começou esta a fabricar no anno de 1671, concluindo-se no de 1685.

Depois do horrivel terremoto de 1755, se erigio junto ás ruinas do antigo templo uma pequena barraca, que servisse de igreja: e com effeito no dia 5 d'abril de 1760, por determinação de Sua Eminencia, a benzeo o reitor Manoel Luiz Ribeiro.

Em março de 1772 se principiou a reedificação da antiga igreja, e se concluiu em 1807, sendo sagrada, por D. Luiz de Castro Pereira, então bispo de Ptolomaida, prelado de Cuibebá e Matto Grosso, no dia 5 d'abril do dito anno. Podemos afirmar que esta igreja é uma das mais sump-tuosas da capital; o seu recinto é composto de ricas pedras embutidas com tal arte e delicadeza, que mais parecem pintadas do que unidas.

Consta esta freguezia de 1050 fogos, e 400 individuos.

### *Santissimo Coração de Jesus.*

Poucas noticias temos d'esta freguezia, porque apenas sabemos que reunidas no convento de St.<sup>a</sup> Joanna, por occasião do terremoto de 1755, as religiosas do convento da Anunciada, as do convento da Roza, que se achava fundado junto á igreja de S. Lourenço, e as do Salvador, estas ul-

timas pedirão que se erigisse na igreja do dito convento de Santa Joanna, uma nova freguezia, o que foi concedido com a invocação do mesmo convento, e teve principio no anno de 1770.

Por diligencias das mesmas religiosas se transferio esta freguezia para a ermida de N. S. do Carmo (então dos padres Carmelitas da provincia do Rio de Janeiro e agora das irmãs de Caridade) sita na rua de Santa Martha; e pensamos que isto teve lugar a 23 de janeiro de 1780, porque n'essa mesma data por determinação do Eminentissimo cardinal patriarcha D. Fernando I, principiou esta freguezia com a invocação do Santissimo Coração de Jesus, conservando-se ali por 10 annos, até que se mudou para a sua propria igreja, que foi feita só á custa das esmolas do povo. Este templo está defronte da igreja do convento de Santa Martha; a sua estructura, posto que não seja de primorosos marmores, não deixa com tudo de ser engraçada e regular; e é de tamanho proprio para accommodação de seus freguezes.

Consta esta freguezia de 750 fogos.

Além das parochias, que deixamos descriptas, dentro dos muros de Lisboa havião sumptuosos conventos, de que só a nomenclatura, ou a descripção summaria, nos tomaria mais espaço do que podemos destinar para tal objecto. Limitar-nos-hemos pois a algumas noticias estatisticas, preciosas pela sua raridade: o mosteiro de S. Vicente de Fora, o mais antigo estabelecimento religioso da cidade, é fundação da epoca em que ElRei D. Affonso Henriques conquistou Lisboa aos Mouros. Este mosteiro só dava asilo a trinta religiosos da ordem de Santo Agostinho, e seus rendimentos erão consideraveis. O convento de Nossa Senhora da Graça, da referida ordem de Santo Agostinho, continha setenta religiosos: o de São Domingos, habitado por cem frades, tinha 5:800 cruzados de rendimento. A Trindade não se podia comparar a estes grandes conventos, mas o mosteiro do Carmo, edificado no decimo quinto seculo pelo devoto condestavel D. Nuno Alvares Pereira, deve ser mencionado como um dos



mais formosos edificios d'este genero, que a christandade admirava (1) o preclaro guerreiro n'este convento falleceo, ainda no decimo sexto seculo mostrava a sua cella, e deixou aos setenta religiosos, que n'este santo asilo habitavão, importantes rendimentos, que mal se poderião hoje avaliar. Santo Eloi, dotado pelo bispo D. Domingos, com seus quarenta padres; São Francisco, que não continha menos de cento e vinte frades mendicantes, acabão a nomenclatura d'estes estabelecimentos, que não erão tão consideraveis como mais tarde forão. Para ser exacto, cumpre dizer que muitos estabelecimentos religiosos se elevarão em torno de Lisboa, n'um raio de duas legoas. Tal era, entre outros, o sumpstuoso mosteiro de Belem, então de novo edificado no sitio, que occupára a pequena capella outr'ora fundada por D. Henrique, e que designavão, como deixamos dito, pelo nome de Rastêlo. Entre os conventos extramuros, cumpre citar tambem São Domingos de Bemfica; São Bento, que outr'ora dependia do mosteiro d'Alcobaça e continha trinta e sete religiosos; e finalmente São Francisco d'Enxobregas, que era um pouco mais consideravel, porque chegava a cincoenta o numero de seus frades pedintes.

Os conventos das religiosas não erão tão numerosos como os de frades. O mosteiro do Salvador, sujeito á regra de São Domingos, continha oitenta freiras; Nossa Senhora da Rosa trinta e trez. As penitentes da paixão de Christo, com suas vinte religiosas, o mosteiro das orfãs, d'onde já se tiravão tantas educandas para casal-as no Brazil, formavão o

(1) Jorge Cardoso offerece as mais circunstanciadas particularidades sobre a sepultura do condestavel, que n'este convento quiz ser enterrado. O monumento foi completamente destruido na epoca do espantoso terremoto; mas durante o decimo sexto e decimo setimo seculo, muitos devotos lá ião tirar, per uma figa, terra da que cobria o corpo do illustre guerreiro, e reputavão esta terra como uma reliquia. D. Nuno Alvares Pereira falleceo com reputação de Santidade; isto attesta uma cantiga popular citada por Cardozo.

total dos estabelecimentos d'este genero fundados na cidade. A Annuniação de Nossa Senhora da Esperança, de religiosas claristas; Santa Clara; Madre de Deos; Santos, principalmente destinado ás senhoras nobres; Chelas, da ordem de Santo Agostinho, e finalmente Olivellas, que á veneração do povo offerencia o tumulo da rainha D. Filippa, erão outros tantos conventos abertos á devoção das senhoras portuguezas; mas era preciso buscar-os fora dos muros da cidade.

*Lugares de beneficencia, que existião pelo  
anno de 1550.*

N'esta epoca de verdadeira prosperidade, havião em Lisboa estabelecimentos de caridade e de beneficencia mais bem organisados, e administrados talvez com mais cuidado, que os das outras grandes cidades da Europa. Não só alguns conventos offerecião asilo aos enfermos e aleijados, mas, no decimo quinto seculo, D. João II mandou edificar o hospital de Todos os Santos, casa central de que dependião os outros estabelecimentos do mesmo genero. Além de que este vasto edificio continha cinco espaçosas enfermarias, um local separado, em que se dava cama, era destinado aos peregrinos nacionaes e estrangeiros, que não podião haver outro asilo. Pelo que diz Rodrigues d'Oliveira, as cinco enfermarias só continhão noventa e oito camas, mas havia um igual numero no hospital inferior, de que acabamos de fallar. O hospital de Nossa Senhora das Virtudes, destinado particularmente aos incuraveis, o de Santa Anna, que era antiquissimo, e no qual foi acabar seus dias o mais sublimae genio de Portugal; o hospital das Palmeiras, destinado aos peregrinos da terra santa, que trazião uma palma na mão; o dos pescadores chincheiros; tambem o dos pescadores linheiros; o lugar de beneficencia, que tinha o singular nome de *Acata que faras*, mostrão que uma sollicitude previdente n'aquella epoca cuidava no bem estar da povoação laboriosa.

Um curioso documento, por assim dizer inedito, vai

mostrar como a industria da antiga cidade póde explicar a necessidade d'estes estabelecimentos, e o luxo, que reinava na classe privilegiada.

*Lista dos homens d'officio, que existião em  
Lisboa de 1550 a 1551, extrahida do  
livro de Rodrigues d'Oliveira.*

Medicos.....	57
Cirurgiões.....	70
Boticarios.....	46
Mestres de gramatica.....	7
Mestres de lér.....	34
Escolas publicas d'orgão.....	13
» » de dança.....	14

( « Além disto havião homens que ensinavão a nobreza nas casas particulares. » )

*Escolas publicas d'esgrima.*

« Destas havião quatro, e afóra isto muitos individuos, á nobreza ensinavão esta arte, e que tinhão numerosos discipulos. »

Banqueiros.....	6
Mercadores de seda em grosso.....	28
Mercadores em grosso, que compravão por associação.....	30
Mercadores de panno com loja.....	60
« d'objectos variados.....	458
Contratadores.....	620
Tocadores d'espinaeta.....	20
Cantores.....	150
Tocadores de gaita de folle.....	20
Trombeteiros.....	12
Timbaleiros.....	8

*Officios mechanicos.*

Pintores. . . . .	76
Desenhadores . . . . .	47
Lapidarios . . . . .	32
Ourives. . . . .	430
Impressores . . . . .	5
Livreiros . . . . .	54
Bordadores . . . . .	10
Passamaneiros . . . . .	133
Alfaiates . . . . .	159
Barreteiros. . . . .	15
Algibebes. . . . .	119
Colchoeiros. . . . .	27
Cabelleireiros . . . . .	6
Serigueiros. . . . .	10
Botoeiro . . . . .	20
Tosadores de panno . . . . .	139
Cardadores. . . . .	16
Chapelleiros . . . . .	206
Tintureiros. . . . .	39

Se mais espaço tivéssemos, e sem o receio de enfadar o leitor, facil nos seria, graças a Rodrigues d'Oliveira, offerrecer ainda muitas particularidades curiosas, ácerca das profissões, que já não existem, ou das que não se presume que tivessem existencia em Lisboa no decimo sexto seculo. Ninguém por certo se admiraria de encontrar n'uma cidade como esta capital quatorze armeiros; trinta cuteleiros, mas poderia parecer extraordinario haver n'ella trinta e nove douradores. Se não é mui singular vêr mencionar cento e noventa barbeiros, duzentos taverneiros, cento e dezenove sapateiros, como signal de luxo, que então reinava, se podem reputar oito espelleiros, sem contar quatro mercadores de cristaes e quatro oculistas. Em 1551, vemos inscritos

quatrocentos e noventa e dous carpinteiros e marceneiros, duzentos carpinteiros occupados no porto, cento e quatorze calafates, cento e setenta e sete pilotos; n'isto nada ha que possa excitar admiração; mas quem aacreditaria que n'esta nomenclatura se vão encontrar doze homens, de que era o unico officio procurar ouro na praia? (1) N'aquelle tempo oito mulheres se occupavão em perfumar luvas, e outras doze unicamente em fabricar cosmeticos. Diremos tambem com pesar que se na estatistica, ordenada pelo arcebispo, se encontram mencionadas todas as profissões, que attestão o apuro do luxo, não succede o mesmo das profissões liberaes, que difundem a instrucção nas familias. Aqui só encontramos indicadas duas mulheres, que tinhão por officio ensinar meninas a lêr; porem em desforra, mais longe ha doze escritores publicos occupados sem cessar em transmittir mensagens! quatrocentos e trinta ourives e duas mulheres para ensinar a lêr! N'isto consistia toda a antiga civilisação de Lisboa.

*Estado das grandes fortunas do decimo  
sexto seculo.*

Mui consideravel se havia tornado no decimo sexto seculo a fortuna d'alguns grandes senhores portuguezes, mórmente comparando-a com a da nobreza em alguns outros Estados da Europa. Quizeramos poder seguir estas fortunas diversas no augmento, que tiverão no tempo de D. Manoel; curioso é todavia encontrar aqui um mappa, que se póde mo-

(1) Esta profissão devia ser antiquissima, porque Edrise, o geographo arabe, positivamente diz que vira individuos, junto á foz do Tejo, cuja occupação era procurar grãos d'ouro entre as areas da praia; isto quadra mui bem com uma antiga tradição para que seja possivel duvidar. Tal era ainda a abundancia das palhetas metallicas, que as agoas do rio levavão, pelo começo do decimo sexto seculo, que *Marinen Siculo* falla d'um sceptro e d'uma coroa d'El Rei D. Manoel, provenientes do ouro encontrado no Tejo.

dificar seguindo certos progressos. Este mappa foi extrahido d'um author estrangeiro, bem informado sobre este objecto. Depois de fazer menção das riquezas d'ElRei de Portugal, Marineo Siculo acrescenta: Tambem ha n'aquelle paiz muitas pessoas illustres e grandes senhores com rendimentos consideraveis, faremos menção d'aquelles, que nos vierem á lembrança (1):

	Ducados.
Em primeiro lugar do duque de Bragança, que é de sangue real e possui de renda . . . . .	40,000
O duque de Barcellos, filho do duque de Bragança . . . . .	. . . . .
O duque de Coimbra e marquez de Torres Novas; não pude alcançar noticia do seu rendimento.	
O marquez de Villa Real, conde d'Alcoutim . . . . .	15,000
O conde de Marialva . . . . .	12,000
» de Penella . . . . .	4,000
» de Portalegre, mordomo mér. . . . .	5,000
» de Vimioso . . . . .	3,000
» de Tentugal . . . . .	8,000
» d'Abrantes . . . . .	3,000
» da Feira . . . . .	3,000
» de Linhares . . . . .	3,000

*Escravidão em Lisboa no decimo sexto seculo.*

Se nos reportarmos a um opusculo escrito em estilo familiar pelo celebre Damião de Goes, e publicado pouco mais ou menos dez annos antes das indagações estatisticas de Rodrigues d'Oliveira, isto é em 1541, cada anno erão exportados da Negricia propriamente dita vinte e dous mil negros, que se espalhavão por toda a extensão de Portugal,

(1) Vid. Marineo Siculo, *De las cosas memorables de Espana*. Este author escrevia no reinado de D. João II. As grandes fortunas territoriaes não devião ter soffrido completa mudança no espaço de sessenta annos.

e n'este calculo não devem entrar os escravos importados da Mauritania, da India e Brazil. Tudo isto nos leva mui longe d'essas transacções solemnes, de que com tanta eloquencia falla Gomes Eannes d'Azurara, e durante as quaes o infante D. Henrique mandava vender escravos para grangear mais algumas á religião de Christo. Tão rapidamente se havia organizado o abominavel commercio, que pelo anno de 1465, isto é, vinte annos mais tarde, Rosmihal-e-Blathna, principe hungaro, fazia sorrir a gente da corte, pedindo como um certo favor dous escravos ethiopios, para envial-os ao norte. « São cousas, que não se pedem, » lhe disse com desdem o irmão de D. Affonso V. Cataldo Siculo a este respeito contém curiosas revelações. Em fim no reinado de D. Manoel e no de D. João III, este regimen d'escaavidão havia chegado a taes abusos, tinha d'algum modo subjugado tão completamente todas as classes da sociedade, que os estrangeiros não podião observar os seus resultados sem uma especie de horror, e diversos escritos do decimo sexto seculo com energia clamão contra o deploravel estado da povoação inferior em Lisboa, e nas principaes cidades do reino. Escutemos um viajante dos mais moderados e instruidos d'aquella epoca, e entendamos bem o abuso, pela sinceridade das descripções, que nos deixou Klenardt. « Todos aqui somos nobres, diz elle, e na rua não trazemos cousa alguma na mão... Nenhum serviço faz a mão de familia no governo caseiro... Tudo é feito por escravos mouros ou ethiopios, que na Lusitania, e mórmente em Lisboa, são em tão grande numero, que ha aparentemente mais que homens livres... Não ha casa em que não se encontre pelo menos uma escrava moura, que faz todos os serviços... As pessoas ricas possuem grande numero d'estes escravos dos dous sexos, com os quaes, por effeito da licença dos costumes, se faz um grande commercio de recém-nascidos, em proveito do dono, que os cede por dinheiro. » Rosmihal-e-Blathna, cujo testemunho já havemos invocado, não podia, alguns annos antes, conter um brado de surpresa, á vista de todos os negros que

encontrava na cidade d'Evora. O que é por certo mui singular, é que a maior parte d'estes escravos ficavão nas terras sujeitas ao gran-mestrado da ordem de Christo, de que formavão a principal riqueza. As cidades do Algarve se enriquecerão por meio d'este espantoso commercio, e Lagos veio a ser um ponto central para a venda d'escravos.

*Apparencia de Lisboa durante a ultima metade do decimo sexto seculo; aspecto das ruas e dos edificios.*

Por esta epoca dous embaixadores venezianos visitavão Lisboa, e, de volta á sua patria, publicárão uma descripção pintoresca da grande cidade: a estes recorreremos para dal-a a conhecer, porque a sua jerarchia e não vulgar intelligencia lhe dava a faculdade de bem examinar o paiz, que visitavão. Não se tinha ainda feito grandes mudanças depois da morte d'ElRei D. João III. « Posto que Lisboa seja vasta e nobre entre as cidades, não ha um só palacio de cidadão ou fidalgo, que mereça consideração pelo que toca á materia, e, debaixo do ponto de vista d'architectura, mal se pôde dizer que os edificios sejam grandes; todavia elles sabem ornal-os de tal modo, que, em abono da verdade, são lugares magnificos. Tem elles por costume armar as casas de seda de Damasco e de finissimo estofa no inverno, o qual no verão é substituido por mui ricos couros dourados, que na mesma cidade fabricão.

« As ruas, posto que largas, são mui incommodas, por causa das subidas e descidas, o que obriga os habitantes a fazer uso do cavallo. Por isso n'esta cidade se vê grande numero de mui formosos ginetes, que os Portuguezes comprão por todo o preço. Não fazem uso de coches, e as cinco ou seis carruagens, que ali havião, pertencião a Castelhanos, que seguião a corte. Tanto em geral as ruas são más e incommodas para andar a pé ou em carruagem, quanto é agradável a bella Rua Nova, em razão da sua extensão e largura. O



que sobre tudo contribue a tornal-a ássim, é o grande numero de lojas cheias de mercadorias para uso d'uma povoação nobre e rica. Entre estas lojas ha cinco ou seis, em que se vendem objectos provenientes da India, taes como: porcellanas finissimas de diversas especies, conchas, cocos trabalhados de differentes maneiras, pequenos cofres marchetados de madreperola, e outros objectos semelhantes. . . . Ha na mesma rua muitas lojas de livreiro, que vendem um numero infinito de livros portuguezes, castelhanos, italianos e latinos. Todos estes livros são mui caros, razão porque os estudantes, pela sua pobreza, preferem alugal-os a tanto por dia, em vez de os comprar. Não deve aqui esquecer que na praça chamada do Pelourinho velho, estão continuamente assentados, com uma meza adiante, certos escritores, a que se póde dar a nome de notarios ou copistas, sem algum character d'officiaes publicos, os quaes ganhão a vida por esta profissão: logo que qualquer individuo se apresenta, elles redigem em continente o que lhes pede; de modo que umas vezes compõe cartas d'amores, que tem grande consumo, outras escrevem elogios, petições, versos, orações funebres, requerimentos, ou qualquer outro objecto, em estilo lhano ou pomposo, como lhes parece.

« Perto da Rua Nova vê-se outras muitas ruas, cada uma das quaes tem suas lojas destinadas a um só genero de mercadorias. Nas ruas dos ourives, havião muitos vendedores mal providos de pedras preciosas, perolas, ambar e almiscar, em consequencia da demora da armada. A prata em Lisboa é trabalhada com delicadeza e variedade, toma infinitas formas, porque entre os cidadãos é costume, assim como entre os nobres, usar pratos e vasos fabricados d'este metal. Tambem ali ha lojas cheias de docès, fructos seccos, sobremezias dispostas com elegancia, de que se faz grande commercio, e que exportão para diversas partes do mundo. Ha uma rua, que é unica, em que se vende grande quantidade de téas de toda a especie, provenientes de Portugal, Flandres e Italia, e tambem lá se encontrão alguns lenços á mourisca,

que são excellentes e baratos. N'outro sitio, n'uma pequena rua, trabalhão no torno com delicadeza; fazem chapéos de sol de barba de baleia, obras mui bem acabadas; dos cocos fazem especies de taças com embutidos de páo do Brazil. Os vasos d'estanho, e muitos objectos d'este metal, se fabricão em grande numero n'outra rua, e são exportados para as Indias, onde produzem muito lucro (1). . . . .

Os habitantes de Lisboa, e de todo o reino de Portugal, são de mediana estatura, mais baixos que altos, de côr morena, tem a barba e os olhos pretos, apresentam em tudo muita similhaça com os Gregos. » O illustre viajante aqui entra em algumas particularidades sobre o modo de vestir das senhoras e dos cavalheiros de Lisboa; falla do luxo de sedas, que introduzio o dominio hespanhol, todavia affastado ainda do periodo de que tratamos; porem entendemos que os vestidos, que se observão nos retratos authenticos de Vasco da Gama, Albuquerque e D. João de Castro, offerecerião de certos trajes uma idéa muito mais clara, que todas as dissertações, ainda que fossem escritas por authores coevos; e completámos este golpe de vista pela reproducção d'uma estampa da Bibliotheca real, a qual é do decimo sexto seculo.

« Os Portuguezes, prosegue o nosso author, são mais cobiçosas de louvores que nenhuma outra nação; affirmão que suas façanhas são milagrosas, e celebrão a cidade de Lisboa com tal redundancia de palavras, que a fazem igual ás maiores cidades do mundo; por isso costumão elles dizer — *Quem não vê Lisboa, não vê cousa boa.* »

« O homem do povo quer que o tratem por senhor, máo costume commum a toda a Hespanha. Esta gente vive com par-

(1) O author dá n'este paragrapho muitas noticias ácerca do commercio das Indias, e nós as omitiremos para evitar repetições; porem o que é curioso da parte do viajante veneziano, é que depois de haver enumerado as mercadorias, que chegavão por a via do Egypto, confessa que tudo não subia á millessima parte do que trazião as armadas de Portugal.



*Michellis lith.*

*Lith. R. N. dos M.<sup>tes</sup> 70. 12. Ix<sup>o</sup>*

*Portuguezes no XVI.<sup>o</sup> Seculo.*



cimonia, porque em geral a povoação é pobre, e os ricos fundão a sua opulencia na posse d'uma ou duas aldeas, contendo trinta ou quarenta familias cada uma, e isto no meio de campos estereis, em que ha pequena porção de terra a cultivar . . . . Poucas são as pessoas, que se applicão ás letras, mas ha um grande numero, que se dá ao commercio, modo de vida aborrecido dos nobres, que não querem ouvir falar de cousa similhante, tendo por mui vis os mercadores; elles se exercitão nas armas e na picaria, contentando-se com alguns principios d'estas duas artes, sem se sujeitarem a um ensino mui prolongado.

«As mulheres portuguezas são notaveis por sua formosura e pela elegancia de suas proporções; tem cabellos naturalmente pretos, mas algumas ha, que os tem louros. A sua presença é agradável, e engraçadas suas feições: tem os olhos pretos e scintillantes, o que n'ellas augmenta a belleza; e com toda a sinceridade podemos affirmar que durante a nossa viagem pela Peninsula as mulheres, que mais formosas nos parecerão, são exactamente as de Lisboa (1) . . . .

«O modo de vestir das mulheres de Lisboa, é o mesmo de todas as da Hespanha: consiste n'uma grande capa de seda ou lã (segundo a condição) com que cobrem inteiramente o corpo, escondendo mesmo o rosto; d'esta sorte vão onde bem lhes parecé, tão perfeitamente desfarçadas, que não podem seus proprios maridos conhecel-as, privilegio de que tirão mais liberdade do que convem a mulheres bem nascidas e bem morigeradas. As senhoras nobres costumão andar pela cidade acompanhadas por criados bem vestidos, que as precedem com passo vagaroso, e seguidas por mulheres, que vão com muita gravidade: não considerão como signal de boa reputação andar acompanhadas por donzellas.

«O mesmo povo vive pobremente; o seu alimento quo-

(1) Aqui insiste o viajante veneziano sobre a quantidade de rebique, que as senhoras hespanholas punhão no rosto, no decimo sexto seculo; e observa que este uso era estranho ás Portuguezas.

tidião consiste em sardinhas cosidas e salgadas, que em grande abundancia se vendem por toda a cidade: raras vezes come carne, porque o peixe, de que acabamos de fallar, é alimento mais barato. Fóra da barra pesca-se peixe de toda a qualidade, mui grande, mas em geral menos saboroso que o das agoas de Veneza, e tão caro, que o seu preço admira os estrangeiros. Os pobres comem uma especie de pão muito máo, e por consequencia mui barato. E' feito do trigo do paiz, e cheio de terra, porque não é costume padejar o grão, que se móe nos moinhos de vento como são da eira. O pão alvo, o pão agradável ao gosto, é fabricado de trigo estrangeiro, que os navios de França, Flandres e Allemanha levão, quando vão a Lisboa em busca de sal ou especiarias. Este trigo, para dizer a verdade, tambem não é padejado, mas pobres mulheres o escolhem grão por grão: assentadas á porta de suas habitações, n'este trabalho se occupão com uma paciencia mais digna d'Allemaes que de Portuguezes. Estas mulheres tem licença de fabricar pão e vendel-o pela cidade, pelo preço, que lhes convem, o qual sempre é mui elevadô. O trigo vale a 280 rs. o alqueire. O povo tambem se alimenta de fructos, que abundão singularmente, e são baratissimos.

O vinho ordinario é pouco agradável, para não dizer máo, por que não o sabem fabricar. Custa geralmente a 24 rs. a canada; os vinhos finos são carissimos: os nossos embaixadores tem pago o vinho branco para uso de suas mezas a sessenta escudos a pipa.

« Pelo que toca aos comestiveis, não é em Lisboa que se devem procurar cousas mui exquisitas. Até a vitella ali é rara, porque não está em uso matar estes animaes, que são conservados para o trabalho dos campos, ou para provimento da cidade. Comtudo o porco, que é excellente, é o alimento ordinario. » O author italiano prosegue, e busca explicar quaes erão outr'ora os recursos pecuniarios do paiz: o que elle diz pôde ser ainda applicavel ao periodo de que tratamos. Os rendimentos reaes consistião nos direitos recebidos nas alfande-

gas de Lisboa e em todas as outras do reino; estes direitos são impostos ás mercadorias seccas e liquidas. Certos artigos pagavão o quinto, e alguns a decima parte. O peixe em muitos sitios pagava um imposto, que excedia a metade do total. Tambem havião rendimentos pagos em cereaes, vinhos e outros objectos; e as rendas dos gran-mestrados, a que pertencião as ilhas de S. Thomé, Terceira, Cabo Verde, Madeira, a ilha do Principe, ás quaes cumpre annexar a Mina, regiões, que todas dependião da ordem de Christo. As especiarias e outras mercadorias importadas annualmente da India e do Brazil, produzião tambem um direito forçado. A pesar d'este consideravel rendimento, nada todavia entrava no thesouro, porque tudo se despendia com as armadas, e na conservação dos Estados, que n'este paragrapho mencionamos.

Importa observar tambem que este rendimento se gastava em salarios d'officiaes, ou em pagar o ordenado dos ministros da justiça; despendia-se igualmente o sobredito rendimento multiplicando certas doações, designadas pelo nome de tenças, concedidas aos individuos, que bem merecião da coroa, ou aos fidalgos e outras pessoas, que havião servido a patria, em Africa ou nas Indias. «Empregava-se o referido rendimento em constituir privilegios perpetuos, que os reis vendião, e que são estabelecidos sobre os direitos reaes; d'elle se tiravão as despesas da tropa e das armas necessarias para defenza das praças d'Africa, e as que requerião cinco galés constantemente aparelhadas, o equipamento dos navios de transporte (navios redondos), que, todos os annos, saião em comboi, para acompanhar as frotas destinadas ao commercio de Portugal, ou que se tinhão prestes para expedil-as ao Brazil, Guiné, Mina e São Thomé. Definitivamente, do sobredito rendimento saião as pensões annuaes (moradias), os gastos da corte e casa real, o salario da gente de serviço, os presentes obrigados, as embaixadas, não omitindo os dotes concedidos ás filhas dos servidores da coroa, nem a despesa

para conservação das fortalezas, tanto do reino como de Lisboa.

*Commercio de Portugal e principalmente de Lisboa pelo meio do 16.º seculo.*

Damião de Goes, que escrevia de 1541, a 1542, publicou uma lista, que vamos reproduzir, resumindo-a e omitindo n'ella o que deixamos dito ácerca do commercio d'escravos, que subia a 40\$000 ducados (1).

Além d'uma grande quantidade d'ouro, a Africa expedia tambem algodão, marfim, e objectos habilmente fabricados d'esta materia; subministrava igualmente o ebano, a malagueta (*mala getulica*), couros de boi e marroquins, esteiras tecidas de folha de palmeira, pannos d'algodão, pimentão, e arroz. Das exportações do Brazil, Damião de Goes só menciona o páo para tinta e as maravilhosas capas de penas, que tão bem sabião tecer os Tupis; o mesmo escritor falla já do seu excellente açucar e das redes d'algodão, fructo da industria dos selvagens.

A India e o Catai, como chamavão ainda á China, entravão n'uma proporção mais consideravel quando se tratava de especificar o total da importação. Damião de Goes faz subir o commercio annual da pimenta só a trez ou quatro mil toneis pesando dez quintaes; vendião-na em Lisboa a trinta e quatro ducados as cem libras; depois menciona a gengibre, a noz moscada, a casca interior da mesma noz, o cravo da India, o ruibarbo, os myrabolanos de toda a especie, a canafistula, o tamarindo, o açafão indio, o páo d'aloé, o páo sandalo branco e vermelho, a laca, o ebano, as pedras preciosas do Oriente, e finalmente as perolos tão famosas do golfo d'Ormuz. Facil nos seria multiplicar esta nomenclatura, que outro vai completar. Além d'isto, ha um ponto em que nos devemos demorar: como procedia este commercio tão abun-

(1) Trata-se de ducados d'ouro.



dante, qual era o seu modo d'acção sobre os povos, qual o seu resultado, e como foi elle julgado desde o tempo de D. João III? A todas estas perguntas vai responder um habil economista.

*Considerações sobre a acção do commercio das Indias no 16.º seculo. — Comparação dos Portuguezes com os Venezianos.*

João de Barros definiu assim os trez modos do commercio, que os Portuguezes exercião nas Indias: « O primeiro, diz elle, tem lugar quando, nas terras e soberanias, que acabo de nomear, e que adquirimos por conquista, contratamos com os povos d'estes paizes, de vassallo a vassallo. O segundo modo consiste em fazer contratos perpetuos com os reis e senhores da região, para que, por preço convencionado, nos entreguem suas mercadorias e recebão as nossas, como succede com os reis de Cananor, Challe, Cochim, Couião e Ceylão, os quaes possuem as melhores especiarias das Indias. Observemos todavia que este modo de transacção só é applicavel ás especiarias, que elles entregão aos officiaes d'ElRei, que residem em suas feitorias, para dirigir a carregação dos navios de Portugal; por quanto, no que diz respeito aos outros artigos estranhos aos generos do Oriente, é licito a todo o Portuguez, ou a todo o natural do paiz, n'elles negociar; o preço d'estes objectos póde ser estabelecido a arbitrio dos contratantes, por não haver pauta, que os taxe no commercio. O terceiro modo consiste em mandar nossos navios áquellas regiões, e conformando-nos com os usos do paiz, contratamos com os indigenas, dando uma coisa em troca d'outra, aceitando o preço d'elles ou estabelecendo o nosso. »

O escritor portuguez, que vai subministrar-nos a importante exposição contida n'este paragrapho, com razão diz ácerca d'esta pagina de João de Barros: « E' evidente que d'estes trez modos, o primeiro e o terceiro podem ser considerados unicamente como o resultado d'um commercio li-

vre . . . o segundo só se poderia chamar commercio de monopolio, visto que em vez de receber a lei do mercado, o sujeitavão a uma taxa, ou a uma lei anterior. Como este negocio consistia em especiarias, base essencial de todo o nosso commercio nas colinas, pôde-se affirmar sem grande escrupulo que a natureza do que faziamos nas Indias era essencialmente despotica. Quaes erão os objectos de permutação? o cravo das Molucas, a noz moscada de Banda, pimenta e gengibre do Malabar, canella de Ceylão, ambar das Maldivas, sandalo de Timor, beijoim d'Achem, pão de Tek e couros de Cochim; o annil de Cambaia, pão de Solor, cavallõs d'Arabia, tapetes da Persia, sedas, damascos, a porcellana e almiscar da China, estofos de Bengala, perolas de Kallekar, diamantes de Narsinga, rubins do Pegu, ouro de Sumatra e de Leque, e, finalmente, a prata do Japão. Quem erão os compradores? os habitantes da Europa, reis, principes, potentados e vassallos, banqueiros, fabricantes e pessoas d'alto commercio. . . Toda a aristocracia d'aquelles tempos, sem omitir as dignidades ecclesiasticas, toda a gente, n'uma palavra, procurava as produções asiaticas; era mania universal, de que a miseria e os costumes grosseiros isentavão apenas o infeliz, o soldado, e o gentil-homem camponez. Veneza a rica, a soberana dos mares, a orgulhosa dominadora do Adriatico, o emporio das nações, a cidade sumptuosa, que erigia palacios de marmore quando o resto da Europa se provava de cabanas, ou de castellos feudaes; Veneza devia em grande parte sua preeminencia ás produções da Asia. Qual era o seu systema economico e commercial? Pôde-se dizer que elle differia essencialmente do nosso debaixo do ponto de vista mais importante, mesmo na época em que, adoptando um regimen exclusivo; a republica rodeava o seu commercio de privilegios e monopolios. Veneza, Estado livre, permittia ao ultimo de seus cidadãos as transacções mercantis sem reservas nem restricções, que erão reservadas para os estrangeiros; e nós, pelo contrario, na transição em que então estavamos, isto é, quando passavamos

d'um governo mixto a uma forma semelhante á monarchia absoluta, encorporavamos á corôa a propriedade, o dominio, por assim dizer, do commercio, em detrimento do povo, e dos direitos e interesses nacionaes. Em quanto a bandeira de São Marcos pelos mares discorria em busca das riquezas commerciaes, Veneza não esquecia seus recursos fabrís, nem a sua industria; e nós, applicados ao commercio colonial, por elle despresavamos as fabricas e, o que é peor, a agricultura; ao referido commercio nos entregavamos pelo unico instincto da cobiça, sem regra estabelecida, sem calculo, sem previdencia, e sem estabelecer principios conservadores, que assegurassem a sua duração.

Que Juizo faria João de Barros d'este novo systema commercial adoptado por nós? avaliava elle como devia a lição, que Veneza dava ao mundo, e o exemplo, que d'ella se podia tirar? Não é facil encontrar nas Decadas resposta a esta pergunta. Era isto uma reserva inspirada pela delicadeza da sua situação, como empregado publico, e como escritor do governo, ou receio de destrahir o facto mais transcendente da nossa historia? Era tambem habilidade do artista, que busca expôr a sua obra debaixo do mais brilhante aspecto, encobrando os seus defeitos mais notaveis? Seria antes a exigencia do plano adoptado pelo author, que se deixa vêr cheio do desejo de narrar um grande acto de religião e gloria, independentemente de qualquer outra consideração? O seu *Economico*, que nunca se imprimio, respondia talvez a todas estas questões... Porem transportemo-nos, homens d'este seculo prosaico e calculador, ao seculo d'aventuras e encantos em que elle se achava. Vivamos um momento, como elle vivia, n'uma athmosphera espessa de preocupações populares e erros politicos; deixemos chegar a nós o rumor, que elle ouviu, quando aclamações saudarão o desembarque do explorador das Indias, as felicitações da corte, a influencia tão contagiosa das festas, que em todo o reino se celebrarão, o entusiasmo, que se escapava de Portugal para pelo resto do mundo se espalhar, e refluir em torrentes para a patria; es-

cutemos ainda os brados de nossas victorias, soando do Ganges ao Tejo, e no mesmo Tejo... imaginemos o magnifico espectaculo das riquezas do Oriente; os navios das nações estrangeiras admirando a nossa fortuna e tornando-se tributarios do nosso commercio, as intimas sensações d'um povo pobre e pouco antes fraco, que de repente se vê elevado ao auge do dominio e da opulencia: sim, pensemos no que o nosso historiador houve de sentir e vêr n'aquella epoca d'heroismo e poesia! Que um momento nos abandone a prespicacia dos economistas e homens d'Estado a que alludimos, achar-nos-hemos actores ou espectadores d'este drama tão novo, tão variado, como elle se achou. Então teremos a explicação do seu silencio, se a sua reserva se pôde assim chamar, ou de seus erros, se é que os commetto.

Houve quem disse, e nós o sabemos, que antes da segunda expedição de Vasco da Gama, no anno de 1502, foi posto em discussão o negocio das Indias, e que a maioria do conselho, convocado por ElRei D. Manoel, patenteou a sua repugnancia á continuação da conquista. Lembravão-se que dos treze navios partidos dous annos antes; quatro se havião perdido com toda a gente, que n'elles ia. Presente na memoria tinhão as traições do Zamorim, os perigos, os trabalhos de toda a especie, porque passára o navegante portuguez... o consumo dos recursos do reino, as grandes difficuldades, que a conquista apresentava, o poder dos Mouros e o odio, que elles nos tinhão: todavia, o voto contrario prevaleceo, porque D. Manoel o applaudia. Que fosse inspiração divina, como quer João de Barros, ou motivo menos sublime, que determinasse ElRei a perseverar na sua empresa, esta foi por diante com applausos do mesmo povo, que antes fôra prodigo de murmurações contra os primeiros trabalhos, e primeiras tentativas do infante D. Henrique. (1)»

(1) Vid. A d'Oliveira Marreca: *João de Barros, Luiz Mendes de Vasconcellos e o Commercio da India*. Artigo publicado no *Panorama*, primeiro anno da segunda serie, p. 370

Difficil é sem duvida explicar com mais habilidade do que aqui as causas da fatal cegueira, que tão alto fez subir os Portuguezes, e que sem duvida alguma foi tambem a causa da sua rapida decadencia. O distincto escritor, de que transcrevemos estas considerações, tão bem como nós o sabe; além dos homens, cujo testemunho elle invoca, apparecerão desde o decimo sexto seculo escritores menos apaixonados que João de Barros, e que a experiencia tornava já mais previdentes que elle, cuja voz ensinava o povo e o soberano, quando era ainda tempo de se deter. D'entre elles cumpre talvez mencionar em primeiro lugar o virtuoso bispo de Silves, esse illustre Osorio, que com eloquencia tão christã pergunta desde quando a religião se tornou religião de cemitarra: depois d'este vem Heitor Pinto, e Couto; porem, como observa tambem o senhor Marreca, o mais poderoso de todos elles, e o mais sagaz em seus argumentos, é um escritor ignorado em França, e que seus proprios compatriotas mal conhecem, é esse Luiz Mendes de Vasconcellos, que ouzou estabelecer de modo tão energico em sua concisão, o resultado das immensas conquistas, de que presenciára a maior parte. N'esta grande causa inteiramente portugueza, emporta deixar fallar os proprios Portuguezes: aqui, em brado d'enthusiasmo, mais longe um ensino severo; não é assim a historia de todos os povos celebres!

Na obra de Vasconcellos, é um dos motores da conquista, Martim Affonso de Souza, que veremos logo figurar, que julga os descobrimentos como João de Barros precedentemente os julgou. « A conquista das Indias, diz elle, não nos deo campos para semear, nem prados em que nossos rebanhos pastassem; não nos subministrou lavradores, que cultivassem nossas terras, e, longe d'isto, ella nos priva d'aquelles, que para este uso nos servião, porque uns, incitados pela cobiça, outros arrebatados pelas necessidades da guerra, nos deixão mais desprovidos do que conviria. Por isso os que sobre este ponto meditão, dizem que ao presente ha muito mais terras incultas do que outr'ora havião, e que se aban-

donão as que já forão cultivadas; e de mais se pudesse isto ser negado veríamos menos florestas e mais terras araveis, por quanto, se nas cousas da India não se puzesse toda a esperança, a povoação por certo cuidaria do que tem a suas portas; o mesmo succede ácerca das outras industrias.» Porem eis-aqui quanto basta sobre este ponto para instruir o leitor. Vamos de novo fallar do Oriente, d'onde ao mesmo tempo vinhão tantas causas de destruição e prosperidade: nesta historia haverá um grande ensino, e ha de provir do mais desinteressado dos heroes: D. João de Castro vai apparecer; indispensaveis são aqui algumas palavras sobre o seu predecessor.

*Martim Affonso de Souza.*

Dizem que Martim Affonso de Souza, estando ainda proximo da infancia, foi incumbido por seu pai, o alcaide mór de Bragança, de acompanhar Gonçalo de Cordova, que o viera visitar; e que no momento da separação, querendo o illustre capitão offerecer uma rica cadêa d'ouro ao filho do seu hospede, este ousadamente lhe pediu a sua espada, que obteve, e em breve o modo porque d'ella usou. Como todos os heroes d'aquella idade, Martim Affonso de Souza mostrou um valor prematuro, uma sciencia da vida, que não se encontra no começo d'uma carreira. Depois de concluir seus estudos em Salamanca e de haver casado, commanda uma armada no anno de 1530, e na costa do Brazil executa os illustres feitos, que lhe grangeão o elogio de Camões. Vindo a ser um dos donatarios d'aquelle paiz, o fundador da sua primeira colonia regular, elle só se ausenta depois de haver deixado vestigios d'uma judiciosa administração, e de se ter assegurado de que a introducção da canna d'açucar n'aquella parte da America meridional seria uma origem quasi inexgotavel de riquezas. Martim Affonso prevê a rapida prosperidade agricola, que ninguem antes d'elle promove. Logo que volta a Lisboa, é nomeado capitão-general do mar das Indias, e a 12 de março de 1534 com cinco navios sáe do Tejo

para ir ao paiz, que ha de ser theatro da sua gloria. Pelo fim d'aquelle anno se acha em Goa, e o governador, D. Nuno da Cunha, commetendo-lhe o mando das forças navaes, lhe dá uma armada de quarenta velas, que elle deve dirigir contra a fortaleza de Damão, que em breve, diz um historiador portuguez, é destruida. (1)

Em Chaul se achava Martim Affonso de Souza quando o celebre e desafortunado sultão Bahdur, concebendo algum terror dos Mogores, de que antevia a inevitavel invasão, lhe mandou dizer que cederia um sitio não longe de Dio para n'elle se construir uma fortaleza, concessão, que os Portuguezes sobremaneira desejavão. Com intento de prevenir certa incostancia de resolução, que em Bahdur havia observado, o grande capitão parte em continente para Dio, e só dá noticia d'esta viagem ao governador das Indias; graças ao segredo e admiravel celeridade, tudo teve bom exito como se havia previsto. . . . Alguns dias mais tarde, um capitão d'incrível temeridade ousava meter-se quasi só n'um batel, para levar esta nova a ElRei: a diante narraremos a historia de Botelho Pereira.

Bahdur se affeiçoou de tal modo a Martim Affonso, que não hesitou em pedir o seu adjutorio e o dos Portuguezes contra inimigos, que cada dia se tornavão mais formidaveis. Apresentando o governo esta proposta em conselho, foi o capitão mór o primeiro que apoiou, e Bahdur deveo ao valor e habilidade d'este grande capitão a felicidade de não ser aniquilado pelos Mogores, ou de não ficar seu prisioneiro.

Havendo-se elevado na opinião dos principes da India por esta intervenção, Martim Affonso de Souza foi aniquillar o poder dos principes malabares na ilha de Repelim, que foi entregue ao saque; depois d'isto, tendo destruido e as-

(1) Vid. o excellento trabalho do senhor Francisco Adolfo de Varnhagem, socio da Academia das Sciencias de Lisboa, este trabalho precede um precioso volume intitulado: *Diario da navegação da armada, que foi a terra do Brazil em 1530, sob a capitania mór de Martim Affonso de Souza*. Lisboa, 1839, 1 vol. in-8.

solado todos os lugares maritimos, que reconhecião o dominio do soberano de Calicut, recebeu em Cochim a nova de que o rei de Cota, vassallo de Portugal, se achava em aperto, e em continente partio para Ceylão: A sua presença, como diz um historiador, era já sufficiente auxilio, mas em breve elle voltou suas disposições contra a armada auxiliar do Samorim, que foi derrotada, depois d'um violento combate.

O capitão general vigiava de novo a costa da Malabar, quando, saindo de Paname, o seu inimigo Pachi Marca o perseguio até Beadala, onde, como refere o senhor Adolfo Varnhagem, elle obteve uma victoria tão decisiva e tomou tamanho despojo, que julgou opportuno armar grande numero de cavalleiros. De passagem notaremos que este uso de conferir a ordem de cavallaria no campo de batalha em que se alcançava victoria só mui tarde foi pelos portuguezes abandonado. Em João de Barros se vê que esta acção famosa não tolheo Martim Affonso de Souza de ir mui opportunamente á ilha de Ceylão em soccorro do rei de Colombo, que soube manifestar a sua gratidão aos Portuguezes d'um modo verdadeiramente magnifico. Martim Affonso proseguia suas proezas, e castigava os piratas, que sulcavão aquelles mares, quando um aviso de Nuno da Cunha o compellio a voltar a Goa, que o exercito dos Turcos estava ameaçando; porem, quando o capitão mór chegou á capital das Indias portuguezas, D. Nuno se achava substituido por um ancião, D. Garcia de Noronha, que não queria acommetter, nem prescrever a ordem de pelear, o que desgostou Martim Affonso de Souza, que voltou a Lisboa, onde ElRei D. João III lhe fez um agazalho, mui capaz certamente de indemnizal-o dos trabalhos, que passára.

D. Garcia de Noronha era fallecido, e ainda em Portugal se ignorava este acontecimento quando D. João III occultamente conferio ao vencedor de Pachi Marca a dignidade futura de vice-rei das Indias. O poder não devia ainda assim pertencer-lhe senão por via de successão: elle ignorava mesmo que podia por seu turno entrar na posse d'este eminente



cargo, quando partio, a 7 d'abril de 1541, capitaneando uma pequena armada de cinco navios. Como se pôde ver em Lucena e Jorge Cardoso, que a este respeito referem curiosas particularidades, foi durante esta expedição que os jesuitas tomárão posse do collegio de Goa. Um santo missionario, a que compete lugar á parte n'esta celebre companhia, Francisco Xavier partio para as Indias com Martim Affonso de Souza.

A pequena armada aportou a Moçambique, recebeu a visita d'ElRei de Melinde, fez agoada em Soccotora, e surtiu no porto de Goa a 6 de maio de 1542. O filho do primeiro explorador das Indias, Estevão da Gama, que havia tomado posse do governo, porque era designado como segundo successor de D. Garcia de Noronha, entregou o poder ao novo vice-rei; porem, posto que desse algum tempo aos cuidados da administração, Martim Affonso de Souza pouco se demorou na capital das Indias. No mez d'outubro, a fortaleza de Batecala era por elle arrazada depois d'obstinada resistencia. Infelizmente, e n'outra expedição, elle não devia ser tão favorecido da fortuna, e a batalha de Tebilibicare custou mui cara aos Portuguezes.

Posto que a sua armada se achasse ainda n'um estado prospero, e que elle houvesse pago quarenta e cinco contos de dividas antigas, terminado o triennio do seu governo, Martim Affonso de Souza teve necessidade de descanso. A India, não obstante um certo melhoramento na sua situação, não era já o que fôra no tempo d'Almeida e Albuquerque: em menos de meio seculo, a corrupção dos colonos havia substituido a rudeza dos primeiros conquistadores. A mistura d'orgulho e vaidade, o habito da pilhagem inutil e d'uma destruição sem proveito, é o que se offerece ao espirito no meio d'algumas bellas acções. A India chamava um regenerador quando D. João III o entendeu a despeito de suas prevenções pessoaes. Antes d'encetar a narração, que deve por assim dizer terminar este grande periodo das conquistas, recitemos algumas palavras severas, que melhor farão comprehen-

der a tarefa, que por sorte coube ao decimo terceiro governador das Indias.

*Estado moral das Indias antes da chegada  
de D. João de Castro.*

Um escritor fancez do ultimo seculo mui bem resumio o periodo, que precedeo o governo de D. João de Castro: do referido author vamos transcrever esta rapida descripção: « Os Romanos, na sua maior prosperidade não tiveram um imperio muito mais consideravel: no meio de tanta gloria, os Portuguezes não se descuidarão da parte d'Africa, situada entre o mar Vermelho e o cabo da Boa Esperança, que fôra em todo o tempo tão famigerada pela riqueza de suas producções. Os mercadores arabes, que a occupavão, forão subjugados, e sobre suas ruinas se elevou um imperio, que se prolongava desde Sofala até Melinde, e cujo centro foi a ilha de Moçambique; o seu porto, que é excellente, veio a ser um lugar de descanso e um emporio para o vencedor.

« Tantas vantagens podião constituir um poder inabalavel, mas a inepecia d'alguns commandantes, o delirio dos successos, o abuso das riquezas e os vicios havião mudado os conquistadores.

« O rei de Tidor foi arrebatado e morto com seus filhas, que aos Portuguezes elle havia confiado. Os povos de Ceylão erão tratados com a mais dura barbaridade, a inquisição foi estabelecida em Goa; os tumulos dos imperadores da China forão roubados por Faria. Souza mandava demolir todos os pagodes das costas do Malabar, e degolar os que sobre as ruinas de seus templos ião derramar lagrimas; Corrêa jurava a observancia dos tratados sobre o Cancioneiro de Garcia de Rezende (1). . . .

(1) Em abono da verdade diremos, que se referio este facto, em si mui verdadeiro, d'um modo erroneo. Havendo João Corrêa concluido, em qualidade d'embaixador, um tratado com o rei de Pegu, assenta-se em prestar o juramento sobre os livros

Nuno da Cunha mandou passar ao fio da espada todos os habitantes da ilha de Damão, que offerecião ausentar-se se lhes permittissem levar com sigo as riquezas que possuão. Diogo da Silveira tomou no mar Vermelho um navio, com uma carregação consideravel, que o saudou, e que pedira passaporte a um general portuguez. E' certo que o dito passaporte só continha estas palavras: — «Rogo aos capitães dos navios d'ElRei de Portugal que se apoderem do navio d'este Mouro.» — Em breve os Portuguezes não tiverão uns para os outros mais humanidade e boa fé do que tinhão para com os habitantes do paiz. Seus costumes se tornárão um complexo d'avareza, devassidão, crueldade e devoção. Não tardou a molleza a introduzir-se nas casas e nos exercitos; ElRei de Portugal cessou de receber os tributos, que lhe pagavão mais de cento e cincoenta principes do Oriente: todos estes tributos, o rendimento das alfandegas, os impostos, não bastavão já para conservação d'algumas cidadellas e equipamento dos navios necessarios, tamanha era a rapina.»

D. João de Castro quiz pôr fim a tantos abusos.»

sagrados. Não havia uma biblia na embarcação de Correa, e só se encontrárão as *Horas canonicas em muito mau estado*. «Como o embaixador temeo que os idolatras julgassem mal da nossa religião á vista d'um livro tão mesquinho, lembrou-se de que tinha a bordo um Cancioneiro, então recentemente publicado, o qual, pela sua bella apparencia; era um livro muito mais respeitavel, pelo que se resolveo a usar d'elle n'aquella circumstancia. Lendo o sacerdote idolatra em voz alta uma passagem do livro sagrado, João Correa houve de fazer o mesmo. Foi então que por feliz acaso abrio o livro onde se achava citado o texto de Salomão — *Vanitas vanitatum et omnia vanitas*; o embaixador affirmou depois que n'elle excitára profundo sentimento religioso tal circumstancia, e que jurou com tanta devoção e respeito, que o seu juramento foi tão valioso, como se o houvesse prestado sobre os Santos Evangelhos. Dizem que o exemplar do Cancioneiro, tornado celebre por este acontecimento, se conservava no hospital da terra santa, que existe n'aquella cidade.

*D. João de Castro, quarto vice-rei das  
Índias.*

ElRei D. João III praticou certamente um acto d'alta sabedoria politica, nomeando para governar as Índias o homem eminente, que acabamos de mencionar; por quanto era necessario proseguir as conquistas, mas sobre tudo reformar os vencedores: em 1445 teve lugar o sobredito acto. Para melhor dar a conhecer o character do varão insigne, cuja historia vamos referir, cumpre retrogradar alguns annos, e vêr qual foi a escola em que elle se formou.

Aqui deixaremos fallar Jacinto Freire de Andrade.

«Foi D. João de Castro, diz este escritor, entre os de tão grande appellido illustre descendente. Passou os primeiros annos, cultivado nas letras, e virtudes, que soffre aquella idade, sendo tão facil o natural á disciplina, que não havia mister torcido, senão encaminhado. Como não era D. João herdeiro da casa de seus pais, dispunhão elles inclinalo a estudos maiores; porque nas casas grandes forão sempre n'este reino as letras o segundo morgado. Obedeceu D. João em quanto não tinha liberdade para engeitar, nem escolha para tomar outro exercicio.

«Aprendeo as mathematicas com Pedro Nunes, o maior homem, que d'esta profissão conheceo Portugal, fazendo-se tão singular n'esta sciencia, como se a houvera de ensinar. N'esta escola acompanhou o infante D. Luiz, a quem se fez familiar, ou pela qualidade, ou pelo engenho; porem como D. João amava as letras por obediencia, e as armas por destino, despresou, como pequena, a gloria das escolas, achando para seguir a guerra, em si inclinação, em seus avós exemplo.

«Era n'aquelle tempo clara a fama de D. Duarte de Menezes, governador de Tanger, cujo nome os Africanos ouviam com temor, e nós com reverencia. Considerava D. João



*Sa. Lith*

*Off. B. N. des M.<sup>es</sup> N.º 12.*

*D. João de Castro*



melhor suas victorias, que as figuras, e circulos d'Euclides, amando as artes em quanto podião servir ao valor.

Chegado aos dezoito annos, vendo-se mais crescido no brio, que na idade, fugindo se embarcou para Tanger, onde, contra o estilo d'aquellas praças, assistio nove annos, como quem queria fazer vida do que era só caminho. Em todas as occasiões d'aquella guerra se portou com esforço igual ao sangue, e maior que os annos, merecendo congratulações dos parentes, invejas dos soldados.

« D. Duarte de Menezes o respeitava, como se houvera lido n'esta historia as victorias d'Asia. Por suas mãos lhe quiz dar, e receber a honra de o armar cavalleiro, gloriando-se tão anticipadamente no filho da sua disciplina. E vendo que tão grandes espiritos merecião ser ajudados dos favores reaes, escreveo a ElRei D. João III, que mandou logo chamar a D. João de Castro por uma carta tão honrada, como se lhe não quizera fazer outra mercê, com a qual D. João se veio á corte, onde foi tão invejado pelas feridas, como pelos favores. ElRei lhe fez mercê da commenda de Salvaterra, acordando aos homens de novo seu merecimento a estimação com que os tratava.

« Mudou D. João d'estado, casando com D. Leonor Coutinho, sua prima segunda. Não lhe derão outro dote que as qualidades, e virtudes da esposa; porem sem os arrimos da fazenda, conservou o respeito de maneira, que era tratado de todos com veneração de rico, e lastima de pobre.

« Offereceu-se n'este tempo a jornada de Tunez, facção mais celebre pela victoria, que pela utilidade; de que não coube a D. João de Castro pequena parte na honra, e no perigo. O infante D. Luiz, principe digno d'empresas iguaes a seu valor, se resolveo achar n'esta jornada com o imperador seu cunhado, e ainda que ElRei D. João foi mui dissuadido com razões differentes, com tudo o infante interpretando a vontade d'ElRei, mais em favor do brio, que da obediencia, partio secretamente com alguns fidalgos. N'esta guerra D. João de Castro se portou de maneira, que o imperador o

quize armar cavalleiro, honra de que elle se escusou com verdade, de o haver já sido por outras mãos, que o que lhe faltava de reaes, tinham de valorosas.

« O imperador Carlos, que da negociação de Barba-Roxa em Constantinopla andava cuidadoso, entendendo que aquelle tronco, de quem cortára as ramas, não ficára tão secco, que com calor alheio, não pudesse brotar novo veneno: teve industria para saber a resolução do Turco ácerca da invasão de Hespanha; e ainda que o primeiro golpe ameaçava a Ceita, como nunca a corrente da victoria pára onde começa, não querendo cair tambem sobre nossas ruinas, mandou armar navios, alistar gente, dobrar os presidios nos portos do Estreito, escrevendo a ElRei D. João seu cunhado os avisos, que tinha, para que juntos dispusessem a resistencia do commun inimigo.

« Chegada a Portugal esta nova, tratou logo ElRei de fortificar Ceita, que não tinha outra defenza, que a que ensinava a disciplina d'aquelles tempos. Governava então Ceita D. Antonio de Noronha, a quem ElRei encômmendou a fortificação, e defenza, mandando-lhe gente, materiaes, e engenheiros. Pedia o imperador a ElRei, que mandasse saír a armada, para que unida com a que tinha em Cadiz, á ordem de D. Alvaro Bação, esperasse o inimigo na boca do Estreito, onde em qualquer successo terião no abrigo de seus portos segura a retirada. Posto o negocio em conselho, pareceo que as armas se juntassem, porque não ficasse sobre nossas forças todo o peso da guerra.

« Entrou ElRei em consideração de buscar quem governasse a armada, e dado que no reino havia muitos homens, a quem as experiencias, e perigos de nossas conquistas tinham feito soldados, o nome de D. João de Castro se fazia lugar entre os maiores. Sabemos que ElRei D. João, ainda que o amava por valoroso, lhe era pouco affecto por altivo. Estava já com velas metidas toda a armada, e embarcada muita parte da nobreza do reino, e os soldados na expectação de quem havia de governar facção tão importante; quan-



do de repente se divulgou a nomeação em D. João de Castro, feita com geral satisfação, ainda dos mesmos pretendentes.

« Aos doze dias d'agosto de 1543 se fez á vela toda a armada, e em poucos dias com ventos de servir, surgiu á vista de Gibraltar, onde achou sobre ferro a armada imperial, que recebeo a nossa com toda a cortezia naval. Veio logo D. Alvaro Bação com os principaes cabos da armada visitar a D. João de Castro ao mar, onde lhe deo conta das noticias, que tinha do inimigo, que segundo os avisos, a primeira invasão seria sobre Ceita. Ali se discorreo, como unidas as armadas de dous tão grandes principes, convinha á reputação de umas, e outras armas pelejar com o inimigo; que dado que viesse com maiores forças, pelejavamos nos nossos mares á vista de nossos portos; que no conflito nos podião soccorrer com gente descansada; e os navios destroçados terião o abrigo visinho; que quando bem a victoria se inclinasse aos Turcos, ficarião tão quebrados, que não podessem intentar facção nas praças do Estreito.

« Tomada esta resolução, ficarão os soldados alvoroçados, e os cabos solícitos nas ordens, e disposiçõe de tão grande negocio; quando de repente chegarão apressados avisos, que Barba-Roxa com toda a armada junta demandava o Estreito. Mandou logo D. João de Castro recolher alguma gente, que andava em terra, dar ordens aos capitães, empavesar navios, e avisar a D. Alvaro de como se levava. O qual com a imaginada vista do inimigo, resfriando d'aquelle ardor primeiro, escreveu a D. João de Castro, que novos casos necessitavão de novos conselhos; e que pelas noticias das espias, sabia que Barba-Roxa trazia dobrado numero de baixes do que as armadas tinhão; que não era intenção, nem serviço de seus principes, perderem-se com risco tão sabido; que estando aquellas armadas inteiras não podia o inimigo intentar cousa grande; e se acaso na peleja ficassem destroçadas, ficarião as praças do Estreito por premio da victoria; que elle em deixar de pelejar se violentava muito, mas que

primeiro estava o serviço do Cezar que o brio dos particulares; que lhe pedia recolhesse n'aquelle porto a armada, e que da resolução dos Turcos tomarião mais seguro conselho.

« D. João de Castro respondeo ao general castelhano, que elle não mudava de opinião á vista do inimigo; que bastava para animar os Turcos o verem-se temidos; que pois elles pretendião pisar terras de Hespanha, as armadas se devião arriscar pela reputação, quanto mais pela injuria; que juizo havia de fazer o mundo das forças de dous tão grandes principes, quando se colligavão para fazer a Barba-Roxa a guerra defensiva! deixando senhorear a bandeira do Turco nossos mares á vista das aguias do imperio e Quinas de Portugal; que elle se resolvia em esperar o inimigo, seguro de lhe imputarem culpa em um, e outro acontecimento, porque no máo successo, os perdidos não davão conta de nada, e aos victoriosos de nada se pedia.

« Mas nem esta resolução bastou para o general castelhano D. Alvaro Bação mudar de conselho. D. João de Castro se poz na boca do Estreito, aonde esteve surto trez dias; aqui teve aviso, que se fizera em outra volta a armada do inimigo, por dissensões, que houverão entre os cabos maiores, ou como em outras memorias achamos, por haver recebido Barba-Roxa novas ordens do Turco, que recolhesse a armada; porem a gentileza com que D. João de Castro o esperou no Estreito, mereceo dos presentes inveja, e dos futuros gloria; pois para conseguir uma illustre victoria, não faltou o valor, faltou o conflicto; bem que d'esta generosa resolução, se fizerão em Hespanha juizos differentes, pondo-lhe nota aquelles, que a todas as acções não vulgares, chamão temeridades; porem eu creio, que ainda os que mais condemnarão esta acção, tomárão ser os authores della.

*D. João de Castro é proposto pelo infante D. Luiz para o governo da India; sua partida para aquella região:*

« Irresoluto ElRei na escolha de varão, de quem pudesse fiar o peso de tão grande governo, perguntou ao infante D. Luiz, quem no estado presente fizera governador da India? O qual lhe significou o conceito, que tinha dos espiritos de D. João de Castro, porque ainda que na occasião do Estreito a muitos havia parecido que se houvera com animo sobejo, é certo, que não haveria soldado, que não estimasse ser réo de tão honrada culpa; e que dado que seus emollos o arguião de altivo e retirado, por não pedir mercês, nem cortejar ministros, erão estes defeitos de tão boa qualidade, que vinhão a ser melhores os vicios de D. João, que as virtudes de outros; que não via quem pudesse conservar a disciplina da primitiva India senão D. João de Castro; que lhe era affeiçãoado por suas qualidades, porem tão livremente, que seus merecimentos ainda separados do sujeito amára em qualquer outro.

« Approvou ElRêi a inculca feita pelo infante, e mandando chamar a D. João de Castro a Evora, onde tinha sua corte, lhe disse em sala publica. — Andei estes dias cuidadoso em buscar varão, que governasse o Estado da India, e não duvidava podel-o achar na familia dos Castros, de cujo tronco os senhores reis meus antecessores tirarão sempre generaes para os exercitos, regentes para os povos; assim me prometto, que de tão valôrosa raiz não pôde de-generar o fructo, mórmente se medir as futuras acções pelas passadas, as quaes vos tem dado justo nome na opinião do reino, e estimação na minha; pelo que confiadamente vos encommendo o governo da India, aonde espero procedais de maneira, que possa dar vossas acções como regimento aos que vos succederem. — » D. João beijou a mão

a ElRei, mais agradecido á honra, que ao officio, estimando só de tão grande cargo o não o haver buscado.

«Aprestou D. João a armada brevemente, sem violencia, nem queixa dos pequenos, porque ainda então as extorções com que os ministros maiores armão á graça dos principes, se não usavão, ou se não conhecião. Aos dezêsete de março de 1545 desafferrou do porto toda a armada, e a poucos dias de viagem foi avisado o governador, que na sua náção quasi 200 pessoas, que recebem ração sem assentarem praça; uns que por inúteis não forão recebidos, e outros que por delictos se embarcãrão escondidos. Passados alguns dias começou-se a conhecer a falta dos mantimentos, com o que muitos erão de parecer, que se lançasse esta gente nas ilhas de Cabo Verde; porem o governador considerando que os ares e o terreno das ilhas, buscadas fóra de monção, erão conhecidamente nocivos, resolveo amparar os miseraveis no seu mesmo navio, dizendo que era deshumanidade lançar do mar a quem fugia da terra. Assim forão navegando com tempos escassos, até que lhe entrárão os geraes na costa de Guiné, onde a náção do governador tocando, esteve soçobrada, sendo, na opinião dos mareantes, aquelles mares limpos, e aonde a carta não sinalava baixos. Foi a confusão como de quem se via beber a morte inopinadamente, as horas, e o temor fazião maior o perigo, até que a náção estando atravessada, e sem governo, começou a sordir sobre a vaga.

«Seguindo o governador sua viagem com toda a armada junta, surgiu em Moçambique, onde o seu primeiro cuidado foi a desembarcação, e commodidade dos enfermos, ajudado de seus filhos D. Alvaro e D. Fernando. Os dias, que o governador esteve em Moçambique notou que a fortaleza, que ali tem o Estado, era obra mal entendida, por estar em distancia da praia, difficil aos provimentos, e soccorros de nossas armadas, situada em lugar baixo, aonde podia ser batida de muitas eminencias, que a senhoreavão. Communicou este negocio com as pessoas, que d'esta arte tinhão al-

guma luz por uso, ou disciplina, e a todos parecerão os erros da fortificação notados com juizo. Succedeo logo a execução ao conselho, e escolhido sitio conveniente, determinou materiaes, e mestres para a nova defensão; e como isto se obrava aos olhos do governador, os fidalgos á volta dos piões acarretavão as pedras: umas que servião á lisonja, outras ao edificio.

«Posta já em defensão a fortaleza, e reparada a saúde dos enfermos, com os ares, e refrescos da terra, deo o governador á vela, navegando sempre com ventos de servir, ferrou a 10 de setembro a barra de Goa, onde por um navio, que se adiantou, soube Martim Affonso de Souza que tinha o successor vesinho, dispondo-se a recebê-lo com festas, que mostrassem o gosto com que agasalhava o hospede, e deixava o governo.

*Diligencias do Hidalcão para conservar o  
throno usurpado a Meale.*

«Morto Bazarb príncipe de Balagate, no tempo que foi governador Nuno da Cunha, ficou Meale ainda no berço da sua infancia, havido por indubitavel successor da coroa. Era o Hidalcão n'este tempo a segunda pessoa do reino em authoridade, a primeira em valor, porque nas guerras dos príncipes vesinhos, tinha dado de suas obras um testemunho grande. E como estes barbaros mais reinão por occasião, que por justiça, o Hidalcão vendo que suas forças, e a impossibilidade do herdeiro lhe abrião larga porta á ambição da coroa, começou a solicitar os corações dos grandes, com os quaes artificialmente se lastimava da miseria do reino com successor menino, como quem havião de servir, ou soffrer como a reis todos os seus validos; que os príncipes com quem trazião guerra, não perderião a occasião de os acabar vendo no berço quem os havia de defender; que buscassem um varão, onde havião tantos, para salvar a patria, que elle seria o primeiro que lhe obedecesse, porque o governo do rei-

no não podia esperar os tardos movimentos com que a natureza havia de dar a um menino primeiro forças, depois entendimento; que quando com inutil obediencia, abraçado aos peitos das amas adorassem Meale, não duvidava que por conservarem o rei, perderião o reino. Mostrou-se logo affavel com os povos, com os soldados liberal, como quem não queria imperar para si, senão para elles, valendo-se ambiciosamente de todas as virtudes, não como necessarias para viver, senão para reinar. Chegárão em fim os principaes a offerecer-lhe a coroa, crendo, que sempre se acordasse que fôra creatura de seus mesmos vassallos, ao qual sempre seria grata a memoria de tão grande beneficio.

« Era o Hidalção liberal, e valoroso, e sem duvida fôra um grande principe, se conservára o reino com as mesmas virtudes com que soube adquirir-o; porem logo que se vio obedecido, cessárão aquellas artes fingidas, como não tinham movimento natural, e rebentárão a ambição, e soberba, como vicios de casa. Não tratou logo de matar a Meale, ou por clemencia fingida, ou por crueldade nova, querendo quiçá, que o pobre principe com obediencia servil lhe authorisasse o sceptro, que lhe tiranizava. Os satrapas do reino vende-se fôra de tempo arrependidos, e que já não podião ser traidores, nem leaes sem perigo, andayão consultando meios de assegurar Meale da tirania do Hidalção, como se tivera o desgraçado principe mais justiça para viver, do que para reinar. Nestes discursos passárão alguns annos, nos quaes Meale chegou a idade que podia conhecer seu perigo, e considerando que sua presença arguia a consciencia culpada do tirano, o qual maquinava com seu sangue apagar a memoria da intruzão da coroa, aconselhado dos mesmos, que lhe tirárão o reino, se passou a Cambaya, onde foi bem recebido, mostrando o rei e o povo que se compadecião de miserias reaes; porem como aquelles favores tinham mais de ambição que de piedade, chegárão a durar pouco, porque só os primeiros dias lhe fizerão tratamento como a rei, os outros como a perseguido. Comtudo Meale se deixou ficar em

Cambaya, havendo por mais toleraveis os favores do hospede que as injurias do tirano.

« Entretanto o maior cuidado do Hidalcão era destruir aquelles, que lhe derão a coroa, que ainda que como cúmplices da traição, lhe puderão ser gratos, os aborrecia, ou porque lhe acordavão a obrigação, ou o delicto. E como já vivia temeroso de suas mesmas obras entendeu que mais o podia assegurar a crueldade que a clemencia; assim o fez duas vezes cruel, a vicio, e a necessidade. Aos maiores foi usurpando as fazendas para os igualar com a plebe, com pretexto de castigar delictos impostos, ou esquecidos, cobrindo a tirania com sombras de justiça, crendo que com abaixar os poderosos se fazia aceito aos pequenos. Porem elles vendo que não bastava o soffrimento, consultárão meios de restituir Meale, uns por vingança, outros por remedio. Fizerão suas juntas secretas, onde tomárão differentes acordos, os quaes lhes fazia variar, cada dia o temor, e a difficuldade do negocio, mais arduo na execução que no conselho. Acabárão em fim de apurar a obediencia forçada com os agravos novos; tentárão pois com a morte do Hidalcão remir a culpa, a infamia da traição passada; não sendo d'este voto os atrevidos, senão os desesperados, porque já o Hidalcão n'este tempo vivia com forças de rei, e cautellas de tirano. Era assistido do povo, que aborrecendo o rei, amava as crueldades executadas contra a nobreza. Os conjurados temerosos de si mesmos, e que com adilação se fazião os odios mais remissos, e a paciencia servil, se fazia costume, vendo que para tão grande empreza não tinham forças proprias, buscárão as alheas. Acordárão communicar o negocio com Martim Affonso de Souza, governador então do Estado da India, pedindo-lhe mandasse vir Meale de Cambaya, e o tivessem em Goa.

« Persuadido Martim Affonso que este fogo de discordia, que começava a arder entre o Hidalcão, e os seus, convinha mais sopral-o que extinguil-o, e que seria util ao Estado enfraquecer um visinho soldado, e poderoso; cobrin-

do estas conveniencias com causas mais honestas, quaes erão pôr á sombra de nossas armas um principe desapossado, e perseguido, resolveo mandar buscar Meale a Cambaya. Recebida do Mouro tão inopinada mensagem, embarcando-se com sua pobre familia, aportou a Goa, onde foi recebido do governador com grandes honras, mais merecidas de seu sangue, que de sua fortuna. Derramada por toda aquella costa a vinda do Meale, que já começava a reinar nos animos de muitos, tomou o seu partido maiores forças entre os conjurados, vendo que já a força de novas armas amparava sua causa, e que começava a soar bem seu nome nos ouvidos do povo.

« Considerando o Hidalção, que o Estado não chamára Meale só para segurar a pessoa, mas defender a causa, cujas armas como victoriosas, e visinhas lhe erão mais formidaveis, mandou a Martim Affonso de Souza uma embaixada, significando-lhe como tinha sabido que estava em seu poder Meale, a quem parecia que a fortuna andava guardando para perturbar a paz do Oriente; que sabia como fora chamado d'alguns sediciosos, que cansados de obedecer, querião crear senhores novos a quem poder mandar; que elle Hidalção não referia as razões, que tivera, para tomar a coroa, porque se os principes houvessem de dar razão de seu direito, não haveria differença entre os reis, e plebeos; que a justiça dos principes havia de ser julgada de Deos, e não dos homens; que o mundo tinha já recebido, que em materia de reinar não havia differença de causa a causa, mas de pessoa a pessoa; que não negava que Meale apoucado, e cobarde era de geração real, mas que o erro que fizera a natureza, emendára a fortuna, dando-lhe o reino a elle ousado, e valoroso; quanto mais que a natureza só aos leões dera com o nascimento a coroa, aos homens deixára que a ganhassem; que muitas cousas parecião do mundo, por menos costumadas, injustiças; que tomar para si o reino, que era digno d'elle, os primeiros o recebem como escandalo, os outros como lei; que Meale fôra o homem mais vil, que nascera em seu reino, e elle o mais feliz; e que naturalmente os ho-



mens aborrecião os monstros da natureza, e amavão os da fortuna; que nos perguntassemos a nós, com que acções senhoreavamos a Asia? que parentesco tinhamos com o Sabayo para nos deixar Goa? em que grão estavamos com Sultão Badur para lhe herdarmos Dio? se o Achem nos deixára Malaca em testamento? e tantas praças quantas por todo o Oriente nos pagãvao tributo? que nos rogãvao não infamassemos n'elle os mesmos titulos com que nos faziamos do mundo absolutos senhores; que não tirassemos a Deos o cuidado de governar o mundo, pois nascendo no ultimo occidente, queriamos emendar as desordens da Asia; que nos fazia saber que nos seus reinos havião minas de metaes diferentes; que de umas tirava para os amigos ouro, e de outras para os inimigos ferro; que ultimamente pedia a elle governador lhe entregasse Meale, porque na clemencia, que com elle usasse, se visse que era digno de reinar quem assim tratava seu maior inimigo; que seus embaixadores levãvao ordem para assentar todas as conveniencias do Estado.

«Recebida por Martim Affonso a carta, e ouvidos os embaixadores do Hidalção, entendeo d'elles, que pela pessoa de Meale offerecião 150\$000 pardãos, e as terras firmes de Bardez e Sasete, importantes ao Estado pelos rendimentos, e visinhança de Goa. Pareceo a Martim Affonso que o negocio era de muito peso, e que a ambas as faces mostrava utilidades grandes, porque restituir a um principe, e abai-xar um tirano, era empreza digna de armas christãs, da qual recebia não vulgar reputação o Estado, mostrando ao mundo, que não passãvao nossas bandeiras a Asia a usurpar reinos, nem adquirir riquezas, pois só tratãvao de que os Pagãos, e Mouros do Oriente guardassem a Deos fidelidade, e justiça entre si. Por outra parte discorria, que Meale quando chegasse a reinar depois de larga guerra, não podia dar ao Estado mais, que o Hidalção sem ella offerecia; e que como estes Mouros por odio, e religião erãvao sempre inimigos, rir-se-hia o mundo se visse que com nosso sangue destruiamos um infiel e criavamos outro, quando da ruina d'am-

los pendia nossa prosperidade; mormente, que não passarão a India nossas armas a defender os inimigos da fé, senão a destruil-os. Que se Meale não achára amparo em El-Rei de Cambaia, de quem era parente, porque o havia de esperar dos Portuguezes, de quem era inimigo? que quando se visse restituído, e poderoso, a primeira lança, que se arrojasse contra o Estado, havia de ser a sua, porque lhe seria suspeitosa a visinhança de homens tão valerosos, que o fizerão rei; e que para nos aborrecer, bastava a memoria de tão grande beneficio.

Resoluto em fim Martim Affonso a entregar Meale por fundamentos menos considerados, despedio os embaixadores, e com elles a Galvão Viegas, com largos poderes para assentar o contrato na forma referida, mandando logo tomar posse das terras firmes, em virtude da offerta do Hidalcão, com beneplacito de seus embaixadores.

«N'este estado achou D. João de Castro as cousas de Meale, pedido agora pelo Hidalcão com nova embaixada, em fé do capitulado com seu antecessor; porém D. João com differente acordo respondeo ao Hidalcão que os Portuguezes erão fieis aos inimigos, quanto mais aos hospedes; que as propostas de seu antecessor mais forão para conhecer a causa que para resolvel-a; que as terras firmes pertencião ao Estado por doações mais antigas, e que dos rendimentos era justo alimentar Meale por gratidão dos reis seus antecessores, que as vincularão ao Estado; que o deixasse lograr quieto esta pequena memoria de seu direito, e que o amparar o Estado sua pessoa atégora não era protecção, senão piedade; que não alterasse a paz com impacientes armas, porque então viria a fazer certo o que temia, irritando o Estado para que se fizesse author de uma, e outra vingança. E porque seus embaixadores apontavão, que com a negação de Meale seria forçoso o rompimento, lhe lembrava, que as mais das fortalezas, que fizemos na India, tinhão os alicerces sobre cinzas de reinos abrazados; que os Portuguezes tinhão a condição do mar, que com as tormentas se levanta, e cresce;

que elle assim como nós buscava a guerra, tão pouco a sabia engeitar.

« Entendida pelo Hidalcão a resolução do governador, recorreo á justiça das armas, não cessando de inquietar os nossos com ordinarias correrias nas terras firmes, a cuja causa se resolveo o governador a dar-lhe o golpe onde mais o sentisse. Mandou logo embarcar a seu filho D. Alvaro na armada, que aprestára, com ordem que nos portos do Hidalcão fizesse todo o damno possível, offerecendo aos soldados escala franca, para com as esperanças do sacco, os fazer dissimular alguns soldos vencidos, que lhes devia o Estado.

« Saio D. Alvaro com 900 Portuguezes, e 400 Indios em seis navios, e alguns baixéis de remo, e a poucos dias de viagem houve vista de quatro náos do Hidalcão, que navegavão a Cambaya. Mandou logo D. Alvaro aos capitães que lhe pusessem a prôa, e aos navios de remo, que se fossem coendo com a terra, se acaso o inimigo tentasse de encalhar desesperado. Erão as náos de mercadores, com pouca guarnição de soldados, e vendo que não p odião fugir, nem defender-se, mandárão á capitania dous Mouros mercadores, que entre razões, e lagrimas se mostravão innocentes nas discordias do Hidalcão com o Estado, offerecendo para os gastos da armada um justo donativo; porém, nem a cobiça dos soldados, nem a razão da guerra soffria que os ouvissem; assim forão as náos entradas, e mandadas a Goa, para que conforme o bando do governador se repartisse a presa. Chegadas estas náos ao porto de Goa, foi estranho o alvoroço do povo, vendo que uma a outra se alcançavão as victorias, louvando na primeira o esforço do pai, na segunda a fortuna do filho.

« Vendo D. Alvaro que as occasiões, e o tempo pelejavão por elle, e que tinha os soldados contentes, por terem já em seguro o fructo da jornada, mandou ao seu piloto, que governasse ao porto de Cambre, onde o Hidalcão tinha dobrado as guarnições depois do rompimento. Havia duas fortalezas na entrada da barra com artilheria grossa, e pela es-

treiteza do canal não podião nossas náos passar, nem surgir sem perigo evidente. Consultou D. Alvaro com os capitães da armada as difficuldades, que se representavão, e a todos parecerão dignas de se reparar, dizendo, que empresas voluntarias não se acommettião com risco tão sabido; que maior guerra se fazia ao Hidalção senhoreando-lhe seus mares, fazendo presas, e tolhendo o commercio á vista de seus olhos; que nas facções de terra era maior o risco que o porveito; que o canal vião estava tão cingido d'aquellas fortalezas, que os nossos navios havião de passar quasi roçando a sua artilheria; que o primeiro navio que desaparelhassem impediria a passagem dos outros. E como D. Alvaro instasse, que era preciso executar as ordens, que levava que erão saltar em terra, e abrasar os portos do inimigo, lhe explicárão no conselho, propondo que ficasse elle no mar mandando, e que os capitães dos mais navios commetterião a barra; do que D. Alvaro indignado, atalhou a pratica dizendo, que elle não queria victorias, onde o seu perigo não fosse igual ao do menor soldado, porque só para a obediencia era seu general, e para o risco era seu companheiro; que a instrucção, que trazia do governador, era ariscar sua pessoa facilmente, a seus soldados com grande necessidade; que os riscos, que lhe representavão, ainda lhe parecião mais pequenos que os que vinha a buscar, porque a honra não se ganhava, sem perigo; que de Portugal viera a buscar este dia, que esperava fosse muito formoso para todos; e que n'esta resolução não queria conselho, só na forma de acommetter lhes pedia consultassem o modo. A temeridade do general desculpárão então o brio, e a mocidade, e depois o successo. Assentou-se que a gente passasse aos bateis, e que no quarto d'alva pojasse em terra, ainda mal declarada a luz do dia, para que as peças do inimigo não pudessem fazer certa a pontaria. Aquella noite se aperceberão todos, vendo já no semblante do general uns longes da victoria. Deixada guarnição necessaria nos navios, saltou o general em terra com 800 homens escolhidos, e com tão declarada fortuna, que dando nos bateis muitas ballas, não hou-

ve alguma que matasse, ou ferisse soldado, sendo este accidente para a victoria, disposição, ou principio.

« Era a cidade de 5:000 visinhos, derramada por uma estendida planicie. As casas entre si desunidas, e independentes umas das outras. Tinha ao norte uma pequena serra, d'onde descião alguns rios sem nome, que assim servião ao deleite, como á fertilidade da campanha. Fôra a cidade antigamente habitada de Bramones, e agora de Mouros mercatores; lugar entre os Orientaes sempre famoso, então pela suprestição, agora pela riqueza. Não tinha o lugar defensão de muros, ou trincheiras, assegurados seus habitantes, ou na grandeza do senhor, ou na paz dos principes visinhos; porem ao presenté, como a guerra, que faziamos ao Hidalção, começou por victorias, virão os Mouros seu perigo em seus mesmos exemplos; assim trouxerão para defender a cidade 2:000 soldados pagos, que com a milicia da terra fizerão numero bastante a defendel-os.

« Estes vierão debaixo de suas bandeiras, impedir a desembarcação aos nossos, com tanta ousadia, que nos embaraçárão espaço grande pelejando a pé firme, e tão travados, que não podião os nossos soldados ajudar-se da espingardaria, da qual só receberão a primeira carga com notavel constancia. Aqui deo D. Alvaro mostras do seu valor, e acordo, inflamando os seus na peleja, já com palavras, já com o exemplo de suas obras. Virão-se em fim tão apertados os nossos, que mais pelejavão pela vida do que pela victoria; por espaço de uma hora esteve duvidoso o successo, até que um grande troço dos moradores, cortados, do temor, e do ferro, desamparárão o campo, mostrando no primeiro conflicto valor mais que de homens; no segundo menos que de mulheres: cousa muito ordinaria nos bisonhos, succeder o maior temor á maior ousadia. Com o exemplo d'estes se forão os outros retirando tímidos, e desordenados. N'esta volta receberão os Mouros grande damno, porque quasi sem resistencia perecião, sendo os que caião tantos, que estrovavão a fugida aos outros.

« Entrarão os nossos de envolta com os Mouros a cidade, onde os miseraveis se detinhão presos do amor, e lagrimas das mulheres, e filhos, que acompanhavão já com piedade inutil, mais como testemunhas de seu sangue, que defensores d'elle; taes houve, que abraçadas com as maridos se deixavão trespassar de nossas lanças, inventando os miseraveis nova dor, como remedio novo; dos nossos soldados, uns as roubavão, outros as defendião. Algumas d'estas mulheres com desesperado amor se metião por entre as esquadras armadas a buscar os seus mortos, mostrando animo para perder as vidas. Ganhamos em fim a cidade com menos damno que perigo: dos Mouros pereceo a maior parte, uns no conflicto, os mais na retirada: dos nossos morrerão vinte e dous; forão mais os feridos, em que entrou o general de uma setta. Fof necessario acabar um estrago, para começar outro. Cessou a ira, começou a cobiça. Mandou D. Alvaro dar a cidade a sacco, onde o despojo igualou a victoria, porque não tinhão os Mouros posto em salvo cousa alguma; forão em fim as fazendas tantas, que senão puderão recolher aos navios. Deixou D. Alvaro a cidade entregue a um pequeno horror nas povoações visinhas, por ser este lugar de toda a costa o mais rico, e deffensavel, que quasi servia aos outros de muro, agora de miseravel exemplo.

« Levou-se o general com toda a armada, e se fez na volta de Goa a descarregar os navios, que com o muito peso ião empachados, determinando deixar ali os feridos, e alguns enfermos, para tornar a continuar a guerra, a qual desejavão os soldados, contentes da liberalidade, e fortuna do general. Chegou primeiro a nova, que os navios, a Goa, e o governador fez grande estimação da victoria, a plebe dos despojos. Logo se teve aviso, que os que escapárão da rota forão representar ao Hidalcão o miseravel destroço da cidade, e entre a primeira dor dos filhos, e parentes, contavão o segundo estrago das fazendas, e edeficios, onde a voracidade do fogo deixára tão confuzas umas, e outras cinzas, que não podião chorar os seus mortos com lagrimas dis-

tinctas. Dizião ao Hidalcão, que se com tal gente determinava continuar a guerra, irião habitar os desertos, onde não verião estas fêras do Occidente, nascidas para escandalo, e ruina da Asia.

« O Hidalcão vendo a fortuna de nossas armas, as queixas, e o estrago dos visinhos, e muitas vontades alheas de seu serviço, inclinou o animo á paz para remediar as discordias, e sedições de casa, e pondo em conselho o estado das cousas presentes, a todos pareceo que devião cobrir seus agravos com uma paz fingida, esperando que o tempo lhes mostrasse monção mais opportuna, para com as forças d'alguns reis offendidos commetter o Estado juntamente; e como estes Mouros mais guerreão pela conveniencia que pela injuria, mandou o Hidalcão embaixadores ao governador, desculpando a guerra, que fizera, com frivolas escusas, e acordando os beneficios, que de sua amizade recebera o Estado.

« O governador ouviu os embaixadores em sala publica com grande authoridade, respondendo-lhes que assim como não buscava a guerra, tão pouco a sabia engeitar, que a propriedade do Estado consistia em ter mais inimigos, porque com despojos, e victorias se engrandecera sempre; mas que tambem nunca negára a paz a quem com obras, e amizade fiel a merecia; que elle queria privar a seus soldados das commodidades, que d'esta guerra se promettião; mas que soubesse, que o primeiro dia, que tinha de rei, era este em que capitulava paz com os Portuguezes. Assim despedio os embaixadores assombrados de animo tão altivo; e com este mesmo desprezo tratou sempre as guerras do Oriente, nas quaes mostrou valor igual á sua fortuna.

« Voltou logo o animo ao expediente dos negocios particulares, premiando os soldados, que havião servido, aos quaes deixava tão satisfeitos do despacho, como do agrado deo capitães ás fortalezas vagas, em quanto os providos por ElRei não entravão; fazendo do merecimento dos homens estimação tão justa, que nem á conveniencia, nem ao Estado ficava devedor.

*Trata ElRei de Cambaya de tomar Dio.*

« Mahamud rei de Cambaya , herdeiro da corôa , e da injuria de Badur , inflammada igualmente da gloria , e da vingança , emprehendo tomar aos Portuguezes Dio , e lançal-os da India ; negocio (ou parecer dos seus) não mui difficil. Os grandes , e satrapas do reino se partião em pareceres differentes ; entre todos Coge Çofar , o mais poderoso , e aborrecido de Cambaya , e que da privança d'ElRei lograva a melhor parte ; persuadia cauteloso a guerra , crendo que com o perigo commum cessarião as invejas de sua fortuna. Foi Coge Çofar de nação Albanez , filho de paiz catholicos ; servio alguns annos nas guerras d'Italia , mais conhecido por insolente , que soldado ; mudou de profissão , passando de soldado a mercador , porque era intelligente , e cobiçoso , e para seus intentos era este caminho mais breve , e seguro. Começou em pouco tempo a crescer nos tratos , de sorte que navegando o Estreito com trez sétias suas , carregadas de differentes drogas , encontrou a Rax Solimão , general do soldão do Cairo , que o investio , rendeo , e despojou. Solimão o apresentou ao soldão , como prisioneiro de maior porte , fazendo mais estimação da pessoa que da presa , Começou Coge Çofar a contentar-se de sua desgraça , como se a buscára ; tinha sufficiente pratica da guerra , fallava no poder dos christãos com odio e desprezo. Com estes artificios veio o soldão a pôr os olhos no escravo para cousas maiores ; começou a ouvil-o , ao principio por curiosidade , logo por afeição. Chegou a ser thesoureiro do Cairo. Era o seu voto de maior peso nos conselhos de guerra. Nas facções contra christãos , votava com grande bizarrria , particularmente nas que se havião de executar por outros ; assim cresceo de maneira , que já não podia com a sua mesma fortuna ; fez-se senhor dos lugares , buscando com maior attenção os postos que os amigos ; os quaes já não queria para arrimo , nem para companhia ; só do soldão queria parecer escravo , dos outros senhor ; até



que cansados os Mouros de tão servil paciência, começaram a publicar queixas com que perturbar o animo do soldão na graça de Coge Çofar; assim lhe representarão seus agravos, dizendo, que já era escusado armar galés contra christãos, se depois havião de fazer senhores a seus mesmos escravos, quando os Turcos mais nobres recebião dos christãos tão cruel tratamento, que andavão por Italia, e Hespanha arrastando cadeas; que não era toleravel que tantos baxás illustres estivessem recebendo leis d'um escravo; que ainda que vião com seus olhos cada dia suas mesmas injurias, já não podião soffrer as do Propheta; não entrando em suas mesquitas um vil christão, soberbo, e irreverente, que não faltava jámais, que nas praças do Cairo, mandar levantar cruzes, e adoral-as.

« Forão estas cousas bem ouvidas do soldão, privando a Çofar dos cargos, e mandando-lhe que mudasse de crença: tão caduca é a graça dos principes, ainda com suas creaturas mesmas.

« Vendo-se Çofar caído tornou a vestir a primeira humildade; e como de christão só conservava o nome, e memoria, facil lhe foi trocar pelo veneno do Alcorão a saude Evangelica, mudando o nome imposto no baptismo pelo que lhe demos antecipadamente, por ignorarmos o primeiro que teve. Feito Çofar cultor de Mafamede, começou a grangear maiores desconfianças com os Mouros; mas conhecendo a instabilidade do soldão, temeroso de segunda queda, matando uma noite á traição a Rox Solimão seu mortal inimigo, com um filho, que tinha, juntou as joias e dinheiro, que pôde, e se passou secretamente ao serviço d'ElRei de Cambaya, de cuja grandeza tinha inteiras noticias, da estimação, que fazia de homens estrangeiros, principalmente dos que tinhão alguma pratica das guerras, e policia da Europa. Respondeo o successo ao pensamento, porque em breve tempo chegou a gozar a melhor parte da graça de Badur, sendo companheiro de suas victorias, e de suas desgraças, achando-se na ultima de sua morte. Conservando com Mahamud, successor da

corôa, a mesma estimação, o inflammava na vingança da morte de Badur.

« As razões de Coge Çofar forão bem ouvidas, ElRei lhe commetteo a empreza, como a maior que todos no zelo, e disciplina. Começou logo a dar calor aos aprestos; e despachou embaixadores a Constantinopla convidando o Turco a restaurar o credito de suas armas com a expulsão dos Portuguezes da India.

« Era neste tempo D. João Mascarenhas capitão mór de D'ó, a quem o nascimento fez em Portugal grande, o valor no Oriente; varão tão benemerito de sua fama como, de sua fortuna. Este sabendo por intelligencias secretas os designios de Coge Çofar, e que todos os seus apercebimentos ameaçavão aquella fortaleza, escreveu ao governador D. João de Castro avisos que tinha, e como estava falto de gente, munições, e petrechos. Acrescentava, que os aprestos do soldão estavão mui ávante, o inimigo visinho, e que os temporaes do inverno não tardarião muito, com que ficarião cerradas as portas ao soccorro. Quando D. João de Castro recebeu este aviso tinha já mandado 200 soldados áquella fortaleza, debaixo das capitánias de D. João, e D. Pedro d'Almeida.

« Em quanto Coge Çofar juntava bagagens, e soccorros, escreveu a D. João Mascarenhas, que desejava tirar qualquer escandalo, que perturbasse a paz capitulada entre o soldão e o Estado, para que se lograssem com reciproco amor os frutos de tão justa concordia; que no ajustamento passado tinhamos dado consentimento a que se fizesse um muro entre a fortaleza, e a cidade, o que se não executára per não mostrar desconfianças em tão tenra amizade; porem agora, que a paz de tantos annos tinha purgado qualquer injusto affecto, convinha satisfazer ao povo, que pedia esta separação, como signal da liberdade em que vivia; que quando por aquella parte desmantelámos a cidade, fôra com a ira, ou licença da victoria, e que não querião os moradores acordar-se cada dia de sua injuria com tão fêa memoria; que os signaes do odio, como não estavão no animo, não era bem que se

conservassem nas pedras derribabas ; pois que eramos em Dio, não convinha dar leis como senhores ; que de vassallos alheios deviamos querer amizade, e não obediencia, que o soltão lhe dera aquella cidade, a qual determinava emgrandecer com novos moradores, aos quaes queria mostrar, que aquella fortaleza não estava como freio, senão como amparo de seus habitadores ; que aos Portuguezes convinha dar grandes satisfações ao povo, para assegurar uma paz fundada sobre agravos.

« Por esta carta entendeu D. João Mascarenhas, que Coge Çofar buscara causas ao rompimento, havendo, que se lhe concedia o muro, facilitava a empreza ; se lho negava, justificava a guerra ; e assim lhe respondeo, que em uma paz tão assentada, como Mahamud tinha com o Estado, mais seguro lhe seria derribar paredes, que intentar levantá-las ; que o muro nem a nós seria de perigo, nem a elles de amparo ; que entre a fortaleza, e a cidade estava outro reparo maior, que a defensão, que era a fidelidade portugueza ; que do novo senhorio lhe dava o parabem, e que dos Portuguezes, que ali estavam, fizesse a mesma conta que dos outros vassallos ; que o negocio, que propunha, tocava ao governador da India, o qual estava aprestando a armada para vir visitar aquella fortaleza, que chegado elle lhe communicaria a sua proposta.

« Coge Çofar entrou na cidade com 8000 soldados, 60 peças grossas, munições, e bastimentos de homem, que anuvia a duração do sitio. Trazia 1000 janizaros no campo com avantajado soldo, os quaes com a sua ordinaria soberba desprezavão a empreza.

« Tornou Coge Çofar a tentar o animo de João Mascarenhas, com condições mais graves, instando na porfia de levantar o muro, e pedindo que as náos do soltão, seu senhor, pudessem navegar livres sem cartazes de nossos generaes. Pedio mais, que as náos de mercadores não fossem obrigadas a tomar aquella porto, D. João Mascarenhas lhe respondeo, que entre tambores, e bombardas, não se fazião acordos de amizade ; que aquella fortaleza estava costumada

a dar leis a todos, e não a recebê-las de ninguém; que em breve esperava castigá-lo, como aquebrantador das pazes; e que então soffreria a seu pezar condições mais duras, escritas com o sangue de seus mesmos Janizaros.

« Já n'este tempo o governador tinha feito aprestar nove embarcações com estranha brevidade; dizendo aos soldados, que occasião tão honrada, só a havia de fiar dos seus mimosos; que elle trocára agora prisões do seu cargo, pela liberdade de qualquer soldado; que ainda que estava resolutu em ir descercar Dio, não podia negar as invejas, que tinha aos que primeiro que elle havião de vir a braços com os Turcos. E logo chamando a seu filho D. Fernando, lhe disse em sala publica — Eu vos mando, com este soccorro a Dio, que « pelos avisos que tenho, hoje estará cercado de multidão de « Turcos; pelo que toca a vossa pessoa não fico com cuidado, « porque por cada pedra d'aquella fortaleza. arrescarei um « filho. Encommendo-vos, que tñhais lembrança d'aquelles « de quem vindes, que para a linhagem são vossos avós, e pa- « ra as obras são vossos exemplos; fazei por merecêr o ap- « pelido, que herdastes, acordando-vos que o nascimento em « todos é igual, as obras fazem os homens differentes, e lem- « bro-vos, que o que vier mais honrado, esse será meu fi- « lho. Esta é a benção, que nos deixárão nossos maiores, mor- « rer gloriosamente pela lei, pelo rei, e pela patria. Eu vos « ponho no caminho da honra, em vós está agora ganhá-la. —

« Escreveo o governador a D. João Mascarenhas uma carta mui honrada, dizendo-lhe, quanto maior cousa era n'esta occasião ser capitão de Dio, que governador da India; que n'aquelle soccorro lhe mandava seu filho D. Fernando, para que depois no reino, entre as vanglorias da velhice, contasse que fôra seu soldado; que estivesse certo, que todas as forças do Estado se havião de empenhar na defesa d'aquella fortaleza, que n'aquelles navios fão muitos fidalgos moços, cujo orgulho devia moderar, porque a obrigação dos cercados só era defender-se; que ali lhe mandava munições, que bastavão a esperar segundo soccorro, dous engenheiros, e mai-

tos officiaes mechanicos para reparar as ruinas da bataria, com os instrumentos e materiaes convenientes.

*Começa Coger Çofar a bater a fortaleza.*

«Quinta feira maior do anno de 1546, amanheceo visinho á fortaleza um baluarte entulhado de terra amassada, com suas bombardeiras, en'ellas algumas peças grossas; maquina, que espantou aos nossos, pelo silencio, e brevidade com que se havia obrado; mostrando bem, que não era esta fabrica desenho de multidão barbara, e confusa. Logo começaram a bater ditosamente a nossa fortaleza, porque nos cegarão quatro peças, das quaes a sua bataria recebia mais damno.

«O bom successo d'este dia lhe deo para os outros conselho, formando em cinco noites cinco fortes em proporcionada distancia, para darem geral assalto por brechas diferentes, a que não podião resistir divididos tão poucos defensores. Ao designio pudera responder o successo, se o nosso forte do mar, que estava a cavalleiro dos seus, lhes não fizera tanto damno, que julgárão lhes convinha acudir primeiro ao reparo, que á offensa. Callárão as bombardas dous dias, em quanto para segurança da primeira fabrica maquinárão segunda. Lançárão ao már uma não alterosa cheia de polvora, alcatrão, e outros materiaes dispostos ao fogo; estes dispozerão na primeira cuberta, como ardil reservado a segundo intento; por cima d'elles fizeram uma grande esplanada, onde podião pelejar quasi 200 homens, para com elles intentar a escala; ficara a não senhoreando o forte, d'onde com a vantagem do numero, e lugar da peleja, entendião que serião os nossos entrados facilmente; e quando a resistencia fosse tão porfiada, deixada a não, lhe pegárião fogo, que ateadado no forte, o abrasaria, sem damno, nem perigo dos seus; e que logo occupadas as ruinas, que deixasse o fogo, sobre ellas levantarião outro, d'onde se pudesse bater a nossa fortaleza, ficando os seus baluartes seguros d'es-

te padraſto, com que poderia laborar ſem damno a ſua artilleria.

« Da obra, e do intento teve o capitão mór aviso por eſpias, que trazia no campo, e chamando o capitão do mar Jacomo Leite, ſoldado de grande confiança, lhe diſſe, que lhe não queria roubar a hoara, que tocava ao ſeu poſto; que eſtimasse, que a primeira facção d'ęſte cerco foſſe ſua; e praticando-lhe tudo o referido, lhe ordenou, que na ſegunda vigia da noite, tivesse tudo a ponto. Saio Jacomo Leite na hora determinada com dous catures, e trinta ſoldados, remando á vóga ſurda, e emproando com a náó, a começou a ſervir de muitas panelas de polvora; virão os Mouros ſeu perigo com o meſmo fogo, que os estava abrasando, e acudindo ás armas, turbados do temor, e do ſono, ſe defendião com uma reſistencia timida, e confuſa, impedindo-ſe uns aos outros com as vozes, e desacordo, cauſado do ſubito acomettimento. Alguns ſe começaram a lançar ao mar, eſtes fizerão aos outros caminho, e exemplo; em fim entre queixas, e alaridos deſpejarão a náó, fazendo pôr em armas o campo todo. Teve Jacomo Leite tempo para dar um cabo á náó, e trazel-a atoadá; a quem o capitão mór deo muitos abraços, e louvores, eſtimando eſte ſucceſſo por dar á guerra tão ditoso principio.

« Inſtavão os Turcos porque ſe deſſe o aſſalto, porque já em muitos lugares pelas ruínas da bataria, ſe podia ſubir ao muro; porem Coje Çofar os detinha, ou esperando maior poder, ou querendo que o trabalho, e feridas quebrantassem o orgulho dos noſſos; cuja furia eſperava domar com lentas armas, apurando as forças, as munições, e ainda a paciencia dos cercados; diſcurſo, que não era de todo errado, porque o inverno, que começava furioso, impossibilitava os ſoccorros neceſſarios, e forçosos desde o primeiro dia, em razão de que os deſcuidos da paz, e a ſubita invaſão do inimigo, tinha os noſſos menos aperecebidos para ſoſter o peso d'eſta guerra; ſendo n'eſta parte tão demaſiada a noſſa confiança, que depois do cerco de Antonio da Silveira, só com o

respeito d'aquella victoria se defendia a praça; e D. João Mascarenhas se achava só com 40 barrís de polvora de bombardarda, e 20 de mosquete; a estreiteza de mantimentos, como de homens, que primeiro virão a guerra, que a esperassem; os defensores erão 200 soldados, os mais d'elles soldados de guarnição, a quem a gloria d'este primeiro cerco deo a primeira fama.

«Traziaõ ao capitão mór sollicito o estado das cousas, e a incerteza dos soccorros, que importava encubrir tão cautamente aos de casa, como aos de fora, e não queria nos principios do cerco taxar os mantimentos, e munições, vendo por uma parte ser damnoso, e por outra preciso; quando as vigias lhe vierão dar aviso, que a uma vista parecião nove velas, e que pela feição dos vasos mostravão serem nossas. Chegárão os soldados todos ao muro com o alvoroço d'esta nova, causando variedade nos juizos a distancia da vista, e cerração do tempo; porem dentro de uma hora divisárão as bandeiras de quadra, e logo com as armas reaes a capitania, que com os ventos ponteiros, vinha forçando as ondas em demanda da nossa fortaleza. Vinhão todas com flamulas, e galhardetes, empavezadas, e guerreiras. Salvárão logo as torres, d'onde lhes responderão com a mesma cortezia naval. Os Mouros lhe tirárão muitas peças de terra, em quanto davão fundo. Forão desembarcando as munições, e mantimentos, trás elles os soldados, e o ultimo de todos D. Fernando; ou fosse instrucção do pai, ou brio do filho.

«O capitão mór depois de receber aquelles fidalgos, como companheiros de sua fortuna, sabendo que vinha ali D. Fernando, o foi buscar ao navio, e o encontrou na escada da fortaleza, por onde já subia, e levando-o nos braços, lhe disse palavras accomodadas ao lugar, e tempo, e offerecendo-lhe sua mesma pousada, a não quiz aceitar D. Fernando, pedindo-lhe, que aquella honra lhe poupasse para o tempõ de paz, que agora o baluarte mais arriscado havia de ser a sua guardaroupa, porque lhe não prestaria o sono um passo des-

viado da muralha. D. João Mascarenhas o tornou a abraçar, espantado de ver espiritos varonis em annos tão verdes.

« Continuava Coge Çofar as obras da fortificação com não menos perigo que trabalho, e com porfia tão barbara, e cruel, que os mesmos corpos dos gastadores, que os nossos matavão, lhe servião ao entulho, usando de tão deshumana disciplina, quiçá por encobrir o damno, que começava já a ser conhecido no exercito. Mandou Coge Çofar assestar nas estancias 60 peças grossas, sem outra artilharia miuda, de que era maior o numero. Aos cinco baluartes, que havia levantado, assegurou com novos muros, cobrindo os gastadores com paredes torcidas, em tantas voltas, que os não podia pescar a nossa artilharia. Com este artificio chegarão os Mouros a senhorear a cava da fortaleza, onde arrastarão 18 peças, com que tirarão 15 dias continuos, fazendo na fortaleza tal estrago, que os nossos, por ultimo remedio, se reparavão com suas mesmas ruinas, fazendo contramuros, e reparos, das pedras derribadas.

« Tinhamos já perdido 80 homens, e mais de 100 feridos, e pela ruim qualidade dos mantimentos, muitos andavão enfermos. As munições em grande parte gastadas, tinhão reduzido os nossos a perigoso estado; o que entendido por Coge Çofar, mandou reforçar as baterias, crendo que não poderião durar os animos em tão quebrantadas forças; e logo avisou ao soltão, que estava em Champanel, que se viesse ao campo para lhe entregar a fortaleza com o primeiro assalto. Na fé d'esta promessa acudio o soltão com 10,000 de cavallo, e grão parte de sua corte.

« Pareceo aos nossos que a alegria do campo solemnizada com duplicadas salvas, seria no recebimento dos Turcos, que esperavão. Logo D. João Mascarenhas ordenou a Fernão Carvalho, capitão do forte do mar, que mandasse uma almadia a tomar lingoa, porque as espias, que trazia no campo, ou se havião feito dobres, ou erão descobertas; o que se fez na mesma noite, trazendo-nos um Mouro, que referio a vinda do soltão, as promessas de Coge Çofar, e confianças



da empreza. Mandou o capitão mór soltar o Mouro, e que dissesse a ElRei de Cambaya, que lhe pedia se detivesse no exercito, porque esperava ir-lhe pagar a visita a seus alojamentos.

«D. João Mascarenhas, que pelo aperto do sitio não tinha avisos certos dos designios do inimigo, praticou com os fidalgos, e cavalleiros, quanto importava tomar alguma lingua. Ouvio esta pratica Diogo de Anaya Coutinho, que logo se offereceo ao capitão mór; e lançado do muro por uma corda, assegurado do escuro da noite, encaminhou aos quartéis do inimigo; a poucos passos vio junto a si dous Mouros, que estavão praticando; derribou com um bote de lança a um d'elles, e abraçando-se com o outro, o levou até ás portas da fortaleza, d'onde o levãrão ao capitão mór com o seu prisioneiro. Vendo-se Diogo de Anaya na fortaleza sem capacidade, se tornou pela mesina corda a derribar do muro, e buscando-o á vista d'um exercito já alterado, o recolheo, e trouxe, tão temerario, como ditoso.

«O baluarte Sanctiago, como mais fraco, fêz maiores ruinas, e já n'elle podião os Turcos pelejar quasi iguaes aos nossos; não ficou na fortaleza parapeito, nem amea, que não fosse arrasada; e do baluarte S. João até o de Sanctiago, todo o lanço do muro estava aberto, com que ao trabalho do dia succedia o da noite, sendo impossivel a tão poucos defensores reparar em poucas horas o estrago d'uma fortaleza por tantas partes rota; porem todos conformes se dispunhão ao trabalho, que não podião vencer, nem escusar.

«Acudirão as mulheres da fortaleza a acarretar os materiaes para a defenza sobindo sem temor ao muro, tropeçando em lanças, espadas, e pelouros; taes houve, que vestindo armas, fizerão aos inimigos rosto; entre todas mereceo maior gloria Isabel Fernandes, a quem nossos escritores chamão — a Velha de Dio — Despendeo parte de seus bens esta grande matrona em mimos, e regalos, com que no mais vivo do conflictó alentava os soldados, exhortando-os á defen-

sa, e á peleja, com razões maiores que d'um espirito, e juizo feminil.

«Vendo Coge Çofar, que tudo quanto suas armas aruinavão de dia, nossa industria reparava de noite, maquinou um artificio mais subtil pela traça, que util pelo successo. Defronte do baluarte S. Thomé determinou levantar outro, que lhe ficasse igual, ou eminente, para que batido pelo alto derribasse as ameas, tolhendo pelejar aos defensores, e ainda de noite, poder fazer reparos, ficando as peças para aquella parte assestadas de dia, com pontaria certa. A quantidade dos gastadores, que servião o campo, era outro novo exercito, com que a obra medrava sem tempo, e sem medida. Entre tanto a artilheria do nosso baluarte jogava com damno do inimigo, porque como esta peonagem servia amontoada, e descoberta, não se tirava da fortaleza tiro algum perdido.

«Reparou Coge Çofar no damno, ordenando que na obra se trabalhasse de noite, para que fosse menor o effeito de nossos tiros. D. João Mascarenhas mandou cobrir de luminarias a fortaleza, para que os gastadores, que trabalhavão amparados no escuro da noite, ficassem expostos ao mesmo perigo, que de dia. Porem Coge Çofar, que tinha pratica aprendida na milicia da Europa, mandou fazer estradas torcidas, e encobertas, por onde continuárão os Mouros mais seguros a elevação do forte, gastando a nossa artilharia balas inuteis, e perdidas.

«Deo o negocio ao capitão mér cuidado porque crescendo aquella maquina, não ficava na fortaleza lugar algum seguro. Posto o caso em conselho, todos conhecião o perigo, e nenhum o remedio. Alguns com mais ousadia, que prudencia, votárão que saíssem os nossos, e lhes estorvassem a obra a risco descoberto. Poucos approvárão este conselho, nenhum sabia dar outro. Fizerão os nossos algumas sortidas, porem de pouco effeito, porque o inimigo tinha com grossa escolta assegurados os postos aos gastadores; mas como nos apertos grandes é o perigo o melhor conselheiro, lembrou-se D. João

Mascarenhas, que na fortaleza havia uma eminencia, que sobrelevava o forte S. Thomé, por cima do qual podia jogar a artilharia. Aqui mandou cavalgar algumas peças, as quaes tirárão com tão ditoso effeito, que em poucos dias derribárão aquella maquina, levantada, e caída com o sangue dos que a fabricárão. Coge Çofar emprehendeo cegar a cava com as mesmas ruinas; o que lhe era mais facil, por ser obra que não havia mister medida, disposição, ou engenho.

«Começarão 20000 piões a cobrir a cava com os materiaes do forte. Entre tanto um grande troço do exercito com dardos, settas, e espingardaria impedia os nossos assomar-se ao muro. Cresceo a obra, e perigo nos cercados; porque como os altos da fortaleza estavam desmantelados, pouco que subisse o terrapleno, ficava igual ao muro. Desvelava-se o capitão mór por lhe frustrar o intento, e vacillando nos meios convenientes, alguns velhos criados na fortaleza, lhe disserão, que no lugar onde estavam, tinha o muro um postigo, que o discurso dos tempos cobrira com terra movidiça, e que por aquella parte sem risco, e com facil trabalho se podia furtar o entulho. Mandou o capitão mór cavar, e achou o postigo accomodado a seu intento. Saião os nossos de noite, e furtavão o entulho por baixo, deixando a superficie vã, que cobria os vazios, solidos na apparencia do inimigo; porem como aquella terra estava no ar violentada, trouxe-a seu mesmo peso ao centro, caindo todo aquelle vulto fantastico á vista do inimigo.

«Foi logo Coge Çofar avisado da industria, com que lhe frustravamos tão custoso trabalho, e acudindo áquella parte, saio da fortaleza uma bala perdida, que no meio d'um esquadrão de Turcos lhe levou a cabeça. Houve no exercito sentimento publico pela falta de tão grande soldado. Virão os nossos com destemperadas caixas, e arrastadas bandeiras dar sepultura ao corpo com todo o funeral militar. Jurou logo seu filho Rumeção sobre o sangue do pai tomar justa vingança, que entre elles a dôr, e a ira é a ultima piedade, offerecem em sacrificio a seus defuntos.

*Segundo periodo do cerco de Dio.*

Sucedeo Rumeção ao pai no odio, e cargo, continuando a guerra tão empenhado pela dôr, como pelo officio. Mandou continuar por seis partes o entulho da cava, crescendo por toda a parte a obra, que Rumeção esforçava, como disposição para nos dar o assalto. Já não havia na fortaleza 200 homens defensores, uns rendidos do trabalho, outros de enfermidades, e feridas. Faltavão munições, e mantimentos; os mares verdes, o inverno furioso, tiravão toda a esperança de soccorro.

« O vigario da fortaleza, João Coelho, se offereceo ao capitão mór para a despeito dos temporaes tentar os mares, e aportando em Baçaim, ou Chaul, significar aos capitães o estado das cousas; e d'ahi avisar o governader por correios de terra, promettendo na fé do habito voltar a Dio com a primeira resposta. O capitão lhe mandou logo equipar um catur com 12 marinheiros, onde o deixaremos lutando com as ondas.

« Os Mouros trabalhavão por força no entulho da cava, mas Rumeção cruel, e impetuoso, os mandava morrer, ou aturar no trabalho. Em fim chegarão a igualar a cava, e pelo baluarte de Gil Goutinbo, que se não podia entu'har, atravessárão grandes mastros com taboas pregadas, que lhes servião de ponte, para picar o muro, o que se lhes não podia defender com a artilheria, por trabalharem cobertos.

*Assalta o inimigo o baluarte S. João e o  
de S. Thomé.*

« Aos 19 de julho do anno de 1546, em roda da fortaleza appareceo 'o exercito inimigo. Juzarcão com 1:500 soldados escolhidos accometteo o baluarte S. João, cujos defensores, que não passavão de 30, esperarão o primeiro impeto do inimigo com tanta gentileza, que rebaterão os pri-

meiros 80, que subirão. Logo lhes succederão outros, fazendo-lhes a subida mais facil os corpos dos que cairão mortos. Rumeção com os Turcos assaltou o baluarte S. Thomé, e como gente pelo valor escolhida, pela nação soberba, arremeterão tão furiosos, que pelas lanças dos nossos intentavão subir atravessados, buscando pela morte a victoria. O inimigo sempre com nova gente reforçava o assalto, os nossos valendo-se de umas mesmas forças, se mostravão superiores aos primeiros, iguaes aos ultimos. Em fim os nossos este dia fizerão cousas maravilhosas, mais faceis de ajuizar pelo successo, do que pela escritura. Depois de duas horas de peleja, parecia que começava o assalto, obrando Rumeção, como quem queria acabar a guerra em um só dia. D. João Mascarenhas se mostrou não só capitão, mas ainda companheiro de todos nos maiores perigos.

« Vendo Rumeção os muitos mortos, que estavam em torno dos baluartes, e que os seus acodião já com obediencia mais remissa, mandou tocar a recolher; retirando os mortos e feridos, como para encobrir aos seus o damno, aos nossos a victoria; porem d'elles mesmos soubemos, que perderão 500 soldados n'este assalto.

« D. João Mascarenhas avisou por um catur ao governador do estado das cousas, significando-lhe a falta que tinha de gente, munições, e mantimentos. N'este catur se embarcou Sebastião de Sá a rogo do capitão mór, e chegou a Bacaim cora o catur quasi soçobrado, acodindo a recebê-lo, e hospital-o, D. Jeronimo de Menezes, capitão da fortaleza, enviando logo ao governador as cartas com os avisos de D. João Mascarenhas.

« Entendendo o governador o aperto do sitio, as forças do inimigo, a falta em que os nossos estavam de gente, e bastecimentos, assentou comsigo enviar a seu filho D. Alvaro de Castro com um troço da armada contra o parecer dos mareantes, que havião por temerario este accommettimento no principio do inverno. Porem D. João de Castro sem deixar-se vencer do amor do filho, nem dos medos do tempo, re-

solueo enviar o soccorro ; o que entendido pelos soldados , e fidalgos , se lhe vierão offerecer , ainda aquelles , que pelos annos , e authoridade já estavão escusos.

« D'ahi a trez dias partio D. Alvaro : n'este soccorro se embarcou grão parte da nobreza , a que o gosto da empreza fazia desprezar os Turcos , e as tormentas. Logo que o governador despachou esta armada , ficou aprestando a em que determinava passar , buscando bastimentos , e dinheiro , pedido sobre sua verdade , que era só o thesouro , que conservou na India.

« As donas , e donzellas de Chaul , movidas de um mesmo espirito , juntárão todas as suas joias , e com liberalidade maior que de mulheres , as enviárão ao governador , significando-lhe , que de seus proprios filhos , e maridos , tinham menos saudade , que inveja , pois o acompanhavão.

« Com a vigilancia do governador havião entrado na fortaleza alguns soccorros , com que o perigo , e trabalho carregarão sobre forças maiores , bem que não tinham proporção com as do inimigo , porque o ultimo soccorro , que chegou ao exercito , era de 138000 infantes , cujo chefe trouxe apertadas ordens do soltão para estreitar o cerco , escrevendo a Rumeção , que não era possivel , que viessem quatro miseraveis do fim do mundo fazer aos principes de Cambaya injurias em sua mesma casa ; que morressem todos na empreza , porque antes queria um imperio deserto , que sujeito ; que pois nas ruinas da fortaleza estavão já os Portuguezes meios enterrados , quando os não pudessem render , como a homens , os matassem como a leões em suas mesmas covas. Rumeção não respondeo com mais , que apontar para as muralhas , e baluartes ; furioso de lhe parecer que o soltão estava mal satisfeito do que tinha obrado , prometteo satisfazer-lhe com a morte ; ou com a victoria ; e mandou levantar um bastião defronte do baluarte Sanctiago , o qual guarneceo com artilheria , e gente , que ficando a cavalleiro dos nossos , não podião assomarse , que os não pescassem as ballas do inimigo.

« Resoluto o capitão mór a derribar esta maquina , en-

commendou a facção aos dous irmãos, D. Pedro, e D. João d'Almeida, os quaes saindo com 100 soldados no quarto da modorra, achârão os Mouros uns dormindo, e outros descuidados, e dando subitamente n'elles fizerão em pequeno espaço estrago grande. Os que puderão escapar fugindo, despertârão com vozes o arraial, sem saber affirmar cousa certa. Chamou Rumeção os cabos a conselho, em quanto se punha o exercito em armas, e resolute a soccorrer o bastião com o poder todo, entre ordens, e apertos, gastou o tempo de obrar, e quando já chegou, achou a fabrica desfeita, degollado e presidio, e os nossos recolhidos.

« N'este tempo chegou á fortaleza o vigario João Coelho, com nove soldados em uma embarcação pequena, e referio, que o governador se aprestava com vivas diligencias para acudir ao cerco, e os grossos soccorros, que já tinha enviado. Que em Baçaim ficavão 500 homens, que com o primeiro tempo esperavão atravessar o golfão. Pela fortaleza se derramou logo esta nova, que foi festejada dos soldados com folias, e musicas; pondo todos os olhos no mar, as nuvens lhes parecião navios: tão credulos são os homens em qualquer esperança. Forão os Mouros sabedores das novas do soccorro, e antes que os nossos se engrossassem com as forças, que esperavão, dispuzerão um assalto geral, resolutos a entrar na fortaleza, ou dar ao mundo, e ao soltão desculpa com as mortes, com o sangue, e com as ruinas.

« Começou a bateria aquelle dia com 23 canhões, e a continuârão até o pôr do sol, e no seguinte dia até ás trez da tarde. Arruinârão a mór parte dos muros, sem que os nossos se pudessem cobrir com travezes, pelas continuas cargas, que dava a espingardaria do inimigo. Chegârão logo Turcos a cavalgar o baluarte S. Thomé; porem os seus valerosos defensores os receberão nas lanças com tal furia, que os fizerão voltar. Succederão logo outros, que cortados do nosso ferro, fizerão aos primeiros companhia. Nos outros baluartes se pelejava com a mesma fortuna, sendo o damno igual nos Mouros, e o valor nos nossos. Juzarcão com os soldados da sua

obediencia acommette o baluarte S. João com tanto valor, que estiverão os nossos em grande perigo, até que desangrados os Mouros do nosso ferro, perderão uns o lugar, outros as vidas. N'este dia deixou o inimigo 1:600 mortos, e innumeravel copia de feridos.

« Rumeção com as perdas recebidas estava mais obstinado em proseguir o cerco, e assim ordenou que se minasse o baluarte S. Thomé, o que se fez sem que os nossos podessem rastrear o intento. D. Fernando de Castro estava de cama curando-se de febres, e sabendo do assalto que se esperava, se levantou, fazendo força o brio á natureza; o que D. João de Mascarenhas tratou de lhe impedir; mas como n'esta parte a desobediencia parecia virtude, quiz antes errar contra a saude, que contra a opinião, vestindo armas, e acudindo ao baluarte.

« Amanheceo o dia do glorioso S. Lourenço: acudirão os fidalgos, e soldados a suas estancias, com tanto alvoroço, como se já tivessem de posse do premio, e da victoria. Logo virão de longe abollar-se o exercito inimigo com ordenada marcha, derramando-se em torno da fortaleza. Laborava a nossa artilharia com não pequeno effeito, porque o inimigo soffreo a carga sem descompor a ordem até arvorar escadas para dar o assalto. Chegárão a acommetter os baluartes com resolução grande, querendo cevar os nossos na peleja, para que a confuzão do conflicto servisse de cuberta ao engano do fogo, que tinham maquinado. Fazião os nossos grandes gentilezas nas armas, como quem se apressava a descançar na victoria, promettida no termo d'este dia.

« No baluarte São João pelejavão os inimigos tibiamente, até que lhes chegou o sinal de dar fogo á mina, retirando-se a um mesmo tempo todos; porem o temer igual, e subito, nos descobrio o engano. Bradou logo o capitão mór dizendo, que deixassem o baluarte, para que sem damno reventasse a mina. Obedecerão todos ás vozes do capitão mór, deixando o posto; porem Diogo de Reynoso, com desordenado valor, sustentou o lugar, tratando de covardes aos que o



desamparavão. A estas vozes tornarão todos a occupar o posto. Rebentou logo a mina com espantoso estrondo, e aquelles valerosos defensores sustentarão mortos o lugar, que defenderão vivos. Aqui acabou D. Fernando de Castro em idade de 19 annos. Morrerão tambem D. Francisco d'Almeida, Gil Coutinho, Ruy de Souza, e Diogo de Reynoso, que pagou com uma vida muitas mortes.

« Passado algum espaço, logo que o fumo desassombrou a fortaleza, mandou Rumeção entrar 500 Turcos pelas ruinas do baluarte abrazado; porem acharão cinco valerosos soldados, que lhes fizeram rosto, sustentando largo espaço o peso de tão nova batalha. Acudio logo aquella parte D. João Mascarenhas com 15 companheiros, e soccorrendo aos cinco soldados fizeram todos tão dura resistencia ao inimigo, que bastarão a retardar a furia d'um exercito já quasi victorioso; caso que referido só com a verdade nua, excede tudo o que escreverão, ou fabulárão os Gregos e Romanos.

« Correo voz pela fortaleza, que os Turcos estavam já senhores do baluarte abrazado, com o que alguns soldados, que nas outras estancias pelejavão, correrão áquella parte como de mór perigo, quiçá que este falso rumor salvasse a fortaleza, porque formárão um grosso, que bastou a fazer rosto a 13000 infantes, que tantos contão nossas historias, que commetterão o baluarte da mina. As mulheres, como ensinadas a despresar as vidas, acudirão a ministrar lanças, pelouros, e panelas de polvora; e aquella valeroza Isabel Fernandes com uma chuça nas mãos, ajudava aos soldados com as obras, muito mais com o exemplo, e com as palavras, dizendo em altas vozes: Pelejai por vosso Deos, pelejai por vosso rei, cavalleiros de Christo, porque elle está com vosco.

« Com a pejeja se acabou o dia; mandou Rumeção tocar a recolher depois de haver perdido n'este assalto 700 soldados, e sem contar os feridos. Logo que se retirou o inimigo mandou D. João Mascarenhas enterrar os mortos. A D. Fernando de Castro depositarão em separado enterro, para se o governador seu pai quizesse trasladar-lhe os ossos a lugar

differente. Depois que o capitão mór cobrio aos companheiros de piedosa terra, acudio a reparar o estrago, que deixára o assalto nas paredes, a que ajudarão as mulheres companheiras do trabalho, e perigo.

« Reparados os baluartes com as pedras ainda quentes do sangue, e do incendio, chamou o capitão mór a conselho os poucos companheiros, que sobreviverão ao estrago, representando-lhes o miseravel estado em que se achavão; a maior parte dos defensores mortos; os que ficavão, enfermos, e feridos; destroçadas as armas; corrupto o mantimento; as munições gastadas; a fortaleza posta por terra; os mares com os temporaes do inverno cada vez mais cerrados; o inimigo vigilante, e soccorrido por horas, com a noticia de todas estas faltas; o que considerado pedia a todos, que não se lembrando das vidas, o aconselhassem, como melhor poderião salvar a honra do seu rei, e as suas; que entendessem, que estavão como espectaculo do mundo, e tinham sobre si os olhos do Oriente todo, expostos a merecer a maior fama, ou a maior infamia; que se não podião alcançar a victoria, podião privar d'ella aos inimigos, pois estava nas mãos de todos o poder acabar gloriosamente, ganhando maior honra destroçados, que os Mouros victoriosos; que os havia chamado para lhes communicar a resolução em que estava, esperando, que todos a approvassem; a qual era, que em se gastando esse pouco mantimento, e munições, que havia, queimar a roupa, cravar a artilheria, e sair com as espadas nas mãos a buscar o inimigo, para que não pudesse chamar victoria aquella, em que não acharia captivos, nem despojos. Ouido D. João Mascarenhas, não houve soldado a quem não parecesse que tardava o effeito de resolução tão valerosa.

« Em quanto estas cousas passavão andava D. Alvaro de Castro com as tormentas do inverno a braços; até que com o trabalhar do navio, lhe saltou o leme fora, com o que impaciente arribou a Baçaim destroçado com alguns navios de sua conserva. Aqui achou D. Alvaro a D. Francisco de Menezes arribado com a mesma fortuna, depois de haver uma,

e outra vez tentado o golfão, que achou com tal braveza, que alijou ao mar as munições que levava, por salvar o casco.

« N'este tempo chegou á fortaleza Antonio Moniz Barreto, e D. João Mascarenhas lhe perguntou onde se achava D. Alvaro de Castro; ao que Antonio Moniz respondeu em alta voz, que os soldados ouvirão: Aqui, senhor, em Madrefabar o tendes com 60 navios, e com a primeira vaga do tempo lhe vereis as bandeiras: e em secreto lhe disse, que ainda ficava em Baçaim arribado, mas tão impaciente na tardança, que não esperaria tempo para vir soccorrel-o. Esta nova foi festejada de maneira, que os soldados com danças, e folias, esquecião os trabalhos passados, na esperança do soccorro visinho.

« Rumeção, que já tinha por injuria a dilação do cerco; como homem, que buscava os perigos, e o damno por desculpa, accommetteo o baluarte S. Thomé em pessoa, fazendo com o seu risco exemplo, e mandou por differentes capitães escalar os outros baluartes, parecendo a invasão d'estes dias um successivo assalto. Não andavão menos quentes as armas no baluarte Sanctiago: duas vezes o tiverão ganhado os inimigos, mas forão tão valerosamente resistidos, que o tornárão a perder depois de bem sangrados. Aqui foi tanto o fogo, que os inimigos lançárão, que os nossos pelejavão abrasados, soccorrendo-se por unico remedio de tinas d'agoa para refrigerar-se. Antonio Moniz Barreto com dous soldados se achavão sós no baluarte detendo a furia do inimigo, e querendo o Moniz sair-se a mitigar nas tinas o ardor do fogo, travou d'elle um soldado, dizendo: Ah, senhor Antonio Moniz, deixais perder o baluarte d'ElRei? Vou-me banhar n'aquellas tinas, lhe tornou elle, que estou ardendo em fogo. Se os braços estão sãos para pelear, tudo o mais é nada, lhe respondeu o soldado. Cuja advertencia aceitou o Moniz, tão pagado do valor que o soldado mostrava, que o trouxe com sigo para o reino, e lhe alcançou despacho, confessando generosamente o seu desar para credito alheio, chamando-lhe sempre com honrado apellido, o *soldado de fogo*; nem

as relações d'este successo nol-o dão a conhecer por outro nome.

« N'este, e nos outros baluartes se pelejou este dia com valor, e perigo igual, que não podemos relatar por extenso, por serem os casos tão semelhantes, que parecendo uma mesma cousa repetida, se escrevem, e se lêem com fastio; porém ainda que a relação d'este cerco não deleite com a variedade, quem negará, que foi esta facção uma das mais illustres, que se achão nas historias humanas, da qual fizerão estimação justa as mais bellicosas nações da Asia, e da Europa. Retirado do assalto o inimigo, se fortificou nas ruinas da fortaleza, d'onde continuamente se mostravão as armas.

« Tinha partido de Baçaim D. Alvaro de Castro com 50 navios, e como vinhão empachados com munições, e bastimentos, não podendo soffrer mares tão grossos, tornárão a arribar em pôpa destroçados, e abertos, tomando diversas angras, e enseadas, onde o temporal os lançava. Entre os mais navios, que forão correndo com a tormenta, foi o de que era capitão Alhanasio Freire, o qual indo demandar a terra, se foi metendo na enseada de Cambaya quasi alagado, e tão perdido, que de commum acordo se assentou varar na primeira terra, que avistassem, havendo, que precedia a vida á liberdade; assim forão encalhar junto a Surrate, onde forão captivos.

« Ruy Freire, que vinha na conserva de D. Alvaro em um navio seu, com soldados pagos á sua custa, soffreo melhor os mares, e navegando aquelle dia, e outro com fortuna, avistou a costa de Dio, para onde se foi chegando até ir demandar a fortaleza; e entrando pela barra foi surgir na Couraça, onde deo ao capitão mór as novas da vinda de D. Alvaro, tão esperada, como importante, porque ainda não sabia da arribada.

« D. Alvaro de Castro, e D. Francisco de Menezes arribárão com tormenta geral a Agaçaim perdidos, onde se reformárão brevemente, e tornárão a commetter o golfão com a maior parte dos navios de sua conserva; e vencendo a fu-

ria do temporal, houverão vistas da outra costa por junto de Madrefaval. Tomou em fim D. Alvaro a barra de Dio com 40 navios empavezados; trazião todos flamulas, e galhardetes, dando de si uma mostra bellicosa, e alegre. Saudou a fortaleza com toda a artilharia, que tambem lhe respondeu com a mesma, tocando todos os instrumentos de guerra. Mandou o capitão mór abrir as portas da fortaleza para receber D. Alvaro, baixando todos os fidalgos, e soldados a receber; e festejar a armada, em que demais da pessoa de D. Alvaro, vinhão fidalgos, e cavalleiros de muita conta. Trazião munições, e bastecimentos para mui largo tempo porque não quiz o governador deixar á cortezia dos mares, negar, ou abrir passagem a segundo soccorro. Aposentou-se D. Alvaro no baluarte, em que acabou seu irmão D. Fernando; passárão-se a elle os soldados de sua milicia, e os mais dos fidalgos, uns como companheiros de sua dôr, outros de suas victorias; e como a general do mar lhe ião pedir o nome sem querer separar-se de sua obediencia, opinião encontrada com o tempo, e mais com a disciplina. Porem D. Alvaro disse ao capitão mór, que elle vinha sujeito a suas ordens; o que parecendo lança de urbanidade a D. João Mascarenhas, lhe respondeu com a mesma cortezia; mas D. Alvaro lhe mostrou a instrucção que trazia, na qual dizia, que ainda que a jurisdicção do cargo, e as provisões reaes o eximião de qualquer subordinação, que não fosse a do governador da India, que elle mandava a seu filho D. Alvaro, que estivesse ás ordens de D. João Mascarenhas porque assim o pedia a muita honra, que n'aquelle cerco tinha ganhado.

« Andava D. João Mascarenhas com grande vigilancia sobre os designios do inimigo temendo mais as minas, que ser acommettido com força descoberta; o que entendido pelos soldados de D. Alvaro, temerosos com o exemplo fresco de D. Fernando de Castro, e outros fidalgos, e soldados, que morrerão abrasados, se conjurárão em sair a pelear com o inimigo, timidos no perigo duvidoso, temerarios no certo.

« Dizião, que não queriã com obediencia inutil pere-

cer abrasados, quando podião morrer na campanha victoriosos, ou vingados; que pois sabião pelejar como homens, não querião acabar como fêras, atados ao perigo; que de dous escolhião antes o que podião vencer, que o de que não podião fugir. D. João Mascarenhas os dissuadio, quanto lhe foi possível primeiro com razões, depois com a authoridade do cargo, e da pessoa; mas tudo foi sem fructo, porque estavão tão vãos, e altivos com sua mesma culpa, que esperavão da desobediencia premios, e louvores. D. Alvaro de Castro acudio a detel-os, estranhando-lhes resolução tão fêa dizendo: que El-Rei sentia mais a desobediencia d'um soldado, que a perda d'uma fortaleza; que ao capitão mór só tocava o governar, a elles obedecer e pelejar. D. Francisco de Menezes lhes disse, que fossem embora a infamar o nome portuguez, que a honra levavão já perdida, a vida grandemente arriscada; que quando escapassem das armas de seus inimigos, não poderião livrar-se da indignação justa de seu rei, ao qual desprezavão na pessoa do seu capitão mór com sedição tão fêa. Porem elles fatalmente obstinados, se ordenarão para dar a batalha, dizendo, que de nenhum delicto se engeitava a victoria por desculpa; e quando se perdessem, ficavão fóra do premio, e do castigo; que elles acudião pela honra do Estado, que estava mais costumado a tomar praças aos Mouros, que a perder as suas. Vendo pois D. João Mascarenhas, que já acompanhar aos desatinados era um lanço forçoso, e que os de fóra sempre julgão melhor a causa dos temerarios, que a dos prudentes; elle, D. Alvaro, e os mais fidalgos resolverão seguir-os, onde com disciplina obedeção os capitães, mandavão os soldados.

«Haveria na fortaleza 600 homens, dos quaes ficarão nas estancias 100; dos outros fez D. João Mascarenhas trez batalhas; as duas deo a D. Alvaro de Castro, e D. Francisco de Menezes, e outra tomou para si; logo sairão da fortaleza, e com o primeiro impeto ganhãrão as estancias, que os Mouros tinhão feito na cava, deixando-lhas com facil resistencia. Rumeção veio com grossas companhias encontrar-se

com os nossos, entre os quaes se começou a batalha, sustentada da nossa parte com mais valor que disciplina. D. Francisco de Menezes foi levando do campo os Mouros, que não podendo soffrer o peso d'este encontro, perderão muita terra, até que soccorridos, detiverão a corrente dos nossos. D. João Mascarenhas, accommettendo os inimigos, que andavão baralhados com D. Alvaro, lhes fez perder parte do campo; mas como o partido era desigual, os Mouros se forão melhorando, e carregando os nossos de sorte que se desordenarão.

« Rumeção, querendo tirar maior fructo de nosso desatino, mandou a Mojateção, que fosse demandar a fortaleza com 5000 soldados; cortando o passo aos que se recolhião destroçados, e accommettendo o baluarte S. Thomé, achou n'elle a Luiz de Souza, que com a artilharia, e espingardaria lhe matou muita gente; porem o Mouro atrevido com o calor da victoria, insistio na escalada; mas foi tão valerosamente resistido, que se tornou a retirar com damno conhecido. Perderão-se n'esta desgraça 35 pessoas, em que entrarão alguns fidalgos; forão mais de 100 os feridos, mas em tão desordenada empreza, ainda se teve a desgraça por menor que o erro.

« O governador andava sobremaneira cuidadoso dos negocios de Dio, interpretando mal a falta dos avisos, quando aportou na barra de Goa a capitania em que fôra D. Alvaro. O capitão foi levado aos paços do governador, satisfazendo pelo caminho a duplicadas, e molestas perguntas. A primeira cousa que o governador perguntou foi se estava ainda por El-Rei seu senhor a fortaleza? ao que o capitão respondeo, que estava, e estaria. A cuja nova ajoelhando-se o governador, com os olhos no ceo, deo a Deos as graças, não sem derramar lagrimas, significadoras da piedade com Deos, do zelo com seu principe. E logo recebendo as cartas, soube da morte de seu filho D. Fernando, que recebeo com tanta constancia, que os de fôra lhe não conhecerão mudança no rosto, ou nas palavras, como se fôra fraqueza parecer pai, ou indignidade ter affectos de homem; e recolhendo-se chorou em se-

creto o filho, esperando tempo á dôr, sem injuria do lugar, e do animo.

« Entretanto D. João de Castro, resolvendo com sigo dar a ElRei de Cambaya um castigo, de cujo exemplo resultasse nos principes da Asia a paz, e reverencia do Estado; quiz primeiro palpar, ou satisfazer aos juizos de fóra, para que os que approvassem o intento, achasse doces na-execução de seu mesmo conselho. Para este effeito chamou a si o governo da cidade, ecclesiastico, e secular, com os fidalgos; e soldados de nome, aos quaes declarou o animo com que estava de ir descercar pessoalmente a Dio, e dar a Rumeção batalha em seus alojamentos; que dado que todos o sabião como particulares, lho queria certificar em commum, para que na approvação da republica, levasse como parte da victoria a justiça da causa. Ouvido o governador, agradecerão todos em primeiro lugar a modestia de se querer subordinar ministro independente; logo o fervente zelo, com que queria em serviço da patria sacrificar a vida sobre o sangue ainda fresco de seus proprios filhos.

« Em Dio não estavam ociosas as armas, porque Rumeção valeroso, e constante, não o assombravão os danos recebidos, nem os soccorros esperados dos nossos. Sabia o poder, com que o governador vinha em pessoa, ainda estimado por maior na fama, que na apparencia; mas nem assim dobrou da resolução de proseguir o cerco, esperando a ultima fortuna. Mandou minar a guarita de sobre a porta, em que estava Antonio Freire, e ainda que se trabalhava com estranho silencio, divertindo a attenção dos nossos com ardis diferentes, o capitão mór, a quem nenhum caso, ou accidente achava descuidado, lhe penetrou a obra, á qual contrapôz os mesmos reparos, que outras vezes. Derão os Mouros fogo á mina em 10-d'outubro, a qual rebentou sem dano pela face de fóra, retrocedendo o fogo por achar resistencia nos repuxos, e virão os Mouros por dentro outra parede levantada, espantados de que anteviamos os fins de todos seus designios, não lhes valendo a força, nem a industria contra-



tão valerosos, e prevenidos inimigos. Rumeção ainda que experimentava que nas minas era menor o fructo, que o trabalho, ou por cançar os nossos, ou por ter-os seus em boa disciplina, começou a abrir outras, que sendo também conhecidas, se atalhárão, as quaes não referimos, porque não iãvolverão successo memoravel, como por evitar o fastio de relatar cousas tão parecidas.

*Parte D. João de Castro para Dio.*

«Aos 17 d'outubro de 1546, entregando D. João de Castro o governo da cidade ao bispo D. João d'Albuquerque, e a D. Diogo d'Almeida Freire, soltou as velas em direitura a Baçaim, onde quiz esperar alguns soccorros, e mantimentos, que vinhão retardados, porque fez opinião de não estar o governador da India em Dio, um só dia cercado, querendo com facilidade de Cezar, chegar, ver, e vencer.

«Constava a armada de 12 galeões grossos, de que era capitania S. Diniz, em que ía embarcado o governador, e de 60 navios de remo. Em seis dias afferrou Baçaim; e porque o governador não queria ter ociosas as armas, despachou D. Manoel de Lima com 60 navios ligeiros, para que na enseada de Cambaya fizesse algumas presas nos navios, que soccorrião, ou bastecião o campo do inimigo. Foi D. Manoel de Lima assolando os lugares da costa por toda aquella enseada de Cambaya, fazendo taes estragos, que o não fartava o sangue, nem a victoria. Em fim se recolheo com mais gloria que despojos; e achou o governador já na ilha dos Mortos com toda a armada junta, com a qual no seguinte dia, 6 de novembro, se fez na volta de Dio; ião os navios boiantes, cheios de flamulas e galhardetes, dando de si uma formosa vista.

«Tanto que da fortaleza descobrirão a armada, foi o contentamento universal de todos, e como os que depois de tantos diluvios de sangue, vião que lhes levava a paz, pela victoria. Embandeirou-se a fortaleza toda; vestindo-se de ale-

gria as postradas ruínas. Mandou o capitão mór desparar a artilheria. O governador lhe respondeu do mar com uma espantosa salva, a que succederão os instrumentos musicos, solemnizando com alegres vespéras um temeroso dia.

« Ficou D. João de Castro no mar aquella noite, d'onde mandou chamar ao seu navio, o capitão mór, e alguns fidalgos de conselho; aos quaes significou a resolução com que vinha de pelejar, sobre que não queria parecer alheio; que o governador da India, não desembainhava a espada para se defender, senão para castigar; que no modo de commetter o inimigo, o aconselhassem todos. Garcia de Sá lhe approvou, e louvou a resolução tomada, apontando razões, que ao governador forão mui gratas, pela pessoa, e pelos fundamentos. Sobre a forma de pelejar se discorreo, e assentou modo. Ordenou que se metesse a gente na fortaleza no silencio da noite, e em quanto desembarcava, com musicas, instrumentos, e tiros dos navios, occultar a Rumeção o intento. Em trez noites passou a gente á fortaleza por escadas de corda; o que se obrou tão cautamente, que o não pôde entender o inimigo.

« Rumeção mostrando-se mais ousado no perigo visinho, disse aos seus; que se o governador quizesse pelejar na campanha, entrarião os Mouros na fortaleza pelas portas, e não pelas muralhas; que com as bandeiras portuguezas esperava varrer a casa do Propheta; que pelejavão pela liberdade de tantos principes, que gemião opprimidos do peso da servidão, e tributos; que poupassem o valor para vingar injurias de muitos annos em um só dia; que com o peso de tantas victorias já não podia o Estado; que ordenava a fortuna trazel-os juntos, para os acabar de um só golpe. Esforçou estas arrogancias o Turco com mandar, que a todos os soldados se dobrassem as pagas. Passava de 40,000 homens o exercito; erão os mais dos cabos Turcos, soldadados velhos, a quem a fama do valor fizera conhecidos. Guarneceo Rumeção as estancias, e pôz o grosso do exercito nas partes onde lhe pareceo, que poderia pojar a nossa armada, sem que a confiança lhe

fosse impedimento á disciplina. D'esta sorte esperou a invasão dos nossos, á resistencia prompto, e na batalha incerto.

«Tendo o governador recolhido na fortaleza já todos os soldados achou sobre acommetter o inimigo opiniões diversas; e com as razões de uns, e outros caião sobre a contingencia do successo, não se podião escolher, nem reprovar sem o conhecimento do futuro a todos escondido. Garcia de Sá com authoridade dos annos, do valor, e do sangue, discorreo outra vez sobre conveniencias da batalha; mas D. João de Castro mandando guardar silencio a todos, disse; que a sorte estava já lançada; que dos valerosos seria bem julgado, dos fracos não queria approvação; e os de fóra esperarão o successo para fazer juizo. Aquella tarde gastou em dispôr os soldados para o dia seguinte, para que a dilatação não alterasse os animos, ou resolução. Ordenou que os bateis da armada esperassem signal com trez foguetes da fortaleza, para que no mesmo tempo, que os nossos determinassem sair, fossem remando contra aquella parte d'onde o inimigo se temia, tocando os instrumentos de guerra, fingindo todas as demonstrações de saltar em terra, metendo pelas perchas das fustas muitas lanças, cuja vista daria apparencias ao engano; e a do governador se daria a conhecer de longe, pelo lugar, e bandeira real, e pelos atavios; simulação, que ou nos deo, ou ajudou a victoria.

« Amanheceo o dia, em que se contavão 11 de novembro, dedicado á memoria do glorioso S. Martinho. Com a primeira luz do dia appareceo o governador no terreiro da fortaleza, com bastão de general, vestido de armas brancas com tanta magestade, que na pessoa se respeitava o cargo. Celebrou-se missa em um altar patente a todos, para que ao Deos dos exercitos se pedisse a victoria. Commungou o governador, e a maior parte dos soldados, e o custodio dos Franciscos publicou indulgencia plenaria aos que morressem na batalha. Acabado este acto mandou tirar as portas da fortaleza, e guizar com ellas um almoço aos soldados, para que a confiança do governador, e a desesperação de algum abri-

go, igualmente servissem á victoria, fazendo-lhes o pelear preciso, por gloria, ou por necessidade. N'esta forma tinha ordenado a gente. Deo a vanguarda a D. João Mascarenhas, devendo-se-lhes este maior perigo, como premio dos outros; agregou-lhe 500 Portuguezes, 600 Canarins, 500 Naires. A D. Alvaro de Castro, outros 500 Portuguezes, em que entravão todos os fidalgos, e capitães de sua armada. A D. Manoel de Lima outros 500. O governador ficou com os mais, que serão 800 Portuguezes com alguns Canarins e Malabores.

« Os Mouros cada dia engrossavão o campo, e de fresco tinhão chegado 5000 soldados. Mandou o governador fazer signal á armada com os foguetes, o qual conhecido, partito á voga arrancada, e arrimando-se a praia, disparou a artilharia toda nas estancias dos Mouros; escondeo a fumaça os navios por um espaço largo, com que o inimigo não acudio ao que havia de temer, senão ao que temia, solícito no perigo imaginado, descuidado no certo. Rumeção com o grosso do exercito carregou áquella parte do mar a impedir a desembarcação aos nossos. O governador saio a este tempo da fortaleza com escadas prevenidas para encostar ao muro. Começou D. João Mascarenhas com os seus a arrimar as escadas, subindo muitos com tanta resolução, como fortuna, porque ainda que recebidos nãs lanças, vencerão a resistencia; estes comprarão a gloria de ser primeiros com o perigo de se achar sós no campo, tendo o peso dos Mouros em quanto lhes chegavão os companheiros. Os feitos d'armas, que se obrarão n'esta primeira escala, se deixão conhecer da postura com que se combatia; pois os Mouros pelevão firmes, e os nossos pendentes. D. Alvaro de Castro, e D. Manoel de Lima atravessarão o muro por differentes partes, recebendo na maior resistencia, maior damno. Perderão alguma gente em quanto pelevão derramados, logo que se firmarão, derão lugar mais fraco a que os seus subissem.

« O governador achou no raso maior perigo, que teve na subida, porque encaminhou logo á ponte, que estava defendida por um grosso de gente, e muitas peças assestadas

n'ella. Aqui fizeram os nossos estrago grande; o governador, sem perdoar instante á sua fortuna, foi atravessando o campo, e como nem a victoria tem temeridades, nem o temor conselho, D. João cercado de quasi todo o exercito inimigo, se acclamou victorioso, fugindo por aquellá parte os Mouros, sem damno, mas já desordenados. Em fim tivemos por seu lado a victoria, primeiro que a batalha.

« Avisado Rumeção da desordem com que os seus fugião, acudio com um grosso batalhão de Turcos a deter, ou estorvar a victoria, como a vantagem do numero era tão superior, retardando a furia dos nossos, igualou a batalha. Duro a porfia espaço largo. Foi derribada duas vezes a bandeira real; o que vendo o governador, bradou impaciente: — Que é isto Portuguezes? tirão-vos da mãos a victoria? tirão-vos a bandeira? — E remetendo ao inimigo coberto d'uma adraga, em que trazia duas settas cravadas, com a voz, e com o exemplo animou os soldados de maneira, que com furiosa corrente, fizeram retroceder aos Mouros, fugindo os ultimos com o terror dos primeiros.

« D. Alvaro de Castro, e D. Manoel de Lima, feitos em um só corpo, se fizeram envejar de seus soldados, e de seus inimigos. O sangue tingia as armas, tingia a terra; a vozaria dos Mouros estremecia o campo, como perigo novo; o horror, e confusão arrebatava os sentidos de sorte, que muitos sentião as mortes, primeiro que as feridas: cedeo em fim ao valor o numero, e os Turcos se retirárão com infinitos mortos, as estancias perdidas. D. João Mascarenhas acommetteo a Juzarcão, ao qual ganhou o posto, com não menos valor, nem peor fortuna. Rumeção, não perdendo animo, nem acordo com a primeira desgraça, esperou a ultima, formando seus esquadrões no campo aberto, ou fosse necessidade, ou confiança, porque em tão numeroso exercito, mais se conhecia o temor, que a perda, e como é proprio nas desgraças accusar a fortuna, fez Rumeção suas expiações com vozes, e alaridos supresticiosos, que os nossos ouvirão, como para conciliar a indignação dos astros.

« D. João de Castro, não querendo perder um só momento de tão formoso dia, juntou a si o pequeno exercito; e dando a vanguarda a seu filho D. Alvaro, arrostou o inimigo, que o esperou formado, e estendendo as pontas da meialua, com que estava plantado, veio cingindo a nossa infantaria; porem D. Alvaro, como se quizera para si só a gloria d'este dia, investio o inimigo com tanta gentileza, que foi entre os seus o primeiro, que chegou a ferir os Mouros. Sustentou o inimigo o campo na primeira investida, mas não podendo soffrer o peso da batalha, começou a retirar-se com desordem. Os nossos rompendo de todo as fileiras turbadas, seguião mais, que destroçávão os inimigos rotos. Por esta parte se começou a declarar a victoria; mas Rumeção com um grosso batalhão de Mouros, e Janizaros, fez aos nossos rosto, que derramados no alcance, ou desprezârão, ou esquecerão a disciplina.

« Aqui esteve D. Alvaro perdido, porque não podendo seus soldados resistir divididos, ião deixando aos inimigos o campo, e victoria, sem que as vozes de D. Alvaro, e constancia, com que pelejava, podessem deter a uns, nem ordenar a outros; tão pendente está do mais leve accidente a fortuna da guerra. Frei Antonio do Casal, de cujo valor religioso fazem os authores memoria com um crucifixo arvorado, começou, com piedosas, e esforçadas razões, a reprehender, e animar os nossos, mostrando-lhes a imagem de Christo, exposta outra vez na cruz, a segundas injurias; aconteceu, que uma pedra perdida desenravou um braço do crucifixo, e lho deixou pendente, mostrando em uma mesma perspectiva o sagrado transumpto, aos filhos inclinado, aos infieis caido. Os nossos com maior espirito nas injurias do ceo, que nas do Estado, mostrârão differente valor em differente causa, devendo mais á offensa, de quem erão creaturas, que ao imperio, de que erão soldados. Subitamente se unirão conformes, e recobrando forças, mais forão os instrumentos da victoria, que os authores d'ella. Rumeção se retirou desbaratado, e D. Alvaro baralhado com elle, entrou de en-

volta na cidade, achando já maior estorvo nos mortos, que caião, que resistencia nos vivos, que se não defendião.

«A este tempo chegou D. Manoel de Lima, tão valeroso no mar, como na terra; o qual pela parte que lhe tocou, rompeo o inimigo, até se juntar com D. Alvaro, e entrados na cidade, fizeram cruel estrago nos Mouros, que rotos, e divididos buscavão salvação na fugida, mais que na resistencia; já o semblante da guerra, mais parecia sacco, que batalha, os nossos achavão Mouros, não achavão inimigos; muitos metidos pelas casas roubarão suas mesmas fazendas, que occultavão, como furto á victoria; outros deixavão as armas, por fugir mais ligeiros. D. João Mascarenhas entrou por outra parte na cidade, dando n'este dia glorioso fim a tão illustre cerco.

«O governador ainda pelejava no campo, sollicito da victoria dos seus, certo na sua, quando lhe chegou aviso, que a cidade estava já rendida; mas Rumeção, pondo tropeços á victoria, tornou a rebentar, como mina, com 8,000 soldados, ordenando-se em forma de dar, ou esperar nova batalha; que era o poder tão grande, que das reliquias do seu estrago, fez outra nova guerra; saião a este tempo da cidade D. Alvaro de Castro, e D. João Mascarenhas, e D. Manoel de Lima a congratular-se da victoria com o governador, quando virão a Rumeção no campo com outro novo exercito. O governador não querendo, que a suspensão parecesse temor, quasi com o mesmo alento da primeira batalha, commetteo a segunda, ordenando trez esquadrões, os dous, que buscassem os inimigos pelos lados, e elle pela frente. N'esta ordem commetteo o inimigo, o qual mais desesperado, que constante, aguardou o primeiro impeto dos nossos, mas como pelejava já timido, e desconfiado, os seus com cobarde, e forçada obediencia lhe assistião, e com leve resistencia nos deixarão o campo; bem que em todas as facções do cerco, e da batalha, se mostrou Rumeção tão valeroso, como disciplinado; mas nas adversidades melhor se merece, do que se alcança a fama.

« Abrirão-se os Mouros pela frente, e o governador, á maneira de rio impetuoso, cuja torrente tudo levava diante, quasi indefesos os foi desbaratando. Já no campo se fazia estrago sem batalha; os Mouros parecião inimigos na fugida, e não na resistencia; e como os nossos accommettião algumas mangas, que se mantinhão inteiras, elles mesmos se desordenavão por remedio, fugindo uns dos outros com igual, ou mais certo perigo, que fugião dos nossos. Outros, por não parecer inimigos, arrojavão as armas, como instrumento, que nos podião acordar agravo, ou vingança. Em fim n'aquella tragedia se representavão todos os affectos, de que o temor se veste. Rumeção vendo tudo perdido, vestindo uma pobre cabaya, se lançou entre os mortos, occultando-se á ira, e á victoria; porem uma pedra tirada de mão incerta, o livrou, com a morte, do triumpho. Muitos d'este homicidio se fizerão authores, como já nos tempos de Galba, de quem quizerão ser mais os matadores, do que as feridas.

« O numero do exercito inimigo se não pôde averiguar ao certo, porque com estimação desigual, uns o sobem a 60\$000, outros disserão menos, e nem os Mouros, que ficarão captivos, souberão formar juizo certo da gente, que perderão. Mas de qualquer maneira foi a desproporção tão notavel de um poder a outro, que bastou para dar pelo mundo um espantoso brado. Não achamos que respondessem os premios ao merecimento de D. João de Castro, quiçá para o fazer maior, o alcançou n'esta parte a desgraça dos varões excellentes; logrou porem, como premio de duração mais larga, a fama de seu nome.

« Recolheo o governador os despojos, que forão os reaes, muitas bandeiras, e 40 peças de artilheria grossa. Entregou a cidade ao sacco, sem reservar para si um só ferro de lança, sempre das riquezas do Oriente desprezador constante.

« Dos Mouros morrerião 5\$000, em que entravão Rumeção, e outros Turcos de nome; ficarão 600 captivos, que depois servirão ao triumpho; dos nossos faltarão 30, forão quasi 300 os feridos.



*Pede D. João de Castro um empréstimo: carta,  
que escreve aos habitantes da cidade  
de Goa.*

Havendo alcançado uma victoria, que era certamente decisiva aos olhos dos Orientaes, e que arruinava ElRei de Cambaya, D. João de Castro cuidou em reedificar a fortaleza de Dio, de modo que offerecesse mais segurança aos Portuguezes, e ao mesmo tempo mostrasse mais formidavel aspecto aos musulmanos. Não obstante o consideravel despojo tomado na cidade, entendeu o governador que podia vir a faltar-lhe o dinheiro para levar ao cabo este designio, e para que a reedificação da fortaleza não fosse demorada, resolveo-se a pedir um empréstimo aos habitantes de Goa. Consideravel era a somma, que o governador pedia: tão longe da metropoli parecia indispensavel uma garantia; eis-aqui a carta, que o governar D. João de Castro escreveu de Dio á cidade de Goa:

«Senhores vereadores, juizes, e povo, da muito nobre,  
«e sempre leal cidade de Goa; os dias passados vos escrevi por  
«Simão Alvares, cidadão d'essa cidade, as novas da victo-  
«ria, que me Nosso Senhor deo contra os capitães d'ElRei  
«de Cambaya, e callei na carta os trabalhos, e grandes ne-  
«cessidades em que ficava, por que lograsséis mais inteira-  
«mente o prazer, e contentamento da victoria; mas já ago-  
«ra me pareceo necessario não dissimular mais tempo, e dar-  
«vos conta dos trabalhos em que fico, e pedir-vos ajuda pa-  
«ra poder supprir e remediar tamanhas cousas, como tenho  
«entre as mãos; porque eu tenho a fortaleza de Dio derri-  
«bada até o cimento, sem se poder aproveitar um só pal-  
«mo de parede; de maneira, que não sómente é necessario  
«fabrical-a este verão de novo, mas ainda de tal arte, e  
«maneira, que perca as esperanças ElRei de Cambaya, de  
«em nenhum tempo a poder tomar. E com este trabalho te-  
«nho outro igual, ou superior a elle, aldemenos para mim

« muito mais incomportavel de todos, que são as grandes op-  
 « pressões, e continuos achaques, que me dão os lasquerins  
 « por paga, de que lhes eu dou muita certeza, porque d'ou-  
 « tra maneira se me irião todos, e ficarei só nesta fortaleza;  
 « o que será occasião de me vêr em grande perigo, e por  
 « esse respeito toda a India, como quer que os capitães d'El-  
 « Rei de Cambaya com a gente que ficou do desbarato, es-  
 « tão em Suna, que é duas legoas d'esta fortaleza, e ElRei  
 « lhes manda cada dia engrossar seu campo com gente de pé,  
 « e de cavallo, fazendo muitas amostras de tornar a tentar a  
 « fortuna, em querer dar outra batalha; para as quaes cou-  
 « sas me é grandemente necessario certa somma de dinheiro,  
 « pelo que vos peço muito por mercê, que por quanto isto  
 « importa ao serviço d'ElRei nosso senhor, e por quanto cum-  
 « pre a vossas honras, e lealdades, levardes á vante o vosso  
 « antigo costume, e grande virtude, que é acudirdes sempre  
 « ás extremas necessidades de Sua Alteza, como bons, e leaes  
 « vassallos seus, e pelo grande, e entranhavel amor, que a  
 « todos vos tenho, me queirais emprestar 200000 pardãos,  
 « os quaes vos prometto como cavalleiro, e vos faço jura-  
 « mento dos Santos Evangelhos de vol-os mandar pagar antes  
 « d'um anno, posto que tenha, e me venhão de novo outras  
 « oppressões, e necessidades maiores, que as de que ao pre-  
 « sente estou cercado. Eu mandei desenterrar D. Fernando  
 « meu filho, que os Mouros matárão n'esta fortaleza, pele-  
 « jando por serviço de Deos, e d'ElRei nosso senhor, para  
 « vos mandar empenhar os seus ossos; mas achárão-no de tal  
 « maneira, que não foi licito ainda agora de o tirar da ter-  
 « ra; pelo que me não ficou outro penhor, salvo as minhas  
 « proprias barbas, que vos aqui mando por Diogo Rodrigues  
 « de Azevedo; porque como já deveis ter sabido, eu não pos-  
 « suo ouro, nem prata, nem movel, nem cousa alguma de  
 « raiz, por onde vos possa segurar vossas fazendas, sómente  
 « uma verdade secca, e breve, que me nosse Senhor deo.  
 « Mas para que tenhais por mais certo vosso pagamento, e  
 « não pareça a algumas pessoas, que por alguma maneira po-

«dem ficar sem elle, como outras vezes aconteceu, vos man-  
 «do aqui uma provisão para o thesoureiro de Goa, para que  
 «dos rendimentos dos cavallos vos vá pagando, entregando  
 «toda a quantia, que forem rendendo, até serdes pagos. E  
 «o modo que n'este pagamento se deve ter o ordenareis lá  
 «com elle. Hei por escusado de vos affeitar palavras, para  
 «vos encarecer mais os trabalhos em que fico, por que tenho  
 «por muito certo, por todos os respeitos, que acima digo,  
 «haverdes de fazer n'esta parte tudo, e mais do que puder-  
 «des, sem entervir para isso outra cousa, salvo vossas vir-  
 «tudes costumadas, e o amor, que todos me tendes, e vos  
 «tenho. Encomendo-me, senhores, em vossas mercês. De  
 «Dio a 23. de novembro de 1546.»

«Chegado o mensageiro a Goa, lhe respondeo o povo  
 com maior quantidade, que a pedida, vendo que tinhão um  
 governador tão humilde para os rogar, tão grande para os  
 defender. Remetterão-lhe outra vez aquelles honrados pe-  
 nhores.

«Continuava a obra da fortaleza com tanto gosto dos  
 officiaes, e jornaleiros, que crescia sem tempo, sendo tão  
 pontuaes as pagas dos servidores, e soldados, que havião, que  
 só para o governador estava o estado pobre. Além do em-  
 prestimo da cidade, lhe enviárão as donas, e donzellas em  
 um cofre a pedraria, e joias, com que a fraqueza feminil  
 serve ao poder, e á vaidade: offerta de que não podião es-  
 perar retribuição ou usura; d'onde se vê, quanto melhor ser-  
 vidas são dos povos as virtudes, que as tiranias dos regentes.

«Concluidas as cousas de Dio, deixou o governador a  
 D. Jorge de Menezes com 6 navios, para que andasse o res-  
 to do verão na enseada de Cambaya; e mandou lançar pre-  
 gão em todos os lugares confinantes, que todos os Mouros,  
 e Gentios pudessem tornar a povoar a ilha, porque debaixo  
 de sua justiça, estarião as pessoas, e commercios seguros,  
 gozando da paz, e liberdade antiga; e como a verdade re-  
 cebe credito do valor, tornárão os gentios a buscar assim o  
 abrigo de nossas armas, como de nossas leis, vindo copia de

mercadores, e visinhos a engrossar o trato, havendo por mais segura a paz, que começava nos limites da guerra.

« Embarcou-se o governador para Goa, onde o esperava o applauso universal das gentes, como eccos articulados da victoria. Chegou a tomar porto em breves dias, onde vierão a visital-o ao mar o bispo, capitão mór, e regentes, pedindo-lhe se detivesse em Pangim, em quanto a cidade dispunha o triumpho, com que o queria receber, porque não reputasse o mundo aquelle povo por barbaro, ou ingrato; que triumpho tão merecido, não era ambição da pessoa, mas gloria do Estado; que das victorias levavão os reis o fructo, os vassallos a fama; que bem podia desprezar o premio, sem engeitar a memoria.

« Deixou-se o governador vencer d'este agrado do povo, como quem não podia desprezar as honras do triumpho, sem injuria dos que lho ajudarão a merecer, nem pôr limite ás alegrias populares em odio da prosperidade de todos, de cujas demonstrações festivas tinham na fortuna desculpa, nos Cezares exemplo. Para os 15 de abril de quarenta e sete se destinou o dia do triumpho, primeiro, e ultimo, que virão nossas armas, costumadas a lograr fama sem gloria. Fabricou a cidade no Bazar, de Santa Catharina, um espaço caes, cujo material cobrião varias alcatifas. Rasgou-se a porta da cidade até ao alto do muro, como que se mostravão as pedras humildes, ou gratas. Era a tapeçaria das muralhas de custosos brocados. A grandeza não podia subir a mais; o gosto não se contentava com menos. Em partes era o adorno de diversos veludos; para que o ouro servisse á magestade; as côres ao deleite. Na portada se vião dous leões dourados, sustentando em uma, e outra tarja as Roélas dos Castros, sempre illustres, agora triumphantes. Junto ao cães corria um dilatado bosque d'arvoredo, que com interrompidas sombras, mitigava o calor, sem occultar o dia. Via-se o mar coberto de nãos, e galeões, de fustas, e almadias, que das ilhas visinhas concorrerão, todas embandeiradas, e alegres. Estava no terreiro do paço uma fortaleza, desenha-

da pela planta de Dio, e dentro algumas bombardas carregadas sem balla, e outros instrumentos de fogo, com que figuravão uma representação alegre dos passados horrores. Na mesma fortaleza se escondião curiosas danças, que com acordadas vozes cantavão ao governador louvores, deleitando o ouvido na harmonia, o juizo na letra. O concerto das ruas, como para dar a conhecer a opulencia do Oriente; as tellas de labores, por usuaes, se olhavão com desprezo. As galas dos moradores, taes, e tantas, que parecia, que triumphava o povo. Nem seria menos dos animos o applauso, se os corações se virão, pois erão demonstrações voluntarias de naturaes affectos.

« Abalou o governador de Pangim em uma galeota, cujo adorno a fazia differente das outras; levava comsigo os fidalgos velhos, que o acompanhárão na jornada, igualmente parciaes na gloria, e no perigo. Ião diante os galeões da armada, a quem seguião as embarcações de remo com as velas içadas nos palancos, e todos navegando assombrados com o verdor de differentes ramos, parecião da terra um bosque tremulo, uma cidade erratica. Logo que avistárão a fortaleza, lhe derão uma tão temerosa salva, que a guerra parecia real, mais que apparente; como contraposta lhe respondeo a artilharia de terra, com tal horror, que os sentidos não conhecião differença da batalha ao triumpho. Para dar passo á galeota do governador, se abriu a armada toda. Vinha custosamente trajado, dando o que era seu ao tempo, vestindo não menos airosamente as galas, do que vestia as armas. Trazia uma roupa franceza de setim carmezim com troçaes de ouro, e como quem não queria perder memoria de soldado, vestia uma coura de laminas assentada em brocado com seus tachões de prata, gorra com plumas, mostravão ouro as guarnições da espada. No cães o esperavão os cabos da milicia, uobreza, e regimento da cidade, com os quaes entrou a primeira porta, onde um vereador na lingua latina lhe orou discretamente, discorrendo, como por beneficio de seu valor tinhamos humilhado o mais soberbo sceptro do Orien-

te, cujas ruinas serião de sua fama os elogios maiores; que agora tinha Portugal seguro o Estado, em seus braços segunda vez nascido, cujas armas servião tanto á fé, como ao imperio, obrando, que em tão remotas partes se ouvissem os brados do Evangelho; que agora os Mouros, e Gentios ererião, que não podia deixar de ser Deos grande, o Deos de tantas victorias; que ainda depois de idades largas no Oriente mostrarião com o dedo os navegantes, o lugar da batalha, ficando por tradição o estrago de Cambaya de nação a nação, de reino a reino; que os pais o contarião aos filhos, ainda sobresaltados na memoria dos perigos passados; que já nossas bandeiras gloriosamente enroladas poderião descançar no templo da paz, aberto o da victoria. Sobre os accidentes de seu governo, discorreo largamente, parecendo ao povo, que antes abreviava, que encarecia suas virtudes, maiores na consideração dos estranhos, do que em nossos elogios.

Rematou a oração na suavidade de musicos instrumentos, diferentes, e acordes. Logo se dispararão algumas peças, cujas ballas erão doces diversos, que caindo em pequena distancia, forão á gentalha do povo convite, ainda que arrebatado, alegre. Os vereadores da cidade, receberão ao governador com paleo, e logo um cidadão de authoridade, lhe tirou a gorra da cabeça, pondo-lhe n'ella uma coroa triumphal, e na mão uma palma. Diante caminhava o custodio dos religiosos Franciscos com o crucifixo, que levou na batalha. Seguia-se a bandeira real de nossas quinas, olhadas com admiração nova de Mouros, e Gentios. Logo os estandartes de Cambaya arrastados á vista de Juzareão, e outros capitães maniatados, que representavão a tragedia de sua fortuna, a elles lastimosa, a nós alegre. Vião-se 600 prisioneiros arrastando cadêas; traz elles as peças de campanha, com varias, e numerosas armas. As damas das janellas banhavão ao triumphador em agoas destilladas de aromas diferentes. Os officiaes, que tratávão o ouro, ou preciosas drogas, lhe vinhão a offerecer voluntarios tributos, sendo a igual-

dade dos animos, outra cousa maior, que o triumpho. Os templos adornados, e abertos, se mostravão benevolos, e gratos; n'esta forma chegou a visitar a cathedral, metropoli do Oriente, onde o bispo, e clero o receberão com o hymno — *Te Deum laudamus*. — Entrando na sé, reconheceo com piedosas offertas ao author das victorias, e por ser já tarde com abreviadas ceremonias se recolheo aos paços não cabendo a magestade do triumpho nas horas de um só dia.

Tinha o governador despedido de Dio a D. Jorge de Menezes, para que na enseada de Cambaya fizesse todas as hostilidades possiveis, mostrando ao Soltão, que com os estragos passados, nossas armas não embotarão os fios. Tomou D. Jorge algumas embarcações de mantimentos, que passavão a bastecer os postos do inimigo, porque acabasse a fome áquelles, que perdoára a espada. Deo uma tarde vista á cidade de Baroche, cujos edificios lhe representarão na magestade a policia da Europa. Estava situada em uma eminencia, cingida de muros de ladrilho, que mais servião ao adorno, que á defensa. Comtudo se deixavão ver diversos bahuartes, obrados não sem alguma luz de fortificação, guarnecidos de muita artilharia, que senhoreava as entradas do porto. Com a elevação do sitio se descobrião portadas de cantaria lavrada, onde a correspondencia de torres, e janellas mostravão de seus habitadores o poder e artificio. Era o trato da terra de finissimas sedas, droga, que d'aquelle porto se navegava a muitos do Oriente. Possuia Madre Maluco esta cidade, tributada das aldêas visinhas, que na fertilidade, e na grandeza lhe compunhão um mediano estado.

« Acaso tomárão as nossas uma almadia de pescadores naturaes da terra, que perguntadas, disserão da cidade o que hemos referido. E querendo saber D. Jorge, que presidios havia na cidade, disserão, que toda a milicia levára Madre Maluco a Amadabá, corte do Soltão, e que só ficavão ao presente alguns mecanicos, e outra gente de trato. D. Jorge parecendo-lhe opportuna a occasião de assaltar a cidade, ainda que era o poder desigual para facção tão grande, como

os successos pendem dos accidentes, determinou tentar a fortuna, e por assegurar os moradores, se fez na volta do mar, co.no quem navegava por differente rumo, levando consigo os pescadores para na entrada lhe servirem de guias. Tanto que anoiteceo tornou a armada a demandar o porto, e saltando em terra, sem que a confiança, ou descuido do inimigo se assegurasse em defenza, ou sentinella alguma, forão ferindo as nossas n'aquella gente desarmada, e fraca, onde a noite, a confusão, e o sono, os trazia a encontrar o perigo, de que andavão fugindo; errando miseravelmente, se desviavão tanto dos seus, como dos inimigos, fugindo dos que tambem fugião. Os gemidos dos filhos, não movião os pais á piedade, e menos á vingança; porque o temor subito obrava com os peores affectos da natureza. Os lamentos, e gritos das mulheres, esses as descobrião, sendo seus ais sem maior perigo. E as que escondidas em suas casas escapárão ao ferro, n'ellas mesmas as abrasou o incendio, não ficando aos miseraveis para a morte, remedio, senão escolha. A um mesmo tempo se fazia a invasão, e o sacco. Foi o estrago como em guerra sem resistencia; o despojo, como em cidade entregue. Alcançou emfim D. Jorge n'esta empreza, fama sem risco, victoria sem inimigo. Porem não duvidamos, que se achará opposições maiores, pudéra conseguir seu valor o que obrou sua fortuna. Mandou dar a cidade ao fogo, aonde em breves horas os nobres, e plebeos; as plantas, e edificios se converterão em lastimosas cinzas, sem que a natureza as distinguisse, lugar as separasse. Embarcou-se alguma artilharia miuda, e rebentou-se a grossa, sendo esta facção tão celebre entre as nossas, que fizerão tomasse o appellido de Baroche, quem tinha o de Menezes, como já as ruinas de Carthago, derão a Scipião o nome de Africano.

«Entretanto, partindo Antonio Moniz de Goa, achou em differentes portos alguns navios nossos, que conforme á instrucção, que levava, agregou á sua armada. Dobrado o cabo de Comorim, e passados os baixos de Manar, foi demandar Baticalou, para d'ahi entrar em Candea, caminhan-



do por terra. Levava 12 fustas de remo, de que tirou 120 soldados escolhidos, e com elle foi caminhando com a segurança de quem ia buscar um principe amigo, e obrigado, e sobretudo, senão fiel ainda, ao menos grato já, e benevolô ás verdades da lei, que ihe prégavamos. Chegado a Candea, como tudo servia em armas, não pôde ser a traição tão cauta, que Antonio Moniz a não entendesse por diversos avisos, e pela simulação com que tentárão dividir-lhe os soldados para os poder matar mais a seu salvo. Demais, que o rei lhes não quiz ver o rosto, quiçá por não descobrir nos affectos a consciencia temerosa, e culpada. Antonio Moniz se safo logo da cidade, mandando queimar os impedimentos, e bagagens, que trazia, ficando assim mais livre para a defensiva, e para a retirada, e juntando os soldados lhes disse:

«Companheiros, e amigos: todos sabeis a traição, que «nos tem ordenado este rei infiel, a quem viemos soccorrer, «e servir; entendo, que nos commetterão com força descoberta, pois tem agora uma razão, ou causa mais para nos «offender, que é, havermos conhecido seus enganos. Nenhum de nós terá mais vida, que em quanto a souber «fender. Pôde salvar-nos o valor, e a conformidade; soccorros não esperamos de fóra, pois estão em nós mesmos; e «estes barbaros não se empenharão na traição se virem, que «é custosa; e que muito, façamos nós agora por nós mesmos, o que vinhamos a fazer por elles, que é derramar o «sangue? Os caminhos que guião a Batecalou, onde está a «nossa armada, devem estar occupados do inimigo, pelo que «nos parece, que vamos demandar o rei de Ceitavaca, fiel «amigo do Estado, onde acharemos hospedagem, e abrigo «seguro, para d'ahi irmos a buscar nossa armada.»

«Logo que Antonio Moniz começou a marchar, se descobrirão os inimigos em tropas, accommettendo-nos com setas, dardos, e pedras, e outras armas d'este genero, com que nos ferirão alguma gente, determinando com este importuno modo de peleja acabar-nos sem risco. Trazia o inimigo, ao parecer, um corpo de 8,000 homens regidos por

seus cabos, a que chamão modeliares, destros n'aquelle modo barbaro de commetter, e retirar, superiores aos nossos em numero, e na agilidade, e sem duvida um, e um nos forão derribando a todos, se os não fizera affastar a nossa espingardaria, de que receberão dano, e temor grande, vendo cair alguns subitamente mortos; de que espantados os outros, nos seguião mais timidos, e cautos; assim nos forão picando todo aquelle dia, umas vezes atrevidos, e outras cobardes, e com este sequito desigual, e importuno, ião dando aos nossos a carga lenta, mas nunca interrompida.

« Sobreveio a noite, de que os nossos receberão mais segurança, que repouso, porque sempre os forão inquietando com tiros vagos, e perdidos, sem que os pobres soldados pudessem ainda sobre as armas receber algum breve descanso; mastigando o biscoito com os olhos no inimigo, e as mãos nas armas. Assim passárão até o dia seguinte, que se descobrirão os barbaros mais soltos, e atrevidos; perdido, ou mitigado aquelle horror primeiro, que lhes fazião os instrumentos de fogo. Chegárão enfim a ferir-nos de perto com armas curtas, com o que foi forçado Antonio Moniz deter a marcha, e fazer algumas voltas, em que lhe degollamos gente, e captivamos, entre outros, um seu modelisar, que no habito, e nas armas, parecia o regente de todos; o que mostrou ser assim no risco, e ousadia, com que intentárão livral-o, fazendo muitas arremettidas, de que sairão cortados, porem sempre constantes n'aquella invasão porfiada, que já os nossos não podião aturar, rendidas as forças do trabalho.

« Mandou Antonio Moniz quebrar as pernas ao modelisar, que levava captivo, e lançal-o na estrada, a quem os seus, deixando a peleja acudirão logo detidos do amor, ou da piedade do maioral, ou companheiro, que vião em tão miseravel estado; ficarão os nossos um espaço largo, como sem inimigo; porem subitamente movidas de um espirito de lastima, ou vingança, acommetterão impetuosamente os nossos em um passo estreito, que ia fechar em uma ponte, fun-

dada sobre um grande rio, que se não vadeava. Mostrou aqui Antonio Moniz avantajado esforço, fazendo com nove companheiros rosto ao inimigo em quanto seus soldados passavão; e como os teve da outra parte, quebrou um lanço da ponte, industria com que tolheo aos barbaros a passagem. Não alcançou Antonio Moniz fama popular por tão heroica defesa, porem entre os poucos, que souberão fazer justa estimação das obras excellentes, mereceo esta retirada applausos de uma grande victoria.

« Sobresaltado o Hidalção com a presença do Meale em Goa, tentou com o remedio das armas, purgar estes receios; e porque ás guerras de Dio tinhão um pouco desangrado o Estado, crendo acharia no governador confiança, ou descuido nascido das victorias, sabendo, a cidade de Goa o tinha ausente, accomette as terras de Bardez, e Salsete, que asseguradas na paz, estavam sem defesa. Despedio 4\$000 soldados, que sem golpe de espada as senhoreárão, fazendo, que os agricultores lhe acudissem com os fructos, e fóros, que pagarão ao Estado. Chegou a Goa o aviso d'entrada, que dêo grande cuidado, por não se achar com forças para fazer ao inimigo rosto: Resolverão esperar a vinda do governador, cujo nome bastaria a quebrantar ao Hidalção o orgulho, presidiando entretanto a fortaleza de Rachol, para deixar ás incursões do inimigo este pequeno freio.

« Logo que o governador chegou a Goa, dando os primeiros dias ao gosto dos successos passados, não querendo dar outros ao descanso, como homem, que tinha a paz por vicio, a guerra por costume, passou a Agaçaim, d'onde despedio a D. Diogo de Almeida Freire, com 900 homens, para que desalojasse o inimigo, que estava com 4\$000 soldados nas aldeas visinhas. E tanto que os Mouros tiverão aviso, que a nossa gente marchavava, sem esperar o som das caixas, nem a vista das bandeiras, se recolherão ao sertão; o que a todos pareceo respeito ás victorias de Dio, cuja fama tinha cheio de temor e reverencia o Oriente todo.

« Era já entrado o mez de agosto, e o governador, co-

mo antevendo as occasiões futuras, não perdia momento em municionar, e bastecer a armada, quando aportou na barra de Goa Francisco de Moraes, capitão de um catur, com cartas de D. João Mascarenhas, em que o avisava, que o soltão de Cambaya juntava todas as forças de seus reinos com voz de pôr segundo sitio áquella fortaleza, que convinha mostrar-lhe este verão as armas, porque attento á segurança de sua mesma casa, deixaria de inquietar a alhea; mórmente, que impedindo-lhe nossas armas a liberdade da navegação, abriria os olhos para vêr, que só da paz do Estado pendia sua prosperidade.

« Andava o governador dando expediente aos aprestos da armada, quando lhe chegou nova, que na barra de Goa havião lançado ferro duas náos do reino, que se apartarão da conserva de outras. N'estas náos veio ordem ao governador, que mandasse alargar o sitio á fortaleza de Moçambique, por avisos que se tinhão, de haverem os Rumes de vir a ella, e convinha assegurar os moradores, e o porto como escala principal de nossas náos tolhendo ao inimigo o impedimento, que nos podia fazer no commercio de Çofala, e Cuama.

« Achava-se o governador com 3,000 soldados portuguezes, e alguns soccorros de Naires de Cochim, que forão as maiores forças, que juntou na India; e considerando que o Hildão com sua ausencia poderia perturbar o Estado, attento a não ficar em Goa quem lhe fizesse opposição bastante, resolveo buscal-o no interior do sertão, necessitando-o a aceitar a batalha, porque tinha para esta guerra tão precisa, taixado o poder, e o tempo. Communicou esta resolução com os regentes da cidade, e aos cabos da milicia, e a todos pareceo a occasião opportuna. Repartio o governador em cinco esquadras os soldados, de que fez cabos a seu filho D. Alvaro, D. Bernardo e D. Antonio de Noronha, Manoel de Souza de Sepulveda, e Vasco da Cunha. Ia tambem D. Diogo d'Almeida Freire com 200 cavallos, e os casados de Goa, com os piões da terra, em numero de 1,500. Presidiava a fortaleza de Rachol Francisco de Mello com 300 soldados

portuguezes, e alguma infantaria dos naturaes, ao qual avisou o governador, que se aprestasse para se ajuntar com elle na villa de Margão.

« N'este tempo chegarão a Goa embaixadores do rei do Canará, que pretendião a confederação do Estado, para com armas auxiliares molestar ao Hidalcão seu confinante. Foi este reino entre os Orientaes, pela grandeza do imperio, o mais illustre; pelos principios da origem, o mais desvanecido, fabulando mil tradições apocrifas, com que á veneração real servio a lisonja. Ouvio o governador a embaixada com ceremonias decentes á ambição do rei, e grandeza do Estado; e logo capitulárão amizades com condições honestas a uma, e outra coroa. Tanto que o Hidalcão entendeu a resolução do governador, mandou retirar a guarnição das terras firmes, como declinando o golpe da primeira invasão, querendo cançar o Estado com aquella forma de guerra repentina, e furtiva, aos nossos intoleravel, a elle facil.

« Soube o governador, que os Mouros erão recolhidos a Pondá, onde estavam abrigados com a artilharia do seu forte; alguns capitães forão de parecer, que o governador não seguisse o inimigo, que fogia; porem D. João de Castro, não querendo vestir de balde as armas, mandou passar ávante, dizendo, que queria castigar ao Hidalcão em sua mesma casa. Foi esta resolução grata aos soldados, crendo que levavão na fortuna do general grão parte da victoria. Marchou o campo aquelle dia duas legoas, e já sobre a tarde, houve vista do inimigo, que da outra parte d'uma ribeira o esperava, para lhe impedir o passo com um corpo de 2000 soldados.

« D. Alvaro de Castro, que levava a vanguarda, se lançou ao rio, vadeando, e pelejando juntamente; o inimigo lhe deo a carga de arcabuzaria, com que lhe derribou alguma gente; porem sem impedir, ou retardar aos outros, que passavão. Os de mais capitães cortárão o rio por differentes partes, e quando chegarão, achárão a D. Alvaro baralhado com os Mouros, e já tão apertados, que ião deixando o cam-

po, porque como não era seu intento pelejarem no raso, tanto que vencemos o rio, cessarão da opposição, retirando-se ordenados á sua fortaleza de Pondá. O governador mandou seguil-os, o que se fez aquelle dia por cima de alguns estrépes, que encravárão a muitos; e chegando a Pondá vio a todos os capitães do Hidalcão ordenados em forma de dar, ou aceitar batalha. O governador com o mesmo passo da marcha, que levava, mandou acommettel-os; os Mouros na resolução parece que conhecerão a pessoa de D. João de Castro, e lhe deixárão o campo, onde só com o respeito alcançou a victoria.

« Voltou o governador a Goa, onde tinha a armada prompta para passar ao Norte, não tendo outro lugar para o descanço, que o már, ou a batalha; e como o tempo chamava as velas, e os successos trazião aos soldados contentes, não foi necessario para se embarcárem, bando, ou diligencia.

« Achou-se o governador no mar com 160 fustas, e os navios, que vierão de Cochim, de que os cabos erão nossos. Forão n'esta conserva alguns navios de particulares, que por benevolencia do governador, servirão graciosamente o Estado.

« Com toda esta frota foi o governador surgir em Baçaim, d'onde mandou algumas espias a Cambaya, para reconhecer as forças, e designios do inimigo, de cujo poder se fallava em todos aquelles portos com temor, e espanto; e os Guzarates credulos, ou soberbos dizião, que o soltão poria d'esta vez o Estado debaixo de seu açoute. Aqui teve o governador aviso, que Caracém genio de Coge Çofar estava na fortaleza de Surrate com pequeno presidio na confiança do exercito visinho. D. João de Castro mandou a seu filho D. Alvaro com 60 velas, para que subindo o rio de Surrate, despachasse alguma pessoa de confiança, que notasse o estado da fortaleza, ou parecendo-lhe que esta se podia tomar por escala, lhe dêsse logo o assalto, porque pelas mesmas pisadas, que deixasse, iria a soccorrel-o.

« Chegou D. Alvaro com a armada, e logo despachou

a D. Jorge de Menezes Baroche, com 6 fustas, para reconhecer a fortaleza. Subio D. Jorge pelo rio, até que sendo visto da fortaleza lhe tirarão algumas bombardas. Aqui foi o perigo maior, d'onde se não temia, porque d'uma povoação d'Abexins, que estava sobre o rio, tirarão muitas peças; o que visto por D. Jorge, saltou em terra, e entrando a povoação ganhou a artilharia dos redutos com valer, e animo tão quieto, que a baldeou nas fustas, sem que lhe fizesse estorvo a gente, que acodia de terra.

« Referindo D. Jorge a D. Alvaro a observação, que fizera, pareceo aos cabos, que não tinha lugar a facção, visto estar a armada descoberta, e a terra appellidada: só D. Jorge sustentou tenazmente que se devia commetter a fortaleza, sendo a grandeza do seu animo a maior razão, com que o persuadia.

« Em quanto D. Alvaro esteve no rio de Surrate, o governador surto deo expediente a diversos negocios, e derramou fama, que havia de prender o soltão dentro em Amadabá, onde o havia de assar vivo. E como esta voz recebia credito de tão grandes victorias, uns aos outros a referirão os Mouros temerosos, ou credulos. Foi o governador ajuntarse com D. Alvaro na barra de Surrate, onde soube que a fortaleza estava soccorrida. Passou d'ahi com toda a armada junta a avistar Baroche, de cujo posto despedio Francisco de Sequeira, para reconhecer o estado da fortaleza. Este capitão subio pelo rio até haver vista do exercito do soltão derramado por uma dilatada campina. Era fama, que trazia 200,000 soldados. Referio ao governador o que vira, o qual quiz avistar as forças do inimigo por credito de sua mesma fama. Mandou que levantasse ferro a armada toda, e foi subindo até dar fundo na frente do exercito, cujo numeroso poder, secava os rios. E desembarcando em terra, formou campo, e apresentou batalha ao soltão, que nem aceitou, nem recusou o conflicto; esperou ser commettido, assim como buscado. Esperou D. João de Castro trez horas na campanha, sem que o inimigo se movesse, e logo mandou embarcar os

soldados, que o fizeram tão desassombrados, como em porto do Estado; facção a mais gloriosa, que tivemos sem sangue.

« De Baroche foi o governador atravessando a Dio, e despedio alguns navios por dentro da enseada de Cambaya a destruir os lugares da costa, a que havia perdoado a espada dos nossos. Estes talárão as hortas, e palmares plantados para a recreação, e alimento de seus habitadores, abrasárão grão copia de navios, derribárão soberbos edificios, de que ainda hoje se conserva a lastima, e a memoria nas prostradas ruinas.

« Aportou o governador em Dio, onde o capitão mór o veio receber á praia, e os naturaes da ilha lhe fizeram festas. D. João Mascarenhas lhe lembrou a licença, que já tinha para passar ao reino; alguns fidalgos lhe haviam engeitado a praça, quando chegou áquelle porto Luiz Falcão, que vinha de governar Ormuz; o governador o chamou e o incumbio da fortaleza, em que o mundo tinha posto os olhos.

« Concluidas as cousas de Dio, se embarcou o governador em direitura a Baçaim, dando vista á costa de Por, e Mangalor, aonde abrasou as cidades de Pate, e de Patane. Os moradores salvárão no sertão as vidas, e parte das fazendas. Cento e oitenta embarcações forão entregues ao fogo; ouvirão-se de longe as vozes e os gemidos. Muitos outros lugares d'aquella costa forão arruinados, ficando este cerco de Dio mais famoso pela vingança, do que pela victoria.

« D'aqui passou o governador a Baçaim, determinado a gastar o que restava do verão na guerra de Cambaya, d'onde despachou alguns espias para saber os passos do inimigo; dos quaes soube, que na corte de Amadabá, não havia casa sem lagrimas, e que o soltão mandára com rigoroso decreto, que se não fallasse no cerco, e batalha de Dio. D'estes mesmos enviados entendeu o governador, que as fortalezas de Surrate, e Baroche, se despejárão á vista da armada de D. Alvaro, que pudera tomal-as por escala, se não fora dissuadido dos cabos; de que D. João de Castro mostrou



vivo sentimento, chegando a romper em palavras, que accusavão os capitães da armada de tibios, e remissos.

« O Hidalcão entendendo, que as forças do Estado estarião, ainda que gloriosas, quebradas com as victorias, tornou a occupar as terras firmes com um exercito de 20,000 infantes, á ordem de Cale Batecão, pratico na disciplina da Europa. Este senhoreou as terras, fazendo recolher á fortaleza de Rachol alguns poucos soldados nossos, que avisarão a Goa do poder do inimigo.

« Recebido este aviso, D. Diogo d'Almeida resolveo desalojar o inimigo com a milicia da terra. Ordenada a gente, e estando já prompto a marchar, vierão os vereadores, e governo da cidade, com requerimentos que não arriscasse com forças tão desiguaes a cabeça do Estado; que o governador estava em Baçaim com armada cheia de soldados victoriosos, com que podia castigar o inimigo, contra o qual levaria, como segundo exercito, seu nome, e sua fortuna.

« Deo-se logo aviso ao governador, que entendeo, que o governo politico se queria adjudicar a direcção da guerra, reprehendo asperamente sua animosidade; e a D. Diogo d'Almeida agradeceo, e confirmou a resolução de buscar o inimigo, ordenando-lhe, que o esperasse em Pangim, com a gente, onde seria em breves dias.

« Aquelle dia, que recebeo o aviso, mandou D. João de Castro tirar peça de leva, e ao seguinte desamarrou a armada, e indo costeando, avistou a cidade de Dabul, dos portos do Hidalcão a principal escala. Deixavão-se vêr de longe muitos jardins, pomares, e edificios, que mostravão a grandeza de seus habitadores; seria a cidade de 4,000 visinhos, com dous fortes, e alguns redutos, que defendião a entrada do porto.

« Aquella tarde andou a armada pairando á vista da cidade, notando os surgidouros, e defensas; e ao seguinte dia, no quarto d'alva, mandou o governador passar aos bateis a seu filho D. Alvaro com 2,000 homens para saltar em ter-

ra, sendo elle dos primeiros, que a pisárão no meio de muitas bombardas. Esteve a batalha igual um largo espaço, de ambas as partes se derramava sangue, e a constancia de uns e outros inimigos fazia contingente o successo. Quando chegou o governador com o resto do poder, e carregou o inimigo de maneira, que começou a fraquear na defesa; pouco a pouco nos foi largando o campo, até que com declarada fugida, nos deixou a victoria. Entrou o governador com os Mouros de envolta na cidade, onde perecerão muitos. Ao estrago succedeo a cobiça; apenas se pode recolher a fazenda nas vasilhas da armada. Ardeo em poucas horas a cidade, ficando segunda vez lastimosas suas ruinas pela memoria de um e outro estrago.

«O governador deixando a cidade abrasada, se tornou a embarcar, e foi demandar Agaçaim, onde o esperava D. Diogo d'Almeida com 150 cavallos, e a milicia da terra, com quantidade de barcas para passar a gente. Deteve-se o governador aqui um dia, em que se informou das forças do inimigo; e logo no seguinte, que era vespera do apostolo S. Thomé, se resolveo commetter os Mouros. Estava o inimigo alojado na villa de Morgão, que de Agaçaim fica em pequena distancia; o que sabido pelo governador, ordenou a sua gente em duas batalhas. A primeira deo a seu filho D. Alvaro; a segunda tomou para si. N'esta ordem mandou fazer a marcha, lançando alguns cavallos diante, que descobrissem o campo.

«Os Mouros estão derramados sem ordem, ou disciplina, como gente que não esperava inimigo; porem tanto que alguns soldados virão nossas bandeiras, e entenderão que o governador os buscava, forão dar conta a Cale Bateção sobresaltados. O Turco assombrado de ter já sobre si tão victoriosas armas, não teve mais acordo, que para fazer com a fugida aos seus exemplo. Deixarão nos quarteis as tendas, bastimentos, e bagagens. N'esta fugida começou a tomar o governador posse das terras, e da victoria.

«Passarão-se os Mouros á outra banda d'um caudaloso

rio, que só se podia atravessar por uns valos ordenados á maneira de ponte. Estes cortou o inimigo por impedir o sequito dos nossos, porem com tanta pressa, que ainda a terra movediça deixava passo aberto. Por esta parte tentou D. Alvaro a passagem do rio, começando a vadeal-o, como a estreiteza do lugar o soffria.

« Não estava tão alheio de si o inimigo, que perdesse a occasião de pelejar com tão conhecida vantagem. Voltou ao rio, mostrando-nos que fôra ardil o temor cauteloso. Carregãrão os Mouros sobre os que ião passando tremulos, poucos, e desordenados. O governador os animava a que passassem com a voz, com o imperio, com a presença, mas o temor venceo a obediencia; voltárão os primeiros, não sem derramar sangue. Já a este tempo a impaciencia do governador fez commetter o rio por differentes partes. D. Diogo d'Almeida o vadeou com um troço da cavallaria, achando por aquella parte melhor vão, e melhor fortuna; porque se topou com o general dos Mouros, que a cavallo andava ordenando, e animando os seus, ao qual investio com grande gentileza. Do encontro veio o Turco a terra, caído mas não desacordado, porque levantando-se, meteo mão ao alfange, e buscou a D. Diogo, que ainda que não perdeo a sella, ficou desarmado com a força do golpe, por um pequeno espaço; mas tornando a cobrar-se, commetteo segunda vez o Turco, soccorrido de dous soldados, e o deixou com muitas feridas estendido no campo.

« Os outros capitães, ainda que com difficuldade, atravessárão o rio, estimulados do exemplo do governador, que vião andar com os inimigos envolto, mais envejado, que obedecido de seus mesmos soldados, que derramados, e sem ordem, se lançavão ao rio; porem depois que passou a gente toda, carregou com tal força o inimigo, que não podendo soffrer o peso da batalha, foi desamparando o campo. O governador foi apertando os Mouros, já desordenados, de sorte que em breve espaço rematou a victoria. D. Alvaro de Castro mandando, e pelejando nunca pareceo mais filho de tal

pai que n'este dia. Com o nome de S. Thomé, e em seu dia se venceu esta batalha, dando de seu favor aos catholicos orientaes um testemunho illustre.

« Despedio o governador a gente, e foi-se descançar a Pangim, onde esteve despachando as náos de carga, que haviam de voltar ao reino, em que foi embarcado D. João Mascarenhas, que ElRei, e a nobreza, recebeu com honras não vulgares. Foi conselheiro de D. Sebastião no Estado, depois um dos governadores do reino.

« Não pareceo a D. João de Castro, que estava o Hidalção ainda bem cortado de nossas armas, resolveo quebrantal-o com mais pesada guerra. Assegurou com grosso presidio as terras de Salsete, deixando a D. Diogo d'Almeida com 120 cavallos, e 1000 piões da terra; e nos rios de Rachol ordenou, que ficassem alguns navios para defensa das aldeas visinhas. Entendendo pois o governador, que seria facil de prostrar um reino declinado, foi continuando com o Hidalção a guerra, querendo que de seu castigo fizessem argumento os emulos do Estado. Mandou embarcar os soldados, que tinha sempre promptos, e dando á vela, foi navegando por aquella costa do Hidalção, a qual destruiu com tão igual açoute, que não deixou lugar, que pudesse consolar as misérias de outro; não se livrou nenhum pela resistencia, alguns pela distancia.

« Outro Dabul, que se chamava de cima, que por espaço de duas legoas se apartava da praia, estava rico com os depositos, e fazendas de muitos; mas nem assim lhe valeo o abrigo da terra, porque o foi demandar o governador, dando a seu filho D. Alvaro o primeiro perigo; porem quando chegou, os Mouros tinham assegurado no interior do sertão, pessoas, e fazendas. Não achárão os nossos cousa, que servisse á victoria, ao estrago sim; porque os edificios pagárão com a ruína. Passou a indignação de nossas armas a talar a campanha; destruindo os gados, e palmares, para que a fome acompanhasse a guerra. Ficou em fim tão asso-

lado tudo, que das povoações á campina se não fazia differença pela vista, senão pela memoria.

«Recolheo-se o governador a Baçaim, d'onde voltou as armas á guerra de Cambaya, despedindo alguns capitães para que danassem todo aquelle maritimo; o que se fez com felices armas.

«Resolverão os moradores de Adem enviar uma pessoa real ao governador, que lhe significasse o estado em que se achavão; que o principe de Adem, queria receber do Estado as leis, e a coroa, á quem se faria feudatario com um grato, e honesto tributo.

«D. João de Castro se alegrou de ver soar seu nome, e suas victorias, nos ouvidos dos principes remotos. Em Goa houve grande alvoroço com a mensagem, vendo que a fortuna do governador tornava ao Estado as felicidades da primeira India, pois aonde outras armas mal havião chegado por noticia, as suas chegavão por imperio.

«Deo o governador esta empreza a seu filho D. Alvaro, mandando para ella cifar, e bastecer trinta navios de remo. Poucos dias antes que çarpasse a armada, chegou a Goa uma embaixada d'ElRei de Caxem, a quem os visinhos havião usurpado grande parte do reino. Este, sabendo que Adem era soccorrida de nossas armas, escreveu ao governador, que não seria menos grato ao mundo restituir a Caxem, que defender a Adem: offerecia além da fidelidade moderado tributo. O governador assentou que com a mesma armada se desse favor ao de Caxem, visto ser uma mesma a viagem, e a despeza. E porque os de Adem, como cercados, necessitavão de prompto soccorro, o governador despachou logo a D. João d'Attayde com quatro navios, para que entrasse em Adem, e entretivesse o cerco até chegar D. Alvaro.

«Entretanto pelejavão em Adem obstinadamente cercadores, e cercados. Carregava o peso d'esta guerra sobre alguns Portuguezes da armada de D. Payo, que mostrarão valor illustre em nascimento humilde. Estes bastarão a embaraçar aos Turcos a victoria muitos dias.

«Estando as cousas d'Adem na contingencia, que temos referido, appareceo a armada dos Turcos, que constava de nove galés reaes, e algumas galeotas, as quaes surgingo fóra da enseada, sairão em terra, armárão tendas, e fortificarão alojamentos, avisando ao baxá se lhes agregasse com a gente que tinha. Os Arabios, que virão sobre si forças tão grandes acodião remissos á defensa, parecendo-lhes insuperavel o valor, e o poder dos inimigos; porem os Portuguezes, que com elles estavam, esforçarão os Arabios, mostrando-lhes a resistencia necessaria, e possivel; offerecendo-se de novo por companheiros de sua fortuna; o que bastou a criar-lhes outros espiritos novos, com que se apostarão a morrer na defensa, menos pela obrigação, que pelo exemplo.

«Sitiarão a cidade os Turcos, pondo-lhe duas baterias com algumas peças de disforme grandeza, com que fizerão nos muros mais ruinas, que brechas, com que aos cercados o perigo ensinou a disciplina, elevando seus reparos, e travezes por dentro, com que rebatião os assaltos, e fazião aos Turcos custosa a victoria. Porem D. Payo de Noronha privou aos Arabios da victoria, aos nossos da honra, mandando secretamente avisar a todos os Portuguezes que se viessem a a elle. Logo que os Arabios entenderão que são os Portuguezes recolhidos, perdida a esperanza da defensa, tratarão de partidos. Continuou os assaltos o inimigo, conhecendo já nos moradores divisão, e fraqueza; até que o perigo, a fome, e a desconfiança dobrarão alguns para darem ao inimigo uma porta secreta, por onde entrou na cidade. O principe com a vida desempenhou a fidelidade promettida ao Estado, pelejando com espirito real, mas infeliz.

«D. Alvaro de Castro, partindo com toda a armada junta, fez a viagem breve, e tanto ávante, como os ilheos de Canecanim, lhe saio D. João d'Attayde, do qual soube a perda de Adem, e como lhe correrão os Turcos, de cujas galés se livrára com o favor da noite. D. Alvaro, e os fidalgos da armada, mostrarão justo sentimento d'esta nova, avaliando em menos a perda do Estado, que o desar de nossas

armas. O embaixador, e cunhado d'ElRei de Caxem, que ia na armada, sentio vivamente as mortes do cunhado, e sobrinho, consolando-se porem muito com saber, que nada ficárão devendo á honra, nem á fidelidade, mostrando n'estas considerações animo tão inteiro, como se buscára alivio a dôr alhea. D. Alvaro com os cabos da armada pôz em conselho o que se devia obrar; e pareceo a todos que visto o soccorro de Adem estar frustrado, vo'tassem as armas em beneficio do rei de Caxem, como trazia por instrucção a armada, a quem os Fartaques visinhos tinham tomado a fortaleza de Xael; a qual senhoreava um porto, que era dos poucos, que este regulo tinha, a principal escala; empresa mais util, que difficil.

«Mandou D. Alvaro governar a Xael, e surgindo á vista do castello, os Fartaques temerosos, ou amigos, receberão como de paz a armada. Era o forte fabricado de adobes, com quatro cubellas tão pequenas, que bastavão para o guarnecer, 35 soldados, que o presidiavão. Estes, tanto que virão a armada, lançárão fora uma mulher, que entendia, e fallava a nossa lingoa, a qual perguntando pelo capitão mór, lhe disse, que os Fartaques erão amigos do Estado; que se vinhamos em demanda d'aquella fortaleza, a largarião logo. A muitos pareceo, que se lhe aceitasse, porque de inimigos tão poucos, e sem noine, não esperavamos gloria, nem despojo; os mais votárão, que por authoridade de nossas armas, os mandassem render á discrição. Entendida pela mulher esta resolução, disse, que os Fartaques saberião defender as vidas, e o castello. Os Mouros tirárão logo uma bandeira branca, e arvorárão outra vermelha, a que succedeo tirarem os nossos algumas bombardas, que não fizerão dano. D. Alvaro rodeou com todos os seus a fortaleza, que mandou commetter por escala por differentes partes. Fernão Perez foi o primeiro, que começou a subir por uma escada, levando o seu guião diante, que arvorou, e sustentou no muro. Quasi ao mesmo tempo subio Pero Botelho: estes franqueárão aos mais a subida.

« Antonio Moniz Barreto, e outros, forão demandar a porta da fortaleza, que estava entulhada, e não puderão entrar, sem que os nossos viessem por dentro, e a desentulhassem. Os Fartaques se retirárão a dous cubellos, d'onde se defendião com desesperado valor, engeitando as vidas, que D. Alvaro lhes offerencia. Pelejárão em fim os Mouros até acabar todos, não merecendo nome de esforço a obstinação barbara, d'onde não podião esperar victoria, nem vingança. Ganhada a fortaleza, a entregou D. Alvaro ao embaixador d'ElRei de Caxem; e porque se ia gastando a monção, se foi invernar a Goa, onde foi recebido com applauso maior que a victoria.

« Tomou Lourenço Pires de Tavora a barra de Lisboa com as cinco náos de sua conserva; n'ellas vinha D. João Mascarenhas, cheio de fama, e de merecimentos. As novas de Dio se derramárão logo pelo povo. O vulgo não sabia pôr taixa nos louvores de D. João de Castro. Os fidalgos, e grandes, ajudavão, ou consentião a voz universal; e não houve algum tão ambicioso, que desejasse para si melhor nome, nem mais illustres obras.

« Vestirão galas os reis, e a corte, e determinárão dia para dar graças na capella com offertas pias, e reaes. ElRei deo conta da victoria ao summo pontifice, e aos maiores principes da Europa, que todos lhe congratulárão, como a mais illustre facção do Oriente. Na carta que escreveu a ElRei, D. João de Castro pedia licença para se vir ao reino, mostrando que não buscava póstos, quem deixava os maiores; e porque não parecesse ambição nova o desprezo de tudo, pedia a ElRei duas geiras de terra, que partem com a sua quinta de Sintra, e rematão em pequeno cabeço, que ainda hoje conserva o nome do *Monte das Alviçaras*. Parece que nas honras teve ElRei consideração a seus serviços, e o premio á sua fortuna. Tudo se verifica da sua carta, de que damos a copia.



*Carta d'ElRei D. João III.*

« Viso-rei amigo. Eu ElRei vos envio muito saudar. A  
« victoria, que Nosso Senhor vos deo contra os capitães d'El-  
« Rei de Cambaya, foi de tão grande contentamento para mim,  
« como era razão, que eu tivesse por tal, e tamanho venci-  
« mento, e por quão grandes mercês, e ajudas n'isso rece-  
« bestes de Nosso Senhor, pelas quaes elle seja muito louva-  
« do; e muito se deve á vossa prudencia, e grande animo,  
« que n'aquelle dia mostrastes; e assim no que fizestes no gran-  
« de, e apressado soccorro, que mandastes á fortaleza de Dio  
« em tão desvairado tempo, offerecendo ao mar vossos filhos,  
« em que se vio quanto mais pôde com voſco o que importa  
« a meu serviço, que o affecto, natural de pai; o que eu assim  
« estimo, como é razão, vendo, que não sómente desbaratas-  
« tes tão grande poder de inimigos, mas ainda déstes muita  
« segurança a toda a India, no grande receio, que aos inimi-  
« gos d'ella fica com esta tamanha victoria; cujo serviço as-  
« sim é razão, que eu tenha na conta que elle merece, como  
« que tenha d'elle o contentamento, que se requer. E do fal-  
« lecimento de vosso filho D. Fernando recebi mui grande  
« desprazer, assim por ser elle vosso filho, como porque ia  
« bem mostrando n'aquelle idade, quem houvera de ser em  
« toda a outra; e pois acabou tão honradamente, e em tão  
« grande serviço de Nosso Senhor, e meu, deveis de sentir  
« menos sua perda, e dar graças a Nosso Senhor por como  
« foi servido, que acabasse; o que sei, que vós fizestes, mos-  
« trando ainda no esquecimento da morte do filho, a lembran-  
« ça do que cumpria a meu serviço; das quaes cousas assim  
« serei sempre lembrado, que não sómente vol-as conhecerei  
« com grande contentamento d'ellas, mas ainda com muita  
« mercê, a que agora quiz dar principio nas que faço a vós,  
« e a vosso filho D. Alvaro, guardando o remate d'ellas pa-  
« ra o cabo de vosso serviço, que eu confio, e tenho por mui  
« certo, que será tal, como forão os que atégora me tendes

« feito ; e com esta confiança , e com a experiencia , que eu  
 « d'isso tenho , desejando muito n'este tempo vos fazer mer-  
 « cê em tudo , considerando porem quanto isto cumpria a meu  
 « serviço , e vendo por vossas obras , quanta mais conta tinheis  
 « com elle , que com todas vossas cousas , houve por bem de  
 « vos não dar licença para vos virdes , como me pedieis. Pe-  
 « lo que vos encommendo muito , e mando , que o hajais as-  
 « sim por bem , e que n'esse carregó me queirais ainda ser-  
 « vir outros trez annos , no fim dos quaes vos mandarei licen-  
 « ça para vos virdes embora. E eu espero em Nosso Senhor ,  
 « que vos dê mui boa disposição para o fazerdes. E porem se  
 « por cima do que tanto cumpre a meu serviço , como é fi-  
 « cardes-me ainda servindo n'essas partes por este tempo , vos  
 « a vós parecer , que tendes todavia necessidade de vos vir-  
 « des , folgarei de mo escreverdes , e entretanto esperareis mi-  
 « nha resposta. Pero de Alcaçova Carneiro a fez em Lisboa a  
 « 20 d'outubro de 1547.

## REI

« Deixa-se vêr d'esta carta , quão gratos erão a El-  
 Rei os serviços de D. João de Castro. Negou-lhe ElRei D.  
 João a licença que pedia para vir descançar ao reino , como  
 em beneficio da patria , e do Oriente , prorogou-lhe outros  
 trez annos do governo com nome de vice-rei ; não teve vida  
 para lograr este acrescentamento ; para o merecer , sim ; fez-  
 lhe mercê de 10\$000 cruzados d'ajuda de custo , e patente  
 de capitão mór do mar da India a seu filho D. Alvaro , car-  
 go , que já exercitava com menos annos , que victorias.

Finha entendido ElRei D. João pelos avisos do vice-  
 rei , que a segurança da India necessitava de ter a todo o  
 tempo forças promptas para todas as occurrencias do Estado ,  
 e que os estragos de Cambaya , junto com o respeito , cria-  
 vão odio nos principes visinhos , cuja ruina era para outros  
 exemplo. Com estas , e outras considerações , despachou este  
 anno para a India seis náos , que partirão em monções dif-  
 ferentes.

« Achava-se D. João de Castro, gastado menos dos annos, que dos trabalhos de tão continuas guerras, com que veio a cair rendido ao peso de tão graves cuidados. Enfermou gravemente, e descobriu a doença em poucos dias, indícios de mortal; o que elle conhecendo pela molestia de repetidos accidentes, se aliviou da carga do governo. Chamou o bispo D. João de Albuquerque, D. Diogo d'Almeida Freire, ao doutor Francisco Toscano chanceller mór do Estado, a Sebastião Lopes Lobato seu ouvidor geral, e a Rodrigo Gonçalves Caminha veedor da fazenda, aos quaes entregou o Estado com a paz dos principes visinhos, assegurada sobre tantas victorias. Mandou vir a si o governo popular da cidade, ao vigario geral da India, ao guardião de S. Francisco, a Fr. Antonio do Casal, a S. Francisco Xavier, e aos officiaes da fazenda d'ElRei, a quem fez esta falla.

« Não terei, senhores, pejo de vos dizer, que ao vice-rei da India saltão n'esta doença as commodidades, que « acha nos hospitaes o mais pobre soldado. Vim a servir, « não vim a commerciar ao Oriente; a vós mesmos quiz em-  
« penhar os ossos de meu filho, e empenhei os cabellos da  
« barba, porque para vos assegurar, não tinha outras tape-  
« çarias, nem baixellas. Hoje não houve n'esta casa dinheiro  
« com que se me comprasse uma galiinha; porque nas arma-  
« das que fiz, primeiro comião os soldados os salarios do go-  
« vernador, que os soldos de seu rei; e não é de espantar,  
« que esteja pobre um pai de tantos filhos. Peço-vos, que  
« em quanto durar esta doença, me ordeneis da fazenda real  
« uma honesta despeza, e pessoa por vós determinada, que  
« com modesta taxa me alimente.» E logo pedindo um mis-  
sal, fez juramento sobre os Evangelhos, que até á hora pre-  
sente, não era devedor á fazenda real de um só cruzado,  
nem havia recebido cousa alguma de christão, judeo, mou-  
ro, ou gentio; nem para a authoridade do cargo, ou da  
pessoa tinha outras alfaias que as que de Portugal trouxera;  
e que ainda a prata, que no reino fizera, havia já gastado,  
nem tivera jámais possibilidade para comprar outra colcha,

que a que na cama vião; só a seu filho D. Alvaro fizera uma espada guarnecida de algumas pedras de pouca estima, para passar ao reino. Que d'isto lhes pedia mandassem fazer um termo, para que se alguma hora se achasse outra cousa, ElRei, como a perjuro, o castigasse. Esta pratica se escreveu nos livros da cidade, a qual se poderá ler, como instrução, aos que lhe succederão; nos quaes, creio, ficou a memoria mais viva, que o exemplo.

« Logo que o vice-rei entendeu, que era chamado á mais dura batalha, fugindo á impertuna diversão de cuidados humanos, se recolheu com o padre S. Francisco Xavier, buscando para tão duvidosa viagem, tão seguro piloto, o qual lhe foi todo o tempo, que durou a doença, enfermeiro, intercessor, e mestre. Como não adquirio riquezas, de que dispor de novo, não fez outro testamento, que o que deixou no reino, quando passou a governar a India, em mãos do bispo d'Angra D. Rodrigo Piubeiro, com quem o tinha comunicado. E recebidos os Sacramentos da Igreja, rendeo a Deos o espirite em 6 de junho de 1548, aos 48 de sua idade, e quasi trez de governo d'aquelle Estado. As riquezas, que grangeou na Asia, forão suas heroicas obras, que n'este papel virão a lêr os futuros com saudosa memoria. No seu escritorio se achárão trez tangas larins, e umas disciplinas, com signaes de usar muito d'ellas, e a guedelha da barba, que havia empenhado. Mandou em S. Francisco de Goa depositar seu corpo, para que d'ali se tresladassem os ossos á sua capella de Sintra. Tratou-se logo do funeral; não menos lastimoso, que solemne, merecendo de todo o Estado lagrimas illustres, e plebéas. »

*Golpe de vista sobre a situação da India depois  
do fallecimento de D. João de Castro.*

— *Vice-reis, que lhe succederão.*

Os historiadores portuguezes unanimes concordão, em que na epoca da administração do quarto vice-rei, a todos

pareceo que tinhão voltado esses tempos de prosperidade quasi fabulosa, que seguirão o dominio mui curto d'Almeida e Albuquerque: esta prosperidade, que bem quadrava com os designios d'um grande espirito e com o exemplo dado por uma probidade severa, foi de breve duração. Insensivelmente os jogadores nos fundos publicos, os procuradores se forão introduzindo, de modo que, sessenta annos mais tarde, um author portuguez, escrevendo sobre a estatistica, podia dizer: «E parece a cidade de Goa, mais academia de litigantes que escola de armas. Esta decadencia politica não foi todavia repentina; e os tempos, que succederão á epoca de D. João de Castro, forão ainda gloriosos; o que provarião facilmente algumas paginas extrahidas de João de Barros, ou de Diogo de Couto; porem cumpre confessal-o, o que á Europa importa verdadeiramente saber ácerca da conquista da India, fica dito depois da narração do periodo, que acabamos de assignalar.

Não daremos mais que algumas datas, e alguns successos, seguindo a ordem chronologica, até á infausta epoca em que ElRei D. Sebastião perdeo o reino, não obstante as austéras representações d'esse D. João Mascarenhas, que tanto se aballisára no cerco de Dio.

O governador, que a D. João de Castro succedeo immediatamente, foi Garcia de Sá, alcaide mór da cidade do Porto. Este administrou pouco mais d'um anno, até 1549, e assentou paz com o rei de Cambaya, depois de haver de novo fortificado as praças do seu vice-reinado. Os dominicos se estabelecerão nas Indias; e o soberano de Tanor, que foi a Goa, se fez christão. Jorge Cabral, que succedeo a Garcia de Sá, pouco mais tempo que este governou; por quanto deixou o poder a 6 de novembro de 1550. Durante este breve espaço de tempo, os Portuguezes alcançárão grandes victorias navaes sobre Samori, e destruirão Capocate, Turacolle e Panane: Tambem Ceylão foi theatro de mais d'um feito d'armas notavel: D. Jorge de Castro lá tomou a cidade Ceitava.

D. Affonso de Noronha, que se segue a este, foi revestido do titulo de vice-rei. Era o quinto fidalgo, a quem o governo concedia esta dignidade, que por espaço de quatorze annos conservou. N'este tempo, (1) as guerras longinquas com actividade se succederão. Solimão perdeu, á excepção de dous navios, a armada de vinte e cinco galeras, que enviava em soccorro d'Ormuz: o poder do principal soberano de Ceylão foi arruinado. Nas Molucas, Tidor teve a mesma sorte, e o capitão de Ternate, Bernardim de Sá, destruiu esta cidade. Pedro Mascarenhas foi ao mesmo tempo governador e vice-rei. Partio de Lisboa no anno de 1554, e só nove mezes governou: durante esta breve administração, soccorreo Surate contra os Turcos; e os rendimentos da alfandega de Dio pertencerão completamente á coroa de Portugal; o que foi conceituado como um melhoramento na administração da fazenda, melhoramento, que ninguem esperava, e que fez a maior honra a Diogo de Noronha, capitão d'aquella fortaleza. O breve governo de Pedro Mascarenhas foi alterado por sanguinosas dissensões, que se suscitárão entre os fidalgos portuguezes residentes nas Indias; e affirmão que estas discordias intestinas abreviárão os dias do successor de D. Affonso de Noronha. Pedro Mascarenhas falleceo em 1555, e ordenou que seus ossos fossem trazidos a Portugal.

«Francisco Barreto foi nomeado decimo setimo governador dos Estados da India; assumio o poder em junho de 1555, e começou logo uma activa guerra contra o Hidalcão, na qual o soberano musulmano se achou tão mal que houve de aceitar a paz. Ajuizando por uma satira, que nos foi transmittida nas obras de Camões, sob o titulo de *Disparates das Indias*, se os habitantes de Goa não carecião de valor, o estado moral do paiz tinha-se tornado deploravel. Foi esta satira, em que era manifesta a ironia, que indispoz o gover-

(1) Foi a epoca em que o grande Akbar subio ao throno. O imperio mogol, fundado em 1525 por Babr, bisneto de Timur-Lenck, ia achar-se em todo o seu esplendor.

nador contra o poeta instigando-o a desterral-o. Não obstante a macula, que d'isto resulta á memoria do governador, não se pôde dissimular que Francisco Barreto mostrou valor e perseverança no tempo da sua administração, que durou trez annos e dous mezes. Além de suas guerras victoriosas contra o Hidalcão, elle arruinou Suaquem, ou ao menos enviou Peixoto contra esta cidade, e tomou as fortalezas d'Asserim e de Manora. Por seu mandado, Pedro Barreto Rolim entrou em Sindh, e destruiu muitas cidades. Francisco Barreto ausentou-se da India para ir conquistar, em Africa, o reino de Monomotapa. Muitos annos depois de haver abandonado um paiz, em que deixava lembranças gloriosas, e vestigios de violencia, lá falleceo miseravelmente, no anno de 1573, e na sua ultima enfermidade só pôde abrigar-se n'uma mesquinha cabana construida á pressa no meio do deserto. Logo o vice-reinado das Indias foi sollicitado por fidalgos, que o nascimento ligava ao throno. Em 1558, D. Constantino de Bragança, filho do duque D. Jaime, partio como setimo vice-rei, com quatro navios. Gratas lembranças deixou D. Constantino, em memoria da protecção, que concedeo ao grande poeta, antes perseguido por Francisco Barreto. A administração d'este principe tambem não foi destituida de gloria para as armas portuguezas: depois d'uma sanguinosa luta, a fortaleza de Damão caio em seu poder, e elle castigou o rei de Jafanapatam. D. Constantino de Bragança havia sido nomeado para o importante cargo, que exercia, durante a menoridade de D. Sebastião, pelo inquisidor mór D. Henrique, tio do joven rei: não deve pois causar admiração se o terrivel tribunal, que não se havia até áquelle tempo estabelecido nas Indias, se instituiu em Goa mais sanguinolento, mais implacavel que na Europa. A metropoli das Indias foi no mesmo tempo erecta em arcebispado; Estes cuidados, puramente religiosos, não estorvârão a D. Constantino de destruir Mangalor e inquietar a costa do Malabar. Em Africa fundou elle a fortaleza de Moçambique, tal qual por largo tempo existio; porem, durante a sua administração, os Portuguezes perde-

rão Punicale, na costa da Pescaria; depois Balsar, na circumscripção de Damão: também forão derrotados em Baharem, que subministrava perolas em abundancia; uma grande victoria, alcançada sobre o Samori, foi indispensavel para resarcir estas perdas. D. Constantino de Bragança auzentou-se das Indias em 1561.

O seu successor também teve o titulo de vice-rei, e era na ordem cronologica o oitavo; foi D. Francisco Coutinho, conde de Redondo. Duraute a sua curta residencia nas Indias (porque só governou dous annos e meio) D. Francisco não provocou grandes acontecimentos. Todavia, Garcia Rodrigues de Tavora, governador de Damão, alcançou uma illustre victoria sobre os chefes musulmanos, que havião entrado em campanha contra os Portuguezes, já menos formidaveis. Pelo que toca ao vice-rei, depois de haver ajuntado uma grande armada em Cochim, teve com o Samori uma conferencia, em que de novo se jurou a paz, que tinha sido precedentemente concluida.

Fallecendo D. Francisco Coutinho em Goa no anno de 1564, D. João de Mendonça se incumbio do cuidado da administração; porem só governou seis mezes, e partio para Portugal, sendo substituido por um homem habil. D. Antão de Noronha, nono vice-rei, partio em 1564, e governou até 1568. As guerras se renovárão, com inso'ito grão de violencia, na ilha de Ceylão, e só tomárão um character tão terrivel em razão das idéas religiosas, que ao mais alto ponto se havião exasperado d'uma e outra parte. O capitão general de Colombo, Pedro d'Attaide, protegia o rei de Cota, que se tinha feito christão. Em breve os Chingulezes vierão cercar este principe, e suas tropas juntas formarão um exercito innumeravel. Os Portuguezes acudirão em soccorro do seu aliado; e terá uma idéa da matança, que houve, quem souber que n'um só lugar, onde foi possivel contal-os, estavam dois mil cadaveres. Não perderão os Portuguezes mais que um homem, que se chamava Pedro Fernandes Janeiro: esta morte tolheo que fosse completo o milagre aos olhos dos chris-



tãos, que não puderão deixar d'attribuir tal victoria a poder sobrenatural. A propria cidade de Colombo, que soffria um dos mais apertados cercos, foi salva por sessenta Portuguezes, que restabelecerão as communicações com a metropoli, e que, n'uma só batalha, matárão quinhentos Chingulezes. Nada d'isto tolheo que no tempo de D. Antão de Noronha os Malabares começassem a alcançar vantagens, que exaltárão o seu orgulho e forão o principio d'uma deploravel decadencia. D. Leonel Pereira sustentou a honra portugueza em Malaca.

D. Luiz d'Attaide, senhor d'Atouguia, chegou ás Indias, de que foi o decimo vice-rei, em 1568; mostrou eminentes qualidades, e necessario é convir que se havia tornado indispensavel um guerreiro para sustentar a administração; porque, em todos os pontos, o vasto imperio dos Portuguezes se achava atacado. Quasi ao mesmo tempo, D. Luiz d'Attaide houve de resistir a Hoidalção II, que ía a cercar Goa á frente d'um exercito de noventa mil homens; e o soberano, que as cronicas designão, impropriamente, pelo nome de Malique, pretendendo apossar-se de Chaul, marchava contra esta fortaleza á frente de cento e cincoenta mil soldados. O Samori, a despeito da paz jurada pouco tempo antes, tinha-se declarado contra os christãos; e o rei d'Achem contra elles levantava grandes forças. D. Luiz d'Attaide, durante os trez annos do seu governo, sobre estes exercitos alcançou muitas victorias assignaladas; e quando voltou a Lisboa, o joven monarcha successor de João III lhe fez a insigne honra de o acompanhar a sé, para dar graças a Deos de vantagens inesperadas: nem por isso é menos certo que o prestigio dos tempos gloriosos ía desvanecer-se.

D. Antonio de Noronha foi nomeado vice-rei n'estas circumstancias difficeis; partio em 1571, e deo um triste espectáculo na Asia meridional. Malquistado, segundo dizem, por cartas da India, foi demittido da sua dignidade, e o eminente cargo, que occupava, foi dado a Antonio Moniz Barreto, que tinha passado a Goa na mesma armada que elle. D. An-

tonio de Noronha morreu em 1573, quasi logo depois da sua volta a Portugal.

Não poderíamos ser mui extensos sobre a carreira politica e administrativa de Antonio Moniz Barreto, decimo quinto governador das Indias, nem sobre a de D. Diogo de Menezes: o primeiro começou o governo em 1571, e, durante os trez annos da sua administração, vio cair Ternate em poder do inimigo: o segundo só nove mezes regeo as Indias, e ausentou-se sem haver executado nenhum feito importante para a mãe patria.

A nomeação de D. Luiz d'Attaide para decimo vice-rei das Indias foi por assim dizer o ultimo acto importante da administração d'ElRei D. Sebastião, por uma continuação da fatalidade, que parecia pesar sobre Portugal, este acto foi inutil. D. Luiz, que havia já dirigido os negocios com não vulgar energia, só voltou ás Indias, em 1578, para fazer a paz com o Hidalção; e nada de grande succedeo então durante o seu governo. Porem fallámos n'uma era fatal: d'ora ávante tudo vai mudar nas Indias assim como na Europa; e se ainda lançamos um golpe de vista sobre esta região, theatro de tão maravilhosas façanhas, é para indicar mais derrotas que victorias, mais miseria que grandeza.

*Primeiro estabelecimento dos Portuguezes na China.*

— *Fundação de Macáo.*

Só ha em geral mui vagos e incompletos documentos ácerca dos primeiros estabelecimentos fundados na China pelos Portuguezes. O aventureiro Fernão Mendes Pinto é quasi o unico, que dá circumstancias exactas sobre a sua chegada áquellas regiões: a colonia de Macáo teve de particular, que foi fundada sem, por assim dizer, se saber na metropoli, e que veio pedir á mãe patria as instituições, que havião de regel-a. Vamos estabelecer estes factos curiosos, conforme um documento, cujo valor não se poderia contestar, visto

que o extrahiremos das ultimas representações feitas pelos cidadãos de Macáo ás Cortes.

Os primeiros estabelecimentos, fundados pelos commerciantes portuguezes nas costas da China, estiverão longe de ter prospero resultado; e cumpre sobretudo applicar esta reflexão á cidade tão florecente e tão rica de Liampo, que foi reduzida a cinzas, em trenos de trez horas, e onde perecerão centenares de Portuguezes (pelo anno de 1542). Esta fatalidade foi devida á rapacidade d'um magistrado, cujo nome ainda hoje amaldiçoão seus compatriotas. Algum tempo depois d'esta horrenda catastrophe, os Portuguezes forão de novo tentar fortuna áquellas ilhas, que estão na costa, e obtiverão em fim do governo chinez a faculdade de se estabelecer sobre um rochedo onde se fundou Macáo. Começarão em 1557 a edificar algumas pobres habitações, ou, para melhor dizer, algumas cabanas, a que em breve succederão casas decentes, igrejas e outros edificios. O rochedo concedido pelos Chinas pouco a pouco se elevou uma cidade importante, quando em 1565, os habitantes resolverão sollicitar para a colonia os privilegios, que competião ás outras cidades do reino, e aos Estados da India. Entre si elegerão um procurador e vereadores, e ao soberano offerecerão a cidade novamente edificada, pedindo ao vice-rei D. Duarte de Menezes para ella o titulo e os direitos de cidade. Segundo as formaes expressões de Menezes, estes privilegios forão concedidos ao novo estabelecimento, em consideração de se haver fundado com seus proprios recursos: foi tratado do mesmo modo que Cochim, que então gozava de privilegios analogos aos de Evora (1).

Dos incidentes historicos, que tem connexão com Macáo, só se conhece em França essa poetica tradição, que

(1) Macáo foi erecta em sé episcopal no decimo sexto seculo. O primeiro prelado, que lá residio, foi um jesuita chamado Belchior Carneiro. O segundo bispo da China chamava-se D. Leonardo de Sá; foi sagrado em 1577, e tinha tambem o cargo espirital do Japão. Cardoso celebra a sua sciencia e virtudes.

d'aquella cidade faz a residencia de Camões (1). Justo é lembrar todavia que os habitantes de Macáo mais d'uma vez se houverão com energia rara; e, se nos fosse dado seguir os estabelecimentos coloniaes portuguezes em suas diversas phases, diriamos, que cercada em 1625 por desenove navios de guerra hollandezes, e por consideraveis forças operando em terra, aquella cidade soube conservar a sua independencia. Mas de quinhentos Portuguezes perecerão: e as fortificações, que ainda hoje existem, serão construidas pelos prisioneiros de guerra; que se fizerão aos Hollandezes, na batalha de 23 de junho de 1622. Convem notar tambem que n'aquella epoca os ricos estabelecimentos, de Ceylão, e da Molucas não podião gloriar-se de similhante resistencia. Vinte annos mais tarde, em 1642, a cidade de Macáo soube o restabelecimento da familia de Bragança no throno, e, sem esperar que o impulso lhe fosse dado de Lisboa, ou de Goa, aprisionou a guarnição hespanhola, que sem demora transportou para as Philippinas. Não nos seria difficil multiplicar estas particularidades; porem estamos já mui longe do periodo historico de que nos resta tratar; e contentar-nos-hemos com dizer que a colonia portugueza foi fundada, desde a origem, n'um territorio de tal modo limitado, que é possível correl-o no espaço de duas horas. A' munificencia do imperador Khang-hi foi devida esta concessão; e elle foi assás prudente para que de nenhum modo a referida concessão pudesse prejudicar a povoação chinesa. Edificada na ponte oriental da península de *Negao-Men*, a cidade de Macáo foi separada, primitivamente, do territorio chinez por uma linha de demarcação, traçada sobre uma especie de isthmo mui estreito, que faz communicar *Negao-Men* com a terra firme; convencionou-se desde o principio, que os Chinezes pudessem en-

(1) Vid. *Aurora Macaense*, impressa em Macáo em 1844. Aos curiosos apontaremos tambem uma obra intitulada — *Memo-rias ácerca de Macáo* — por José Joaquim d'Aquino Guimarães e Freitas.

trar no territorio dos Europeos, todas as vezes que quizessem, mas que os Europeos não terião direito de penetrar na China sem consentimento da authoridade. O que havia succedido em Ceylão, Malaca, e n'outras muitas regiões, ensinou os habitantes do imperio celeste.

*Origem historica de Goa, a cidade India.*

Pela primeira vez se faz menção d'esta cidade celebre na antiga historia do *Dekk'han* por Ferichta, fallando do reinado de Mujahid Schah, terceiro imperador da dynastia de Bhamani, que começou a reinar pelo anno de 1347. Goa é na dita historia considerada como um porto de mar, que quasi desde um seculo pertencia aos soberanos de Bisnagar. Segundo a tradição transmittida pelos indigenas aos Portuguezes, o *bramanismo* era então a unica religião professada em *Tissuary*, primitivo nome d'aquella ilha. (1)

Em 1469, Malek al Tojar Khodja Jehan, primeiro ministro de Mahomet II, decimo terceiro imperador do *Dekk'han* da dynastia de Bhamani, se appossou da ilha de Goa, tomando-a a Humragi, regente de Bisnagar, que governava este reino durante a menoridade dos filhos de Severyoy. Kishwer-khan tinha sido um dos officiaes, que mais se havião aballizado n'esta conquista, cujo governo lhe deixou o soberano do *Dekk'han*; debalde tentou, trez annos depois, Perkna, senhor de Belgam, apossar-se de novo da ilha. No anno de 1479 se deve entender que foi construida a cidade

(1) Estas preciosas particularidades sobre a origem da metropoli das Indias são extrahidas d'um opusculo publicado em 1831 por um francez, que o escreveu em inglez. Este curioso livro tem por titulo — *An historical Sketch of Goa*, by the lat ver. Deniz L. Cottineau de Kloguen. Este digno ecclesiastico, nascido em Nantes, Morto em Karrical no anno de 1830, deixou, segundo dizem, uma historia das Indias escrita em francez; esta historia foi achada sem duvida por seus herdeiros. Fazemos votos para que este precioso trabalho seja algum dia dado á luz.

de Goa no sitio, que ora occupa. Conforme Antonio de Souza, Miguel Oum, perseguido pelo senhor d'Onor, mas protegido pelo soberano do Dekk'han, entrou á frente de seus musulmanos na ilha, onde fundou Goa propriamente dita. O reverendo Deniz Cottineau de Kloguen affirma que a antiga cidade era mais ao centro da ilha, na visinhança da margem do sul. Já não restão d'esta primitiva cidade senão algumas miseraveis habitações derrocadas na proximidade da parochial igreja de Santo André, mas a colina ainda é designada pela denominação de antiga Goa, denominação, que os viajantes tem impropriamente dado, n'estes ultimos tempos, á mesma Goa; a cidade nova, edificada pelos mahometanos na margem do norte da ilha, tornou-se immediatamente, pela excellencia do seu posto, uma praça florescente, mas não tinham grande extenção. Não seguiremos em suas diversas revoluções politicas a historia d'esta capital em decadencia, diremos só que ao tempo da chegada de Vasco da Gama ás Indias, um judeo polaco, que se fazia passar por italiano, offereceo ao almirante serviços, dizendo ser o primeiro ministro do Sabaio, rei de Goa. O author, que nos serve aqui de guia, diz, « que admittindo a existencia d'este judeo, a pessoa, que elle designou sob o titulo de soberano de Goa era provavelmente Maleck-Eia-al Moulk, vassallo do imperador do Dekk'han, ou Adel-schah, a que os Portuguezes chamão Hidalcão, e que, declarando-se, em 1489, sultão de Visapur, reconhecia a soberania do imperador a cima mencionado. » O certo é que este chefe mahometano tinha por Goa uma predilecção particular, e que ali fazia frequentemente a sua residencia. Já vimos o modo porque Albuquerque conseguiu, em 1510, senhorear-se d'esta florescente cidade. Adel-schah, ou o Hidalcão, acudio e obrigou a guarnição christã a embarcar; porrem Albuquerque appareceo de novo com a armada, e Goa foi para sempre a metropoli da India portugueza. Na cidade se erigirão em continente sumptuosos edificios, vastas igrejas, e ricos arsenaes; tambem ali se cunhou moeda. No anno de 1576, D. Antonio de Noronha a cingio com uma grossa mu-

ralha, de modo que em 1571, dous annos depois que de lá se ausentou Camões, Goa havia chegado ao maior gráo de esplendor a que podia aspirar. Esta cidade se achava naturalmente defendida pela sua posição; todavia suas fortificações naturaes deixavão uma passagem livre, e a especie de váo chamado *Passo de Gondali* podia ser facilmente atravessado na baixa maré. Comtudo, um uso singular, referido pelo mais sincero dos historiadores portuguezes, havia feito d'este canal um lugar formidavel, de que fugião igualmente musulmanos e christãos. As agoas d'estes pantanos, posto que misturados com as do mar, servião de refugio a uma multidão de crocodilos, que se tornavão os terriveis defensores da cidade. Uma lei ordenava que todos os individuos pela justiça condemnados á morte fossem lançados n'aquellas lagoas, para que servissem de pasto aos animaes, que n'ellas vivião. Estes crocodilos se havião de tal modo propagado, tal se tinha tornado a sua ferocidade, que, seja terror fundado ou temor imaginario, os Mouros não ousavão passar o váo. A cidade desde esta epoca apresentava um movimento extraordinario, e adoptando o testemunho do proprio Albuquerque, reportando-nos aos documentos subministrados pelo vencedor, Goa, tal qual era no decimo sexto seculo, substituiu uma cidade já importante por seus edificios. O padre Cottineau de Kloguen assignala alguns restos sem importancia, que podem ter pertencido a este primeiro periodo. O certo é que no tempo d'ElRei D. João III, os bellos pagodes indios, as elegantes torres musulmanas havião completamente desaparecido. Todo o esplendor da capital das Indias era imitado da Italia (1).

(1) Numerosos pagodes existião ainda no decimo sexto seculo em Goa, mas os missionarios saídos de Portugal por ordem de D. João III, pelo anno de 1530, não tardarão em mandal-os derribar, do mesmo modo que os frades, que acompanhavão Cortez e Pizarro destruíão os templos dos *Azteques* e Peruvianos. O Agiologio Lusitano diz que o P. Miguel Vaz, considerado como o primeiro vigario geral do Estado das Indias, aquelle em fim a que chamão *columna do christianismo oriental*, não só fez derribar os edificios religiosos dos Indios, mas exigia tambem que os bramanes

Passamos a explicar qual era o aspecto d'esta magnifica cidade da renovação, transplantada ao solo indio.

*Goa no 16.º e no 17.º seculo. (1)*

Goa a Dourada já não existe, para nos servirmos d'uma bella expressão do doutor Buchanan; porem, ha dous seculos, Goa se elevava com todo o seu esplendor, e um venerando religioso, cujo livro está quasi esquecido, nos fará conhecer a metropoli das Indias. Prior d'um dos mosteiros d'esta opulenta cidade, famoso pela sua instrucção, elle pinta esta celebre cidade mais circunstanciadamente e com mais verdade que nenhum author coetaneo: nada accrescentaremos á sua narração ingenua.

«Goa, a principal de todas as conquistas orientaes dos Portuguezes, residencia do vice-rei, sé archiepiscopal, onde está a camera, e o tribunal da santa inquisição, é uma cidade do tamanho d'Avinhão. . . . Tem mais comprimento que largura, porque se estende ao longo da margem do rio do occidente para o oriente. Na parte septentrional da ilha, ha na cidade duas colinas, uma para o poente, chamada santa porque n'ella estão edificadas seis igrejas; e outra para o nascen-

se ausentassem da nova cidade conquistada. Affirmão que durante este periodo de destruição trezentos pagodes pouco mais ou menos forão demolidos nas Indias portuguezes.

(1) A ilha de Goa, metropoli e capital do Estado, que Sua Magestade possui nas Indias orientaes, está situada pelos 15.º 45' de lat. (lea-se 15.º 31' de lat N.) e tem duas leguas de comprimento, seis d'ambito, e uma de largura, com pouca mais extensão em alguns sitios. E' a sobredita ilha unida á terra firme pelo isthmo de Balagata, é mui banhada, cheia de numerosos jardins e palmares; as agoas ali são excellentes. Barreto de Rezende, a quem devemos esta nota, não dá exactamente o algarismo da povoação, mas affirmo que havião trez mil e quinhentos fogos em Goa, sem os conventos; sómente oitocentos erão portuguezes. — Este author escrevia no tempo do P. Fillipe, e completa a sua descripção. Barreto de Rezende deo a planta mui circunstanciada da fortaleza de Goa, e Linschott uma curiosissima vista da cidade.



té; a colina occidental está unida da parte do meio dia a montanhas, que correm quasi todo o comprimento da cidade, e d'este lado a terminão, e do lado do septentrião ella chega quasi até ao rio. Ha na parte baixa d'esta colina uma rua mui pequena, junto á beira do rio, a qual chega até á parte occidental da cidade, e n'ella se eleva a parochia de São Pedro e o collegio de São Thomaz d'Aquino, pertencente aos religiosos dominicos. A colina oriental está encostada para o oriente a uma montanha, que se prolonga mui ávante na ilha; esta colina é sobranceira a dous valles, um dos quaes, seguindo o rio para a parte septentrional, está cheio de casas, e n'elle se eleva a parochia de Santa Luzia; e outro é comprehendido para o meio dia, entre esta montanha e a de que já fiz menção, e contem muitas habitações edificadas n'um espaço assás longo. E' lá que se eleva a parochia de São Thomé, e o antigo collegio dos padres da companhia de Jesus, construido por São Francisco Xavier, o apóstolo das Indias, onde o sagrado corpo d'este santo por longo tempo jazeo, mas ao presente está na casa professa na extremidade d'este valle. Ha uma igreja do mesmo São Thomaz, a qual ainda não está acabada, e junto d'ella um poço mui grande mas pouco fundo, construido de pedra de cantaria. Perto d'este poço ha um lago, d'onde saem muitos vapores, que levados pelo vento á cidade ali corrompem o ár.

« O palacio do vice-rei, que é vastissimo e mui alto, se ergue junto ao rio; tem á direita uma praça rodeada de lindas casas, e por detraz outra praça, junto ao rio, na qual se deposita o arroz e as mercadorias, que são levadas a Goa, para ali pagarem o direito d'entrada aos recebedores, que morão na extremidade oriental d'esta praça. Ha n'este palacio uma sala, em que se congregão os senadores para julgar as causas, e outras, para os diversos tribunaes. N'elle estão desde a entrada paineis dispostos por ordem, nos quaes se vêem pintados os navios enviados ás Indias, desde que os Portuguezes fizeram a sua conquista, até ao presente; de sorte que todos os annos se colloca um dos ditos paineis, em que se

pintão os navios chegados n'aquelle anno, com suas denominações, e os nomes de seus capitães. No referido palacio está a sala real, na qual se vêem os verdadeiros retratos de todos os vice-reis, e de todos os governadores das Indias, de tamanho natural; por baixo d'estes retratos estão escritos seus nomes, e o resumo das cousas dignas de louvor, que fizerão durante o seu governo. Ali convoca o vice-rei o seu conselho, recebe os embaixadores, e faz outras cousas semelhantes.

« A esta sala está contigua uma capella, em que o vice-rei ouve missa todos os dias. N'esta capella ha um docel de veludo encarnado, que tem debaixo uma cadeira do mesmo estofa.

« No palacio tem principio uma rua, chamada a rua Direita, onde todos os dias se ajunta grande numero de homens para tratarem de seus negocios. Esta rua é a principal da cidade, e termina na igreja da Misericordia. Outras ruas ha mui boas, principalmente a de São Paulo, assim chamada por que a igreja d'este santo, edificada por São Francisco Xavier, (da qual os jesuitas tirão o nome de padres de São Paulo, que lhes dão em toda a India) está situada no meio da sobredita rua, que é mui comprida. Ha tambem a rua de Nossa Senhora da Luz, no fim da qual se vê a igreja d'este nome. . . .

« Não longe do palacio do vice-rei se eleva a sé do arcebispado, dedicada a Santa Catharina, porque a cidade foi tomada no dia da festa d'esta santa. Este templo é mui grande e mui formoso; tem trez arcos, quatro capellas de cada lado, a capella mór e duas collateraes. A historia do martirio de Santa Catharina está representada no altar mór, e toda esta obra é com primor dourada. A porta da igreja está voltada ao oriente, e dá sobre uma praça mui grande, chamada do Sabaio, isto é, praça do Senhor, porque do lado do meio dia está o palacio dos inquisidores, que dizem ter pertencido outr'ora ao senhor d'esta ilha. Defronte do palacio dos inquisidores para o norte se vê a casa onde se ajuntão os consules. . . . do lado oriental da grande igreja, eleva-se

o convento de São Francisco. . . . do outro está o vasto e comodo palacio dos arcebispos. Ao norte do convento de São Francisco é o hospital real, onde são tratados só os soldados, e os nobres não se deshonrão de ir para elle. A administração d'este hospital compete aos padres da companhia de Jesus. »

Facil nos seria mediante as minuciosas descripções do bom padre, ajuntando-lhes as de Vicente le Blanc e de Py-rard, mais visinhas dos tempos heroicos de Portugal, restituir a esta cidade opulenta o character grandioso, que por espaço de dous seculos conservou; então preciso seria mencionar as sete parochias, em que tantos thesouros se havião accumulado; os innumeraveis mosteiros, onde os maridos zelozos para suas mulheres encontravão asilo seguro contra toda a suspeita, quando os acasos da guerra os levavão para longe de Goa; seria preciso descrever o crucifixo resplandecente, junto do qual rebenta uma fonte milagrosa, e demorar-nos ante o relicario do apostolo das Indias, relicario tão magnifico, « que os diamantes e rubins em grande quantidade ali brilhão no meio de ricos labores do mais precioso metal. » Vernos-hiamos necessitados a discorrer pela rua principal, « onde havião numerosos ourives com as lojas cheas d'ouro, prata e pedras preciosas. » Depois d'estas particularidades, ainda nos restaria descrever os estalleiros, onde se construião esses grandes galiões de téca, que Portugal com tanto jubilo outr'ora vio surgir em seus portos; os vastos armazães destinados a bastecer as armadas; a fundição de canhões, que subministrava um material renovado sem cessar; esses curraes em que erão alimentados os elephantes de guerra e de transporte; seria indispensavel fazer um capitulo unicamente destinado aos restos d'architectura india, misturados com os esplendores improvisados da arte christã: ver-se-hia então que Goa a Dourada merecia o nome, que o decimo sexto seculo lhe conferio; mas com mais amargura se meditaria no periodo de decadencia, que tantos viajantes tem assignalado.

O que em Goa resta de monumentos historicos dignos d'interesse é mui miseravel; com tudo algumas esculpturas, algumas preciosas pinturas poderião ser preservadas. A sé fundada por Affonso d'Albuquerque, mas reedificada no decimo setimo seculo, contem antigos ornamentos sobremaneira curiosos. Na casa de campo dos arcebispos, estão pintados de tamanho natural todos os prelados, que se succederão na sé da metropoli das Indias. O palacio dos antigos governadores acha-se abandonado desde 1812; e posto que estejam em pé as paredes, este edificio cae em ruina. E' com tudo provavel que os retratos dos vice-reis das Indias sejam preservados na residencia de Pangim. A estatua de Vasco da Gama (1), que Diogo do Couto vio erigir por ordem do senado de Goa, existe ainda em pé; em fim, na igreja do Bom Jesus, pertencente aos jesuitas, vê-se o magnifico relicario de São Francisco Xavier, que é de bronze primorosamente lavrado e dourado. Um monumento de marmore negro d'Italia, d'estilo verdadeiramente elegante, lhe serve de base, e nas suas quatro faces estão representadas, em baixo relevo, as principaes acções do santo. A estatua do apostolo das Indias, de prata massiça, orna ainda o altar mór d'esta igreja, e, o que é talvez mais precioso que tudo isto, um painel, feito ao natural, representa o santo algumas horas depois da sua morte. Reportando-nos a alguns viajantes, chegados recentemente de Goa, com muito cuidado se busca a conservação d'aquelles restos d'uma antiga magnificencia.

Por todas estas particularidades, e por outros documentos, que infelizmente não podemos aqui reproduzir, se vê o

(1) O P. Cloguen é o ultimo viajante, que fallou d'esta estatua. Eis-aqui o que elle diz: trata-se primeiro do antigo palacio junto do qual ella se eleva: "*It was built entirely of free stones, and the roof tiled. Under it is an arche way leading from interior of the city to the river. In the passage is still to be seen the statue of Vasco de Gama.*"

grão d'esplendor e prosperidade a que chegou a metropole das Indias. Quizeramos poder tambem fazer menção do estado das outras cidades sujeitas ao dominio portuguez no Bidjapur, e no Kanará, mas isto nos levaria mui longe. Contentemos-nos pois com fazer constar aqui alguns factos de certa importancia. Desde os primeiros annos do decimo sexto seculo, a cidade em que tiverão lugar os primeiros actos do grande drama, que temos visto desenvolver-se, Calicut, soffreo grandes mudanças. Se nos reportar-mos aos documentos orientaes, publicados pelo P. João de Souza, em 1509, o poder cessou de pertencer a principes Indios, para passar aos musulmanos, e quando se vê Hadji Hossein-Rakan escrever a D. Manoel no anno de 1514, é para se lhe queixar da miseria que soffria. (1)

A historia das cidades de Guzarate, paiz que não pertence ao Indostão propriamente dito, e que os portuguezes denominarão, desde o começo, reino de Cambaya, não seria menos digno de interesse, de quem fizesse a descripção de algumas cidades de Dekkan, ou da região do meio dia imprópriamente chamada Daquam pelos antigos historiadores.

Ahmed Abâ é hoje a cidade principal deste imperio, theatro de tamanhas luctas; porem Kambayah, que conservou parte da sua importancia commercial, era então a capital temi-

(1) Vid. *Documentos arabicos para a historia portugueza*, p. 44. E' certamente por erro que o P. João de Souza designa Hadji Hossein como neto do Samori. Esta circumstancia é diametralmente opposta á tradição para que se admitta. O compendio citado nem por isso é menos precioso para a historia dos Portuguezes em Africa, e na India. N'elle se encontram muitas particularidades, que debalde se buscarão n'outra parte. E' assim, por exemplo, que em certas cartas D. Manoel é saudado com o titulo de rei dos *Rumis christãos*: a denominação de *Rumis*, ou de Gregos havia designado privativamente os Europeos entre os Orientaes; na India, este nome foi dado aos musulmanos vindos da Turquia: o vocabulo se achou desviado da sua verdadeira accepção pelos Orientaes, como o de Mouro, tão imprópriamente empregado, ás vezes, pelos christãos.

da, que dava maior copia de encarniçados inimigos dos portuguezes. Ainda está bem presente na memoria quanto custou ao vencedor das Indias a conquista da pequena ilha de Diu (*Dybal*, ou *Dywal*) situada na ponta meridional da peninsula, formada por uma parte do Guzarate. Na Kambayah, na antiga Baroutch, e na propria cidade de Diu, cidades, que outr'ora pertencerão aos musulmanos, tinha-se refugiado grande numero de parsis. Estes adoradores do fogo exercitavão ali em paz o seu antigo culto; e os caracteres originaes de seus costumes, com os proprios ritos da sua religião, offerecião mil quadros brilhantes em que assentassem as observações, que maravilhavão os portuguezes.

### *Inquizição de Goa.*

M. Kinsey, viajante moderno, nota, com razão, que o estabelecimento deste horrivel tribunal, na capital da India portugueza, teve um fim religioso, e outro politico. Dizia-se que os tremendos rigores de que usava, servião para preservar os christãos velhos da corrupção que o luxo da Asia propagava, e tambem para assustar estranhos aventureiros, que se lembrassem de ir colher as immensas vantagens que o commercio destas regiões offerecia. No primeiro periodo do estabelecimento dos portuguezes na India, qualquer individuo suspeito de heresia, era sepultado nos horrorosos carceres do santo-officio, debaixo, ás vezes, de bem frivolos pretextos. O inquisidor geral de Goa, vivendo em excessivo luxo, e não cedendo em magnificencia a alguns principes da Asia, via sujeito ao seu poder, não só o arcebispo, como até o proprio vice-rei. A inquizição, propriamente dita, só foi creada na India no anno de 1560; mas o seu poder sobreviveu ao dos portuguezes, e ainda a vimos no seculo decimo-setimo armada de todo o rigor. Alguns viajantes pintarão com vivas cores os tormentos que a inquizição de Goa infligia a suas victimas. O que entre elles refere mais particularidades, é, sem duvida, M. Dellon, medico francez, que publicou um li-

vro sobre este tribunal, de que fôra victima. Em 1808 permittiu-se ainda que M. Buchanan o visitasse, mas elle não pôde ir até o fundo dos carceres. Pôde ver-se, graças ao quadro historico do padre Cottineau de Kloguen, em que estado de decadencia se acha hoje este palacio temeroso, ao qual nem os christãos, nem os proprios orientaes ousavão outr'ora aproximar-se sem horror. Além disso, quando em 1812 se ordenou do Rio de Janeiro que os quatro inquizidores, que existião em Goa voltassem á Europa, já este tribunal, que havia pouco a pouco perdido toda a influencia religiosa e politica, não tinha uma só victima nos carceres. Se devessemos de acreditar uma auctoridade já citada, havia outenta annos que a cidade de Goa tinha visto o pavoroso espectaculo do ultimo auto de fé. No tempo de D. Gaspar de Leão Pereira, primeiro arcebispo da metropole da India, crescerão os rigores, e o facto de em menos de cinco annos serem forçados todos os habitantes de Salsete a converterem-se á fé, descobre bem a mão terrivel que as novas fogueiras lhes accendeu. Receberão o titulo de christãos no momento em que erão realmente victimas do santo officio.

### *Estabelecimentos litterarios creados na India.*

No seculo decimo-sexto existião mais meios de alcançar instrucção do que geralmente se pensa. Além dos collegios de Goa, de que adiante fallaremos, havia em Cranganor, cinco legoas distante de Cochim, um collegio celebre, fundado em 1540 por Frei Vicente de Lagos, e muito frequentado por São Francisco Xavier, amigo intimo deste religioso. Neste collegio, denominado de Santiago, se educavão outenta alumnos, a quem se ensinava latim, theologia, e regras de canto-chão. Estabeleceu-se por meio de esmolas; todavia com o andar dos tempos os reis de Portugal lhe derão rendimentos fixos. Frei Vicente foi o primeiro professor que alcançou nome neste collegio publico; e uma pequena anecdota, referida por Cardozo, prova que elle nem sempre fôra tolerante.

Frei Francisco Xavier recommendou, em 1549, o collegio de Cranganor á corte de Roma, pedindo-lhe alguns professores habeis. Frei Vicente de Lagos falleceu em 1550 na India com reputação de santo. Baptisára elle elrei de Tanor, e diz-se que convertera muitos outros hindous. (1).

*Influencia das conquistas dos portuguezes nos  
conhecimentos scientificos e litterarios  
relativos á India.*

Tem-se tornado muito vulgar o recordar as immensas vantagens intellectuaes, que nos ultimos tempos se alcançaram com o profundo exame das antiguidades da India, e especialmente com o estudo da lingua sanskrita. Não era, de certo, culpa dos portuguezes, se ha mais tempo se não tinha descoberto este occulto thesouro, este novo mundo intellectual, cuja exploração caminha hoje a par do estudo de nossas antiguidades classicas. Digamos, para honra dos escriptores portuguezes do decimo-sexto seculo, que se ás vezes confundirão muito o erro com a verdade, tambem por isso se lhes deve o começo desta iniciação, porque revelarão, e ás vezes com profunda sagacidade, o que os seculos tinham occultado. Basta, para qualquer se desenganar, ler Barros, Albuquerque, ou Lucena, porque ahi achará claramente ventiladas as grandes questões de que a Europa sábia hoje se occupa. João de Barros sabe mais ácerca da India, e configuração de seu territorio, do que muitos eruditos do decimo-ottavo seculo, que tratão privadamente deste assumpto. O grande Albuquerque não conhece os thesouros litterarios que a sanskrita deve revelar, mas aprecia a existencia desta antiga lingua, e bem claro a designa quando diz ser ella

(1) Frei Vicente de Lagos, era capuchinho, e passára á India em 1539, na companhia do primeiro bispo de Goa, Frei João d'Albuquerque. Tratava especialmente da educação das creanças da raça hindoua.



para os hindous o que o latim é para os europeos. Lucena, elegante auctor da vida de São Francisco Xavier, falla com a sua usual concisão das innumeraveis obras que encerra a antiga litteratura destas regiões. Insiste quanto ao seu variado character, uso que os hindous fazem do metro poetico, até no ensino dos preceitos da sciencia; e pouco falta que não trate do *sloca*, e das variedades do metro sanskrito. Accrescentemos a estas particularidades, sem duvida bastante curtas, a circumstancia de ser elle o inseparavel e afeito companheiro de São Francisco Xavier, o habil indianista do seculo decimo sexto; e que se seus trabalhos não são conhecidos, é por haverem tido a sorte da maior parte das melhores obras portuguezas, occultas quasi sempre, e até na epocha da sua influencia, ás investigações de nossos sabios. (1).

Poderíamos accrescentar muitos factos a estes rapidos documentos, porque acontece no Indo-Chino, e China o mesmo que nos territorios somettidos pelo valor portuguez. Lêa-se attentamente a excellente bibliotheca de Barboza Machado; consulte-se o agiographo por excellencia, Jorge Cardozo, e ver-se-ha com pasmo a immensa quantidade de obras, ainda manuscriptas, que as conquistas deste povo, e as suas missões tem produsido. Semedo foi o primeiro que fez conhecida a China, e os horriveis tormentos que padeceu não impedirão que elle ensinasse á Europa pontos de linguistica completamente ignorados; as missões d'Ava e Pegu equivalem a dictionarios e grammaticas; e o melhor livro que tem havido sobre a lingua tão pouco conhecida do Japão, foi tambem obra de um portuguez. Não entra em duvida que M. de Landresse, um de nossos habéis orientalistas, fez um verdadeiro serviço

(1) O padre Henrique Henriques, jesuita, que percorreu a India em 1546, sendo denominado o apostolo de Comorim, parece haver sabido em gráu pouco commum, a lingua indostã, e especialmente o dialecto que se falla ao longo da costa de Malabar. Morreo em 1600 de 80 annos de idade, depois de extenso apostolado. Compusera uma grammatica, e um dictionario, muito estimado pelos hindous, e que por muito tempo fez a admiração dos missionarios.

à sciencia, publicando a grammatica de Rodrigues. Importa accrescentar que a revelação sobre a lingua de um vasto imperio, poderia ter sido feita aos sabios ha alguns annos a esta parte.

Mencionaremos agora um factio que é geralmente ignorado. Os portuguezes e inglezes são os unicos povos que na India têm exercitado a devida influencia intellectual nas classes superiores, para lhes fazer perder os inflexiveis preconceitos de casta. Barboza Machado, falla de um bramane de Malabar, que se tornou um dos mais zelosos missionarios christãos do seu seculo, e cujos trabalhos ficarão quasi todos ineditos, em quanto que os de dous ou tres philosophos hindous do seculo decimo nono se apresentão com certo brilho (1).

*Missões á India portugueza. — Os christãos de São Thomé. — São Francisco Xavier, suas viagens, e influencia na guerra contra elrei d' Achem. — Entrada no Japão. — Projecto sobre a China. — Morte do apóstolo das Indias.*

Havemos até agora só tratado de conquistas feitas com a espada, unicas que tem excitado interesse, e que se achão citadas pelos historiadores. Todavia, outras ha que principiárão no decimo sexto seculo, ganhando logo grandissima influen-

(1) O padre Jacomo Gonçalves, bramane, natural da ilha de Divar, junto a Goa, converteu-se á fé christã, e entrou na congregação de São Filippe Nery, do Oratorio de Santa Cruz de Goa. Fez-se missionario, e exercitou o apostolado em Ceuta pelo espaço de trinta e tres annos. Falleceu em 1742, e compoz entre outras obras o seguinte livro: — *Refutação das quatro seitas, do paganismo, mourismo, judaismo e calvinismo*, em 4.º — manuscrito. Pode comparar-se este auctor hindou ao bramane Mohun-Roy, que escreveu tambem sobre materias philosophicas e theologicas. Leonardo Paes, que nascera proximo a Goa, em 1662, que se diz descendente dos reis de Sargarpor, está no mesmo caso. Deixou um livro assaz curioso intitulado: *Promptuario e definições indicas etc.* Lisboa 1713, em 4.º

cia (1). O padre Miguel Vaz, nomeado vigario geral de Goa, maravilhou, desde 1530, os conquistadores pelo seu ardente zelo, á frente de alguns missionarios, cujos nomes o proprio Cardozo nos não transmittio. Se destruiu os templos bra-manes, por isso edificou em lugar delles o collegio de Goa, indo morrer a Chaul em 1548. Distinguia-se entre os ecclesiasticos que o coadjuvavão o Padre Diogo de Barba, que passou á India em 1538, e tambem o padre Francisco Alvares, que depois de muitas feridas, de que não pereceu, chegou a Ternate, d'onde se partio para a Abyssinia, encarregado de propôr pazes ao Preste João, por parte d'elrei D. Manoel. Gaspar Coelho, que deve tambem entrar no numero dos primeiros apóstolos fixou residencia em Meliapor, aonde, em 1548, encontrou São Francisco Xavier. Foi, por certo, na origem das tradições que Frei Gaspar se iniciou completamente no scisma destes sectarios desconhecidos, que seguirão o nestorianismo. (2) Se fosse permittido alargar-nos na enumera-

(1) Erão capuchinhos os padres que principiarão esta missão. No anno de 1500 sete frades da ordem de São Francisco embarcãõ para as regiões novamente descobertas; mas de todos elles apenas a historia conserva o nome de Frei Henrique de Coimbra, que era o primeiro delles. Tres destes religiosos falleceram em Calicut, no dia 16 de outubro; trinta dias depois da sua chegada. Os quatro restantes tiveram igual sorte no dia 3 d'abril de 1502. — Vide Cardozo, *Agiologio lusitano*.

(2) Os christãos de São Thomaz, que os portuguezes acharão estabelecidos nas costas de Malabar, erão denominados Thomistas. Pertencião elles á seita dos caldeos nestorianos. Suppõe-se que formarião ao todo uma povoação de 20,000 almas. Condemnavão as imagens, e tinham horror á confissão auricular. Derivavão os seus principios religiosos do apóstolo, cujo nome tinham. A legenda mencionada por Camões fôra transmittida pela tradição. Frei Aleixo de Menezes, filho de um celebre vice-rei, escreveu a historia destes sectarios, traduzida em francez por João Baptista de Glen, em 1609, com o titulo de: *Missa dos antigos christãos, chamados de São Thomaz, no bispado de Angamal, nas Indias orientaes*. A legenda relativa a São Thomaz, é muito conhecida, e liga-se essencialmente ao mytho do Preste-João, como se pode ver em a nossa obra intitulada: *o Mundo encantado*. Limitar-nos-hemos a dizer aqui algumas palavras

ção de objectos curiosos, recordariamos com satisfação as crenças poeticas destes povos; as legendas que preciosamente conservavão, e os dramas devotos que representavão ante os portuguezes, e que harmonisavão com suas recordações ingenuas; — porem estes quadros nos arredarião do assumpto a que nos propoemos. O verdadeiro apostolo das Indias, e o a que Roma deu esse titulo, foi São Francisco Xavier, religioso austero da Navarra. (1) Teve elle grande parte na escolha dos imperios, e comtudo a sua vida foi toda de abnegação. Ainda se mostra em Paris uma torrinha, que se diz ir cahir no collegio de Santa Barbara, bairro da universidade velha, aonde elle e Santo Ignacio fizerão os memoraveis conciliabulos em que resolveram partir. E' tudo isto mera tradição. Porem, não será curioso ver este jesuita, discipulo da antiga universidade de Paris, e tomar a seu cargo converter ao christianismo vastos imperios, cujos nomes lhe erão apenas conhecidos? Foi em 1541, depois de haver estado em

sobre a estada do apostolo nas Indias. Na epoca em que São Francisco Xavier percorria estas regiões havia mais de 1500 annos que o apostolo São Thomaz tinha vindo prégar a nova lei na antiga cidade de *Calamina*, nome que então se dava a *Meliapor*, e que pela interpretação moderna significa, segundo João de Lucena, cidade que semelha o pavão; porque, diz este antigo escriptor, que assim como esta ave é a mais famosa dos passaros, assim tambem aquella cidade excede todas as cidades do oriente em prosperidade e belleza. — O apostolo, accrescentou elle, converteu Sagamo, monarcha destas regiões: consistindo o seu primeiro milagre em trazer do mar para a praia tão desmesurada viga, que nenhum elephante ou machina poderia arrastar. O segundo milagre foi resuscitar uma creança morta por um parricida bramane.

(1) São Francisco Xavier chamava-se no seculo, Francisco de Lasso y Xavier. Erra a biographia universal quando chamava ao pai deste, João Jysse, sendo o seu nome João de Lasso, casado com D. Maria de Azpilcueta y Xavier. Era ouvidor do conselho real de Castella. Segundo o veneravel Lecuy o apostolo das Indias, nasceu em 7 d'abril de 1506; porem João de Lucena, tão conhecedor de quanto diz respeito a esta celebre personagem assigna-lhe o nascimento no anno de 1497, epoca em que Vasco da Gama descobrio derrota para as Indias.

Veneza e Roma, que o indefesso missionario começou a sua trabalhosa peregrinação. Auctorizado com o titulo de nuncio apostolico, não duvidára renunciar este encargo christão, se o arcebispo de Goa assim o determinasse. Aceitou no entanto a missão, e seus trabalhos começarão logo. Não foi só na capital da India portugueza que sôu a palavra reformadora de Xavier: — os ricos habitantes de Ceylão; as pobres tribus da costa da pescaria, aonde se amontoão os miseraveis *paruas*, entre os quaes se encontra a casta aviltada dos christãos desvairados de Meliapor, o vêem successivamente entre si, sendo, em todas estas regiões, proveitosa a prégação, e muito além do que devera esperar-se. Vê-se nas cartas de Xavier que este nunca perdera a lembrança da universidade de Paris, aonde ouvira religiosamente as lições de seus mestres. Ha occasiões em que o missionario, venerado pelo povo, se recorda com saudade do seu pobre quarto de estudante, e em que desejára fallar aos afamados doutores, cujas lições ainda lhe estão presentes, porque servirão para elle conquistar, pela predica, os imperios do oriente. Xavier parou, por ver que seus dias estavam passados, e por saber que havia, a algumas legoas de Goa, o collegio religioso de São Paulo, que reunia dentro em si canarins, habitantes de Dekk-han, malabares, chingulais, bengales, peguanos, malaios, javaneses, chinas, e tambem abyssinios, associação polyglotta, se é licito usar d'este termo, d'onde partirão milhares de missionarios para a conversão das almas. Havia regiões que não estavam representadas n'este collegio, ou que (pelo menos), o não estavam bem. Para remediar semelhante falta partiu mestre Francisco (que assim era chamado) em demanda de filhos dessas terras, sem curar dos perigos a que ía expôr-se em tão arriscadas navegações. Em Malaca não foi só religiosa a missão do padre navarrez, mas tambem politica e militar, quando se tratou de anniquillar o poder d'El-Rei d'Achem. Conservou ella o mesmo character em Ternate, e Tidore, ferteis ilhas que constituem o imperio e archipelago das Molucas; e cujas particularidades tão bem descreveu

Galvão no seu precioso quadro. Nada pinta melhor a prodigiosa influencia de São Francisco Xavier para com os terríveis soldados da India portugueza, que elle cathechisava e moralisava, do que a famosa batalha pelejada em 1546 contra as forças reunidas d'ElRei d'Achem, nos mares de Malaca. No começo da acção, o almirante portuguez, D. Francisco d'Eça, fez ver quanto devia ganhar-se com a presença do missionario. Esta curta allocução, que a historia conservou, mostra com viva o animo de que estava o exercito, e mais do que tudo a influencia do religioso: — « Elle está em oração, exclamou o almirante, e vós bem sabeis quanto vale a sua intercessão, as suas lagrimas, e a sua alma: — são ferro, e fogo que destroem o inimigo. — » Travou-se a peleja, e no cabo de algumas horas forão derrotadas as muitas embarcações d'ElRei d'Achem, morrendo-lhe 4:000. homens da flor de suas tropas, e perdendo os portuguezes apenas quatro combatentes. Depois de tão prodigiosa victoria é que principiarão as memoraveis missões do Japão que devassaram á Europa tantas regiões incognitas. Estando a frota de Malaca a partir para a costa de Malabar, apresentou-se ahi, pela primeira vez, a São Francisco Xavier um japonex, a que João de Lucena dá o nome, agora por certo muito alterado, d'Angero. Este primeiro cathecumeno, trazido quasi milagrosamente a Malaca era nobre de sua pessoa, e dotado de não vulgar intelligencia. Acompanhou o apostolo das Indias a Goa, e alcançou em breve tempo conhecimento das linguas e sciencias da Europa. Adoptou o nome de Paulo de Santa-Fé, e vulgarisou entre os portuguezes as primeiras noções, que talvez houvesse d'estas opulentas regiões (1) desde os tempos obscuros em que

(1) Em 1542 forão varios commerciantes portuguezes arrojados, por uma d'essas medonhas tempestades denominadas Typhon, para as ilhas do Japão. Galvão, e João de Lucena, deixarão-nos algumas particularidades a tal respeito. Chamavão-se os trez primeiros exploradores Antonio da Mota, Francisco Zaimoto, e Antonio Peixoto. Ião elles de Sião para a China, quando occorreu este successo.

Marco-Polo lhes revelava a magnificencia, descrevendo Cypango.

A curiosa historia das missões do Japão é de interesse secundario para o nosso assumpto. Por isso tão sómente diremos que São Francisco Xavier, indo outra vez a Goa, foi na companhia de Paulo de Santa-Fé á cidade de Coguxima, naturalidade de seu primeiro cathecumeno, e theatro de suas primeiras pregações.

Sem embargo das preciosas traducções da doutrina christã, curiosamente elaboradas pelos japonezes convertidos, nem por isso a missão foi muita fecunda; porem tornou-se de maior interesse quando o apostolo das Indias, comprehendendo melhor o character d'estes povos, os deslumbrou n'uma segunda viagem, pela magnificencia do culto christão, e riqueza de suas vestes sacerdotaes. Estes asperos sectarios do *boudhismo* não satisfazião os desejos do missionario. Era-lhe necessario conquistar espiritualmente o vasto imperio d'onde lhe vinha a doutrina, e parte da civilisação. N'uma palavra Xavier propoz-se a converter o imperio da China, e nisto devião acabar os immensos trabalhos do apostolo. Para se conhecer quanto amargurados lhe correram os ultimos dias, que passou no meio dos povos orientaes, aqui trasladâmos um capitulo das peregrinações, de *Fernão Mendes Pinto* (1) viajante, muitas vezes exacto em suas narrações, e calumniado, sem razão alguma, no seculo decimo outavo: — «Correndo nós d'aqui d'esta paragem, aonde Deos Nosso Senhor pela sua misericordia, e pelas orações d'este bemaventurado padre (São Francisco Xavier) nos quiz fazer esta tão milagrosa mercê, em treze dias da nossa viagem, lhe prouve que chegassemos ao reino da China, e surtos no porto de Sanchão, aonde n'aquelle tempo se fazia o nosso trato. Já quando ahi chegamos por ser muito tarde não achamos mais que uma só não de que

(1) Capitulo CCXV. Copiámos este capitulo por interiro para dar aos leitores um specimen do estylo d'este ingenuo escriptor.

(O traductor.)

era capitão Diogo Pereira, e estava já de verga d'alto para se partir ao outro dia para Malaca; na qual o padre se embarcou, porque a dé Duarte da Gama, em que viera do Japão, lhe era necessario ir invernar a Sião, por vir aberta pela roda da prôa, do grande trabalho que passara na tormenta, que atraz tenho contado, e lá se concertar e prover de muitas cousas de que tinha necessidade.

« N'esta viagem, que o santo padre fez da China para Malaca em companhia de Diogo Pereira, que era muito seu amigo, lhe deu conta dos termos em que ficavão as cousas da christandade no Japão, e quão importante lhe era a elle trabalhar todo o possivel por vêr se podia ter entrada na China, assim para lá divulgar, e dar noticia áquella gentildade da lei de Nosso Senhor Jesus Christo, como por acabar de tomar conclusão com os bonzos do reino de Omanguché; os quaes vendo-se confundidos com as praticas e disputas que tiveram com elle ácerca da fé, lhe responderão já por derradeiro, que como da China lhes vierão aquellas leis, que elles pregavão, e que havia seiscentos annos que tinham aprovadas por boas, se não desdizião por nenhum caso, senão quando soubessem que ella convencera os chins com as proprias razões; com que a elles lhes fizera confessar ser esta lei boa, verdadeira, e ser para ouvir o que elle pregava. E por esta rasão desejava este servo de Deos, pelo grande zelo que tinha da sua honra e da sua fé, de lhe não ficar isto por fazer, assim para acabar de tomar conclusão com uns, como para dar noticia d'esta verdade aos outros, partiu para a India com o pensamento de dar conta de todas estas cousas ao vice-rei, e lhe pedir que o ajudasse com todos os meios possiveis para o effeito d'esta sua determinação. Este negocio pôz o padre em pratica perante os mais entendidos que são na náó, e lhes pediu n'ella seus pareceres, por serem homens que d'esta monarchia da China tinham muito conhecimento e experiencia; e elles lhe responderão que por nenhum caso era possivel ter o padre entrada na China para aquelle effeito, senão com o vice-rei da India; e mandar lá um embaixador em



nome d'ElRei Nosso Senhor, para mais auctoridade, e com um grande presente, offerecendo-lhe sua amisade nova, com palavras formadas ao modo com que se lhe costuma fallar. E porque para tamanha cousa como esta, havia mister muita fabrica, e um presente de peças muito ricas, se duvidou querer o vice-rei fazel-o, de que o padre mostrou sentimento por lhe parecer que era aquillo verdade, e porque tambem ponderava os inconvenientes, que o tempo, e os trabalhos do estado da India para isso podião trazer. Sobre este negocio se praticou n'aquella viagem por muitas vezes, e a Diogo Pereira se offereceo tomar a cargo por serviço de Deos, e pela amisade que tinha com o padre mettêl-o na China á custa de sua fazenda, e fazer toda a despeza que fosse necessaria, assim do presente, como de tudo o mais; o que o padre acceitou d'elle, e lhe prometeu por isso satisfação d'ElRei Nosso Senhor.

« Chegados com esta determinação a Malaca; o padre se embarcou logo d'ali para India; e Diogo Pereira ficou com a não em Malaca para ir a Sunda carregar de pimenta, e mandou em companhia do padre um Francisco de Caminha, seu feitor com trinta mil crusados de almiscar, e seda para se comprar d'elles todo o necessario. Chegado o padre a Goa deu conta d'esta sua determinação ao vice-rei D. Alfonso de Noronha, o qual lhe louvou muito este seu bom e santo proposito, e se offereceu para o ajudar n'elle com tudo o que fosse possivel. Elle contente assás com esta boa resposta do vice-rei, se avisou o mais depressa que pôde de tudo o que lhe era necessario; e dando-lhe o vice-rei provisões para Diogo Pereira n'esta santa jornada, por ir por embaixador a El-Rei da China, commettidas a D. Alvaro d'Athaide, que então estava por capitão da fortaleza, se tornou a Malaca, porém o capitão lhe não quiz guardar as provisões, porque ao tempo que o padre chegou estava muito de quebra com Diogo Pereira por lhe não emprestar dez mil cruzados que lhe pedira. E trabalhando o padre todo o possivel por soldar com a sua virtude esta quebra, e esta discordia, nunca jámais pô-

de, porque como ella estava fecundada em odio e cobiça, e o demonio era o que atiçava este fogo, em vinte e seis dias em que sobre isso se fizerão algumas diligencias, nunca o capitão quiz conceder o que o padre pedia, nem dar licença para que Diogo Pereira o levasse á China, como da India vinha determinado: com um grandissimo gasto já feito, dando em tudo novos entendimentos ás provisões do vice-rei, e dizendo o modo de escarneo que aquelle Diogo Pereira, que sua senhoria dizia, era um fidalgo que ficava em Portugal, e não aquelle que o padre apresentava, que fôra hontem creado de D. Gonçalo Coutinho, e não tinha partes para ir por embaixador a um tamanho monarcha como era o rei da China.

« Pelo que alguns homens honrados, movidos do zelo da honra de Deos, vendo que este negocio caminhava sempre para peor, sem o capitão querer fazer nenhuma rasão de si, nem ter respeito ao que se lhe punha diante, se ajuntarão todos uma manhã, e lhe forão pedir que não quizesse tomar sobre si uma cousa, que tanto tocava em detrimento da honra de Deos, porque lhe seria tomada d'isso muito estreita conta na outra vida; e que olhasse tambem á união com que todo o povo clamava d'elle, por tolher a um homem tão santo como aquelle ir pregar a lei de Christo áquella gentildade, por meio da qual parecia que queria Nosso Senhor abrir uma porta ao seu evangelho para salvação das almas; ao que elle, dizem, que respondeu que já era velho para lhe darem conselhos; que se o padre queria tomar esse trabalho por Deos, fosse ao Brazil, ou ao Manamotapa, que erão terras aonde tambem havião gentios, como na China, porque tinha jurado que em quanto elle fosse capitão, não havia Diogo Pereira de ir á China; nem por mercador, nem por embaixador; e que lhe tomasse Deos d'isso conta, porque eile lha daria quando lha pedisse, porque aquella ida que Diogo Pereira queria fazer á sombra do padre para trazer cem mil crusados da China era mais propriamente sua pelos serviços do conde-almirante seu pai, que d'um creado de D. Gonçalo Coutinho, a quem

o padre sem ter rasão queria sustentar em cousa tão mal feita, e com isto os despedio.

« O veador da fazenda, o feitor, e os officiaes da alfandega, vendo quão fóra de proposito elle respondera a estes homens, lhe forão todos uma manhã por parte d'ElRei fazer um requerimento, dizendo que n'aquella alfandega estava um regimento dos governadores passados, que mandavão expressamente que por nenhum caso que fosse se tolhesse viagem a nenhuma não, que quizesse ir para fóra, obrigando-se a tornar ahi a pagar os direitos; e que Diogo Pereira lhes tinha feito um requerimento que ali traziam por escripto, em que se obrigava a dar a ElRei só dos direitos d'aquella não trinta mil crusados para a necessidade d'aquella fortaleza, dos quaes logo dava metade, e para a outra metade fiadores depositarios para quando tornasse: — pelo que requerião a sua mercê que lhes não tolhesse a sua viagem porque tolhendo-lha, sem haver causa, como não havia, elles protestavão por parte d'ElRei, de os haver sua alteza pela fazenda d'elle capitão. A que elle respondeo que se Diogo Pereira se obrigasse a dar a ElRei pelos direitos da sua não trinta mil crusados, como elles dizião, tambem elle se obrigava por aquelle requerimento, que lhe fazião, a lhes dar todos trinta mil pancadas com o cabo d'aquella chuça, e remettendo a um cabide para o fazer elles se acolherão bem depressa.

« — E desta maneira se passarão vinte e seis dias depois da nossa chegada, sem haver cousa que podesse abrandar esta contumacia do capitão; antes usou com o padre de alguns termos mais asperos, do que era razão, e muito alheios do que se devia á sua auctoridade, e á sua virtude. Vendose este servo de Deos tão avexado e affrontado com nomes infames, soffreu tudo isto com muita paciencia, sem se lhe ouvir nunca outra palavra, mais que sómente, pondo os olhos no céo dizer: O' bemdito seja Jesus Christo, com tanta vehemencia como que lhe saía da alma, e algumas vezes não sem muitas lagrimas. E assim se dizia publicamente em Malaca, que se o padre desejava (como se presumia delle) pa-

decer martyrio por Deos, bem martyr fôra n'aquella perseguição. E na verdade affirmo que quando me ponho a cuidar no que ElRei de Bungo, sendo gentio, fez no Japão a este padre, só por lhe dizerem que era homem que dava noticia da lei de Deos, como atraz fica dito, e o que depois vi em Malaca, fico pasmado, e assim creio que o ficará todo o homem christão, que vira um e outro. E, sem embargo de tudo isto, o padre se embarcou nesta mesma não para a China, mas bem differente do que houvera de ir se fôra com Diogo Pereira; mas elle ficou em Malaca, e a não foi toda por conta do capitão, e dos seus apaniguados, e com capitão pôsto de sua mão, o padre foi ingreme, sem auctoridade nenhuma, ás esmolas do contra-mestre, e sem levar outra cousa mais que só uma lôba, que levava vestida. Mas como seu intento foi sempre padecer entre infieis pela confissão da verdade, que lhes prégava, não punha da sua parte cousa que podesse fazer a isso duvida, nem impedimento algum, e assim se quiz embarcar á disposição do que o tempo lá dêsse de si.

« — Estando a não já de todo prestes para partir, o contra-mestre lhe mandou ás duas horas depois da meia noite dizer por um moço seu sobrinho a Nossa Senhora do Outeiro, aonde então estava, que sua reverencia se embarcasse logo n'aquella manchua, que ali lhe mandava, porque a não se queria fazer á véla. O padre entendendo este recado se saio logo com este moço pela mão, e com mais outros dous seus devotos, que o acompanbarão até aonde a não estava, que era junto da fortaleza, e um destes dous, que era o vigario João Soares, que depois esteve n'este reino na villa da Covilhã, vendo-o embarcado com assás tristeza e melancolia, despedindo-se d'elle lhe disse: « Devia vossa reverencia, já que se embarcou para tão longe, fallar a D. Alvaro, se quer por tapar as bocas aos seus apaniguados, que dizem, que diz elle, que sente vossa reverencia isto como «de carne.» A que elle estando já com um pé na manchua respondeu: «Próvera a Deos, padre meu, que fôra eu tal

« que sentira isto por honra de Deos como era razão; mas  
« minha imperfeição foi a causa disso. E quanto a fallar a D.  
« Alvaro, como me dizeis, já não póde ser, nem mais nesta  
« vida nos veremos mais elle, e eu; porem ver-nos-hemos no  
« valle de Josaphat no dia da tremenda magestade, quando  
« Jesu-Christo, filho de Deos, e Senhor nosso vier julgar os  
« vivos e os mortos, diante do qual estaremos elle, e eu a  
« juizo, e lhe será tomada conta da razão que teve para to-  
« lher ir prégar a infieis Christo, filho de Deos, posto na  
« cruz por peccadores. Assim vos affirmo que muito cedo por  
« principio de castigo deste peccado terá alguns trabalhos na  
« honra, na fazenda, e na vida; e quanto ao de sua alma,  
« Jesus Christo Nosso Senhor haja misericordia della. » E pon-  
do os olhos na porta principal da igreja que tinha defronte,  
se poz de joelhos e levantando as mãos como que orava por  
elle, disse com um tamanho impeto de lagrimas que lhe im-  
pedião a falla: « O' Jesus Christo, amores da minha alma,  
« pelas dores da vossa santissima morte, e paixão vos peço,  
« Deos meu, que ponhaes os olhos no que por nós apresen-  
« taes diante do padre eterno, quando lhe mostraes as vos-  
« sas preciosas chagas; e o que por ellas para nós mereces-  
« tes, isto concedaes para salvação da alma de D. Alvaro, por  
« que encaminhado pela via da vossa misericordia seja per-  
« doado diante de vós. » E debruçando-se com o rosto no chão,  
esteve assim um pouco sem se lhe ouvir outra cousa. Depois  
que se levantou descalçou as botas e as bateo em cima d'uma  
pedra, como que lhe sacodia o pó. E embarcando-se na man-  
chua se despedio dos dous, que o acompanharão com tantas  
lagrimas, que o padre vigario João Soares, tambem choran-  
do lhe disse: « Como: este apartamento é para sempre, ou por  
« que nos deixa vossa reverencia tão desconsolados? Pois eu  
« espero em Deos Nosso Senhor que muito cedo o hei de tor-  
« nar a vêr nesta terra com muito descanso; — e elle res-  
« pondeo: — Assim parecerá a sua divina misericordia; » e  
com isto se foi embarcar, e partindo a não aquella madru-  
gada do porto de Malaca, em vinte e trez dias de viagem foi

surgir no porto de Sanchão, que é uma ilha vinte e seis le-goas da cidade de Cantão, aonde n'aquelle tempo se fazia o trato com a gente da terra.

« — Passados alguns dias depois da não aqui estar sur-ta, e os mercadores entenderem em fazerem suas fazendas, e estar tudo pacifico, e a mercancia corrente, desejando este servo de Deos effeituvar em parte o que não podera em todo, tratou com um mercador chino dos honrados do porto, que se chamava Chepocheca, que quando se fosse o quizesse levar á cidade; e ainda que n'isto houve alguns inconvenientes de varios pareceres dos portuguezes, por verem que ia assim tão desatado, e sem causa, que pudesse dár auctori-dade ao que dissesse, todavia depois de bem praticada uma cousa e outra, se assentou com este mercador por esta ma-neira: que o padre lhe desse dozentos taéis, que são trezen-tos cruzados da nossa moeda, e que havia de ir d'ali da não até á cidade sempre com os olhos tapados, por que se acazo fosse, que por elle ser estrangeiro a justiça entendesse com elle, como estava certo que havia de ser, e pondo-o a tor-mento lhe dissessem que confessasse quem ali o trouxera, elle o não soubesse dizer, nem conhecer quem ali o trouxera, porque se fosse descoberto lhe mandassem por isso cortar a cabeça: o que o padre acceitou com todos estes partidos, sem pôr diante receio de cousa alguma, nem o espantassem os medos, que todos geralmente lhe punhão, por estar enten-dido d'elle quão desejoso estava de receber martyrio por Deos Nosso Senhor.

« — Porem como o mesmo Deos, cujos segredos nin-guem pôde rastejar, não era servido que elle entrasse na Chi-na, e a razão porque, elle só o sabe, o desviou por uns meios que naturalmente parecião justos, como o são todas as suas cousas, as quaes forão confessar este gentio Cheopecheca que elle estava muito satisfeito do interesse, que lhe davão por esta ida; porem que o seu coração lhe dizia que tal não fizesse por que lhe havia custar a vida a elle, e a todos os seus filhos: Com isto se deixou o padre ficar dentro

na não, sem dar effeito a esta santa obra, que tanto desejava. E como elle já então andava mal disposto de febres, e de camaras de sangue, ajuntando-se a isto a melancolia e desgosto que tomara; veio a doença a assenhorear-se tanto d'elle, que crescendo cada dia mais, veio a cair na cama com fastio muito grande, de que esteve muito mal tratado por espaço de quatorze dias; no fim dos quaes, conhecendo que a sua enfermidade era mortal pediu que o levassem por terra, aonde logo o levarão, e, o poserão em uma pobre cabana, que ali se lhe engenhou, coberta de hervas e de ramos, na qual esteve desesete dias, segundo me contarão homens que se achavão com elle, bem falto do necessario, assim por andarem alguns que agradavão a quem lhes parecia que lhe não havia pesar com isso, como tambem, ao que eu cuido, porque quer Nosso Senhor mostrar neste desamparo, que permitio que este seu servo tivesse na terra nesta hora, quão conforme este seu transito era aos dos outros, de quem temos por fé que agora reinão com elle no céo. Passados estes desesetes dias que digo, e ao que parecia com assás pena e desconsolação sua interior, conhecendo elle em espirito, e pela fraquesa do corpo em que estava, que a sua hora se vinha já chegando, se despedio de todos com muitas lagrimas, certificando-lhes que estava já de caminho, pelo que lhes pedia que lhe rogassem todos a Deos pela alma, porque tinha disso muita necessidade. E mandando com isto a um moço, que tinha cuidado d'elle, que lhe fechasse a porta, por que o rumor da gente lhe fazia turbação, esteve assim mais dous dias, sem já a este tempo poder levar cousa alguma; no fim dos quaes tomando um crucifixo nas mãos, poz os olhos fixos n'elle, sem se lhe ouvir mais que só de quando em quando a modo de suspiro: Jesus da minha alma. No cabo d'este tempo, não podendo já pronunciar palavra alguma lhe virão os que estavão com elle, segundo todos contarão publicamente, chorar algumas lagrimas, com um impeto algum tanto mais esforçado, e sempre com os olhos no crucifixo, até que de todo deu a alma a Deos, que foi um sabbado 2 de dezembro

do anno de 1552 á meia noite, cuja morte foi assás sentida, e chorada de todos quantos ali se acharão presentes. — »

Pouco tempo depois exhumarão o corpo de São Francisco Xavier do modesto jazigo aonde o sepultarão em Sanciaõ, plaga inhospita, fazendo-se-lhe a trasladação das cinzas para a cathedral de Goa, no fim de alguns mezes, com solemne pompa, que contrastava com os usos de rigida pobreza que o apostolo abraçara.

Pode dizer-se que Francisco Xavier é o fundador das apartadas missões, que tão vivamente excitarão a admiração do decimo setimo seculo. Quem lêr com attenção o livro de João de Lucena, cujo titulo nem ao menos é citado na biographia universal (1) vê que o pensamento activo do apostolo provêra com incrível previsão a todas as necessidades espirituaes do oriente. Poderá suscitar-se alguma duvida quanto ao prodigioso numero de conversões feitas por Francisco Xavier em Ceylão, São Thomé, e costa da pescaria, mas nenhuma pôde occorrer relativamente ao sincero zelo que a animou. Os successores do missionario navarrez forão muitos; o circunstanciado livro de Cardozo confirma com mil casos ignorados, o que se lê em Barros, e Lucena. Os viagantes religiosos, mandados quasi annualmente de Portugal, forão talvez ainda mais longe do que os intrepididos soldados de Albuquerque, e João de Castro. As costas de Guiné e do Congo; os desertos do Monomotapa; as solidões ignotas de Matto Grosso, e Pará, virão-os dentro em si, bem como os florecentes imperios do mar vermelho, Hoindoustan, e mares da China. Madagascar, foi, como dissemos, visitada, no anno de 1506, por Fernando Soares, que lhe poz o nome de São Lourenço.

(1) Eis aqui o titulo d'esta obra preciosa: — *Historia da vida do padre Francisco Xavier, composta pelo padre João de Lucena.* Lisboa 1600, 1 vol. in-fol. A leitura d'esta obra, classica no estylo, tivera e citado um erro, ou uma omissão ao veneravel auctor do artigo da biographia, que faz transportar os ossos do santo para Macau, no Japão, quando é certo que elles forão logo trazidos para Malaca.



Esta ilha que excita agora, com tanta rasão, o interesse da França — esta região ignorada, da qual M. de Froberville em breve nos fará conhecer os immensos recursos, foi n'outro tempo scientificamente explorada pelos missionarios portuguezes. Uma excellente carta, dada por M. da Laverdant, no fim da sua interessante obra, mostra quaes são os nossos verdadeiros conhecimentos geographicos do interior d'esta ilha, e quanto se achão ainda incompletos. Antes do habil e intrepido Flacourt, talvez já os portuguezes houvessem tentado devassar algumas d'estas terras incognitas, que muito promettem á sciencia, e ao progresso da industria. Tudo o que se refere á ilha de São Lourenço, ou a Madagascar, excita hoje tamanho interesse para a França, que não deixaremos de notar a obra ainda manuscripta de Paulo Rodrigues da Costa. Este homem instruido, fôra nomeado pelo vice-rei da India, D. Jeronimo de Azevedo, para examinar com miudeza a estadistica completa da celebre ilha que acabâmos de citar. Cumpria-lhe vêr ao mesmo tempo se restavão alguns vestigios da antiga occupação portugueza. Rodrigues da Costa, partiu, na qualidade de capitão de uma caravella, e chegou a Madagascar no meado do mez d'abril de 1613. Explorou o paiz, e com isso não deixou a sciencia de lucrar muito, como muito bem observa a bibliotheca lusitana; Faria e Souza, dá extensa conta d'esta viagem. (†)

*Gente de mar — Heroes populares do tempo  
de D. João III — Aventureiros  
celebres.*

Longo iria este capitulo se pretendessemos se quer nomear os navegadores arrojados; homens cujo ardimento se ignora; e todos os aventureiros celebres que não podem figurar na his-

(1) (Tomo 3.º, pag. 3, capitulo 15) — Rodrigues da Costa compoz uma longa noticia da sua viagem, que existia ainda no seculo 18.º na bibliotheca do marquez d'Abrantes.

toria, e cujos nomes Barros, Castanheda, Goes, e Couto registrarão. Nem um só de nossos leitores, nos parece, deixará de ter ouvido fallar de Fernão Mendes Pinto, e de suas aventurosas peregrinações tão calumniadas por Shakspeare; de Manoel de Sepulveda, e terna Leonor; de Manoel Serrão, e sua devoção heroica; de Soares Ribeiro, e de seu brilhante sacrificio no reino do Pegu. Os feitos que tornarão estes nomes quasi populares são muito conhecidos; existem registrados em muitas partes, e por isso se não carece de que d'elles façamos larga menção n'um paragrapho apenas destinado a dar cabal conhecimento de algumas personagens a que só os curiosos dão valor. Começaremos por João de Castro, um dos heroes esquecido, como o forão tantos, na precedente epoca.

Diogo Botelho Pereira nascido nas Indias Orientaes, e filho de um capitão de Cochim, teve um d'esses destinos aventurosos, peculiares ao seculo decimo sexto. Sendo habil marinheiro, bom geographo, e reputado um dos melhores soldados da India, passou a Portugal no reinado de D. João 3.<sup>o</sup> Introduzido na corte, foi feito Gentil-homem da camara, recusando-se-lhe porem o titulo de capitão da cidade de Chaul, que pedia. Algumas observações imprudentes, e odios particulares, persuadirão o rei de que elle atraçoava Portugal em favor da França, e foi desterrado para ás Indias na frota de Martim Affonso de Souza. Partiu em consequencia d'isto para este paiz em 1534, e fez uma viagem assás rapida em relação á epoca. Chegando á India sentia-se vivamente atormentado pelo desejo de justificar-se aos olhos de D. João III, e para o conseguir escolheu um meio, diz Barbosa, que parecia exceder as forças do animo mais corajozo.

Sabendo quanto satisfactoria seria a D. João III a noticia de que Nuno da Cunha conseguira fundar a fortaleza de Diu, que era a chave do commercio da Arabia e Persia, bem como a barreira que se podia oppor a ElRei de Cambaya, mandou fabricar em Cochim uma barca de vinte e dois palmos de cumprimento, doze de largo, e seis de fundo. Acompanhado apenas de cinco portuguezes, e de dous ou trez es-

cravos, ousou metter-se ao mar, e se partiu para Dabul. Depois de ter dobrado o cabo da Boa Esperança no 1.º de novembro de 1536, viu-se exposto aos mais terríveis perigos. Atenuado pela fome mais medonha, correria o risco de ser morto pelos seus companheiros, para ser por elles devorado. Foi n'este conflicto gravemente ferido na cabeça, e ficou mudo por alguns dias: — tamanho esforço fizera elle para supplantar a voz dos assassinos, no meio do fragor da tempestade! Livre do primeiro perigo, viu-se obrigado a governar a embarcação por signaes. Venceu, por fim, tantos perigos.

Como soubesse que ElRei se achava então em Almeirim, proseguiu em sua viagem subindo o Tejo até Salvaterra. Chegando á presença do Soberano, declarou-lhe com viva commoção o objecto da sua viagem, provando-lhe em poucas palavras, que se houvesse querido trair a patria ter-lhe-hia sido possível apresentar a ElRei de França o plano da nova cidadella. D. João III deu-lhe em recompensa a capitania de São Thomé, d'onde depois passou para Cananor. Tal é a breve noticia, que a tal respeito Barbosa Machado nos deixou. Não esqueçamos todavia que houve n'esta navegação scenas de horror mui d'industria reveladas, e que recentemente inspirarão a musa de um vate portuguez.

### *Pero Gallego.*

Pero Gallego, que tambem vivia no decimo sexto seculo, é typo dos heroes populares de que as nações jámais se esquecem, e que servem de assumpto a mil legendas fabulosas. Pero Gallego, é uma personagem muito real do tempo de D. João III. Em 1546 só se fallava em Vianna do Minho de um mancebo pertencente a uma familia nobre d'esta terra, com o qual ninguem se podia medir na arte de manejar as armas, bem como em outros exercicios. Tornára-se Pero Gallego o mestre d'esgrima da povoação; e quando teve reunido sufficiente numero d'afieçoados amigos, convocou-os n'um bello dia, e disse-lhes: — « que a fortuna travava amores com

« quem a procurava ; e que além d'isso, uma embarcação não « era objecto de tanto custo que, por causa d'este, deixassem « elles de percorrer as costas d'Hespanha. — » O discurso laconico de Pero Gallego foi comprehendido pelos seus amigos, e d'entro em poucos dias estava comprada uma caravella com o auxilio de todos. Guarnecerão-na com quatro peças de ferro, ou fundidas, como então se dizia, n'uma bella manhã, e sem se despedirem de parentes nem de amigos, fez-se de vela este bachel d'aventureiros. Em epoca tão fecunda em eventos inesperados, nunca faltavão aventuras guerreiras a quem quer que andasse com valor em demanda d'ellas.

A primeira embarcação que os nossos homens encontrão foi um chaveco barbaresco. Pero Gallego o tomou, e conduzindo-o para o porto de Sagres, o vendeo, começando a fazer partidarios no Algarve, bem como já os tinha feito na sua terra. Percorreo, em breve, os mares do Levante, por onde navegou trez annos, sendo em toda a parte vencedor. Trazia elle consigo immensas riquezas, quando se vio obrigado pela tempestade a arribar á bahia de Cadiz aonde lhe succedeu uma aventura, que devia coroar todos os seus altos feitos. Pedro Navarro, o famoso almirante castelhano, achava-se então n'este porto, commandando uma armada. Pero Gallego como verdadeiro heroe de trova popular, que se vê rico, e por isso forte, não fazendo caso da auctoridade official, entrou em Cadiz com bandeira no topo do mastro. Pedro Navarro olhou o insulto como ignorancia das leis maritimas ; porém, ordenando a Pero Gallego que arreasse a bandeira, este não obedeceo. Pedro Navarro embarcou n'uma galera, e veio apoiar com a força a ordem que tinha dado. Pero Gallego, que não era homem a quem o canhão entemidasse, deo uma banda na embarcação opposta, que matou grande numero de hespanhoes, e ferio o proprio almirante ; e sendo elle um simples corsario, ousou assoberbar uma frota real. Pero Gallego, que foi tido como louco, saio pacificamente do porto, voltando a Vienna, aonde se tornou o typo glorioso, citado por todos os seus compatricios. O gabinete

hespanhol não ficou silencioso á vista de tal insolencia. Fez reclamações a esse respeito, a que se fingio attender; porém o governo de D. João III. deixou a Pero Gallego gozar tranquillo da fama popular que tinha alcançado. Está hoje quasi esquecido; uma inspiração de Camões lhe houvera dado a immortalidade,

*Salvador Corrêa, rei do Pegu.*

Trinta annos depois occorreo um successo não menos extraordinario nas regiões situadas além do Ganges. Salvador Ribeiro ganhou prodigioso nome entre os povos de Pegu, mas recusou governa-los. Não foi esta a primeira vez que um capitão atrevido estivera para ser nomeado soberano de alguma d'essas fecundas ilhas que as frotas das Indias tinham subjugado. Antonio Galvão regeitára a coroa de Ternate nos primeiros annos do seculo decimo sexto; porém agora tratava-se de um vasto imperio, cujo grande poder, que chegara a resistir aos inglezes, os proprios portuguezes ignoravão. No anno de 1560 tendo Salvador Ribeiro fundado, pela sua coragem, uma fortaleza no reino de Pegu, fez frente, com trinta portuguezes e trez embarcações, a uma frota inteira, com 6,000 mulsulmanos. Ficando vencedor, em breve renovou este prodigioso feito d'armas. No cabo d'estas duas brilhantes victorias é que os pugnânos elegerão para seu rei a este valente soldado, coroando-o com o ceremonial antigo usado nestas regiões. Os reis dos estados vizinhos lhe mandarão embaixadores; porém este novo poder, que emulava com o poder dos vice-reis, atemorizava a metropole. Uma simples ordem d'Ayres de Saldanha, que governava as Indias em 1600, tirou o reino ao novo monarcha, que veio occupar o seu lugar entre os subditos d'ElRei de Portugal.

*Ango, navegador normando — tradição que  
lhe diz respeito.*

Não é possível chegar a este período glorioso, sem falar no celebre navegador normando, que deixou recordações na sua patria, ainda vivissimas. Cumpre-nos dizer que mais confiamos na lembrança que nos deixou uma tradição popular do que em monumentos incontestaveis; e se aqui reproduzimos um facto que honra o velho marinheiro francez, devemos tambem dizer que os historiadores mais dignos de fé, como João de Barros, e Damião de Goes, nada contão á cerca das façanhas que se attribuem ao rico pirata da Normandia. Auctores menos conhecidos, amigos de aneddotas particulares, e os poetas populares, sempre promptos para memorarem successos grandes — o proprio Garcia de Resende, e Gil Vicente, conservão igualmente silencio a respeito d'este ousado incendiador de embarcações, que não receava vir accommetter, debaixo dos muros de Lisboa, a vigilante marinha de D. Manoel, o qual quasi se viu obrigado a tratar com elle directamente. Sem entrar-mos em maior analyse, aqui reproduzimos os factos principaes attribuidos ao navegador normando, para o que recorreremos ao habil historiographo da cidade de Dieppe.

« — Ango (era o mais rico negociante de Dieppe) não commerciava em pequenas esquadras de duas ou trez velas, porem em frotas. Tinha sempre no mar quinze, ou vinte embarcações armadas em guerra. Para as ilhas Molucas, e Indias é que elle mandava quasi sempre as expedições; e como os hespanhoes e flamengos, e mais do que tudo os portuguezes, lhe disputavão a passagem aos navios, cada expedição dava logar a dous ou trez combates, de que se safa quasi sempre vencedor.

« — Succedeo que um dos seus navios, impellido por uma rajada de vento, e longe das demais embarcações fosse encontrada por uma esquadra portugueza que lhe fez fo-

go. A tripulação foi assassinada, e a embarcação, com as mercadorias, conduzida em triumpho para Lisboa. Ango, furioso, e sem lhe importar o estar Portugal em paz com a França, jurou vingar-se da offensa. Esquipou duas grandes embarcações, que se achavão então no porto, mandou-as escoltar por outras seis ou sete de menor lote, e augmentou-lhe a tripulação com quasi outocentos voluntarios, e mais gente resoluta, que expressamente alistou, para ir fazer desembarques nas margens do Tejo, e assolar as costas de Portugal.

« As suas ordens forão tão bem executadas, que a consternação lavrou logo em Lisboa. Os incendios de varias povoações na borda do mar, e a captura de grande numero de embarcações, que saião do Tejo na direcção da India, fizerão acreditar, que por ordem d'ElRei de França, e não pela de um aventureiro se fazião estes males. Pelo que ElRei de Portugal mandou a toda a pressa a Chambord dous de seus conselheiros, para saberem o motivo desta violação da paz. Francisco I respondeo-lhe: Senhores não sou eu quem vos faz guerra; entendei-vos com Ango, se lhe quereis pôr termo. Os dous enviados partirão para Dieppe. Ango, que se achava então em Varengeville (aonde mandara edificar uma linda casa de campo, cujas ruinas ainda hoje existem) mandou-os ir ao seu domicilio, aonde os recebeo com a usual magnificencia. As tradições varião a tal respeito, por que, segundo uns, tratára elle os enviados com palavras descompostas, e sem termos de cortezia; e segundo outros promettera-lhes mandar retirar a sua frota por uma embarcação bem veleira, penhorado da honra que o seu rei lhe fazia mandando-lhe os enviados portuguezes, mas pedindo que se respeitasse a bandeira francesa. — « Releva dizer aqui alguma cousa que ligue a tradição com as narrações dos portuguezes.

João Ango foi, sem a menor duvida, um homem distincto, como o valente Parmentier, cuja historia M. Estancelin nos traçou ha pouco; e os atrevidos navegantes Pregelent, Bidoulx, Primoguet, e Paulin, cujas façanhas M. Leão Gué-

rin acaba de descrever, e que nos devem ufanar. João Ango foi mais do que todos os navegadores do seculo decimo sexto, audaz e venturoso, ou antes diremos, como o attestão informações certas, tornou-se nas luctas que se travarão entre elle e os portuguezes, um inimigo incommodo, e corsario mui temido. Porem, ha muita exaggeração no poder que se lhe attribue; e para isso se conhecer bastão os documentos diplomaticos que temos á vista, que comtudo, não tirão todo o valor á tradição. Em todo o caso as façanhas de João Ango não pertencerião ao reinado de D. Manoel, mas sim ao de D. João III. Segundo affirma M. Léon Guérin, na sua historia maritima de França, o unico documento que auctorisa, em certo modo, a tradição é a carta de marca que Francisco I expedio no dia 27 de julho de 1530 (1), e pela qual concede a João Ango o direito de se indemnisar, pelos bens dos portuguezes, das presas que lhe hajão por elles sido feitas, dando-lhes comtudo trez mezes para realisarem a pedida restituição (2). Importa accrescentar que a tradição relativa á embaixada fica desmentida para quem examinar com attenção os documentos diplomaticos. E de feito, por uma carta de 2 d'agosto de 1544 ordenou D. João III ao seu embaixador junto á corte de França que declarasse a Francisco I que se não annullasse as cartas de marca concedidas a João Ango, se veria obrigado a retirar-se. Fernão Alvares Cabral recebeu igual intimação; e D. João III parecia dar tal importancia ao debate travado entre elle e a França, que ordenou a Domingos Leitão que se conservasse em Paris para estar ao alcance deste negocio, no caso que o embaixador se ausentasse da corte.

São de tal modo incertas as datas na historia do atrevido navegante, feito por Francisco I visconde, e capitão do porto de Dieppe, que achámos interessante, e ao mesmo tem-

(1) E não em 22 de março, como refere M. Guerin, na sua interessante obra.

(2) Vid. o Quadro Elementar T. 3.º pag. 237.



po curioso para os nossos annaes, o aclarar, ao menos, certos factos, vagamente enunciados pela tradição. Se o desembarque em Portugal, cuja historia se narrou, é mais que duvidoso, não acontece o mesmo com outras façanhas de João Anjo; e a colecção a que mais de uma vez recorreremos, não deixa a menor escuridão a tal respeito. Em primeiro lugar uma carta de D. Antonio d'Attaide, datada de 18 d'agosto de 1531 dá a certeza de que João Anjo armava quatro embarcações para se dirigir a Guiné, e costas de Malaguete. Viu-se depois que o almirante de França se oppunha a suas explorações com mão armada, e que lhe prohibira a navegação dos mares do Brazil, fazendo estensiva esta ordem a todas as regiões então sujeitas a Portugal. Tambem cumpria que o intrepido burguez de Dieppe tivesse uma situação á parte no exercito naval, por isso que Francisco I escrevia a D. João III, que segundo as informações de João Vaz se preparavão nos diversos portos da Normandia vinte ou trinta embarcações para se ajuntarem ás de João Anjo, independentemente das que elle tinha armado. Accrescentaremos, suppondo que a tradição do bloqueio de Lisboa assenta em algum facto verdadeiro, que entre 1531 e 1532 é que se deve fixar a epoca d'esta arrojada expedição. E' comtudo certo que foi em outubro de 1531 que os quatro navios pertencentes a João Anjo partirão, e que um piloto portuguez chamado João Affonso tomara o mando de um d'elles e se dirigira ás costas de Guiné. Resulta de todos estes factos que nada é positivo na historia acima mencionada.

### *Morte de D. João III.*

Presára este rei summamente a paz; e usava repetidas vezes dizer que o vencimento de uma batalha não compensava as perdas causadas por uma guerra. Comtudo o seu reinado offereceo não interrompida serie de cercos memoraveis, e de combates celebres, que ensanguentarão a India, Africa, e uma grande parte do mundo. Soube ao menos conser-

var em Portugal a paz que, com tamanho ardor preconisava; e durante o seu governo chegou o reino a um grão de prosperidade que os historiadores portuguezes não cessão de exaltar. Devem-se-lhe grandes instituições; imprimio na acção intellectual do seu povo um grão de actividade que as outras nações não poderão devidamente apreciar, mas que não deixou por isso de ser real. Como homem sinceramente devoto reformou o clero regular; mas sujeitou-se cegamente á vontade dos jesuitas, e sendo elle que continuou as grandes obras do convento de Belem, deo por vezes ordens muito rigorosas para que se aniquilassem os monumentos religiosos da India. Tambem se lhe attribue a construcção de grande numero de edificios de utilidade publica, como alfandega, tercenas, e armazens de marinha. Tudo isto, porem, não pôde fazer esquecer que fora no seu reinado que se estabeleceo o sinistro palacio da Inquisição, e se começaram os sanguinarios processos do santo-officio. No entretanto, este monarcha não deixou por isso de ser muito amado.

D. João III falleceo em Lisboa a 11 de julho de 1557, com cincoenta e cinco annos de idade, e trinta e cinco de reinado. Diz-se que um pregador, querendo no pulpito annunciar-lhe a morte, e começando a fallar ao povo, fora logo interrompido pelos brados enfurecidos do auditorio, de forma que não pôde continuar. Luiz de Camões ainda se achava na India quando lá chegou noticia da morte do soberano. D. João III nunca lhe deo a mais leve protecção, antes no seu reinado fôra desterrado; e a historia evidentemente prova que nunca este engenho independente se mostrara para El-Rei prodigo de elogios. Todavia, dedicou á memoria do soberano, que acabava de fallecer, um epitaphio, que por se conservar por muito tempo ignorado, e nunca lhe ter sido gravado no tumulo que se acha em Belem, não deixa de conter o mais acabado elogio que se possa fazer a este rei.

« Quem jaz neste tumulo? Quem é o homem que os illustres symbolos deste forte escudo nos fazem lembrar? A isto se



*Michells lith.*

*Inth. R. N. dos M.<sup>tos</sup> n.º 12 Lit.<sup>a</sup>*

*D. Sebastião I.º*



reduzem as cousas humanas; mas o ente que aqui existe, governou outr'ora tudo, e pôde tudo.

« Foi rei, e fez quanto qualquer rei deve fazer. Curou tanto da paz como da guerra. Tão leve lhe é agora a terra, quanto elle foi pesado ao mouro inculto.

« Será um Alexandre? Ninguem se illuda. E' mais estimado o que sabe conservar, do que o que só trata de conquistar. Seria um Adriano, poderoso monarcha da terra?

« Foi o mais fiel observador das leis do Altissimo. Será um Numa? Não: — é D. João III de Portugal, que nunca terá emulo no mundo. — »

E de feito, o reinado deste monarcha nada teve que se lhe comparasse nos annaes do reino.

### *Reinado d'ElRei D. Sebastião.*

Ha dous nomes, que figurão na historia de Portugal, que a França sempre conserva na memoria: — o de D. Manoel, e o de D. Sebastião; — um porque representa o periodo de gloria da nação portugueza o outro porque annuncia uma queda estrepitosa, e talvez porque tambem se lhe liguem circumstancias de tal arte romanticas, que agrada ao pensamento o prescrutar as maravilhosas aventuras, que, na fé de muita gente, ainda proseguem. E porque o periodo historico em que viveu D. Sebastião escandeceu fortemente as imaginações; porque a realidade foi escurecida pouco a pouco por fabulas sem numero; é o motivo porque tentaremos separar d'esta curiosa biographia os factos inexactos, e talvez inverosimeis que têm sido por mais de uma vez alterados (1).

(1) Nenhum reinado, nos annaes portuguezes, foi mais curioso e accuradamente examinado que o do successor de D. João III. O numero das narrações que contão a deploravel catastrophe d'Alcaerquibir é verdadeiramente prodigioso, e o biographo por excellencia, Barbosa Machado, consagrou quatro volumes em 4.<sup>o</sup> ao ephemero governo do jöven monarcha, sem o concluir. Intitula-se este livro: — *Memorias para a historia de Portugal, que comprehendem*

D. Sebastião, neto de D. João III nasceu em Lisboa, a 20 de janeiro de 1554, epocha em que a fortuna dos portuguezes começava a declinar nas Indias e em Malaca. Quando este herdeiro tão ardentemente desejado vio a luz do dia, tinha o principe D. João, seu pai, fallecido havia poucos dias (1); e sua mãe, a princesa D. Joanna, teve o parto no meio de um lucto geral (2).

A maravilha que caracteriza os ultimos annos do joven principe estava ligada á sua pessoa, ainda antes que elle visse a luz do dia. Uma legenda acreditada por alguns chronistas, diz que uma mulher mysteriosa e vestida de negro, como era uso no tempo de D. João II, apparecera á infanta D. Joanna, e lhe fizera vêr por um gesto mudo que os grandes destinos do reino fão ter sinistro fim. Outra legenda, referida pelos historiadores da mesma epocha falla de uma especie de cantiga infernal executada por uma banda de mouros. Alguns creados ao serviço da princeza, virão, dizem elles, os espiritos infernaes dançar no meio das chammas n'um dos paços do paço.

Nada fazia suspeitar os terriveis acontecimentos d'este reinado. E' certo que houve uma regencia, por que a morte de D. João III succedeo trez annos depois do nascimento de seu neto; porem a rainha D. Catharina tomára a direcção dos negocios; e ao integro D. Aleixo de Menezes fôra confiada a educação do joven monarcha. Estas duas excellentes pessoas erão optimos abonadores do futuro. E' difficil encontrar na historia uma mulher d'animo mais nobre e firme

*o governo d'ElRei D. Sebastião, do anno de 1554 até 1561, aprovadas pela academia real da historia portugueza, escriptas por Diogo Barbosa Machado, abbadc da Igreja de Santo Adrião de Sevr.* — Lisboa 1736-1751. Tem na frente um bello retrato gravado por Debric.

(1) A 2 de janeiro de 1555.

(2) Esta princeza esposara o filho de D. João III por procuração, a 11 de janeiro de 1552, e só deo entrada em Portugal nos fins de novembro.

do que a viuva de D. João III. Todos os historiadores são conformes em exaltar a nobreza de coração, e a intelligencia do aio de D. Sebastião. Apesar dos embaraços, cujo numero e natureza são notorios, os dous mandatarios a quem foi entregue a sorte de uma nação generosa, satisfizerão a sua missão pelo modo que se devia esperar delles. D. Catharina fez tudo o que um animo firme e justo pôde fazer a bem dos povos; sem se render aos dissabores com que um bando turbulento a queria desgostar, demittindo-se da direcção dos negocios só quando vio que não podia por mais tempo sustentar a lucta: — assim se houve a rainha. Os deveres do aio não forão satisfeitos com menos escrupulo. Sempre inspirou a D. Sebastião affectos de amor á patria; subindo até a uma especie de fanatismo a admiração deste principe pelas glorias portuguezas. Bem poucos principes do seu tempo se lhe podião comparar na variedade e estenção de conhecimentos. Os escriptos que elle deixou são a prova evidente do que aqui se affirma; e tão bem o são varios projectos para os quaes erão indispensaveis conhecimentos positivos (1)

O celebre Pedro Nunes, fôra seu mestre de mathematica, como muito bem o provou o sr. Candido José Xavier. D. Sebastião conhecia as linguas classicas; e a historia dos grandes povos lhe era familiar. O testemunho dos escriptores contemporaneos é unanime á cerca das suas qualidades privadas, podendo até dizer-se que levava certas virtudes a pontos d'exaltação (2). Por que fatalidade tantos antecedentes louva-

(1) Tal era entre outros o seu projecto de reforma de pesos e medidas. Se um fatal acontecimento não houvesse feito pôr de lado o mesmo, que apenas começou a ter execução, gozaria hoje Portugal d'um systema uniforme, e para admirar, especialmente em referencia á epocha em que foi concebido. Veja-se a este respeito um excellente artigo nos *Annaes das sciencias e artes*.

(2) Tal era a excessiva pureza de seus habitos internos, de que os chronistas não cessão de fallar. Não se conheceu outra paixão em D. Sebastião que não fosse a da gloria, por que é impossivel admittir, como verdade o que se diz a respeito da religiosa que elle ía visitar a occultas, e pela qual fazia secretas e perigosas excu-

veis tiverão um resultado completamente opposto ao que se devia esperar? Por que deploraveis circumstancias as mais nobres inclinações, adulteradas por um systema odioso, se tornarão a causa de uma ruina funesta? Antes dos historiadores contarem os desvios do joven monarcha fallão nos nomes de Martim Gonçalves da Camara, e padre Luiz Gonçalves da Camara, seu irmão; e dizem ao mesmo tempo que estes dous conselheiros privados pertencião á ordem dos jesuitas. O padre Luiz Gonçalves era confessor d'ElRei.

Por instigação destes dous habeis cortesãos, reclamou D. Sebastião, na idade de 14 annos, os direitos que lhe provinhão do seu nascimento; e no dia 20 de janeiro de 1568, tomou posse do throno. Dous annos depois, indusido pelos mesmos conselhos, apartou de si o homem probo e severo que lhe tinha dirigido a educação. D. Aleixo de Menezes, deixando a corte, supplicou, segundo se affirma, ao seu real discipulo que não pozesse em execução varios projectos em que tomara a iniciativa, e que tencionava realisar. Desconfiava elle, todavia, da alma fogosa do principe, cuja direcção se lhe tirara. Os dous conselheiros d'ElRei mostrarão ao illustre Menezes, que o reino tinha ainda que arrecear-se de maiores perigos.

Com os annos, e em consequencia de perfidas insinuações, esta alma elevada, cuja indole havião prevertido, concebera projectos que aterravão os homens mais valentes e experimentados da corte. Saido apenas da adolescencia imaginára uma nova cruzada, e uma expedição em maior escála que a de D. João I, e mais brilhante que a de D. Affonso V. Ensaiaava-se para a expedição d'Africa com aventurosas excursões pelo rio; e conta-se que mais de uma vez o fragil batel em que se entregava ás ondas, se tornara o ludibrio da

sões nocturnas. Não ha um só historiador digno deste nome que falle positivamente desta mysteriosa belleza, da qual outros ha que fazem uma especie de Egéria. Repetimos: estes ditos inverosimeis não se fundão em testemunho algum acreditavel.



tempestade, despedaçando-se nos rochedos: — finalmente, como diz Manoel de Faria « todas as suas acções são prognósticos da sua ruina — » (1).

*Primeira expedição a Africa em 1574.*

D. Sebastião chegou muito cedo á idade em que podia pôr em execução os projectos que lhe exaltavão o cerebro; e tendo apenas vinte annos resolveo effectuar um desembarque em Africa. Porem, a primeira expedição intentada, por assim dizer, sem audiencia dos que podião apontar-lhe os inconvenientes, redusio-se a um simples passeio ao longo da costa, e a uma especie de escursão nas proximidades de Tanger (2). Os musulmanos limitarão-se a vigiar os movimentos dos inimigos, cujo desembarque não ignoravão. Uma carta do proprio D. Sebastião, que nos foi transmittida por Barbosa Machado, conta os incidentes que assignalárão a primeira empresa (3). Não a analisaremos; porem se não mostra grande prudencia no joven monarcha, attesta, pelo menos, a

(1) A acreditar-mos em certos auctores, D. Sebastião seria completamente responsavel por suas resoluções, todas filhas de vontade propria.

(2) Antonio de Vasconcellos, da companhia de Jesus, e por tanto escriptor favoravel aos Camaras, insiste quanto aos esforços do mestre do joven monarcha para o dissuadir da primeira expedição, que era apenas o preludio do erro mais deploravel. Deve acreditar-se no que elle affirma? — Ergo Sebastianus, prudentissimis monitoribus refractarius, in Africam primum solvit, sextili mense, anno 1574, ætatis suæ 20. Præceptor interim curis, nec non, et jejunis aliisque macerationibus pro allumni salute afflictatus, morbo gravissimo corripitur. E lectulo tamen epistolium manu, ut erat tremula exaratum, charitate quidem et prudentia plenum in Africam ad regem dedit; summis in eo precibus contendebat, ut factus jam voti compos, visa Africam et sibi, et suis prospiceret, ac in Lusitaniam primo quoque vento renavigaret. Anacephalaeoses. pag. 318.

(3) Memorias d'El Rei D. Sebastião.

sua cavalleirosa ousadia, e prova até á evidencia que nelle se tinha desenvolvido a sciencia pratica da navegação (1).

*Ultima epocha deste reinado.*

D. Sebastião voltou a Portugal no mesmo anno, e tudo nos prova que esta correria armada, longe de lhe acalmar o ardor, mais o influira nos seus projectos. Não erão elles ignorados; toda a nação os lamentava; observando-se inquietação não só no conselho, mas tão bem nas cortes, cujos interesses momentaneamente se ligavão aos de Portugal. Conhecia-se que havia um poder occulto, mas perseverante, que continuava a arruinar o joven monarcha. Procurava-se desviar-lhe a ardente imaginação de tão insensata tentativa, entretendo-o com a grande questão politica do casamento, que julgavão elle converteria em assumpto de interesse privado. Forão propostos a D. Sebastião diversos alvitres, entabolandose igualmente negociações a tal respeito. Porem, se esteve para se effectuar a união d'elle com a filha de Henrique II; e se os conselheiros da coroa julgarão que devião insistir nesta alliança, que ligava mais Portugal á França, é, todavia, certo que nada se pôde concluir, e que as esperanças do joven monarcha, auxiliadas pela sua repugnancia ao matrimonio, que nem se quer disfarçava, mallograrão todos os projectos.

A's memorias contemporaneas, e sobre tudo ás cartas austéras do illustre bispo de Silves devemos o poder julgar da inquietação dos animos previdentes, e da situação moral em que se achava um grande povo, proximo á sua ruina. «Eis como elle se expressa em carta dirigida a D. Sebastião a respeito da jornada d'África.

(1) As lições de Pedro Nunes forão tão proveitosas a D. Sebastião que foi elle que dirigio sempre a esquadra, principalmente nos momentos embaraçosos. Vejam se os *Annaes das Sciencias e Artes*. Tomo 5.º p. 149.

« — Senhor : Se eu fôra procurador da coroa , e tivesse algum feito na mão , em que V. A. fosse réo , e fosse necessario dar-lhe delle relação , forçado seria lêr-lhe primeiro o processo que a contrariedade ; o que nesta carta farei , com a verdade , e lealdade que devo .

« Confio no engenho e real espirito de V. A. , que terá até por um dos maiores serviços que lhe posso fazer .

« Os reis da Persia tinham muitas ordens de servidores , e sem os quaes entendião que era impossivel o governar bem na sua monarchia ; entre elles havião uns , a que elles chamavão seus olhos , a outros suas orelhas , a outros seus amigos . Os muitos olhos lhes servião de ver muitas cousas , que dous sómente não podião vêr ; as muitas orelhas de ouvir muitas querellas que com só duas se não podião ouvir ; os muitos amigos de fallar verdade , que os falsos amigos encobrem .

Seguindo eu este estylo de bom e leal servidor , quanto minhas forças alcanção , direi o que vejo , e o que ouço , com amor tão verdadeiro , como sabe aquelle senhor , a que são manifestos os segredos dos corações . Elle nos ensina no Evangelho , o que todos deviamos fazer com esta pergunta *Quem dicunt homines , esse filium hominis ?* Bem sabia elle , o que se delle diria ; com tudo com esta pergunta nos ensina a sermos curiosos , e inquirir a fama de nossas obras e vida . Ainda que a doutrina seja universal aos principes , convem principalmente folgar de saber o que se commummente delles diz ; por que á volta de muitos desatinos populares , ouvirão muitas cousas , que , por ventura , nos conselhos , ou por mal sabidas se não dizem , ou por interesses particulares se não descobrem .

« — Não sei porque não folgará um príncipe da terra , pois disso tem tanta necessidade , de fazer o que o príncipe dos céos , sem necessidade para nossa doutrina , quiz fazer ; e por que não dizer , quando fallar com homens amigos da verdade : — Que dizem lá de mim ? Se isto fizesse quantas verdades saberia ! — Em Athenas havia pragas sollemnes , instituidas com publicas ceremonias em voz alta , com palavras

de grande terror, contra quem por seu particular intento aconselhasse sua republica contra o bem commum; nellas se pedia á justiça divina, que antes fossem destruidos, e toda a sua geração confundida.

« — Se isto se fazia em uma republica, aonde havia muitos principes, que podião ser por qualquer outro cidadão enganados, que se deve fazer em estado soberano de um só principe, o qual se fôr enganado não ha mais em quem pôr os olhos?

« — Grandes maleficios commette quem engana, ou não desengana seu principe, um d'elles é traição, o outro injuria atroz feita ao seu principe; porque, se é traição não quererem os atalayas avisar o seu capitão dos mouros que correm, como não será muito maior traição encobrir a V. A. os perigos que estão armados para perigo de toda a republica, senão fôr soccorrida com tempo? Pois que diremos da injuria? Póde ella ser maior que cuidar alguém, que estima V. A. mais o gosto presente das orelhas, que tão pouco dura, e tanto mal faz, que o perpetuo remedio de seus vassallos? Não terá V. A. em seu conselho quem trate mais de o enganar; mas, se por nossos peccados, houvesse quem tamanha traição, com tamanha injuria de vossa real pessoa, commettesse muito maiores pragas que as de Athenas merecia.

Eu já, senhor, em quanto puder fugir d'estes com dizer o que sinto, com a esperança que terei d'isso galardão, de Deos primeiramente, e depois de V. A.; ainda que, como no principio disse, não direi agora tanto o que entendo, como o que ouço; e como procurador darei conta do libello para logo vir com a defeza.

« — Dizem principalmente que não será bom christão, nem bom portuguez, quem não der muitas graças a Deos por nos dar um Rei tão virtuoso, e de tão altos espiritos, que foge de mimos, e busca trabalhos, e que se põe em todo o risco pelo accrescentamento da santa fé catholica, e para destruição da infernal seita de Mafamede; mas dizem juntamente que como as virtudes andão juntas, não se póde cha-

mar fortaleza a que não for acompanhada de bom conselho, e que o conselho que V. A. tomou não se póde chamar bom, por ser fóra de tempo.

« — O ser fóra de tempo provão pela falta que ha de dinheiro, e de munições, e de mantimentos, e pela grande fome, que ao presente a maior parte do reino padece. Dizem muitos que este tempo é mais conveniente para a defensão do seu reino, a qual é muito maior obrigação, que para a conquista incerta do outro.

« — Ha muita gente perdida em França, Flandres, e Inglaterra, da qual pódem as terras maritimas de Portugal, e do Algarve receber mui grandes damnos, e segundo a fama todas estas estão contentes com esta mudança de V. A., por lhes parecer que muito mais a seu salvo usarão de seu officio. Não podemos deixar de nos temer destes homens, por o numero ser grande, e guardado pelo espirito de Satanaz, porque não ha cousa que não commetta gente sem fé, se tem algumas forças, quando chega o estado de desesperação.

« — A isto se ajunta que o grão turco não dorme, pelo que todo o principe christão é obrigado a estar aparelhado para a defensão da christandade, pois o perigo é commum.

« — Dizem tambem que grandes feitos não se pódem commetter sem grandes apercebimentos, os quaes senão pódem fazer em pouco tempo; e, além disto, que é necessario separar uma conjuração da discordia, que não póde muito tardar entre mouros, e não de qualquer discordia mas discordia muito ensanguentada, porque até com medo commum levemente se tira pôr os inimigos em perigo que a todos tocão, e facilmente se concertão; mas quando a rotura d'elles chegar a tanto que senão possão acordar, de tal maneira póde V. A. soccorrer aos vencidos e vencedores. Esta é uma arte muito antiga de conquistar, com que se fizerão grandes os mais dos capitães e principes de grande nome. Esta occasião quizerão os homens, que V. A. esperara.

« — Dizem tambem que nunca guerra foi feita com

mais esforço, que conselho, que podesse ter bom fim. Confirmão isto com o triste successo do Infante D. Henrique, e do Infante D. Fernando, seu irmão, sobre Tanger, e com a primeira passada de ElRei D. Affonso V., e com os accommettimentos sem fructo do infante D. Fernando seu irmão, por tudo ser tratado com maior esforço que conselho. Dê-me V. A. licença que diga tudo, pois comecei, e que não encubra nada do que convem a seu serviço.

« — Dizem os prudentes que o officio do bom Rei, mais consiste em defender os seus, do que em offender os inimigos, o que tanto é isto verdade que nenhuma gloria ganharão principes illustres nas victorias havidas contra seus inimigos, se d'ellas não resultasse a seguridade de seus vassallos.

« — N'este ponto se lamentão muito, porque veêm ao presente que toda a guerra que se havia de fazer aos mouros, se fez sem V. A. saber, a portuguezes, e por conclusão, não falta quem diga, que entre pressa e diligencia, se não perde a occasião, e a pressa não espera por ella, e muito maiores inconvenientes se seguem da muita pressa, que da muita diligencia, por que os muito accelerados chorão o que perderão do seu, e os negligentes o que não ganharão do alheio.

« — Estes são os principaes artigos do libello, que se fórma contra V. A.: agora direi o que por parte de V. A. se póde dizer.

« — Primeiramente digo que os grandes espiritos são acompanhados de grandes esperanças, pelo que mais cuidão nas grandes empresas que na facilidade, ou difficuldade d'ellas; e pela maior parte aos grandes accommettimentos, quando não vão de todo fóra do caminho, não faltão favores divinos, e que V. A., fundado n'esta opinião, como se determinou, ou com vida honrada, ou com morte gloriosa dar signal do seu espirito, não póde soffrer dilação; e que a victoria não está nas mãos dos homens, mas na vontade de Deos.

« — Pelo que o officio de principe magnanimo é per-

der o medo a grandes empresas, por perigosas, que sejam, e os successos d'ellas deixál-os na disposição do Senhor. Digo tambem, como senão pode sempre, que são mais toleraveis os erros commettidos com sobejo esforço, que os em que muitos cáem por fraqueza, porque nas cousas grandes, grandes perigos não carecem de louvor, e a fraqueza é acompanhada de perpetuo vituperio. Tambem senão pôde dizer que quando V. A. senão poder purgar de algum erro, a culpa se pôde diminuir com o exemplo de grandes principes, que, com o mesmo espirito, cairão em muitos grandes trabalhos.

« ElRei D. Luiz de França, por fazer guerra com mais ardente zelo do que conselho, foi de uma vez captivo, e da outra morto de peste sobre Tunes. Imitou n'isto o grande rei Josias, que por entrar em batalha, que pudera mui bem escusar, morreo elle, e com elle toda a esperança de Jerusalem.

« — Passo por muitos exemplos antigos por não enfiar a V. A.: — dos modernos direi alguns. O Imperador Maximiliano, sendo muito illustre principe fez entradas em Italia, e em algumas outras partes, não sómente sem fructo, mas tambem com alguma diminuição dos principes do imperio, e do seu credito, tendo todo o necessario.

« — Que diremos do Imperador vosso avô? Quem foi mais animoso, e mais excellente capitão? Comtudo não deixou de commetter cousas dignas de reprehensão, e de receber d'ellas mui graves damnos, como foi a entrada que fez em Provença, como foi a empreza d'Argel, fóra de tempo, como foi tambem o cerco de Metz.

« — Dir-me-hão: — de que servem estes exemplos? Responderei que de se ver, que n'esta passada de V. A. houve algum erro, o erro fica desculpado com o exemplo, e auctoridade de tão excellentes principes; porque, se elles em idade muito mais robusta, e com muito maior experiencia forão enganados com os enganar o demasiado desejo de gloria, não é para espantar de V. A., em muito menos idade,

com o mesmo ardor de espirito, cair em os mesmos inconvenientes. Quanto mais que esta passada não foi de todo sem fructo, por que vio com os olhos o sitio d'Africa e vio nesta prophesia de trabalhos, quanto se deve aos homens que padecem fomes, sedes, frios, e calmas ardentissimas, e poem a vida todas as horas em risco por serviço de Deos, e de V. A.

« — Entendem tão bem como se a guerra d'aqui por diante havia de fazer. Aprendem finalmente santa doutrina, que por ella se pôde dizer, que foi a jornada muito bem empregada.

Esta a defesa, com que venho por parte de V. A.; e até aqui chegão minhas letras.

« — Se d'aqui em diante, porem, V. A. insistir em resistir ao tempo, a quem a lei de Deos quer que obedeçamos, busque-se outro letrado melhor, por que não me atrevo eu a defender a causa; por que se faltar dinheiro, se faltarem mantimentos, e não se podendo remediar a gente que está junta se se ajuntar outra muito mais, se vier uma invernada, se assim pela falta de cousas necessarias, como pela contrariedade do tempo começarem a morrer as bestas, e depois os homens, veja V. A. quão grande será a festa dos mouros, e quão grande a tribulação dos christãos.

« — Não tenho eu os mouros por tão pouco guerreiros que esperem batalha campal, vendo que sem lança e sem espada podem ser desbaratados os nossos nos rios, ás chuvas e ás calmas. — » (1)

Não faltarão advertencias severas, e censuras atrevidas, ao joven monarcha, nem aos ambiciosos que o aconselhavão; porem nada foi bastante para modificar insanos projectos, só approvedos por Filippe II. Nem a conferência que o rei man-

(1) Vejão-se: — Cartas Portuguezas de D Hyeronimo Osorio — Paris — 1819; e tão bem um excellente artigo de Candido José Xavier, no tomo 4.º dos Annæes das Sciencias e Artes.



cebo teve com o astuto successor de Carlos V alterou a resolução por aquelle, havia tantos annos, tomada. Bem longe disso; — sem embargo do que dizem varios historiadores é certo que a conferencia dos dous reis não terminou sem que expressões de fingida admiração viessem exaltar um animo já inflamado. O velho duque d'Alba, D. Fernando de Toledo, não quiz acompanhar ElRei, sem que elle lhe desse o commando da expedição. Porem o cauto soldado que fallava do seu odio aos mouros, nada dizia quanto ao rancor que tinha aos portuguezes. D. Fernando de Toledo, e Philippe estão de intelligencia.

*Segunda expedição d'Africa. — Successos que a determinão. — Batalha d'Alcacerquibir.*

O principal acontecimento do reinado de D. Sebastião é a jornada d'Alcacerquibir, bem como sessenta annos antes o bombardeamento da cidade d'Ormuz fôra o successo mais notavel do reinado de D. Manoel. Este drama ensanguentado, tem sempre por auctores musulmanos e christãos; mas no espaço que decorre entre duas acções tão differentes muitos imperios se destruirão. Nenhuma catastrophe teve effeitos mais rapidos do que a que fez perder a coroa a D. Sebastião. — Nenhuma queda foi mais prompta que a de Portugal. Expliquemos em resumo, por algumas datas e factos, o motivo plausivel que se deu para semelhante expedição.

Foi no reinado de Beni Otazio, sessenta annos antes da epocha a que chegámos, que Portugal fizera as mais notaveis conquistas na Mauritania. Cumpre ter presente que durante este periodo, possuira elle para o lado do sul mais de cem legoas da costa, desde Azamor até Santa-Cruz (1). N'esta epocha, como já observamos, tinham os soldados de Manoel avançado no interior até ás portas de Marrocos. Succedeu isto no

(1) Vide a carta exactissima de Marrocos, publicada ultimamente por M. Renou. Estas posições são ahi bem indicadas.

tempo em que o famoso Ali-Ben-Tafuf dava aos christãos o seu apoio, e em que homens taes como Diogo d'Azambuja enchão de terror os musulmanos. Nos primeiros annos do reinado de D. João III effectuara-se uma grande revolução em Marrocos. Muley Hamed, e Muley Mahomed, principes do reino de Dara, revestidos com o titulo de sherifes, havião conseguido pela sua coragem e industria apossar-se do reino de Marrocos, e das terras visinhas. Acordara-se em primeiro lugar que Muley Hamed, o mais velho dos dous, governaria o imperio, e que a seu irmão ficaria o titulo de vice-rei de Jus, conservando o direito á coroa, e á successão. Porem estas convenções durarão bem pouco tempo sem discordia. Os dous irmãos, que se tinham combinado para a conquista de Marrocos, combaterão com encarniçamento pela sua soberania, passando alfim o poder a Muley Mohamed, que definitivamente estabeleceu a auctoridade dos sherifes no imperio que conquistára. Foi a elle que D. João III fez as importantes concessões que acima mencionámos, e em virtude das quaes só ficou aos portuguezes nesta parte da Africa, Ceuta e Tanger (1). Em 1524 teve este principe industria para conseguir de D. João III, ou de Carlos V, que os reis christãos da península não dessem apoio ao rei fugitivo, cujas esperanças elle havia mallogrado.

Não houve reinado de mais longa duração. Os janisaros de Tlemcen, a quem imprudentemente dera subida influencia, assassinarão-no n'uma expedição, na occasião em que dormia.

Muley Mohamed deixou grande numero de filhos. Abdallah, o mais velho delles, foi reconhecido imperador de Marrocos; aos outros principes que lhe causavão suspeitas nomeou elle para governos remotos, ou os mandou para longe da capital. Contentar-nos-hemos de dar pleno conhecimento das duas personagens que vão representar um grande papel na ensanguentada lucta em que D. Sebastião pereceu.

(1) Ceuta, Tandja, Arzilla (*Arcila*) foi igualmente cedida.

O principe Muley-Hamed (*Moula Ahmed*) filho d'uma negra, não se distinguia por qualidade alguma relevante, a não ser por uma especie de perseverança que o fazia triumphar da fortuna adversa; — o outro, Muley Maluco (*Moula-abdel-Mélék*) passára em curta idade a Constantinopla, aonde tratou com os christãos, chegando a alcançar notavel gráo de instrucção para um principe do Oriente, se é verdade, como affirma Bernardo da Cruz, que elle sabia latim, e fallava com elegancia o hespanhol, italiano, e francez. Sem affirmar como outros auctores, que este principe era bom poeta e habil musico, só diremos que adquirira a arte difficil da guerra maritima em bem dura escola. Combatera na jornada de Lepanto, aonde se distinguio como um dos melhores artilheiros da nobresa armada dos turcos.

Morrendo Abdallah, Muley Hamed se apossou do throno de Marrocos. Não se lembrára elle, por certo, das pretenções do seu irmão, que vivia na esplendida corte de Constantinopla; e que segundo dizem se dava por habito com os estrangeiros, que a diplomacia, ou a guerra conduzião aos estados de Solimão. Muley Maluco não ficou inerte. Partio logo para Argel aonde estavão os successores de Khaled-din; empenhou-os na sua sorte; levantou grande força de janisarios; entrou no interior; e depois de uma lucta, em que o sherife commetteo erros imperdoaveis, se apoderou de Marrocos. Não podemos aqui apresentar as numerosas peripecias deste drama; o imperador fugitivo, procurando asylo nas montanhas, e achando novas forças entre as tribus de Sous; as batalhas que se succedião; o throno restituído ao primeiro possuidor, expulso em breve d'elle, formão uma narração de grande interesse, mas infelizmente invertida. Não a faremos nós, por isso que respeita mais á historia da Africa, que á de Portugal. Tão sómente diremos que em 1575 estava Muley Maluco na pacifica posse de Marrocos, quando Muley Hamed, que nada esperava dos povos remotos de Sous e Dara, voltou os olhos para os principes christãos. Philippe recusara ao fugitivo um asylo na fortaleza de Penõn de Vel-

lez (só lhe havia permittido ahí a entrada com dez homens) pelo que elle se vira forçado a voltar a Portugal. Muley Hamed sem ser homem eminente, soubera conhecer quanto era cavalleiroso e imprudente o valoroso animo de D. Sebastião.

Prometteo o joven principe o que se lhe pedio. Tratava-se menos de lhe alcançar um alliado forte nas costas da Barbaria, que de emprehender uma guerra santa. Talvez que elle contasse com os numerosos partidarios que o fugitivo she-rife suppunha ter deixado em Africa, e com o surdo rancor que devia producir em Marrocos o espirito innovador do novo caudilho. Muley Maluco apenas teve conhecimento da resolução do joven monarcha escreveo-lhe uma carta mui sensata (1) em que prometteo desistir do seu projecto. D. Sebastião, que não podia dominar os seus desejos, mal podia comprehender tão nobre moderação. A guerra d' Africa foi, por tanto, resolvida.

Se não houvesse a memoria que nos deixarão os mais graves historiadores, bastaria, para manifestar o que havia de romantico e extravagante no pensamento d'um rei christão, o ir elle collocar de novo sobre o throno um principe

(1) Ha outra carta mui curiosa escripta em italiano, que existe manuscripta na bibliotheca d'El Rei, e que talvez fosse originalmente feita neste idioma. Muley Moluco era realmente muito afeiçoado aos costumes da Europa, e temos a prova deste facto na quantidade de *clches*, ou renegados, com quem por uso vivia. Senão tivesse o habito de entregar-se a devassidões infames, e especialmente ao uso immoderado do vinho, mereceria, por certo, o titulo de principe eminente. A sua valentia era verdadeiramente cavalleirosa, e tinha sobre si o necessario imperio, para recommendar que lhe não executassem as ordens, quando as desse em occasião em que não estivesse em si por effeito de bebidas espirituosas. Consulte-se Bernardo da Cruz na *Chronica* etc. Mendonça diz, e João de Sousa adopta esta opinião, que o nome de Maluco, é uma contracção da palavra *Mamluco*. O joven principe adoptara este sobrenome do pae, quando voltou da primeira viagem a Constantinopla, em cuja occasião lhe cingirão um pequeno alfange de prata para lhe fazer lembrar que estivera entre escravos do Grão-Senhor.

infiel que não estimava. Os apercebimentos resentirão-se de semelhantes disposições de animo, por que se desatendião os dictames da razão. O bom juizo popular resistia em varias provincias; o ardor d'esta alma arrebatada queria substituir a vontade geral por outra que nunca se deixára subjugar. Os homens arrancados á charrua para serem arregimentados estavam em disposição d'animo, bem diversa da que tinham manifestado dous seculos antes os atrevidos companheiros de D. João I, quando Tanger e Ceuta caíra em poder dos portuguezes. Obrou a força em vez do amor, e os pobres agricultores arrancados a seus trabalhos erão, como pôde suppor-se muito maus soldados. D. Sebastião chegou assim a reunir um pequeno exercito de oito a nove mil homens (1) composto em parte de recrutas novas. O ardente mancebo dirigio-se a Philippe II, conseguindo obter d'elle consideraveis reforços para juntar a seus novos soldados. Os antigos bandos de Hespanha fornecerão dous a trez mil infantes. Reunirão-se trez mil alemães no ponto designado, e o capitão Hercules mandava 900 italianos, segundo uns, e 600 na opinião de outros. Não sabemos se devamos contar a multidão de gente indisciplinada que embarcou para acompanhar o exercito, e entre a qual

(1) Os documentos differem por modo bem diverso, quanto á força numerica do exercito portuguez. Pedro de Mariz, por exemplo, faz subir o total dos combatedores a só 12,000 homens; porem Bernardo da Cruz eleva a força total do exercito a mais de 25,000. O ultimo destes chronistas comprehende na sua conta as pessoas inuteis que acompanhão sempre os exercitos. Segundo boa auctoridade pôde calcular-se do seguinte modo:

Portuguezes. . . . .	9,000
Alemães. . . . .	3,000
Castelhanos . . . . .	2,000
Corpos d'aventureiros .	1,000
Cavallaria e trem . . .	3,000
Italianos que fazião parte d'uma esquadra arribada . . . . .	600
Total . . . . .	18,600

um de nossos viajantes francezes vio grande numero de mulheres, e até de creanças de peito. Tal era o animo d'este imprevidente bando, que depois de haver resistido no primeiro momento ao pensamento d'ElRei, animava-se com as suas visões, contando com os despojos da batalha, como com um lucro certo. Diz uma testemunha occular, que alguns destes camponезes, não duvidando do exito da batalha, se munirão de grossas cordas para amarrar os sarracenos.

Em todas as ruas de Lisboa se vião fardamentos ricos; armas esplendidas; e ninguem havia que podesse enfrear tão damnoso luxo. Eis o que o sr. Herculano refere nas suas investigações archiologicas sobre o luxo e costumes da corte d'ElRei D. Sebastião. — « No outro dia á tarde. . . cresceu a maré, e podêmos embarcar. Apparecerão de repente muitos barcos de pesca e varios outros, afora cinco bateis. Embarcarão os cavallos por uma ponte de madeira que ha aqui, não sem a difficuldade e o perigo de se estropear, e pela passagem pagou-se meio escudo de cada um. Os familiares passarão em seis barcas toldadas de veludo, ou tapetes finos, com muitas bandeirolas variadas, e o legado e demais prelados em outra, que era pintada de vermelho, e toldada de damasco da mesma côr, com uma quantidade ainda maior de semelhantes bandeirolas; e na outra, toldada de veludo encarnado e verde, D. Constantino de Bragança com varios fidalgos portuguezes. Teriamos andado obra de uma legoa, quando aferrou comnosco uma barca grande do feitio do Buccentauro de Veneza, pintada e toldada do mesmo modo, na qual entrou o legado com todos os seus, e D. Constantino com todos os fidalgos da sua companhia. A' popa havia um docel de téla de ouro, e debaixo d'elle uma cadeira de brocado de ouro para o legado, estando tudo defronte forrado de finos pannos de Flandrs, e cobertos de tapetes os escabellos em que se assentavam os prelados, bem como o pavimento da popa, e até o da proa. Pelo que parecia que não estavamos em uma barca, mas sim em magnifica, e bem ornada sala. Os bordos d'elia estavão cheios de ramos de louro, e por

cima esvoaçavão bandeiras de damasco verde e amarello. A galeota, para que por extrema velocidade não corresse algum risco, posto que o vento fosse de feição, não trazia vela, mas vogava com remos a compasso, e rebocada por dez bergantins pintados de vermelho. A marinagem estava vestida de. . . . . (1) e barretes vermelhos. Chegavão a nós barcas variamente pintadas e ornadas, nas quaes ouvimos pifanos, trombetas, adufes, timbales, e outros instrumentos, com cantores, e bailarinos vestidos á mourisca, os quaes bailavão com garbo, mas o canto parecia-se com o que cantão os judeos nas suas sinagogas. Esta gente rodeando a galeota, e fazendo seus cumprimentos deleitavão-nos muito. Depois d'isto ainda se aproximavão muitas mais barcas, talvez trinta, que salvarão a galeota cada uma com dous tiros d'artilharia. N'uma d'ellas veio o arcebispo de Lisboa, com muito clero, e beijando a mão ao legado se despedio para o receber depois em terra com ceremonial. Partindo o arcebispo vierão ainda mais bergantins toldados, e vestida a marinagem, uns de verde, outros d'amarello, outros, emfim, de cores misturadas, com muitos estandartes semelhantes, nós quaes vinhão pintados, n'este um mundo, n'aquelle um jardim, n'aquell'outro um ceo estrellado: em alguns as armas e brazões de seus donos, ou outras divisas, e até os havia com motes e tenções que se não podião bem discernir no meio d'aquella confusão. Varios d'estes bergantins erão dos magistrados da cidade, outros das ordens militares de Portugal. Alguns officiaes, e todos os officios mechanicos mandavão seu bergantim. Muitos indiaticos que residião em Lisboa enviarão dois cheios de varias plantas, flores e fructos da Índia, feitos de cera, que representavão uma primavera, não faltando ahi rozas, violas, e hervas odoríferas, naturaes e verdadeiras, colhidas em Lisboa. Erão tantos os barcos vindos de toda á parte, que se computarão em mais de 500. . . Distariamos um terço de legua da cidade quando chegarão

(1) A borigo?

dez galés pequenas, seguidas por uma grande que chamavão o galeão, as quaes saudarão o legado com 100 tiros de artilharia, e o galeão com 24, deitando ao mesmo tempo muitos foguetes e outros fogos de vista.....

.....

Com esta bella e alegre companhia chegámos, finalmente, á cidade, em cuja praia havia tanta gente que se calculava em 50,000 pessoas. Deitou-se uma ponte de madeira, e por ella desembarcámos para outra ponte fixa, no meio da qual dêmos de rosto com o serenissimo cardeal D. Henrique, que nos esperava com muitos cavalleiros.....

.....

Derão principio á entrada muitos cavalleiros portuguezes, caminhando aos dois, aos trez, e aos quatro, e misturados com elles os familiares do legado, a cuja esquerda ia o cardeal infante. Tendo andado vinte passos vierão cumprimentá-lo todos os magistrados, e officiaes publicos de Lisboa, que serião 90, mas vestidos de vestiduras compridas até o chão, outros de sáios até o joelho, feitos de diversas fazendas, com as varas nas mãos, e trazendo muitos alabardeiros e creados apoz si, uns mais, outros menos, segundo as suas gradações. Veio então encontrar-se com o legado, D. Sebastião Rei de Portugal, mancebo de 28 annos, de boa côr, e muito parecido com Dona Joanna, Princeza de Portugal, sua mãe, e irmãa d'ElRei, catholico. E' de estatura mediocre, de olhar, e sobreceño algum tanto carregado e altivo. Trazia uma capa de panno preto, e o capuz com botões de diamantes, e as faldas até ao joelho, calças vermelhas, com poucos tufos, e quasi lizas, barrete chato de veludo, carregado para a testa, quasi até o sobrolho, e adornado com um cordão de ouro, diamantes e perolas; trazia botas largas nas pernas, de cordovão preto, que lhe subião até os joelhos. A espada, cinto, estribos, e esporas, erão dourados, e a sella do cavallo de veludo preto, recamado de ouro e perolas. Na cabeça trazia o cavallo pendentés de pedras preciosas e ouro. Adiante d'ElRei dois escravos pretos conduzião dois ginetes,



um claro, outro baio claro, com xaireis de brocado de ouro, e jaeses de ouro. Ao redor vinhão cincoenta alabardeiros vestidos de panno preto, com capas compridas até meia perna, saios com faldas pelos joelhos, e botas de cordovão preto largas. Seguião-se o Infante D. Duarte, e muitos outros cavalleiros, que serião mil, quasi todos montados em formosos ginetes, bem arreados, fazendo aquelle todo maravilhosa vista, principalmente os cavalleiros, que erão de bella presença, e ricamente vestidos. ElRei parou á direita do legado, e descobrindo a cabeça ao mesmo tempo que este, fez uma leve inclinação, tornando immediatamente a pôr o barrete. Feitos os cumprimentos, e correspondida a cortezia que fizera, caminhou ao lado do legado, e sempre á direita, seguindo-se depois o cardeal infante, e D. Duarte, depois D. Constantino, D. Francisco, e D. Henrique, apoz estes o duque d'Aveiro, e seu irmão D. Pedro, aos quaes se seguirão os marquezes, condes, e outros fidalgos titulares, e depois os magistrados da cidade com os seus alabardeiros, e os cavalleiros das quatro ordens militares, além de outras pessoas distinctas, cada qual segundo a sua graduação. Caminhámos obra de uma boa milha por bellas ruas, direitas, e largas (principalmente a que chamão *rua nova* a qual é bellissima, e povoada de nobres edificios) até que chegámos ao paço real, situado no sitio mais alto da cidade, que já d'alli se descobre quasi toda, fazendo uma vista soberba com o braço de mar que a cêrca, cheio de grande multidão de navios. Por todas estas ruas era tão basto o povo, que se calculou haver alli mais de 150,000 pessoas. Estavão as ditas ruas adornadas todas de finos pannos de Flandres, e de outras qualidades, não havendo columna, ou parede, que d'elles não estivesse coberta. Dobrado era o adorno das janellas, porque não só estavão a ellas damas tão louçaãs, que não sei a que compará-las, mas tambem estavão colgadas de riquissimos tapetes e colchas, o que era tanto mais esplendido, quanto as cazas têm muitas janellas, e muitas juntas, e cada mórada trez ou quatro andares, que se alugão facilmente pela

grande frequencia de estrangeiros. Era por este motivo que de um e outro lado senão via vão de tamanho de um dedo, que não estivesse coberto de tapetes e pannos, divididos por quadros de figuras em vulto, ou bordados, de vistosa apparencia. Quando chegámos á igreja de Santa Maria (sé) perto dos paços reaes, ElRei, fazendo leve menção de descobrir a cabeça partio para os ditos paços, acompanhado de cincoenta tochas, e o legado entrou na igreja.

« — Partindo da sé o legado com o cardeal infante, e muitas outras pessoas foi aprear-se ao dito palacio chamado do castello, era sol pôsto. Acompanhado de cincoenta tochas conduzirão-no a um aposento no andar nobre, por cima do quarto d'ElRei, aonde ceou só, e os prelados e gentis-homens de seu serviço em publico, n'uma salla, e em outra maior os gentis-homens dos prelados. Assim os mais creados cada um segundo a sua jerarchia e classe.

As mezas não erão tambem ordenadas, lautas e abundantes como em Madrid, porque os portuguezes não têm habito de banquetear-se. Conhecia-se-lhes a boa vontade com que davam tudo, e que erão abastados de peças de ouro, e de prata, e servidos por muitos creados; mas as comidas erão mais grosseiras que delicadas; os vinhos fortes, e a fructa quasi singular. Quanto ao pão e carne erão optimos.

« — O palacio do castello, todo por fóra de cantaria, assim como não tem forma alguma de architectura, por ter sido feito aos poucos em diversas epochas, tambem por dentro é mais commodo que vistoso. Sobe-se por uma grande escada a um atrio, que gira em volta, e que dá entrada para diversas quadras, ficando á mão esquerda da entrada da porta, que dá para outra escada ingreme e estreita, pela qual se sobe a uns quartos bem ornados, nos quaes se alojarão varios prelados. Tomando por outra escada subimos a uma varanda que dá passagem para as camaras d'ElRei, por cima das quaes fica uma grande salla, que tem quarenta e oito passos de comprido, e deoito de largo, dividida em naves, com tecto pintado de brutescos, e forrada toda de bellas rases de

Flandres, e de lhama de ouro. Seguia-se um quarto feito a modo de escada por ser em degrãos, onde os gentis-homens dos prelados comião. O tecto d'este quarto era feito á maneira de pinha, e de muito máo gosto. D'aqui subia outra escadinha de madeira para um aposento, ao lado do qual ficava outro, aonde estavam os aparadores com a copa, assás copiosa de peças de ouro e prata, mas não tanto como a do duque de Bragança. D'esta casa se passava para uma salla forrada dos mesmos pannos de Flandres, com uma imagem da virtude, que segura pelo collo, e pelos cabelos uma fortuna, com seu letreiro latino, que significa — *não sabe escapar, nem pôde fugir a fortuna, quando a virtude com a sua força a retem.* Do meio d'esta varanda se desce para uma salla forrada de lhama de ouro, com seu docel de brocado de ouro, com travesseiros e duas almofadinhas de raso (setim) carmesim, ricamente bordados de ouro. Fica immediata outra aonde estava um leito para dormir o legado, cuja armação era de finissimos rases de seda e de ouro, com bem lavradas figuras poeticas, e franjas subtilissimas. Havia tambem ahi uma mesa pequena de couro preto da India, mais bello que o ebano, todo lavrado ao redor de folhagem de ouro. Ao pé d'esta camara estava um oratorio, armado de rases, semelhantes aos da camara, com a differença de serem as figuras ao devoto .....

D'estas camaras sáe-se por uma porta secreta para um terrado, d'onde se descobre uma extensa vista, tanto do mar como da terra.

« — Os quartos d'ElRei ficão por baixo d'estes, e em tudo lhes são semelhantes, salvo em alguma pequena diversidade nos estrados e doceis, e em serem bordados os pannos de raz com historias do testamento velho, e ao mesmo tempo com quantas ficções tem inventado os poetas. Havia ahi alguns que valião bem dous mil escudos. ....

« — Na quarta feira seguinte foi o legado visitar ElRei,

o qual veio encontrar-se com elle ao meio da salla grande, acompanhado de muitos cavalleiros, e vestido singelamente todo de panno preto. Tirou o legado o barrete primeiramente, e depois tirou ElRei o seu, mas tornou-o a pôr logo, tendo-o legado ainda na mão; e sem dizer palavra tomando a direita ao legado se encaminhou para o seu quarto, sem fazer a menor cerimonia ao passar as portas, entrando primeiro que elle na camara aonde só havia uma cadeira. Ordenou então elle que viesse outra, mas antes que ella chegasse, ou por inadvertencia, ou por altivesa, assentou-se debaixo do docel, e o legado defronte d'elle na que trouxerão, que era de veludo. Tendo fallado obra de uma hora, o legado tornou a cobrir-se, fazendo ElRei apenas signal d'isso, e acompanhando-o só até á porta do aposento aonde parou, com o barrete na cabeça em quanto os prelados lhe fazião suas cortesias, pondo o joelho em terra, e retirou-se depois.

« — O legado jantou nesse dia em publico, mas só, á mesa na salla do docel, n'um estrado de cinco degrãos, assentado em uma cadeira de veludo carmesim, franjado de ouro, assistindo-lhe os prelados, e grande numero de fidalgos portuguezes. Ao mesmo tempo jantava ElRei tambem em publico, e só á mesa, na sua sala principal, debaixo do docel, em estrado levantado, e assentado em cadeira de brocado de ouro. Quatro padres jesuitas benzerão a mesa, e depois derão graças. O serviço era de ouro: dez os criados que servião, não mais. As comidas poucas, mal temperadas e grosseiras. Sobre a mesa estava sempre um grande vaso de prata cheio de agoa, do qual se deitava em um jarro, chamado na lingua portugueza *pucaro*, do feitio de uma urna antiga, d'altura de um palmo, e feito de certo barro vermelho subtilissimo e ludio, que chamão *barro de Estremoz*, pelo qual ElRei bebeu duas vezes. Ahi estava tambem sempre uma salva de prata cheia de guardenapos, que se renovavão cada vez que ElRei bebia, ou mudava de prato. Comia depressa, com a cabeça baixa, e com pouca delicadeza. Um pagem posto atraz da cadeira lhe tinha no entretanto a espada. Dez es-

tavão de joelhos. Apesar de lhe assistirem muitos fidalgos, nunca disse palavra, nem olhou para nenhum, e levantando-se da mesa retirou-se para a sua camara com passos veloses.

« — Depois de jantar o legado cavalgou em uma mulla ao longo da margem do rio, e foi apear-se á porta de um convento de freiras franciscanas, d'onde passou ao palacio da rainha Dona Catharina, viuva de D. João III, e irmã de Carlos V, avó do rei actual. Terá de idade 60 annos, ou mais, mas está bem conservada; é alta de estatura, e de gentil aspecto. Estava vestida como a duqueza de Bragança, viuva, de que já fallei. Achamol-a em pé n'um aposento desordenado, como o era todo o palacio. Deu só doze passos a receber o legado com uma leve cortesia. Junto d'ella estavam quatro matronas, e seis donzelas formosas, e ricamente vestidas. Despedidos os prelados e mais pessoas, começou a conversar com o legado em lingua hespanhola, e em voz alta, por espaço de hora e meia, tendo-se ella assentado no chão, e o legado defronte em uma cadeira de couro, ambos sem docel, estando entretanto os prelados n'outro aposento, onde, por orgulho, ou por descuido, não havia cadeiras. A' partida do legado forão estes chamados dentro para cortejarem a rainha, o que fizerão, pondo o joelho em terra, sem ella se mover, e quando o legado se despedio, poz-se em pé, mas não sahio do seu lugar, e apenas lhe fez uma leve inclinação de cabeça. . . . .

« — Tendo anoutecido, acompanhados com vinte tochas adiante, fomos ao palacio da infanta Dona Maria, irmã de D. João III, a qual tendo ficado orphã em tenra idade não quiz jámais casar, posto que fosse robusta, formosa, procurada. Era alta e teria de idade 50 annos, pôsto que não pareça á primeira vista. Dizem que é a princesa mais rica da christandade, possuindo innumeraveis joias, e milhão e meio de bens patrimoniaes, que gasta com os pobres. . . . .

« — Estava vestida a princesa com um vestido affogado de veludo preto, com orla de ouro na cabeça, e botões de ou-

ro no colarinho, coifa de rede de ouro na cabeça, e uma coroa no braço de rubins e diamantes, que avaliámos em trezentos mil escudos. Esperava em pé pelo legado, n'um aposento forrado de pannos de Flandres de seda e ouro, debaixo de um docel de brocado. Ajoelhou ao entrar de sua emm.<sup>a</sup>, e levantando-se veio recebê-lo á porta do quarto. Depois assentou-se no chão, debaixo do docel, e o legado defronte d'ella em uma cadeira de veludo carmesim franjado de ouro. Estavão presentes quatro matronas, quatro damas, e trez donzelas, não menos honestas que formosas, e semelhantes ás trez graças, duas vestidas de veludô preto, e a do meio de damasco branco, e todas cobertas de joias, tanto no pescoço, como nas mangas, com coifas de fio de ouro que lhe chegavão só a meia cabeça, e os cabellos bem assentados na frente, algum tanto crespos, mas não entrançados. Depois de uma curta conversação o legado voltou ao palacio. ....

« — Esta capella, (a dos paços d'Alcaçova) é de bom tamanho. Tem um São Miguel expulsando Lucifer, que é obra de mestre; está forrada de tapeçarias, uma das quaes representa ao natural ElRei D. Manoel rodeado do conselho dos grandes, quando resolveo mandar conquistar as Indias, que hoje chamão de Portugal. E' de grande preço. ....

« — Quando o legado voltou para a sua camara (depois da segunda visita de cerimonia a ElRei, na qual nada ha notável) os administradores do thesouro real lhe levarão para ver uma sella de diversas peças, com os demais arreios, feita na India. O corpo d'ella, ou assento, é de ouro, e as orlas lavradas subtilissimamente. Está toda semeada de rubins, diamantes, perolas, e outras joias semelhantes. Dizem que vale novecentos mil escudos, e é peça só digna de um rei. ....

« Na segunda feira seguinte fomos ver o arsenal, ou armaria d'ElRei, pegado com a praça principal, á beira do Tejo. Na verdade é cousa digna d'espanto! Compõe-se de

trez grandes salas todas cheias. Os cossoletes, que ali ha são para 50,000 homens. N'outra, que fica por cima, estão lanças para outros, e n'outra morriões e arcabuses para igual numero de soldados (os portuguezes dizem que são para 80,000) além de 30,000 armaduras inteiras para cavallaria. Em baixo estão umas peças d'artilharia miuda, bem que muitas destas se podiam contar entre as de grande calibre, e as munições são abundantissimas, assim como os materiaes para a fabricaçào, nem nesta parte ha mais que desejar.

« Fomos tambem ver as cavalhariças réaes, que estão junto a São Domingos. Havia n'ellas duzentos ginetes todos excellentes, e tratados com grande estimação. — »

Ninguem se tinha provido sequer das cousas mais necessarias. Partirão todos faltos de tudo, e apenas bastecidos para oito ou nove dias, nos galeões que acompanhavão a frota. D. Sebastião tivera uma pratica com seu tio, dando-lhe este habil politico o capacete de Carlos V, sem comtudo lhe inspirar idéas de previsão. Querem alguns historiadores que elle escrevesse e apanhasse o pensamento de seu sobrinho sobre o perigo de um resultado funesto. Filippe II era homem incapaz de amisade, e para suppor que elle tomava semelhante interesse, fôra mister esquecer a ordem que recebeo o duque d'Alba de recusar qualquer commando na expedição.

Omittiremos aqui a enumeraçào dos galeões, caravélas, e galeras sem numero, que se reunirão para transportar o exercito. Nenhuma d'estas particularidades, ainda hoje tão dolorosas ao coração dos portuguezes, faltou na volumosa historia do joven soberano, na qual o escriptor toma tanto espaço em descrever uma sanguinolenta batalha, como Barros empregara outr'ora em contar as glorias da monarchia. Fez-se de vela esta numerosa armada no dia 24 de junho de 1578. D. Sebastião ía ricamente vestido, acompanhando-o as melhores lanças, e os homens mais valentes que o reino

tinha. Bem como Rodrigo, infeliz rei dos godos, caminhava para o sacrificio ornado de todas as pompas guerreiras. No meio d'este estrepito, dos gritos de commando, e do estridor da artilharia, salvando o porto, poz-se a cantar Domingos Madeira, moço da camara. A cantiga que lhe lembrou entoar, foi o antigo pranto do Romanceiro.

*Ayer fuisteis rei de España.  
Oy non teneis um castillo. (1)*

Ninguém acreditára então nesta prophecia.

Tudo o que em Portugal tinha nome partio para esta carniceria; não faltando tambem ahí bispos, e simples padres (2) como nos tempos da idade média. Os parentes mais proximos d'ElRei, como o joven duque de Barcelos, herdeiro do duque de Bragança, e outro primo d'ElRei filho bastardo de D. Luiz, quizerão tambem acompanhá-lo. Era o ultimo d'estes, D. Antonio, prior do Crato, que D. Sebastião tinha precedentemente enviado á Africa, e que estreava a sua vida guerreira na mais deploravel, e peor meditada de todas as expedições.

D. Sebastião desembarcou nas praias d'Arzilla (*Arcila*) e assentou arrayal fóra da cidade. Algumas pequenas escaramuças, e uma d'essas *razzias* de nenhum valor nas guerras d'Africa, mas bastante para exaltar um animo cavalleiroso, fez conhecer aos homens prudentes que ElRei, com o seu cerebro exaltado, não tinha capacidade para mandar um exercito, e que era indocil a conselhos. Resolvera elle caminhar para Larache (*El-Arach*) e se apossar d'esta praça, resolução que em parte o perdera. Para chegar á cidade que

(1) *Hontem ereis rei de Hespanha, hoje não tendes um castello!* A morte de ElRei D. Sebastião deo assumpto para um romance em musica, de que Leitão d'Andrade nos dá conta.

(2) D. Manoel de Menezes, bispo de Coimbra, e D. Ayres da Silva, bispo do Porto perecerão na batalha, assim como o padre Mauricio, jesuita, confessor d'ElRei.



elle queria cercar, mandou fornêcer ás tropas viveres para cinco dias somente, recebendo a frota ao mesmo tempo a ordem de navegar pela estensão da costa, de modo que podesse crusar diante da pequena cidade arabe.

Esta ordem foi o começo do desastre, como muito bem observa Fr. Bernardo da Cruz, religioso mui sensato e penetrador, e cujas preciosas investigações nos descobrirão recentemente os senhores Herculano e Paiva. Está Larrache situada entre o curso d'agoa que os arabes designão pelo nome de *Oued e Mhakzen* (rio dos Makzen) e os pantanos formados pelo *Oued Loukkos*. (1) Era necessario evitar a passagem do rio, e o entrar n'uma vasta planicie abrasada pelo sol, que os musulmanos designavão pelo nome de Tamista, e que Mendonça afirma haver depois tido o nome de campo de *Uderaca*, ou do *Broquel*. Sebastião fez inteiramente o contrario do que a razão aconselhava; não lhe importou a hora da maré, que, fazendo crescer o rio Macassim, lhe obstava depois á retirada; nem tambem o embaraçou o horrivel calor da planicie. Corria já o dia 3 d'agosto.

Todos os historiadores estão de accordo em dizer que o sol abrazava até os proprios arabes, acostumados ao clima. Na manhã do dia 4 d'agosto estava o sol avermelhado, cercado de vapores sinistros, e fazia um calor que queimava.

Os caudilhos musulmanos, que acompanhavão D. Sebastião estavam bem ao alcance do que se passava no acampamento inimigo. Sabião de sciencia certa que o soberano de Marrocos luctava, em balde, com toda a força moral contra o mal que o devorava, e que o seu fim estava proximo. De manhã houve conselho, assim como o tinha havido na vespera. O sheriffe (dava-se este nome ao preten-

(1) Todas as chronicas do decimo-sexto seculo fazem d'este nome a palavra *Macassim*, *Megazem*, etc. O *Lucus* (antigo *Lycus*) designa o segundo rio.

dente) conseguira persuadir D. Sebastião a que differisse a batalha, afim de aproveitar, ao menos, as vantagens que parecia dar uma morte impacientemente esperada. Resultou de imprudentes conselhos a falta de provisões e viveres, que já havia dous dias se fazia sentir. Os mais sensatos dizião que se matassem as cavalgadas de transporte, e que se esperasse. Para isso, e para temporisar, era mister outro homem que não fosse o ardente D. Sebastião. Primeiramente resignado, mas prompto depois a combater, estava na sua tenda quando Aldaña, o confidente de Filippe II, e commandante do corpo de aventureiros, alli entrou mordendo-se de raiva, como diz a chronica recentemente publicada, e dando signaes da mais forte desesperação por não se haver travado o combate. D. Sebastião o acompanhou para lançar uma vista d'olhos sobre suas tropas, e então se resolveo que houvesse batalha. Erão dez horas, e ia dar-se uma acção pela maior força do calor.

Leitão d'Andrade antigo historiador que pelejou valentemente n'esta jornada dos trez reis, como por muito tempo foi chamada, mostrou-nos em gravura imperfeita pelo lado da arte, mas fiel quanto ás principaes disposições, a ordem que D. Sebastião seguia. O joven monarcha formou um batalhão quadrado, defendido por trinta e seis peças d'artilharia, e tomou o commando da ala esquerda, deixando ao duque d'Aveiro o mando da ala opposta. Compunha-se a retaguarda de recrutas, e de gente inutil no exercito. Muley Maluco acompanhado de seus conselheiros, e de renegados christãos, que tinha em grande numero no seu arrayal, mandou formar os seus 150,000 homens n'um vasto semi-circulo para envolver os christãos. (1) Este plano de batalha era es-

(1) Parece exaggerado este numero. Só o historiador Conestagio Franchi, faz aproximadamente o calculo das forças musulmanas. — Este exercito, diz elle, compunha-se de muita casta de gente. Havia alli 3,000 mouros de Andalusia, tanto de pé como a cavallo, sob o mando de Doali al Goari, e Osain (Hossein) seus caudilhos, homens valorosos, que passarão á Africa por occasião da

encialmente apropriado á disposição do terreno, assim como á circumstancia em que as cousas se achavão, denotando tudo no caudilho arabe uma rara presença d'animo, por isso que estava moribundo, quando deo semelhantes ordens, sendo necessario fazer um esforço mais que humano, para montar a cavallo, e tomar as suas disposições. D. Sebastião não conheceo, infelizmente, que escolhera uma posição excellente, porque tinha de uma parte o rio dos Makhzen, e da outra vastos pantanos, e o rio Loukkos no seu lado. Sahio d'esta especie de entrincheiramento, aonde era defendido de todas as partes, e entrou resolutamente no extenso plaino que julgava proprio para tamanha batalha. O inimigo fez logo um movimento, e prolongou as extremidades da sua vasta meia lua (1) de maneira que de todos os lados ficassem cercados os christãos que todavia se conservarão immoveis.

D. Sebastião, commandava, como dissemos, a ála esquerda, e marchava á frente da cavallaria, e a direita tinha por general o duque d'Aveiro. O serviço d'artilheria era feito por modo tão imperfeito, que nenhuma disposição preven-

guerra das Alpujarras, ou montanhas da Granada. Tambem havia ahi mais 3,000 peões, e 25,000 cavallos; mil arcabuseiros a cavallo, a maior parte renegados e tureos, gente assalariada, e que compunha a grande força do seu arrayal. Havia quasi 10,000 cavallos reunidos, e 5,000 infantes; de sorte que passavão de 40,000 cavallos, e de 8,000 infantes, além do grande numero de arabes, os aventureiros que tinhão acudido. — «Veja-se a *união da coroa de Portugal com a de Castella*, pag. 59,

(1) As particularidades estrategicas que nos deo M. Caillié, official distincto, que assistio á batalha de Isly provarão que houve notavel analogia entre esta jornada e a de Alcacerquibir. O immenso crescente retrocedia para envolver os infieis — Ficáe comnosco, dizião alguns caudilhos aos arabes que os tinhão vindo visitar; vamos destruir os christãos, e já voltamos ao almoço. — O *couscousou*, e os carneiros assados estavão promptos, quando a tenda do filho d'Abder-Rhaman foi entrada. A batalha teria o resultado, da jornada de Alcaçar se o general francez, não houvesse tomado com placidez d'animo, as admiraveis disposições que lhe derão a victoria. Não foi a coragem que faltou aos soldados de Sebastião.

tiva se tomara. Tinhão-na collocado na vanguarda, em alguma distancia do corpo principal, e o capitão Pero de Mesquita mandava só os artilheiros. Os mouros, pelo contrario, haviam muito bem postado as suas peças n'um campo. A artilheria de Muley Maluco, conservou-se por algum tempo encoberta; mas apenas começou a fazer fogo, causou logo horriveis estragos. Parece que o canhão dos christãos correspondera, mas sem vantagem, sendo os trens immediatamente abandonados. Foi então que D. Sebastião deu o grito de *Santiago*, esperado com grande impaciencia, sem o qual os diferentes corpos não podião começar o ataque. Os portuguezes remetterão ao inimigo com tal impeto, que a infantaria inimiga se vio rôta n'um momento. Os seus esquadrões avançarão tanto, que o mancebo Antonio Mendes, creado do mestre de campo sahio do meio dos batalhões musulmanos com a bandeira que havia ganho. O corpo d'aventureiros pelejou com incrível intrepidez, e os hespanhoes, alemães, e italianos, derão por um momento a victoria aos christãos. ElRei, e o duque d'Aveiro, fazião fugir diante de sí a cavallaria arabe, e tudo promettia um completo triumpho, quando se ouviu exclamar no meio do combate *volta!... volta!...* Este grito funesto seria dado por ElRei e pelo duque, como pretende Bernardo da Cruz, ou veio de parte desconhecida como o julgo, com mais razão, Faria e Souza? E' certo que tudo se considerou perdido desde que tal brado se ouviu. Uma palavra sublime, respondeo com tudo a este desanimado clamor; o irmão do conde de Matosinhos, Sebastião de Sá, bradou: «fujão!... fujão... que meu cavallo não sabe recuar —» e foi morrer no centro dos mouros. O desalento dos dous homens valerosos não durou longo tempo. ElRei e o duque d'Alba voltavão ao combate com energia. Sebastião dissera antes de dar batalha: — «Se me virdes hade ser á frente dos esquadrões, e se me não virdes estarei envolvido pelos inimigos —» Cumprio então a sua promessa; mas quando combatia como um cavalheiro, em vez de obrar como um general, dirigião os mouros habilmente o fogo contra o intrepido corpo d'aventu-

reiros. O capitão Alvaro Pires de Tavora foi ferido de balla n'uma côxa, mas não morreo. Este acontecimento teve as mais funestas consequencias. O brado terrivel que lançou confusão entre os christãos ouviu-se de novo. Na occasião em que o corpo d'aventureiros atacava os esquadrões suissos com um valor mais que humano, bradou Pero Lopes: *volta! . . . volta . . .* Não houve ahi cavalheiro que suplantasse a voz de um cobarde. Desde então mudou inteiramente o aspecto do campo de batalha. Foi em vão, diz o velho testemunho d'esta memoravel jornada, que o duque d'Aveiro tendo já perdido uma das mãos se sacrificára a ponto de perecer em terceiro combate; e que João de Mendonça, valente governador das Indias, e terrivel luctador, lhe fôra fiel assim na vida como na morte. Os homens valentes, mais experimentados do que o joven monarcha, conhecerão que tudo estava perdido. D. Sebastião ia na frente, combatendo, como promettera, no meio das tropas musulmanas. Jámais podera elle fazer recuar a infantaria dos valentes *azuagos*, que uma fabulosa tradiçãõ, fazia descendentes dos godos, e que repellião os bandos tão ardidos e leaes dos alemães. Por fim remetteo a elles com tal impeto, que de dous ou trez mil restarão apenas desesete. Ah! diz o velho historiador que conta rasgos de incrível valor; estas recordações, que despedaçarão a alma dos que virão ElRei concorreo pouco para que se lhe dê louvor. D. Sebastião não revelou por uma só disposiçãõ o talento de general: acompanhado do seu alferes, o digno porta-estandarte; antecedido do seu guia, o joven e valente Jorge Tello, que o precedia nos ataques impetuosos, fez prodigios de valor e de força, sem minorar, pela prudencia, toda esta desordem. Subia de ponto a confusão, quando a artilheria dos musulmanos descarregou sobre a infantaria, que formava a retaguarda dos corpos estrangeiros. Esta gente, armada apenas de chuços, e sem experiencia alguma dos combates, ou fugio ou pereceo. A desordem chegou então ao seu auge. Se o exercito podesse ser salvo pela valentia d'ElRei, sê-lo-hia então. D. Sebastião não quiz conservar a vida pelo

preço da liberdade. D. Jorge d'Albuquerque Coelho, tendo-o encontrado, e pedindo que o apeassem do cavallo, porque já se não podia mover, disse a ElRei: — « Salvai-vos, porque a minha vida de pouco vale, e a vossa é de summo preço. — » ElRei segurou então o cavallo d'este fiel creado, mas com o fim de voltar outra vez ao meio do inimigo, precedido do seu joven alferes, simulando querer ganhar uma victoria, mas procurando na realidade a morte. Era esta inevitavel, porque de todos os lados corrião nuvens de musulmanos; e os que olhavão do alto das collinas descião como bandos de animaes carnivoros para o *campo do Broquel*.

Tudo fôra estranho e mysterioso n'esta jornada. Em quanto o rei dos christãos procurava tão glorioso fim, via-se um simples renegado commandar o exercito dos musulmanos, obedecendo-se, sem se saber, aos ultimos conselhos de um principe, ameaçado pela morte desde o principio da acção. Muley Maluco, apresentava-se por pouco tempo, adornado como vencedor, e montado n'um cavallo de combate. O exercito o vira, mas logo depois pereceo, apeando-se para expirar por detraz das esplendidas cortinas da sua liteira. Ahmed Talaba, que uns dizem ser renegado genovez, e que outros affirmão ser portuguez, conheceo então o que valião a astucia e a placidez d'animo. (1) Encaminhar-se á leitura, abrir-lhe as cortinas; inventar ordens, que não recebera, tudo isto foi executado com habilidade digna de melhor causa. Um rei já morto commandava ainda a multidão exaltada, que accommettia os christãos.

A's tropas ainda mal disciplinadas em breve se juntarão bandos de ladrões, vindos de Tetuão e das montanhas circumvisinhas. Accommetterão estes bandoleiros o desordenado

(1) Bernardo da Cruz, da-lhe este nome; e outros chronicistas lhe chamão Hamet Taba. Diz-se igualmente que certo mancebo, filho de um renegado, montou no cavallo do sheriffe, fazendo crer, por muito tempo, que o principe musulmano commandava em pessoa.

arrayal dos portuguezes, realisando, certo, então as dolorosas scenas tão ingenuamente descriptas por Vicente Blanc, antigo viajante francez, que, assistindo á acção, nos conta que ficarão prisioneiros dos musulmanos passante de dosentas creanças, algumas ainda de mama, cujos paes erão ao mesmo tempo assassinados (1).

Os portuguezes combatião já sem capitães. O corpo de aventureiros defendia-se heroicamente; vendo-se, alfim, na planicie bandos de soldados resolvidos antes a venderem caro as vidas do que render-se. Praticarão-se então acções nobres, e feitos grandiosos. Francisco de Tavora fez prodigios de valor com os seus soldados do Alemtejo e Algarve, a maior parte dos quaes fôra victima do superior numero de seus contrarios. Affirma Bernardo da Cruz que se a coragem que então se desenvolvera, se houvesse manifestado no começo da batalha, e nos deploraveis momentos de hesitação, nada teria resistido ao valor dos christãos. Conhecerão estes, por fim, que a hora do martyrio havia soado, mas não deixarão por isso de esforçar-se para que triumphasse a fé de Christo.

ElRei D. Sebastião, monarcha desaventurado, como diz o poeta, não cessara de brandir a lança, mas faltava-lhe sciencia para mandar. Entendeu que lhe cumpria tambem morrer; e foi então encontrado pelo proprio D. Antonio, que devia, por algum tempo succeder-lhe. O prior do Crato montava n'um cavallo que, por muito ferido, já não podia governar. Apontando, mostrou a D. Sebastião uma aberta para se evadir por entre os mouros; porém o monarcha fez-se desentendido, e avançou para o ponto aonde o perigo era maior. O estandarte real, levado pelo seu digno alferes, sempre o acompanhara. D. Duarte de Menezes foi por fim derrubado do cavallo, e mais de um portuguez valente pereceo em de-

(1) Posto que não possamos inteiramente acreditar no que diz Vicente Blanc, todavia não é prudente duvidar de todas as suas asserções. Percorrer elle, como curioso, o campo da batalha sem tomar parte na acção, e affirma que entre os camponezes christãos, havia perfeita segurança.

fensa da real bandeira. O alferes ficou captivo, porém um homem intrepido a salvou. Luiz de Brito segurando com o braço esquerdo o estandarte correo para ElRei, que lhe perguntou se se tinha salvado a bandeira. — « Ei-la aqui senhor, guardada por um braço que sabe menear a lança. — Abraçemo-la, e com ella exalemos o derradeiro suspiro!... Taes forão as ultimas palavras que, segundo a historia, D. Sebastião proferia. Sabe-se que Christovão de Tavora fez inauditos esforços para resolver ElRei a deixar-se aprisionar; — apenas elle proprio conseguiu ficar captivo dos mouros, que o tomarão pelo sultão dos christãos. D. Sebastião conservou-se sempre no campo de batalha, acompanhado de Luiz de Brito. N'um momento se apossarão d'elle os mouros sem o conhecer, não lhe valendo o ardimento, nem o temeroso brandir da sua lança. Brito o libertou, mas, ficou elle proprio captivo; e quando procurou com os olhos o monarcha, viu-o sair do campo de batalha, caminhando livre, sem que um só arabe o perseguisse: — « O trilho que elle seguia diz Bernardo da Cruz, era muito afastado do lugar aonde se affirma que elle fôra depois achado morto. — « Voltou D. Sebastião para o lado dos homens valentes que ainda combatião? Foi elle proprio entregar-se á morte no sitio aonde Resende seu fiel pagem, o banhou de lagrimas? Foi elle realmente visto por Jeronimo de Mendonça, e Leitão d'Andrade? Ninguem o pode absolutamente affirmar; embora haja motivos para acreditar nas ultimas narrações d'este successo, ou na opinião de Mendonça, que nos merece conceito! (1)

Forão victimas dous reis; a morte carecia de outra ain-

(1) Bernardo da Cruz, releva confessa-lo, é muito pouco concludente quanto á natureza da catastrophe: e passado duas paginas, apresenta, certas restricções que podem fazer acreditar na morte d'ElRei. Leitão d'Andrade, diz que estava como cego, pelo sangue que lhe corria das feridas quando passou pelo corpo do joven Soberano, e que por isso nada vio claramente. O pseudonymo Conestagio Franchi, ou antes o conde de Portalegre, affirmã que ElRei morreo, mas não refere circumstancia.



da — não esperou por ella longo tempo. Muley Mahomed tinha combatido, e dado conselhos que, por desgraça senão seguirão. Quando viu a rôta dos christãos, tratou de salvar-se na fuga, encaminhando-se com 300 cavallos, e 400 infantes, para o rio Macassin, que é o Oued Mkhassen dos arabes, com o fim de tomar Arzila, e d'alli dirigir-se, acaso, a Sous e Dara. Carecia para isto atravessar o rio; — infelizmente, não sabendo aonde existia o váu, afogou-se na enchente á vista dos fieis alcaides Cid-Abdel-Kerim, e Cid-Hamon, que tendo ficado na praia para lhe protegerem a fuga, passarão pelo desgosto de o ver morrer.

Perecerão em menos de duas horas, tres reis poderosos, por tal modo, e em tão curto espaço, diz Bernardo da Cruz, que uns poderião ver a morte dos outros. — »

Varião muito os juizos sobre as perdas que os dous arrayaes experimentarão em tão memoravel jornada. E' indubitavel que estes calculos nunca assentarão em bases mui positivas. O pseudonymo Conestagio Franchi, inimigo tenaz dos portuguezes, sustenta que apenas 100 d'elles sobreviverão ao desastre d'este dia. Porém desmente-se no cabo de algumas paginas, affirmando, que ficarão no campo mais de 3,000 mouros, e 3,000 christãos. Jeronimo de Mendonça, Bernardo da Cruz, e muitos outros, conservarão-nos os nomes dos fidalgos que morrerão na acção, ou por effeito de suas feridas. Dão até a minuciosa lista dos cavalheiros que ficarão captivos, cujo numero, segundo elles dizem, subio quasi a oitenta. Estes escriptores, a estylo do tempo, pguco tratarão do grosso do exercito. O que ha de mais averiguado, é que fôra immenso o numero de prisioneiros, e que o almirante da armæda crusando, sem ordens terminantès em frente de Arzila, só pode salvar a bordo um pequeno numero de fugitivos.

O que, sobre os successos do arrayal inimigo, nos consta é tambem hypothetico, mormente quanto ao numero de mortos. O grande acontecimento d'aquella infeliz jornada foi-nos transmittido pelos proprios escriptores arabes. Só referi-

remos que o irmão de Muley-Moluco; Ahmed, accorrendo no fim da batalha á liteira imperial, soube então da repentina morte do imperador. Logo por espontanea resolução do exercito foi elle proclamado soberano de Marrocos, com perjuizo de seu sobrinho, cujos direitos se postergavão. Diz-nos Bernardo da Cruz que um pagem, valido do infeliz Muley-Mohamed veio dar noticia ao novo soberano do desastre de seu amo, tranquillizando-o quanto ao receio de que se seguisse alguma contenda. O corpo do malaventurado sherif foi barbaramente esfolado, para lhe encherem a pele de feno ou palha; e quando o successor de Muley-Moluco caminhava para a sua capital ao som de anafis e timbales, precedia-o este horrivel tropheo. Foi com tal cortejo que alli entrou esperando-o grande numero de seus partidarios. Conservar-nos-hemos agora por um momento no campo de batalha, entre portuguezes consternados, que vião na morte do seu joven monarcha a inevitavel ruina da patria: — ouçamos o que diz Jeronimo de Mendonça.

*Consequencias da batalha. — O corpo d'ElRei é reconhecido pelo seu pagem Belchior do Amaral. — Sorte dos prisioneiros.*

No mesmo dia da batalha, passando Sebastião de Resende, um moço da camara d'ElRei, captivo pelo campo, d'onde estava a multidão de corpos mortos de amigos e inimigos, todos nus e despojados, sem differença alguma, vio entre outros muitos o real corpo d'ElRei, cujo creado era, e como por então não podesse fazer outra cousa mais do que derramar infinitas lagrimas, guardando bem na memoria o pôsto e logar em que o vira, ao outro dia pela manhã, dando conta aos fidalgos, forão de parecer que se dissesse ao Xarife, por não perecer o real corpo sem a devida sepultura. Logo se lhe deo conta, e elle mandou que se buscasse com dous mouros, em companhia de Resende, e foi achado no mesmo logar que havia dito.

«Vendo pois Resende aquelle formoso e real corpo, depois de o banhar de amargoso pranto, despio a sua camisa com que o cobrio, juntamente com umas ceroulas até o joelho, que no chão por despresadas devião ficar, e pondo-o em uma cavalgadura foi trazido á tenda do Xarife.» — O' miseravel vida, caducas esperanças, desenganado espelho da presumpção humana! quem vio o dia de antes um rei mancebo, tão amado e tão temido, senhor de um reino tão rico e tão honrado, sobre um soberbo cavallo, pisando o inimigo, campo livre e seguro entre seus vassallos, todo rodeado de luzentes armas, e de puro amor, e o vê agora pôsto em uma humilde cavalgadura, atado com uma corda, coberto de sangue, suor, e terra, com o rosto disforme do transito mortal, e de uma ferida que na testa tinha, e outra mui grande debaixo do braço direito, que parecia de azagaia, por certo que não ha mister pouco soccorro de ceo um pobre entendimento para se abater humildemente debaixo da incomprehen-sivel ordem o governo da providencia divina, vendo em um só momento sepultada a honra das gloriosas armas dos portuguezes, as esperanças de um Rei tão valente, o perpetuo amparo e consolação de tantos, e de todo emfim cifrado e perdido nem cuidar se sabe.

« — Tanto que o real corpo chegou á vista dos fidalgos que presentes estavam, e de outros captivos, todos se poserão em um vivo pranto, e de joelhos com entranhavel amor, e obediencia lhe forão beijar os pés, sendo já d'elles reconhecido, se poderão todavia olhos tão cobertos de lagrimas ter inteiro reconhecimento.

« — Logo o Xarife lhes mandou dizer que vissem aquelle corpo, e se fosse d'ElRei D. Sebastião se lhe daria a devida sepultura, do que nisso assentassem lhe dessem conta. Fez-se o que ElRei mandou, e pôsto que não houvera outras testemunhas mais que as infinitas lagrimas e suspiros, bastavão, para se dar inteiro credito ao miseravel successo. Feita a deligencia, e certificados os fidalgos que presentes estavam, o Xarife lhes mandou dizer se querião resgatar o corpo de

seu Rei, ao que responderão que sim, e visse sua magestade o que lhe havião de dar, porque no primeiro logar de christãos se entregaria a quem mandasse. Tanto que o Xarife teve esta resposta como a sua tenção, era certificar-se sómente com esta diligencia se era aquelle o corpo d'ElRei D. Sebastião, não defferio a mais, e mandou que o pozessem em caixão, o qual se fez das andas em que ía Jorge da Silva, e n'ellas foi levado a Alcaçar.

« — Altissimo Senhor, benigno e justo juiz, como é possível que tendo tanto amor aos homens como vossas obras têm mostrado, os venhaes a desamparar de maneira que deixeis seu governo em suas mãos. São todos os animaes governados pelo homem com muita razão, pois lhe faz tanta vantagem na parte distincta e suprema do uso d'ella, assim parece pois que os homens deverão ser regidos por outras intelligencias de materia mais subliue, e de mais levantado juizo, sem paixão natural de odio, ou inveja, como pôde uma creatura humana socorrer a falta allheã, se quanto o mundo tem lhe parece pouco para remediar sua necessidade, ou seja verdadeira ou cubiçosa, como pôde um juizo humano quando seja o melhor que houve no mundo acudir á tanta diversidade de cousas sem lhe ser necessario entregar muitas vezes os poderes reaes em mãos famintas, vis, e cubiçosas, muito contra o que deseja, pois não pôde sempre acertar nas eleições. Pois que esteja na vontade de uma só creatura assolar um réino sem querer, ou por deffeito natural, ou por qualquer outro furor admittir conselho algum, é cousa certa digna de grande lastima. Por outra parte, Senhor, já que permittis, que se herde a liberdade das gentes, como se fôra campos e arvoredos, parece que devia ser o herdeiro de tão alta mercê bem digno d'ella no entendimento, bondade, e justiça; mas emfim, Senhor, bem claro está que todas nossas misérias nascem da multidão de nossos peccados. E sobre tudo, ah! quem fôra tão bem aventurado que podera não sómente fazer vossa vontade, mas ser devoto d'ella, que sendo vós quem sois, bem claro está que hão de ser vossas obras jus-

tas, verdadeiras e santas, e que a desconsolação que temos do modo e termo d'ellas, nasce do defeito de nosso entendimento, pelo grande amor que temos ás cousas da terra, e a nós mesmos, turbando-nos isto a vista dos gloriosos fins que tantas vezes estão debaixo da mór tristeza.

« — Depois do infeliz reconhecimento do corpo d'ElRei D. Sebastião entrarão os fidalgos que presentes se acharão em conselho, na miseravel forma em que o tempo o consentia, e assentarão que se devião resgatar todos juntos, assim por ficar o preço mais favoravel, como por atalhar o damno que resultaria do muito que por si promettessem alguns malsofridos, impossibilitando os mais. Forão deste parecer D. Duarte de Meneses, D. Duarte de Castello-branco, depois conde de Sabugal; D. Fernando de Castro; D. Miguel de Noronha; e Belchior do Amaral, com a resolução do qual foi D. Duarte fallar a ElRei, a quem elle com attenção ouvia, por ter conhecimento de suas obras e pessoa, sendo capitão de Tanger. O qual lhes respondeo mui conforme ao que elles pedião, que era resgatarem-se juntos, dizendo que lhes parecia mui bem, mas que os fidalgos vinhão ajuntando-se cada hora, e sendo juntos os poria em preço mui accomodado, o que já não podia ser senão em Foz. D'esta resposta ficarão mui satisfeitos, mas não entenderão por então a causa d'esta boa vontade, a qual era porque os fidalgos sevados n'este desejo incitassem aos mais a se descobrirem.

« Depois desta resolução pareceo bem aos do conselho a quem os mais havião dado sua auctoridade, que devia pedir ao Xarife mandasse pôr em guarda do corpo d'ElRei algum fidalgo, assim por auctoridade, como por não acontecer de maneira que se podesse pôr outro em seu lugar, dando-se d'aqui occasião a nunca se ter aquelle por verdadeiro. Tornou D. Duarte com isto ao Xarife, o qual o concedeo mui facilmente, e foi ordenado que Belchior do Amaral fosse acompanhar o corpo, e dar-lhe sepultura. Partio Belchior do Amaral para Alcaçar, e nas logeas das casas de Abraen Sufiane, alcaide da mesma vila, lhe fez a sepultura, ajuda-

do de um tudesco, onde no caixão em que vinha foi enterado, coberto de cal e areia, e de infinitas lagrimas, pondo-se-lhe alguns signaes de pedras e tijolos, para se conhecer a todo o tempo.

« — Feita esta lacrimosa diligencia, pareceo bem a estes fidalgos ordenarem alguém que fosse a Arzêla dar conta do estado das cousas, n'isto vierão todos, e escrevendo D. Duarte de Castello-branco o que se havia de guardar, e pedindo-se ao Xarife dêsse licença, respondeo que assim se ordenasse, e o mensageiro fosse aquelle que para Alcaçar fôra sobre sua palavra. Partio-se Belchior do Amaral, e entrou em Arzila, aonde achou Pero de Mesquita, capitão com assaz temor do Xarife lhe vir pôr cerco, por estar tudo desaperecebido; porém elle como sabia o caminho que o Xarife levava, assegurou o capitão e todos os mais.

« — Quando os fidalgos se ajuntarão, como atraz fica dito, foi assentado que a pessoa que viesse a Arzila, além de dar conta do estado das cousas, pretendesse haver algum dinheiro do que na armada ficara para se dar ao Xarife á conta do resgate dos fidalgos, assim porque com isso o comesçassem a grangear, como por elle o ter significado; porém vendo Belchior do Amaral, como em Arzila nem estava D. Diogo de Sousa com a armada, nem havia outro algum remedio se partio no mesmo dia, como quem só procurava por descanso trabalhos a que se efferecia; e tanto que chegou a Tanger deo conta ao capitão Pero de Sousa, que na cidade por ElRei estava, segurando-o dos receios, que com razão podera ter da determinação do Xarife.

« — Estava n'este tempo surto em Tanger um galeão da armada, com uma caravêla, que D. Diogo de Sousa mandou com D. Francisco de Sousa seu sobrinho, a saber o que passava, e como Belchior do Amaral, depois que fez os devidos officios, á cerca da segurança da terra, e das mais cousas necessarias não soffresse uma hora só de repouso, escrevendo uma carta em que relatava aos governadores a morte de ElRei D. Sebastião, no apparecimento do seu cor-

po, com as mais cousas passadas, e tocantes a este infeliz negocio se deliberou em partir dando a carta a D. Francisco ao cabo de trez dias, nos quaes, além de outras muitas magoas e miserias, que nesta cidade vio, aconteceu uma cousa bem digna de memoria, assim pela maravilha della, como pelos honrosos effeitos que a causarão.

« — Estava nesta cidade frei João da Silva, filho de Ruy Pereira da Silva, guarda-mór, que foi, do principe D. João, religioso da ordem dos pregadores, mui douto e excellente pregador, a quem por sua qualidade e virtude amava muito ElRei D. Sebastião, e o não acompanhou por ficar com todo o cuidado dos enfermos do campo, e além disso mal disposto; o qual tanto que soube a vinda de Belchior do Amaral lhe mandou pedir por sua indisposição o quizesse vêr; e sendo visitado lhe disse: — senhor, uma cousa hei de perguntar a vossa mercê, sem querer saber outra alguma, a qual é, se ElRei D. Sebastião, por ventura é morto, ao que Belchior do Amaral respondeo que morto era, e elle o enterrara com suas mãos. Tanto que frei João da Silva ouviu e percebeo este cruel desengano, no qual parece que vio cifrados quantos males havia de padecer este reino sem fallar palavra alguma se virou para a outra parte na cama aonde estava, e deo a alma a Deos. O' bem-aventurada vida quem souber acabar uma honrada tristesa antes da desesperação fazer o seu officio; fenecendo quasi na mesma batalha com seu rei e seu senhor. E mais feliz agradecido espirito que o soube seguir logo mostrando que sómente se detinha em quanto não sabia d'onde o havia de ir buscar.

« — Depois que Belchior do Amaral deo a carta a D. Francisco, se tornou a seu captiveiro, podendo facilmente usar de liberdade, pois ninguem fôra seu fiador com o xarife senão elle; porem n'este particular, pôsto que lhe não faltarão alguns conselhos, Belchior do Amaral deo primeiro voto contra si, imitando aquelle excellente Consul Attilio Regulo quando foi enviado a Roma pelos carthaginenses, pela

redempção de seus captivos, foi isto cousa que depois o xarife estimou muito, tendo grande opinião dos portuguezes.

Na interessante chronica, de que acabámos de extrair uma passagem, é que convem procurar as consequencias da jornada de Alcacer. Houve, certamente, n'esta epocha sacrificios ainda ignorados, provas heroicas de abnegação, transportes de fé religiosa, que compensão, em certo modo, pela sua grandesa, o triste resultado da batalha. Ve-se que a nobresa de Portugal, antes de inclinar a cervíz ao ferrenho sceptro de Filippe quiz terminar dignamente tamanba epocha. Assim os ricos como os pobres fizeram um pacto porque se tornarão mutuamente responsaveis. A historia contemporanea registra ainda com orgulho, entre todos estes nomes, o de Belchior do Amaral; sem que deixe de haver os de vinte outros individuos que podessem ser gloriosamente memorados. Nada falta á narraçãõ que termina a epocha das conquistas. Constancia nos revezes, lealdade no cumprimento de deveres, são duas nobres qualidades que exaltão estes soldados por um momento abatidos. Ouçãmos o ultimo brado do poeta: — Camões succumbia quando a epopéa cavalleirosa soltou o derradeiro canto.

#### *Camões. (1)*

Se estivessemos no começo do seculo decimo setimo, epocha em que o immortal Camões era, por assim dizer a expressão de um culto, dariamos a rasão porque, sem grande esforço, poderia achar-se á familia do poeta uma origem que nos transpostasse além da idade média, e, acaso, aos tempos heroicos.

Sem affirmar, com Manoel de Faria e Souza, que o nome de Camões deriva do de Cadmon, principe grego, im-

(1) Tiramos este trecho de uma noticia mais extensa, que, escrevemos sob o titulo de *Camões e seus contemporaneos*, publicada na frente da traducção das *Lusiadas* dada á estampa por seu M Ortaire Fournier, e Dessauls, em casa de Carlos Gosselin, Paris anno de 1841.





*Michelles lith.*

*Lith. R. N. dos M.<sup>tes</sup> N.º 12. Lit.<sup>o</sup>*

*Camoës.*



posto a um castello da Galiza, podemos comtudo assegurar que o poeta pertencia a familia antiga, oriunda do paiz que dera a Portugal o poeta Macias, o enamorado.

O que ha de positivo é que desde o anno de 1370, epocha de grande briga travada entre Henrique II de Castella, D. Fernando, filho de Pedro o justiceiro, passou a Portugal um membro da familia de Camões. Foi abi recebido com interesse, dando-se-lhe terras consideraveis, o senhorio de algumas cidades, e tambem admissão no conselho. Depois, nas longas dissenssões occorridas no tempo de D. João I, seguindo este ascendenre de Camões as partes de Castella, batendo-se contra o Mestre d'Aviz na batalha d'Aljubarrota, foi privado dos bens que havia alcançado no reinado precedente, ficando-lhe tão sómente algumas terras no Alemtejo, herdadas pelos seus successores.

Não acompanharemos os criticos nacionaes nas particularidades puramente genealogicas que referem a tal respeito. Basta que digâmos que João Vaz de Camões, se distinguira no reinado de Affonso V, e que seu neto Simão Vaz de Camões, esposara Dona Anna de Sá e Macedo, fôra o pae do nosso poeta. Luis de Camões nasceo em 1524 (1) no tempo em que Vasco da Gama, sahio por terceira vez de Portugal, por ser nomeado vice-rei da India, aonde ia findar seus dias.

Os parentes de Camões, que ficarão em Lisboa, habitavão no bairro da Mouraria, freguezia (nesse tempo) de S. Sebastião. Nasceo o poeta n'esta cidade. O attento exame dos factos obriga a regeitar as pretensões que a tal respeito sus-

(1) Disputa-se ha muito tempo se Camões nascera em 1517, 1524, ou 1525. M. João Adamon na sua excellente obra sobre este poeta cita auctoridades que regeitão a primeira data subsiste só a duvida quanto a de 1524 e 1525, sendo a ultima d'estas adoptada pelo sabio bispo de Vizeu. M. C. Magnin mostra a impossibilidade de seguir esta opinião em sentido absoluto. A questão versa toda em todo o caso, sobre differença de mezes; e o senhor D. Francisco Alexandre Lobo; bispo de Vizeu, diz que o poeta devia nascer no mesmo anno em que Vasco da Gama fallecera.

tentão Coimbra e Santarem. Os biographos contemporaneos não contem, por assim dizer, particularidades sobre a infancia de Camões. Apenas se sabe, devido ás inducções da critica moderna, que, sendo ainda creança, perdeu a mãe, e que seu pae, servindo, por certo em longinquas espedições como capitão de navio, não pôde cuidar desveladamente da educação do filho. Frequentou este em Lisboa, nos primeiros annos da infancia, a escola de Santa-Cruz, para a qual André de Barros mandara vir de Paris professores habeis? Esperar-se-hia, por ventura, que a universidade fosse transferida para Coimbra em 1537, para Camões ir cursar n'ella os estudos? Chegaria elle a esta cidade como o suppõe um sabio critico portuguez, no anno de 1539? Todos estes pontos são difficeis de resolver. Só ha certo que elle achou em Coimbra quem curasse com zelo desvelado, da sua instrucção, assim como os mais habeis professores. Sem fallar dos sabios nacionaes que já fazião parte da universidade de Coimbra e cujos nomes nos forão transmittidos, tambem a França, Allemanha, e Hespanha derão por industria de D. João III, o seu contingente de professores para a mesma universidade cujas instituições, elle, por assim dizer reformava, elevando-a em breve ao mais alto ponto de prosperidade. Diogo de Freire, que em Paris grangeava tão elevada reputação, e Buchanan que a Europa sabia invejava á Escocia, ainda não fazião parte da universidade de Coimbra. Mas Diogo de Gouvêa, antigo reitor da universidade de Paris, jactando-se de haver servido durante o reinado de cinco soberanos em Portugal, e de quatro reis em França, sendo reputado um dos mais habeis humanistas do seu tempo, occupava o primeiro lugar no ensino publico, desde o anno de 1539. O professor de grego de quem Leonardo falla com tamanho enthusiasmo, e de quem, segundo toda a probabilidade, Camões recebeu lições, era Vicente Fabricio, que, vindo de Allemanha para Portugal em 1534, ensinou primeiro em Lisboa, e depois em Coimbra por espaço de onze annos. Não erão só n'estes homens, posto que muito illustrados, que des-

cansava todo o peso da instrucção publica , porque , quem com elles aprendia as bellas da litteratura antiga , podia tambem estudar a cosmographia , e as altas mathematicas com o famoso Pedro Nunes , que lograva então uma reputação europea , e cujos debates scientificos não implicavão com os do nosso Oroncio Finéo. Quem quizesse obter conhecimentos de medicina , e historia natural tal como se ensinava n'aquelle tempo , não lhe faltavão para isso mestres. Além dos discipulos de Garcia da Orta , que proseguirão , como se sabe , em seus estudos na peninsula , tendo-se o maior numero d'elles estabelecido em Portugal , viera Brissot , professor da antiga universidade de Paris , combater em Coimbra os partidarios exclusivos da doutrina arabe , em honra dos sabios principios de Hippocrates. De outros muitos estudos se podia falar ; e bastantes outros sabios deverião ser nomeados ; mas para o fazer com exactidão , fôra mister que existissem alguns dos discursos solemnes que pronunciarão na abertura dos cursos , o habil Jeronimo Cardoze , e o celebre mestre dos filhos de D. João III, André de Resende , cuja erudição ninguém excedera n'aquella era.

Diz-se que havia em Coimbra , n'uma das sallas consagradas ao estudo , uma estatua da sabedoria , que era tambem a da sciencia , em relação á idade media. Na base estava gravada em letras gothicas esta inscripção : —

*Amice , sequere me , et non dimittam te*

*Disce vivere in servitute , et mori in paupertate . . .*

Parece que esta antiga estatua da sabedoria estava ali para explicar toda a vida do poeta. Antes de lhe lançarem os grilhões do captiveiro , e de o deixarem morrer na pobreza , cursou elle todos os estudos. Aprendeu com professores , que já citei , o que se podia aprender em seu tempo. Não sómente se familiarisou com os poetas da antiguidade , como tambem cursou as sciencias , dando-se com grande affinco ao estudo da historia patria.

Luiz de Camões, tendo acabado os estudos, voltou a Lisboa; e ha toda a certeza de que nos annos decorridos até 1550 elle travara relações com homens de grande preponderancia, entre os quaes poderemos citar D. Constantino de Bragança, que depois encontrou nas Indias, e D. Manoel de Portugal, filho do conde de Vimiozo, que cantou em seus versos. Gosavão estes senhores, por mais de um titulo de elevada consideração, tinhão em Lisboa verdadeira influencia, e souberão conhecer o genio nascente do poeta, dando-lhe, talvez, valiosas relações. Ligo-me ao parecer dos que pensão que Luiz de Camões, descendente de uma familia nobre, porem do ramo mais novo, e sem bens, não foi admittido no paço; mas estou convencido, ao mesmo tempo, de que elle entrou na sociedade escolhida, cujos elegantes costumes nos revelão algumas obras contemporaneas. Foi n'ella que se desenvolverão sentimentos, que parece haverem exercitado grande influencia na sua vida.

Chegado ao meio da sua carreira, exclamou Camões em versos que pintão com a maior energia a sua ardente sensibilidade, e o quanto lhe são caras certas recordações: « oh! quem me arrebatara no meio das flores da mocidade! » E' que elle se recordava sempre, apesar dos transtornos de uma vida agitada, dos pristinos tempos, passados em dôce repouso, nas margens do Tejo, em transportes da sua primeira paixão. E' que nem a pobreza, nem a calumnia, nem a perseguição lhe poderão riscar da mente os primeiros annos de enlevo, em que todavia começarão as suas miserias. Camões amou, e foi provavelmente amado. Sem formar-mos a bel-prazer o romance da sua vida diremos, que a sua paixão teve primeiramente por objecto uma dama de condição elevada, e a cuja posse elle difficilmente poderia aspirar; accrescentando com o mais espirituoso dos seus biographos: — « Custar-nos-hia menos descrever a amada do nosso poeta, que a

dizer o seu nome. Camões desenhou-lhe bem o retrato, mas nunca lhe declarou o nome. (1) — »

Pedro de Mariz só diz que ella era dama do paço, e que morreo muito moça. Faria e Sousa foi notavel investigador do seu nome. As numerosas variações d'este escriptor a semelhante respeito attestão, pelo menos, a sua boa fé. Julgou primeiro, segundo a auctoridade de J. Pinto Ribeiro (2) que esta dama era D. Catharina d'Almeida, parenta de Camões. Depois pensou ter descoberto chamar-se ella D. Catharina de Atayde, filha do D. Antonio de Atayde, valido de D. João III, sendo esta a mais seguida opinião. Os que lhe dão inteiro credito, ignorão certo, que nas notas de 7 e 9, sobre Cintra, julga Faria e Sousa que esta dama poderia ser uma tal Isabel, muitas vezes cantada por Camões sob o anagramma de Belisa.

« Vê-se que tal mysterio é impenetravel. Em quanto a mim acho que n'este segredo, tão cuidadosamente guardado, e que desafia todas as investigações, a ponto de honestidade e circumspecção que cumpre respeitar. Não imitarei a indiscreta curiosidade dos que me precederão, nem quereirei penetrar o mysterio, com que o poeta occultou, e a meu ver com muito juizo, o nome da sua Beatriz. Chamarrei tão sómente a esta bella incognita, a *dama que elle amou*. (3) — »

A quem hoje lê os versos admiraveis que a primeira af-

(1) Veja-se a interessante noticia publicada por Ch. Magnin, á cerca de Luiz de Camões.

(2) Um dos precedentes editores das *Rimas*.

(3) Somos obrigados a confessar, com o engenhoso escriptor, de quem extrahimos esta pagina, que a despeito da primeira paixão, de recordação tão duradoura, mais de nuna affeição passageira occupou a vida do poeta, como judiciosamente observa M. Carlos Magnin. — « Confessa elle alem disso, com franqueza, a inconstancia de seus primeiros amores. . . . Camões foi tão namorado, e celebrou tanto a dama que por largo tempo preferira, que se visse no tempo dos tribunaes d'amor, seria, certo, por elles absolvido. — »

feição do poeta lhe inspirou, e penetra o sentido das vivas expressões, que muitas vezes pintão um amor inquieto, em vez de mostrarem um amor despresado, é custoso acreditar que tão extremosa afeição não fosse correspondida. O biographo inglez do poeta, João Adamson, diz sem hesitação que Dona Catharina de Atayde foi d'ella o objecto. Assevera mais, que esta dama foi dentro em pouco tempo dominada por uma paixão mui forte e nobremente manifestada. O que parece estar provado é que o amor deo lugar ao desterro de Camões.

O Sr. D. Francisco Alexandre Lobo, bispo de Vizeu, escriptor portuguez de reconhecida sciencia, porem demasiadamente sceptico n'este ponto, pelo character de que se achava revestido, quasi nega os amores de Camões (1) posto que lhe não possa negar o desterro. E' este quasi evidentemente contestado, na opinião d'elle pela terceira elegia. O lugar aonde Camões esteve preso foi, sem duvida, alguma terra situada nas margens do Tejo, acima de Lisboa. Faria e Sousa inclina-se a que fosse Santarem; mas nem a terceira elegia, nem a historia designão, ao certo, este lugar. A epocha do desterro não é bem conhecida; pôde comtudo suppor-se, com o sabio prelado, que tão laboriosamente tratou das menores particularidades d'ea biographia, que, pelos annos de 1545, e 1550 é que ella deve ser fixada.

Pelo desejo de saber tudo quanto haja por algum modo influido no genio do poeta, e combinando certos factos e datas, succedeo-nos mais de uma vez representar Luiz de Ca-

(1) *Memoria historica e critica á cerca de Luiz de Camões, e das suas obras.* Lendo attentamente Faria e Sousa, achámos indicada a seguinte passagem, que nos parece mais concludente que as outras, e que julgamos haver escapado aos habeis criticos que nos precederão.

*Quando esses olhos teus n'outro poseste,  
Como te não lembrou que me juraste  
Por toda a sua luz que cras só minha?*

Veja-se o soneto 3.º da segunda ceuturia: e igualmente os *Commentarios*, pag. 64.



mões degradado n'uma pequena terra de provincia, inspirando-lhe nobres recordações os seus passeios solitarios, e tratando igualmente de completar a sua educação. Como vivesse proximo a algum convento pôde ler os historiadores e poetas da antiguidade, porem, não entra em duvida que lhe foi mui difficil encontrar escriptores nacionaes. E' certo que a imprensa fôra introduzida em Portugal antes de 1494, e que desde o seu começo deu á luz obras primas em typographia, dedicando-se com especialidade á reproducção dos classicos latinos e obras religiosas. A excellente historia de Fernão Lopes de Castanheda só veio a lume em 1531, seguindo-se-lhe no seguinte anno as admiraveis decadas de Barros (1). Não se tratava n'esta epocha de fazer edições dos poetas portuguezes. Se Luiz de Camões lêo algumas das epistolas philosophicas, produsidas, de vez em quando, pela discreta musa de Sá de Miranda, foi isso devido a copias fortuitamente alcançadas, e que andavão de mão em mão. Se conhecia os progressos de Antonio Ferreira, era por maneira muito vaga, ou por noticia alcançada na universidade. Apenas n'este tempo teria visto alguma das peças de Gil Vicente, cujo estylo, verdadeiramente original, excitára a curiosidade de Erasmo; mas não podia ter lido o completo volume d'ellas. Os chistes comicos do poeta, ainda não haviam sido colligidos; e se a sua veia satyrica lhe abria a entrada do paço, nem por isso, deixava de dar cuidado á inquisição. Depois dos grandes poetas da antiguidade, que Camões parece haver meditado em toda a vida era o seu livro valido, e que lia depois de eutensos passeios, o Cancioneiro de Resende, collecção mui preciosa, aonde elle podia admirar, nos seus extasis cavalleirosos, os poetas guerreiros da sua patria.

Se ha obra que podesse dar uma idéa do engenho poetico da nação, era, certo, este bello livro, impresso em 1516, tempo da maior prósperidade, e epocha em que se transmit-

(1) Só aqui se trata das duas primeiras, a terceira só foi publicada em 1563.

tiam ainda pela tradição as poesias dos fidalgos, e das nobres damas, que viviam na corte de D. Duarte, de D. Pedro da Alfarrobeira, de D. Affonso 5.º, e de D. João 2.º, que imprimião um character cheio de amenidades cavalleirosas, e de cultura intellectual, que nos demais estados da Europa mal se poderia imitar. Encontrão-se no Cancioneiro de Resende (1) a narração dos celebres amores de que se fallava em Lisboa e Coimbra, as mil particularidades d'essas aventuras romanticas, que se reproduzião em versos repassados de suave melancolia; as nobres sentenças que partião algumas veses do throno, instruindo a nobresa; e os ditos subtiz, e cheios de graça motejadora que os cavalheiros portuguezes e os de Castella e Aragão mutuamente empregavão. Não havia duvida de que Luiz de Camões achou n'elle ameno repouso nos primeiros annos da mocidade; e quem sabe se as asperas poesias de D. Pedro á memoria da sua Ignez, e as estancias cheias de vivacidade, em que um cavalheiro convida Portugal á caça dos reinos da terra, lhe inflammârão a imaginação, suggerindo-lhe a primeira idéa de uma grande composição, ou ao menos a de um terno episodio?

As *cantigas* melancolicas que se encontrão a cada pagina d'aquella obra, e que lembrão a escola de Macias, as espirituosas *perguntas* de Silveira, as respostas que lhe dá Nuno Pereira; as estancias em que Monteiro chora a morte de Isabel; as eglogas harmoniosas de Bernardim Ribeiro, quasi contemporaneo de Camões; a admiravel elegia em que um rouxinol responde ás queixas de dous amantes, e mil outras com-

(1) Apenas se conhecem tres exemplares d'este precioso volume, o que pröva o gráo de perfeição a que chegára a arte typographica em Lisboa no começo do seculo 16.º A estampa gravada em madeira, de gosto excellente, e representando as armas de Portugal com esphera e numerosos ornatos, mostra que a gravura não era desprezada na terra que produsira como pintor o grande Vasco, e que ia possuir Francisco de Hollanda. A' bem conhecida bondade de M. Henrique Ternaux deve o auctor d'esta noticia o ter visto um exemplar do Cancioneiro de Resende.

posições amenas que hoje ninguém lê, em Portugal, revelarão ao poeta mil thesouros de ingenua graça, harmonia, e vivacidade que se derramou por suas varias obras.

Camões voltando do desterro, residio provavelmente em Lisboa. Os desgostos que havia experimentado, a critica situação em que se achava, o resolvêrão a retirar-se. Em 1550 fôra o seu primeiro intento partir para a India com o vice-rei D. Affonso de Noronha; porem motivos que nos são desconhecidos o conduzirão a passar a Ceuta, na Africa. Em composição de muito interesse, que nos transmittio Garcia de Resende, houve um poeta mui anterior a Camões que traçou um quadro pouco lisongeiro de modo como os portuguezes ali vivião e especialmente da moralidade que ali reinava. Seja como fôr aquella estancia era considerada como uma especie de escola em que os mancebos que se destinavão á vida militar encontravão bom ensino, e mil occasiões de se distinguir. — » Camões era valente, diz um sabio, que ninguem taxará de afeiçoado ao poeta; a tempera do seu animo, e os acontecimentos que se vêem na sua historia, são d'isso boa prova. A coragem era, além d'isso uma qualidade inherente á sua nação Jacta-se elle de a ter mostrado com uma franquesa que elle só nos levaria a acreditar. — « Na Africa correu elle grandes perigos, e a esta época da sua vida devemos nós referir os versos da canção em que se queixa de Marte lhe haver feito provar amargos fructos. Perdeo o olho direito n'uma briga com os mouros, em frente de Ceuta, em embarcação, na opinião de varios escriptores, capitaneada por seu pae.

Pelos calculos mais provaveis esteve Camões dous annos em Africa, e voltou a Lisboa em 1552. Não lhe fôra mais propicia a fortuna do que até ali; não se lhe reconhecerão os serviços; e os seus talentos, certo, por todos conhecidos, não recebêrão a menor recompensa. Apertou-se-lhe cada vez mais a situação, sentindo a alma, de dia para dia, mais ferida. Ha biographos que fixão n'esta época a perda da sua chara Natércia. Outros trasem de muito mais longe esta desventura. O que não entra em duvida é que elle realisou o projec-

to que havia dous annos tinha formado, embarcando no de 1553 para a India na náó *São Bento*, mandada por Pedro Alvares Cabral. Um grito doloroso escapado ao poeta nos patentêa o estado da sua alma. Ao sair do Tejo proferio as palavras de Scipião: *Ingrata patria non possidebis ossa mea*. Um desterrado o memorou tambem com eloquencia, o vento que lhe impellia as vélas foi objecto das suas imprecações, e algumas horas depois de saída a frota, já seus olhos procuravão no horisontê as sombras fugitivas das montanhas da patria, e a das frescas e vecejantes colinas de Cintra.

A expedição que se compunha de quatro navios, foi assaltada por uma tempestade, que poz a fragil esquadra em imminente perigo, dispersando-a. A náó *São Bento* foi a unica d'estas embarcações que logrou chegar n'esse anno á India. Camões apenas aqui aportara teve occasião de se distinguir, e o aproveitou. Havia um rei nas costas de Malabar, direcção do cabo Comorin, que inquietava, na pacifica possessão de seu territorio, os principes de Porca e de Cochim. Era o soberano da ilha de Chembé, mais conhecido entre os portuguezes pelo appellido de Pimenta. Affonso de Noronha que tinha, havia muito tempo tentado uma expedição que se reputava indispensavel, aproveitou-se da chegada do navio que Fernando Alvares Cabral mandava. No mez de novembro de 1553 sahio elle do porto de Gôa com uma poderosa esquadra de que fazia parte a náó *São Bento*. No cabo de dous mezes da sua chegada á capital das Indias. Camões tomou parte n'uma das expedições aventurosas que hoje custão a acreditar, e em que a coragem deve supprir o numero. Affonso de Noronha foi vencedor; porem nada iguala a modestia com que o poeta conta o modo como esta empresa acabou. Quem ouve tão nobres e ao mesmo tempo singelas expressões, conhece ser elle verdadeiro descendente dos velhos portuguezes, cuja memoria consagrou, e que faz dignamente fallar. D. Affonso sem terminar de todo a guerra, conseguiu o fim a que se propozera ao armar esta expedição. Chambebé e as ilhas cumvisinhas, forão destruidas; o alliado dos por-

tuguezes devia reputar-se sufficientemente vingado; e em outra circumstancia poderia ElRei de Porca ser considerado vassallo de D. João III, como o aconselhava a politica d'este tempo. D. Affonso, deixando forças navaes muito consideraveis n'estas paragens, voltou a Gôa, e Camões o acompanhou. Segundo toda a probabilidade chegou a esta cidade pelos annos de 1554. A residencia que o poeta fez na capital das Indias portuguezas, não foi de longa duração. O vice-rei D. Pedro de Mascarenhas, tendo, no dia 23 de setembro succedido no governo a Affonso de Noronha, tentou uma nova expedição, para que armou trez navios de alto bordo, e tres fustas. Não se tratava agora de novas conquistas, mas tão sómente de perseguir um corsario, que, pela sua intrepidez alcançara certa preponderancia nos mares da India, causando grandes perdas ao exercito portuguez. O commando d'esta flotilha, foi confiado a D. Manoel de Vasconcellos, capitão ensinado pela idade, dotado de subida intelligencia, e que se distinguira no mar vermelho. Camões embarcou novamente para fazer parte d'esta expedição, e sahio de Gôa no mez de fevereiro de 1555.

Seguiu a estrada a sua derrota até avistar as costas da Arabia; e, segundo a ordem que recebera, foi postar-se em frente do monte Felix, ao norte do cabo Guardafui, para esperar ahi as náos que devião chegar d'Achem. Tendo ficado n'estas paragens até ao fim da monção, foi invernar a Mascate, na entrada do golpho persico. Era o seu fim proteger as embarcações que navegão de Ormuz para Gôa; mas o corsario de que já temos fallado, o temido Safar, não appareceu mais. Sob um clima damnoso, e a vista de margens nuas e desertas, não tiverão os portuguezes a menor occasião de se distinguirem, e nada houve que lhes minorasse o enojo de tão longo cruseiro. O poeta animou com todo o ardor da sua paixão, e com toda a grandesa do seu engenho o tempo, tão monotono de uma vida aventureosa.

Invernando a frota em Mascate voltou a Gôa. Não tinha ainda acabado o anno, quando surgio um grande acontecimen-

to politico. Francisco Barreto succedeo no governo ao velho Mascarenhas.

Para se formar idéa do que era n'esta epocha a capital das Indias portugesas, e traçar um quadro exacto do abatimento das povoações indigenas, do luxo dos governadores, do poder do clero, e da quasi geral dissolução que nada podia reprimir, e a qual Camões procurou descrever exactamente, fôra necessario lêr a obra de um viajante francez, que o aso de uma vida errante conduzira a Gôa. Francisco Pyrrard descrevendo a pomposa riqueza das igrejas, palacios, e até dos hospitaes; lembrando-nos a estatua de pedra dourada erigida na praia a Affonso d'Albuquerque, mas que os indios não são venerar, como outr'ora n'estes dias de iniquidade; fallando-nos do arcebispo inquisidor, e da mesa esplendida aonde elle em publico admittia os individuos que o asar da guerra e commercio tinhão arruinado, mostra-nos, pôsto que escreva no começo do seculo decimo-setimo, o que era n'este tempo de luxo, e de decadencia a grande cidade que se denominava *Cidade de ouro*.

Gôa não tinha ainda chegado ao ponto de immoralidade a que subíra no tempo do dominio hespanhol; porem já ali se notava um mixto de opulencia, venalidade, orgulho e baixessa, que excitára a veia satyrica do poeta. Foi o aspecto da auctoridade que, sem a menor duvida, lhe inspirou os versos que se lêem nas suas obras, intitulados: *Disparates na India*. E' facil caracterisar estes versos, mas difficil entendê-los. No meio de certas allusões, que bem se deixão perceber, ha algumas, que é quasi impossivel decifrar, por lhe faltarem os commentarios do proprio poeta, e não haver o minucioso conhecimento da escandalosa chronica de Gôa. A maior parte dos biographos viu nos *Disparates na India* (1) a causa unica do desterro de Camões; outros não encontram ahi assum-

(1) Este titulo não podia traduzir-se bem em francez a não ser pela seguinte periphraze: *In comequeuces, ou Folies des européens dans les Indes*.

p'lo para tal rigor. No entanto parece certo que Francisco Barreto, que succedêra ao valente Mascarenhas, em 16 de junho de 1555, se reputára muito offendido pelos versos de Camões, e que no mesmo anno o obrigára a deixar Gôa e a se retirar para as Molucas. Sêm admittir as rasões de que um escriptor portuguez se vale para desculpar o procedimento do governador, diríamos com este sabio, que houve alguma compensação em tanta severidade, se se não achasse hoje provado que o beneficio concedido a Camões fôra obra de outro governador.

Camões, para se dirigir ao logar do desterro aportou, na opinião geral a Malaca, afim de partir d'ali para as Molucas. Devia tocar em Ternate; porem é este um ponto da biographia do poeta em que carecemos de ser illustrados. M. Carlos Magnin, que fez mui exactas investigações está pela affirmativa. Na opinião de D. Francisco Alexandre Lobo, nem o que se diz na estancia CXXXII do canto X nem a descripção que se lê na canção VI são sufficientes provas para affirmar de maneira positiva, que o poeta se tenha conservado n'esta ilha. O que ha de mais averiguado é que em 1559, época em que D. Constantino de Bragança tomou as redeas do governo se achava o poeta em Macáo, servindo o cargo honorifico de curador dos orphãos.

Não se faria exacta idéa do logar em que Camões passára os ultimos dias de desterro, se representassemos agora esta ilha o que ella antigamente era, isto é, o emporio activo, e sempre animado do commercio da Europa com a China. Foi pouco antes da época de que fallámos que os portuguezes lançaram os olhos para este pequeno espaço de terra, que fórma o ponto mais septentrional da grande bahia conhecida hoje pelo nome de *bocca Tigris*. Havião elles fundado uma cidade que cresceu rapidamente, e offerencia, desde o principio, certa importancia, postoque muito differente do que foi depois, Camões parece ter passado n'esta cidade uma vida solitaria, porem mais pacifica do que a que até ahi havia tido. A tradição no-lo mostra sempre trepauado pelos rochedos

de granito que se achão a alguma distancia da cidade, para se refugiar na gruta de Patané. D'ali contemplava elle o Oceano, e podia formar os seus grandes pensamentos. Foi ahi tambem que recebeu as mais nobres inspirações; e apêsar d'isso o simples monumento que lhe foi consagrado não é homenagem portugueza.

Camões resediu por algum tempo em Macáo; porem como judiciosamente se observa, o emprego que occupava n'esta cidade não se casava bem com os seus habitos guerreiros, e ardente amor da gloria. Era comtudo o meio de sair da miseria contra que luctava havia longo tempo. Os seus diversos biographos dizem, como cousa certa, que elle obtivera no exercicio de similhante cargo grandes meios para viver commodamente. Tratou desde logo de sair d'este lugar de desterro. Francisco Barreto não tinha já auctoridade; e, como atrás dissemos, era D. Constantino de Bragança, que sob o titulo de vice-rei governava as Indias portuguezas. Occupava tão importante lugar desde 3 de setembro de 1558, em cuja época tratou Camões de abandonar a triste morada, em que havia trez annos, residia. O valimento que tinha com D. Constantino quando se achava em Lisboa; as suas benevolas disposições para com os homens de valor e intelligencia, devia fazer acreditar a Camões que longe de ser perseguido em Gôa, seria ao revez acolhido e protegido. Embarcou, em Macau comtudo o que possuia, e, a darmos credito a Pedro de Mariz com algum dinheiro pertencente á companhia mercantil. Pôde acreditar-se que de todas as viagens foi esta a que elle fez com mais satisfação. Voltava do desterro, ía de novo ver os seus companheiros em armas, e gosar no meio de antigos amigos de uma fortuna com grande trabalho alcançada. Tudo fôra um sonho. Tinha elle passado além das terras da Cochinchina, e ía entrar no golpho de Sião, quando uma horrivel tempestade lhe arrojou á costa a embarcação, despedaçando-a. Pôde comtudo salvar-se e aos *Lusiadas*. O poeta refere com admiravel sinceridade este episodio da sua viagem, e quando teve a mofina certesa de que não havia para



elle reponso nem fortuna mas apenas uma remota fama, consagrou ao formoso rio, cujas margens lhe tinham servido d'asylo alguns versos encantadores, em que falla da sua tardia gloria, e do seu reconhecimento.

Camões permaneceu algum tempo nas margens do Mecom. Ha toda a probabilidade de que elle composera as admiraveis redondilhas em que paraphrasêa o Salmo *Super flumina Babilonis*. Não ha prova alguma positiva que o atteste; mas ha uma recordação de dôr e de desterro que se liga por tal modo á vida do poeta, que não ha motivo algum para d'ella a separar. Ou seja porque recebesse n'esta apartada região uma hospitalidade que ali o demorou por alguns mezes, ou porque não encontrasse occasião favoravel para voltar a Gôa, é certo que se perdem os vestigios de Camões por algum tempo, e que só é encontrado na capital das Indias; em 1561.

Estava elle só? Trasia comsigo, na occasião do naufragio, o Jáu Antonio seu fiel escravo? Foi ajudado por este nobre companheiro, que em Lisboa a miseria lhe aliviava? Ha só um auctor que resolve este ponto. Quanto a mim direi com o engenhoso escriptor que suscita semelhante questão, e que no padre Nicéron acha uma resposta affirmativa, que tal noticia é de verdadeiro preço, e que é grato ver começar pela commuidade de perigos, a terna affeição do Jáu, e do seu senhor.

Camões fixou de novo residencia em Gôa. Como passarão os primeiros tempos da sua volta? E' isto o que nenhum escriptor contemporaneo nos declara. O procedimento do poeta foi então o que tinha sempre sido firme e digno. E' homenagem que lhe hade por força tributar o escriptor cuja critica pára ante o enthusiasmo: — « Elle achou no magnanimo coração de vice-rei D. Constantino o favor e o acolhimento que esperava. O proprio reconhecimento o indusio a dirigir-lhe os bem conhecidos versos que principião por uma clara imitação da epistola dirigida por Horacio a Augusto... D. Constantino era omnipotente na India, e muito poderoso

em todo o reino, todavia, a esperança de alcançar d'elle protecção e favor, não pôde arrancar a Camões applausos ser-vís, prodigalisados com indignidade. Considerava-se elle tyrannicamente perseguido por Francisco Barreto; e pôsto que a censura do homem a quem elle succede sôe sempre com moderação aos ouvidos do seu successor, se o poeta alludiu de passagem a acusada, prodigalidade do governo de Barreto, teve ao menos a generosa delicadesa de não pronunciar o nome do seu inimigo. — »

O governo de D. Constantino de Bragança foi o que devia ser n'um paiz de pasmosa corrupção. Este nobre reformador não pôde por muito tempo proteger o poeta. Foi exonerado, succedendo-lhe no mez de setembro de 1561 no vice-reinado das Indias, o conde de Redondo, D. Francisco Coutinho. (1) A reputação do poeta augmentava, e diz-se que o novo vice-rei lhe apreciava o talento. Não o odeava elle mas os inimigos do poeta conhecerão que se investissem não o defenderia já um poderoso braço. Não só a linguagem de Camões continuava a ser o que sempre fôra, atrevida com os poderosos, caustico com os cobardes, e implacavel com os velhacos. Havia mais de uma pessoa apontada, cinco annos antes nos *Disparates*, que vivia, ainda, sem ter perdido a esperança de se vingar d'elle. O poeta, por uma infundada accusação foi lançado em ferros, e seria talvez n'uma das prisões de Gôa que compoz alguns dos versos immortaes, em que tão bem pinta o amor de uma generosa liberdade.

A accusação feita a Camões nunca fôra regularmente instaurada. Se é certo que os seus inimigos erão poderosos, ninguem pelo menos, soube os nomes de seus accusadores, nem que inculpações lhe fazião. Manoel de Faria e Sousa apon-

(1) Não sei em que opinião se fundão dous escriptores modernos para affirmarem que durante o governo de Constantino jaseu o poeta em tal miseria que se vio obrigado a pedir uma camisa por esmola. As obras do poeta provão, ao revez, que elle vivia em alguma abundancia, e em estado de *meia prosperidade*, como muito bem se disse.

ta vagamente alguns boatos propagados pela malevolencia. Disse que se emputavão ao poeta varias malversações do tempo da sua administração em Macau; porem nada se aclara a tal respeito. Só se sabe que Camões triumphou d'esta odiosa calunnia; porque fôra revogada a ordem que o sepultou n'uma masmorra.

Afirmão alguns antigos escriptores que percorrerão o oriente n'esta epocha que o estado das prisões nas Indias portuguezas era medonho. Horriveis exhalções infectavão os ares; os presos vivião de esmolas particulares, achando-se n'ellas confundidos criminosos de toda a sorte. Tal era a prisão de Gôa todavia menos medonha do que a subterranea masmorra de Cochim. A innocencia de Camões era conhecida, e todavia jaseu em tão deploravel estado. O que mais custa a confessar, na enumeração d'esta serie de males, é que foi um homem, cujo valor e serviço a historia a meudo aponta, que o conservou na prisão. Miguel Rodrigues Coutinho, denominado *Fios Secos*, constituiu se credor desapiedado do poeta. Vendo-se rico e poderoso esqueceo-se do que a si mesmo devia, e á altiva nobresa de Portugal de que fazia parte. Camões só saio da prisão quando o requereu ao vice-rei. Um espirituoso epigramma, que nos fôra conservado; o vingou de seus perseguidores.

Vicente le Blanc antigo viajante francez, que esteve em Gôa, quasi no tempo em que o poeta ali residio pela ultima vez, falla com enthusiasmo das maravilhas d'esta capital, que parece preferir a Lisboa. Trata da sua opulencia, admiravel policia, e das commodidades com que os portuguezes e tambem os estrangeiros ahi podião viver. Conta-nos como, n'esta grande e opulenta cidade os habitantes passavão deliciosamente. Falla com praser dos mil recursos que um luxo commodo offerencia; e exalta, sobretudo, a tolerancia que se ahi notava, e que foi substituida alguns annos depois por um medonho systema de perseguição. Estas vantagens reunidas sedusirão Camões? Esperava elle fazer parte de alguma vasta empresa militar, em que podesse restabelecer a sua for-

tuna? Nada positivo se sabe a tal respeito. É opinião geral que nos annos em que elle viveo, em Gôa livre das accusações dos inimigos, e das perseguições de Miguel Rodrigues Coutinho servio nas varias expedições maritimas, sem contudo pôr de lado a altura das letras. Diogo do Couto, unico escriptor que podia aclarar tão interessante periodo da vida de Camões, nada diz a similhante respeito. O veridico continuador da historia de Barros, jacta-se de ter sido amigo particular do poeta, seu *marinheiro*, como ainda hoje diz, em frase familiar, a gente de mar; mas não aponta as acções em que elle tomou parte, e só falla na deploravel miseria e novas desaventuras que lhe inquietavão a existencia.

Se nos referissemos á opinião de um homem que nobremente consagrou o tempo e fortuna á gloria do poeta, foi pouco mais ou menos, na época em que D. Antão de Noronha era vice-rei das Indias que Camões suportou a maior das desgraças — a perda de D. Catharina de Atayde, de cuja morte prematura recebêra noticia em Gôa. Diremos não obstante alguns versos encantadores que cita, e que podem referir-se a tão doloroso acontecimento, que D. José Maria de Sousa dá esta opinião como simples conjectura (1). Se alguma indiscrição de Diogo do Couto nos iniciára na vida privada de Camões, mil particularidades que so devem acreditar-se como supposições mais ou menos engenhosas, alcançarião no ponto a que chegou a critica, um grão de certeza que não podem ter. Talvez então vissemos como n'esta alma ardente se accendêra um amor que parece nunca haver completamente abandonado; — tambem saberiamos, com certeza, auxiliado por taes confidencias, fraquezas que o poeta não occultou de todo, e facéis de adivinhar. Vê-lo-hiamos igualmente passar de uma contemplação melancolica a vida mais

(1) M. Carlos Magnin não segue tal opinião, como se pôde ver. Entendeu que o poeta perdeu *a pessoa que amava* (servimo-nos das suas expressões) na epocha em que percorria as ilhas do oceano indio. Confessámos que ainda não fixamos opinião a similhante respeito, apesar de sério exame dos factos.

activa, e durante a sua morada no Oriente, misturar a esta vida aventureira toda a voluptuosidade que era facil encontrar na India. Quem deixaria de rir vendo-o celebrar em verso o nome da bella escrava negra?

Diogo do Couto calou-se, e não nos contou o que fez Camões nas diversas occasiões em que entrou nas empresas que tão frequentemente se succediam; porque nada mais sabemos por modo positivo senão que o poeta se ausentava muitas vezes da capital das Indias portuguezas para tomar parte em grande numero de facções militares. Depois de haver acompanhado as flotilhas que partião a meudo para Mangalore, Damão, Malaca e longiquas ilhas do mar das Indias, vinha passar o inverno em Gôa. Se ali sollicitava alguns favores do vice-rei não era para si, mas para algum valente soldado, como Heitor da Silveira que tratára mais de alcançar fama do que dinheiro; ou para que algum sabio errante, sem recursos, como Garcia da Horta, que fôra professor em Coimbra, e que desprezando a vida pacifica por amor á sciencia, preparava elementos para uma obra preciosa, cuja gloria a Hespanha lhe usurpou.

Camões viveo assim por alguns annos; mas no fim da sua residencia no oriente houve n'elle uma dolorosa mudança. Não se tem sufficientemente fallado de uma especie de revolução que pouco a pouco se observou em seu character. Manoel de Faria a aponta com mui ingenua franquesa, e por isso nos parece acertado copiar suas palavras: — « Era elle muito alegre, e acontecia-lhe dizer e fazer mil cousas galantes, proprias de um cavalheiro, e cortesão, nos ultimos annos que passou nas Indias, começou a entregar-se á melancolia e tristeza; e a mostrar-se afflicto. — »

Erão as suas tristes recordações a principal causa d'esta mudança? Previa já o poeta a sorte que na patria o esperava? Póde suppor-se que, dolorosos perconceitos cuja causa immediata existia nas illusões da mocidade, e a idade madura, se juntassem á viva inquietação do que se passava nas Indias e na Europa. Além disso considera-se este periodo da

vida do poeta uma das epochas em que elle se deo com mais afincio ao estudo. Experimentava, sem a menor duvida, a necessidade d'essas meditações solitarias, de que os poetas sempre carecem, quando o tormento da minuciosa correcção, succede ás primeiras vêas da inspiração.

Camões não curava já da sua fortuna, e só o dominava o desejo de voltar á patria. Apesar da extrema pobreza em que se achava, obedecia a este secreto impulso, continuando a viver vida aventureosa, e aproximando-se pouco a pouco aos logares, aonde, não obstante o seu primeiro juramento, queria ir morrer. Pedio Barreto Rolim, parente do governador Francisco Barreto, que succedera a Fernão Martins Freire, no governo da capitania de Moçambique, dispunha-se a partir para o seu destino. Apreciando elle a amisade do poeta, pedio-lhe que o acompanhasse. Crê-se que os seus desejos não encontrarão grandes obstaculos. Camões acreditando nas promessas de Pedro Barreto, embarcou com elle para Sofala, nos fins do anno de 1576. Ignora-se o que se passou na Africa oriental entre elle e o novo governador de Moçambique. Por inconstancia de Pedro Barreto, ou por nobre orgulho por parte de Camões, que não pôde resolver-se a ceder a varias exigencias humilhantes, é certo que houve completo rompimento entre elle e seu falso protector. Basta lançar os olhos para algumas noticias d'aquella epocha, e conhecer o verdadeiro estado de Sofala no decimo-sexto seculo para fazer idéa da situação do poeta. Para isso bastaria huma só frase de Diogo do Couto: — « Consentiu elle diz o escriptor, que o poeta vivesse da caridade dos fieis. »

Tão dolorosa situação devia ter proximo termo. Succedendo no dia 10 de Setembro D. Antão de Noronha a D. Luiz d'Atayde, embarcou este no mez de Fevereiro do anno seguinte para Portugal aportando ás costas de Moçambique. Acompanhavam-no alguns fidalgos, e entre elles o diligente chronista, cujo testemunho temos mais de uma vez invocado; e que, graças á sua franqueza de soldado, não occultou a nobre pobreza do vate. Heytor da Silveira, Antonio Ca-

bral, Luiz da Veiga, Duarte de Abreu, e Antonio Ferrão, associados a alguns homens generosos, cujos només a historia occultou, tirarão o aucter das *Lusiadas* da deploravel situação em que estava em Sofala. Offerecerão-lhe passagem para o navio que os trouxe da India para Portugal. Foi até preciso que o antigo companheiro de Luiz de Camões, e seu *marinheiro* sollicitasse de alguns amigos a roupa necessaria para um longo trajecto, como elle ingenuamente o confessa. O que Diogo do Couto não disse, mas que Faria e Sousa, levado de nobre indignação, não calou, é que o governador de Moçambique consentiu que lhe pagassem algumas dividas contraídas por um homem do qual apreciava o engenho, e a quem pediu que o acompanhasse Subião estas dividas a 20\$ réis, que forão pagas por Heytor da Silveira: — « Assim diz o historiador, se comprarão a liberdade de Camões, e a honra de Pedro Barreto »

O homem que se não mostra inflexivel com o poeta quando se trata de suas fraquezas, o escriptor austero que quiz tantas vezes disfarçar os erros de seus inimigos, admira-lhe a verdadeira grandeza, e diz com raro acerto que Diogo do Couto sem má intenção nos deu grande prova de energia de character, que parece ter sido a marca distinctiva do grande homem cuja vida traçámos: — « Os máus tratos de Pedro Barreto, e a severidade que era uma traição em taes circumstancias, os revezes que padeceu na costa quasi barbara da Africa oriental, a fraca esperança que tinha de sair desta especie de captiveiro, não poderão inquietar o placido animo de Camões. Refere Couto, que no meio de todas estas desgraças, poz elle a ultima lima nas suas *Lusiadas*, para as dar á estampa. Occupava-se igualmente n'uma obra abundante em regras, erudição, prudencia, e philosophia. »

Foi no corrente mez de Novembro de 1568, que a nau Santa-Fé recebeu o aucter das *Lusiadas*, e que deixou as costas d'Africa. Teve feliz viagem, assignalando tão doloroso successo a sua volta ardentemente desejada. Chegára o ultimo dia desta longa navegação, avistando-se já as alturas de

Cintra. O mais fiel amigo de Camões, o homem de quem elle tudo esperava e de cujo nome se recorda na prosperidade e infortunio, falleceu á vista da costa. Com tal successo extinguirão-se-lhe as ultimas esperanças de melhor futuro. Todavia, era esta uma desgraça particular; porém dentro em poucas horas ia o poeta presenciar a grande calamidade da peste que assolava Lisboa.

Os historiadores que fallão deste successo, são unanimes na narração delle. Jámais o horrivel flagelo que tantas vezes appareceu na idade média, e cuja memoria se achava por assim dizer extincta, causou tamanho estrago e horror ás povoações. O excesso do mal justificava esta consternação; e segundo dizem os chronistas, houve dia em que morrerão 500 pessoas; e no espaço de tempo que decorreu desde os ultimos mezes de 1568, até o fim de 1569 acabarão de existir 70,000 individuos.

No tempo em que a nau *Santa-Fé* chegou ao porto de Lisboa, começou o flagelo a diminuir; o temor porém obstava a que as precauções diminuisssem. A foz do Tejo estava rigorosamente fechada, e para que Diogo do Couto que vinha n'outra embarcação alcançasse permissão para ahi entrar, foi-lhe necessario desembarcar em Cascaes, e partir de lá para Almeirim, aonde a corte se tinha refugiado. Obteve aqui licença para entrarem no porto os navios que se achassem á vista nas costas do mar. Derão-se todos estes passos em Abril de 1570. Camões só voltou a Lisboa no mez de Junho seguinte, estando ausente da patria mais de dezaseto annos.

Havia já treze annos que D. João III fallecêra, achando-se muito mudado o estado do paiz. O respeitavel bispo de Sylves, vendo huma regencia laboriosa combatida por encontradas pretensões, e que apesar disso todos desejarão conservar — um principe sem poder para fazer o bem, posto que dotado de raras qualidades, não pôde deixar de exclaimar: — « Infeliz Portugal que tendo um rei tão digno de ser amado, é aborrecido por causa dos que compoem o seu conselho! — » Foi isto o que abalou o animo do poeta, e lhe



inspirou as generosas palavras que dirigiu ao monarcha, ainda criança. Se tudo estava mudado quanto a politica, o mesmo succedia quanto a costumes. Quasi nada já restava do esplendor, e das regias graças que adornavão a cõrte no precedente reinado, como diz um antigo escriptor. Já não havia bailes magnificos, festins como os sabia preparar o infante D. Luiz, e representações dramaticas em que Gil Vicente auctor e comico ao mesmo tempo, mostrava a força da sua originalidade. O sentimento da arte parecera extinguir-se por um momento como se havia tambem extincto a perseverante energia que tudo organisara durante as conquistas.

Ninguem sabe como correrão para o poeta os dous primeiros annos que elle passou em Lisboa, no meio das deploraveis luctas do poder. O que é facil de provar é que o desalento politico que se observava nos melhores espiritos e nos mais firmes corações, não chegou a engenhosa obra que exaltava a antiga gloria nacional. Camões publicou em 1572 o seu poema, e, o que era para maravilhar em Portugal, fez das *Lusidas* uma segunda edição no mesmo anno. A profunda commoção de tão nobre poesia chegou a todas as classes da sociedade. Foi immenso o seu resultâdo. Despertou-se por assim dizer o espirito nacional, e a obra se tornou popular. Ouçâmos o que diz em estylo ingenuo e pittoresco o antigo escriptor, que se jacta de haver estudado em vinte annos este formoso livro, mostrando ter mais confiança em varias tradicções por isso que seu avô, Estacio de Faria fôra amigo do poeta (1).

« E' certo, diz elle, que estes escriptos forão muito estimados na vida do poeta, e que por isso era elle olhado

(1) M. Carlos Magnin observa que o privilegio concedido ao poeta para a primeira edição é de 24 de Setembro de 1571, e não de 4, como dizem varios biographos, notaveis pela sua exactidão. M. Mablin, escriptor habil, cuja morte temporã deploramos, examinando com muito cuidado as duas edições de 1572, provou que se devião definitivamente adoptar as correccões da segunda.

em Lisboa com admiração; e apenas apparecia em alguma rua, toda a gente parava para o olhar até o perder de vista. E isto acontecia quando, tendo voltado da India, depozera a espada, caminhando arrimado a huma muleta. Apesar das suas enfermidades, ia todos os dias ouvir a lição de theologia que então se dava no convento de São Domingos, sentando-se entre os alumnos, como se fosse tambem um delles. »

Faria e Sousa continúa a tão sensível narração, contando em poucas palavras como se passava a amargurada vida do poeta, cuja unica distracção era uma lição de theologia. « Chegou a viver d'esmolas; saindo á noute ás ruas a pedir para elle o escravo que comsigo trouxera chamado Antonio, natural de Java. Um dia Ruy Gonçalves (isto é, Ruy Dias) de Camara, cavalheiro distincto, rogou-lhe que traduzisse em portuguez os sete psalmos da penitencia. Tendo decorrido algum tempo, achando-se apenas concluidas algumas estancias, queixou-se elle de que o poeta não acabasse a obra, tendo aliás escripto tão bellos poemas; — ao que este respondeu: — « Senhor, quando eu compunha poemas estava em boa idade, era bem quisto das damas, e tinha o necessario para a vida. Agora faltão-me os meios, e a tal ponto que o meu Antonio me está pedindo dinheiro para carvão sem que eu o tenha para lho dar. » Infiro disto que este cavalheiro (os outros farião o mesmo) fechava a bolsa para não dar quatro maravedis, e abria a boca para pedir os sete psalmos traduzidos em verso... « Cousa deploravel! Elrey D. Sebastião deu a Camões pela dedicatoria do seu poema a pensão vitalicia de 15\$000 réis (1); e erão tão mesquinhos no pagamento della que o poeta usava dizer, que havia pedir lhe commutasse

(1) Como Manoel de Faria e Sousa escreve em hespanhol falla de em 375 reales que equivale a 375 réis. Quinze mil réis são 93 francos e 75 centecimos, ou quasi 500 francos do nosso tempo. Camões para receber esta pensão devia residir em Lisboa, e renovar todos os tres annos o decreto que lh'a concedia.

os 15\$000 réis, na faculdade de dar aos ministros, de quem o pagamento da pensão dependia, quinze mil chicotadas.

Um portuguez sabio, que, certo, leu como nós as curiosas particularidades que citámos com toda a ingenuidade, enumerava os homens distinctos com os quaes Camões tratava. Falla; sobretudo, de D. Gonçalo Coutinho, da casa de Marialva, e da illustre familia de Vimioze, que tinha particular affeição ao poeta, e com quem se dava com ella com grande familiaridade. Os nomes de um antigo vice-rei da India, e o de um governador de Malaca são tambem por elle citados. Lê-se, com tudo, na mencionada historia estas tristes palavras: — « Uma mulata chamada Barbara, vendo a miseria do poeta, deu-lhe muitas vezes um prato do comer que ella vendia, e tambem algum dinheiro que apurava da mesma venda. Não será justo exclamar com Manoel de Faria e Sousa: — ó miseria deploravel! »

Em quanto o poeta busca a consolação de seus males nas sabias lições dos religiosos de São Domingos, cumpre-nos desempenhar um encargo. Fiel ao plano que traçámos no começo desta noticia, procuraremos indicar o verdadeiro caracter do movimento que se manifestou na poesia no tempo de D. Sebastião, e as relações em que Luiz de Camões, já lido e admirado, se achava para com os seus contemporaneos. Bastará o rapido exame dos factos para o provar. O poeta compoz as suas primicias separado de tudo, e assim continuou os seus trabalhos até o fim da vida, sem excitar a minima influencia nos homens que o podião comprehender e julgar. Escriptores celebres tinham succedido a Sá de Miranda, a Antonio Ferreira, e Gil Vicente. Em uns houve provavelmente receio, terror pueril de ver murchar uma nascente fama; em outros explicar-se-hia este criminoso esquecimento pela solidão em que vivião, e a firme vontade de se conservarem desviados da cõrte, e de se não involverem no bulicio de uma politica deploravel. Jeronimo Corte-real, o mais habil destes poetas, e o unico que se possa citar, depois das *Lusiadas*, tendo voltado da India viveu tranquillo no seu morgado de

Palma. A saudade da illustre Leonor, a cujas desgraças Luiz de Camões consagrara alguns versos admiraveis, lhe ministra-  
vão assumpto para um poema heroico de brilhante formosura,  
no qual, porém, o estylo e patheticas situações se achão em  
constante opposição com a longura das descripções mythologi-  
cas. Corte-real (1) meditava, por certo, este poema, desde o  
tempo em que vivera no morgado de Palma, para só sair a  
lume doze annos depois das *Lusiadas*. Mas na *Austriada*, poe-  
ma hespanhol, composto em honra de D. João d'Austria, e  
que teve segunda edição em 1557, achão-se diversos trechos  
devidos á penna dos escriptores favorecidos, entre os quaes se  
não vê o nome de Camões. Posto que esta obra, e o *Segundo*  
*Cérco de Dio* tenham tido grande voga em Lisboa, nada prova,  
na historia litteraria, que a sua publicação produzisse conta-  
cto entre os dous poetas.

Dizem os biographos que um certo Pedro da Costa Pe-  
restrello, que compozera um poema sobre a expedição de Vas-  
co da Gama, resolvera não o publicar depois de haver lido as  
*Lusiadas*. E' esta talvez a unica mostra que existe da influen-  
cia de Luiz de Camões sobre algum poeta contemporaneo; mas  
além de ser o nome de Perestrello inteiramente desconhecido  
na historia litteraria, não se sabe qual seja o grão de confian-  
ça que semelhante facto póde inspirar. Frey Agostinho da Cruz,  
unico poeta desta era que pela tempera de seu espirito seria  
capaz de curvar-se ante o poder de tão alto engenho, sem pen-  
samento algum reservado, quasi não conheceu Camões; por-  
que, vestindo em 1560 o habito de religioso no conventinho  
de Santa Cruz da Serra de Cintra, viveu, desde esta epocha,  
como cenobita no meio das montanhas. Este servo de Deos,  
como é denominado, tornou-se, por assim dizer estranho aos  
homens e ao mundo. No hincaro do monte Arrabida, só ce-

(1) M. Osatoire Fournier acaba de publicar uma traducção  
da distincta obra que citamos.

lebra a Divindade, e as grandes scenas da natureza. Se fallá algumas vezes em amor, é do amor guiado pela religião; se diz alguma palavra das paixões humanas, é para se humilhar ante a grandesa eterna; se se lembra dos combates, nunca é dos dos homens, mas da lucta dos elementos, das grandes tempestades da quebra das ondas contra as ondas, e do choque das arvores nos bosques. Este eremita, abrigado das tempestades n'uma pobre choupana, é irmão de um cavalheiro de aventuras amorosas, e poeta habil e harmoniozo que será por um momento o feliz rival de Camões: — Frei Agostinho da Cruz é irmão de Diogo Bernardes.

O auctor de *Lima* conheceu por certo Camões. Accusão-no de lhe ter bem avaliado as obras, e até de se haver apropriado de uma parte d'ellas. Como esta grave inculpação não assenta em factos, não a podemos acreditar sem exame. Comtudo é elle a unica personagem eminente d'esta época que teceu alguns louvores ao auctor das *Lusiadas*.

Poucos homens nos resta nomear. Em todos se nota a mesma injustiça, ou a mesma indiferença. Nem Pedro d'Andrade Caminha, filho do ardido capitão que se enobreceu na India, e elegante poeta da corte; nem Jorge Ferreira, o poeta dramatico da moda, nem grande numero de escriptores, cuja enumeração seria longa, graças á avolumada biographia de Barbosa, julgarão dever estender o seu braço protector a *este principe dos poetas da Hèspanha*, que um pobre escravo mantinha de esmolas no seu mesquinho albergue da rua de Santa Anna.

Conta-nos Pedro de Mariz que o fiel Jau se rendeu, talvez á propria miseria. Camões devia então esperar a morte; e foi, certo, quando se vio privado dos auxilios de um amigo tão obscuro, mas tão nobre na sua devoção, que elle escreveu as duas cartas, de que nos restão admiraveis fragmentos: —

«Quem jámais supporia que em tão pequeno theatro como é este pobre leito, me desse a sorte o spectaculo de tamanhas desventuras? E eu, como se ellas não bastassem, es-

tou ainda do seu lado, porque seria orgulho querer resistir a tantos males. — »

« — Finalmente, dizia em outra a minha vida vae terminar; mas todos conhecerão que fui tão affeiçãoado á minha patria, que não só me contento em morrer em seu seio, como que tambem quiz perecer com ella. —

A deploravel jornada d'Alcacerquibir, prevista por Oso-rio, e agourado por Mascarenhas, realisou-se. Diz certo chro-nista que um antigo monge, que acompanhara a expedição a Africa, sendo obrigado a demorar-se na praia, ao constar-lhe a nova d'este desastre no leito da dor, voltou a cabeça para uma imagem de Christo e fallecera. Quando vierão con-tar tão grande successo a Luiz de Camões, dizendo-lhe que se perdera a honra de Portugal, e a gloria antiga da patria, levantou elle os olhos para o ceu, e disse: — «Ao menos morrerei como ella.

Jazia então o poeta sobre o seu mesquinho leito da rua de Santa Anna? Achar-se-hia no hospital? A historia que registrou as nobres palavras do poeta, deixa-nos em duvida sobre as circumstancias que lhe marcarão o termo da exis-tencia. Falleceu em Lisboa em 1579, com 55 annos de idade.

Um piedozo missionario, que vira o poeta nos seus ul-timos dias, foi encontrado no hospital. Parece-nos que o tes-temunho de Frei Joze Indio, deposto n'um exemplar das *Lu-siadas*, que pertencera a lord Holland, não deve despresar-se. Eis-aqui as sensiveis e ingenuas expressões d'este padre, segundo auctoridade de Barbosa Machado: —

« Que cousa ha mais lamentavel do que ver tamanho en-genho tão mal recompensado! Vi-o fallecer n'um hospital de Lisboa, sem ter um lençol com que se cobrisse! E isto acon-teceu a um homem que triumphou nas Indias orientaes e que navegou cinco mil e quinhentas legoas.. Que salutar aviso para os que, dia e noite, se canção a estudar sem provei-

to, similhando a arenha que arde a têa para n'ella apanhar moscas! (1) — »

O corpo do poeta foi sepultado na Igreja de Santa Anna, que era então parochia. Fizerão-lhe uma sepultura terrea, sem epitaphio, ou monumento que a distinguisse; e o que ainda talvez se não notára, é que Diogo Bernardes, poeta que a elle proferirão para celebrar os altos feitos de D. Sebastião na Africa, foi depois sepultado ao lado d'elle.

O cardeal-rei, successor de D. Sebastião, que mostrava apreciar muito Sá de Miranda, e Antonio Ferreira, nada fez no seu reinado que memorasse a gloria de Camões; em quanto que o povo tributava tacitamente homenagem ao poeta, respeitando-lhe a pobre habitação, que depois da sua morte ficou deserta. A sepultura da igreja de Santa Anna, ficou sem distincção nem epitaphio. Dezeseis annos depois da morte de Camões, é que D. Gonçalo Coutinho procurou com zelo o lugar aonde elle sôra enterrado. Encontrou-o com bastante difficuldade, fazendo-lhe transportar as cinzas para um local proximo ao coro das religiosas franciscanas. Mandou cobrir o tumulo com uma simples lousa de marmore, na qual gravou esta nobre inscriçãõ :

AQUI JAZ LUIZ DE CAMÕES

PRINCIPE

DOS POETAS DO SEU TEMPO

VIVEU POBRE E MISERAVELMENTE

E ASSI MORREU

ANNO DE 1579.

*Esta campa lhe mandou aqui pôr D. Gonçalo Coutinho na qual se não enterrará pessoa alguma.*

(1) Duvida-se de que o poeta tivesse fim tão lamentavel. Sa-

O terremoto de 1755 destruiu completamente a igreja de Santa Anna; e a sepultura do poeta ficou sob as ruínas, sem que monumento algum a substituisse depois (1). Diremos, porem como um antigo escriptor, que tinha pelo auctor uma especie de culto:

*No pende de artificio de piedras su memoria!*

Levamos em mira traçando esta noticia, mostrar como a travez das vicissitudes de uma vida continuamente agitada, proseguiu Camões na sua vereda, afastado dos poetas do seu tempo; longe, em certo modo, de qualquer influencia de doutrina litteraria; achando a força no seu proprio poder, sem, todavia, exercitar acção alguma sobre os seus contemporaneos. Deprehende-se isto de alguns factos, e datas zelosamente confrontados. Disse-se por muito tempo que Luiz de Camões representava por si só toda a poesia portugueza, o que é um preconceito geralmente seguido. Este axioma litterario, que nunca o fôra para os portuguezes, padeceu victorioso combate, porem em sentido especial. O auctor das *Lusiadas* que sempre caminha só, vindo por fim a dominar toda a poesia do seculo decimo-sexto, pôde ser facilmente separado dos demais escriptores da Peninsula, honra do seu tempo. Tem elle uma gloria que ninguem lhe pôde disputar: — « Creou em

bemos que se tem altamente feito em Lisboa importantes investigações sobre a vida particular do poeta. Talvez que ellas resolvão tão interessante ponto.

(1) Diz-se que os portuguezes tratão agora de elevar um monumento nacional ao poeta, unindo-se a elles os estrangeiros para reparar tamanha ingratição. Em quanto o sr. Francisco d'Assis submete aos seus compatricios um projecto, cujo merito se exalta, mas sobre o qual não podemos dar o nosso voto, manda M. de Chalayé antigo vice-consul de França em Macão, um busto ou bronze para esta cidade, obra do habil cinzel de M. Julio Droz, que representa com toda a dignidade a nobre figura do poeta. Releva observar que a effigie de Camões, reproduzida por Severim de Faria, foi gravada á vista de um retrato authenticô.



Portugal, com grande precisão e verdade, a linguagem epica. O espirito moderno associado na epopéa á forma antiga, foi o mundo que elle procurou, e não morreu sem o haver encontrado. »

Não é nosso fim entrar no exame critico dos *Lusiadas*. Desde Voltaire até os nossos dias, não tem faltado dissertações sobre este poema, sendo por uns exaltado, e por outros desmedidamente abatido. Se a seu respeito se têm exaustas as fórmulas da admiração, tambem, por isso, se ha ditó quanto póde dizer-se sobre alguns defeitos faceis de notar no conjuncto de tão vasta composição, sobre tudo quanto ao genero maravilhoso pelo poeta empregado. Repetir o que tantas vezes repetiu sobre a intervenção das divindades do Olympo em assumpto essencialmente christão, fôra cair n'um lugar commum de que queremos fugir. A critica do ultimo seculo, não olhou, para julgar o poeta portuguez, nem ao tempo, nem ao lugar. Esqueceu-se de que havia na poesia, assim como na pintura, uma epocha de renascimento, que, por haver convidado todos os deoses a fazer triumphar a fé christã, não deixou de ser, por isso, uma grande epocha. O povo intelligente para quem os *Lusiadas* forão compostos, não reprovou, um só instante, tão estranha alliança. Não interrompeu a sua admiração, e approvou a linguagem dos deoses fabulosos que se fazião fallar, em vista das suas nobres narrações. Os litteratos de todos os paizes têm vacilado no seu juizo ácerca dos *Lusiadas*. O povo, porém, não hesitou um só momento. Reconheceu a divina voz de Camões; — viu que tinha nascido um grande poeta; e durante sua desgraçada vida saudou-o com amor.

Vêde o que para isto fez Camões; consultai um antigo escriptor. Ainda não havia setenta e dous annos que Vasco da Gama realisára sua maravilhosa empreza, diz Manoel de Faria; e a tradição nada contava ao povo que fosse tão estupendamente comprehendido. Nem João de Barros, com o prestigio do seu estylo, nem Fernão Lopes de Castanheda com o seu enthusiasmo, poderão dar a devida popularidade á me-

moria de tão altos feitos. — « Os *Lusiadas* sairão á luz; o echo destas prodigiosas acções retumbou no mundo; e as palmas quasi seccas reverdecerão! »

Oitenta annos depois, no ultimo cêrco de Colombo, quando dos portuguezes só existião na India as grandes recordações, cantavão os soldados, segundo se diz, na brêcha as excellentes oitavas dos *Lusiadas*. Taes factos valem mais, quanto a nós, do que um poema inteiro.

*O cardeal-rei; sua educação; seus principios como inquisidor geral — casamento proposto e logo regeitado — Declaração de uma regencia.*

O bellico Portugal ia cair, por direito, nas mãos de um padre. Conta-nos Leitão d'Andrade, que foi elle o primeiro que escreveu para o reino, e que a sua infeliz carta, chegando ao conhecimento do cardeal-rei, lhe fez saber que era o soberano de Portugal. Digâmos algumas palavras desta devota personagem, que succedeu, de modo tão estranho, a D. Manoel e D. João III.

Nascêra o cardeal D. Henrique a 31 de janeiro de 1512, tendo por consequencia sessenta e seis annos quando subiu ao throno. Observa Barbosa que densa nevoa cobria os campos de Lisboa, quando D. Maria, segunda esposa de D. Manoel, o deu á luz; e esta circumstancia, assaz rara em Portugal, foi considerada, acrescenta o biographo, como presagio da pureza e candura que o terceiro filho d'el-rei havia, com o tempo, manifestar. O elogio parece um pouco estranho, feito a um principe, que vivia no meio de uma das côrtes mais faustosas da Europa, e que estava, além disso, reservado para occupar o logar d'inquisidor geral. D. Henrique fôra, desde que nascera, destinado para a vida ecclesiastica. Cleonardo, humanista, por excellencia, d'aquelle seculo, foi chamado do Brabante para ensinar as boas letras ao irmão de D. João III; e fallava n'uma série de cartas cheias de bellezas, da pura felicidade que lograva, com o ensino do seu real discipulo, no centro



*Sd. Lith.*

*Lith. R. N. dos M.<sup>os</sup> N.º 12. Lc.<sup>o</sup>*

*D. Henrique Cardinal.*



de uma nova Athenas, como, com alguma exaggeração, denominava Evora. Em curta idade subiu o príncipe mancebo ás dignidades ecclesiasticas. Ao sair da adolescencia foi bispo, e inquisidor geral desde 1539, pouco tempo depois do estabelecimento do santo-officio. D. Henrique não era propenso á crueldade. Ninguem o pode accusar de um só acto de fanatismo proprio do tempo, e do logar. Não se limitou, todavia, ao simples exercicio de suas funcções; antes estabeleceu o horrivel tribunal nas cidades aonde elle se não tinha ainda feito temer. Coimbra, e depois Gôa forão disto prova. Paulo III elevou o real bispo á dignidade de cardeal, em 1545; e releva acrescentar que este alcançou, dentro em pouco, tamanha reputação de sabio e virtuoso, que se pensava em lhe offerecer a tiara, quando fallecêra o pontifice de que acabámos de fallar. Os seus partidarios desanimarão então; mas por um encadeamento de circumstancias fataes, fôra reservado a D. Henrique o throno a que elle não devia aspirar. Um príncipe que tivera por mestre de mathematica ao celebre Pedro Nunes (1), e a quem o virtuoso amigo de Vaseu ensinara o grego e o latim, nunca podia ser um monarcha sem instrução. O homem que escolhera para amigos São Carlos Borromeo, o bispo de Sylves, e Sadoletto, devia ter brilhantes qualidades; — faltavão-lhes porém, as proprias de um rei. Apenas recebida a noticia do desastre d'Alcacer, saíu D. Henrique do convento d'Aleobaça para onde se havia retirado, e se sagrou no dia 28 d'agosto de 1578. Agostinho de Liano, escriptor, que desejarámos fosse mais conhecido e apreciado, caracterizou perfeitamente o curto reinado d'este monarcha, que, cumpre dizê-lo para ser justo, merece alguma desculpa nas hesitações de que proveiu a ruina do paiz, por se achar

(1) O sabio cosmographo compraz-se em notar os progressos do seu real discipulo nas sciencias exactas; e enumera, n'uma carta datada em 1541 os livros que elle lêra sobre a matéria, entre os quaes figurão os Elementos de Euclides, o Tractado da Esphera, a Mechanica d'Aristoteles etc. Barbosa Machado apresenta uma grande lista das obras theologicas compostas pelo cardeal-rei.

em avançada idade, e na debilidade a que o reduzira o seu pessimo estado de saude (1). « O governo deste padre, diz o historiador hespanhol, não passou de uma penosa e humilhante agonia para a grande nação portugueza. O periodo mais glorioso do seu reinado passageiro e obscuro foi o em que elle tratou de resgatar o corpo de D. Sebastião, e o exercito de christãos que este principe fizera cair em duro captiveiro. Henrique, depois de cumprir com tão rigoroso dever, nada mais fez do que aggravar o estado com os males do governo de um homem fraco em epocha critica. A biographia universal calumnía este monarcha quando diz ter elle sido *indifferente ás perturbações que ameaçavão o reino*. Os escrúpulos do bom velho; os seus accessos de inconstante rigor, e sem plano, não forão males menos funestos á nação portugueza, do que o houvera sido a indifferença..... Todavia, as côrtes instarão com elle para que designasse successor, e uma parte do exercito pedia-lhe que se habilitasse para o ter, casando-se. D. Henrique teve alguns intentos de satisfazer a estas miras, começando desde então a traçar projectos ridiculos. Despresando os conselhos de seu amigo São Carlos Borromeu, pediu ao papa Gregorio XIII concessão para casar. Faria e Sousa, diz que o bom velho mandara vir o retrato de Catharina de Medicis; porem tão indecente affan não combina com a idéa que a historia nos dá deste pio bispo e rei, e á qual os escriptores de D. Henrique, e o testemunho do respeitavel e grande moralista dominico, Luiz de Granada, dão um alto grão de certeza.

(1) N'um raro opusculo que Liano parece não ter conhecido achão-se particularidades sobre o debil estado do cardeal-rei antes de subir ao throno. « *Valetudo practerea tam deplorata, ut lacte humano coactus fuerit ali, quod in marcorem et marasmmum incidisset.* » Vede *De vera rerum Portugaliæ Genealogia*. Duarte Nunes de Leão, que refere taes particularidades podia sabê-las Accrescenta elle que apesar de similhante estado de fraqueza, o cardeal, depois de rei, não deixou de dizer missa, quando a saude lho permittia, n'uma capella particular, *in privato sacello*.

« — A muita idade, e as enfermidades de Henrique fizeram acreditar que se não conservaria por muito tempo no throno. O bom velho viu-se dentro em pouco tempo cercado de homens, que, indifferentes á duração da sua vida, se curavam do que conviria fazer depois da morte d'elle. Philippe II, rei d' Hespanha, filho da imperatriz Isabel, segunda filha de elrey D. Manoel não fazia mysterio dos seus desenhos; e a nação portugueza via-se ameaçada do perigo de que, dous seculos antes, isto é, em 1383, por occasião da morte d'elrey Fernando, a tinha livrado D. João I, pelos esforços de D. Nuno Alvares Pereira, e João das Regras, homens dos que mais illustrão os seus annaes. Receou então o dominio d'elrei de Castella, que depois lhe veiu. — »

Era grande o numero dos pretendentes á corôa. Contavam-se entre elles Catharina de Medicis, a grande Isabel de Inglaterra; Manoel Philippe, duque de Sábôia; Catharina, duqueza de Bragança; D. Antonio, prior do Crato (1); e tambem Ranucio, principe hereditario de Parma. O ultimo destes pretendentes, e talvez o menos forte, era, na opinião dos genealogistas, o que apresentava direitos mais incontestaveis (2). Com tudo, o principe que tinha as sympathias da nação, fôra conquista-las no campo da batalha, e vivia entre portuguezes. Era menos feliz que D. João I, pôsto que illegitimo como elle; e para fazer triumphar os seus direitos, bastava-lhe um segundo Alvares Pereira.

D. Antonio, prior do Crato, prisioneiro dos mouros na batalha d'Alcaçar, rico, deveu á sua coragem, a possibili-

(1) O prior do Crato era filho do infante D. Luiz, e por consequencia neto de D. Manoel. Tivera-o de Violante Gomes, denominada a *Pelicana* — mulher de humilde nascimento, porém de rara formosura, segundo diz Castro, e que morreu professa no convento d'Almoster.

(2) Era, pela mãe, neto de D. Duarte, e o unico principe que, entre os filhos d'elrey D. Manoel, deixou legitima successão masculina. Ranucio, nasceu em 1369. Era então creança de 9 annos, e seu pai permittiu que os portuguezes o educassem segundo seus usos e maximas. (Liano).

dade de voltar a Lisboa. No meio dos refugiados musulmanos, que tinham abandonado Granada, e que muito bem conheciam os interesses dos principes da Europa, e as suas pretensões, podera occultar o seu nascimento, para ser resgatado como os outros captivos sem gravar o reino com grandes sacrificios. Nos primeiros tempos da sua morada em Lisboa, fôra D. Antonio acolhido com benevolencia, e o cardeal não se dedignava de lhe chamar publicamente sobrinho. Com tudo, suggestões perfidas, vindas proxavelmente da Hespanha, em breve alterarão estas boas disposições, e até a linguagem do debil monarcha. N'uma preciosa memoria, que parece ter até hoje escapado ás investigações dos historiadores, se queixa elle de que o titulo de *sobrinho* de que o prior se quer prevalecer, fôra surpresa feita á sua religião, sem que suspeitasse toda a importancia politica della (1). O seu estylo tornou-se severo e intolerante para com D. Antonio, que não era, certo, um homem eminente, mas que tambem se não podia chamar principe egoista, por cuja ambição se devesse ensanguentar o paiz. Esquecia-se de que o pretendente era filho de um principe que podia denominar-se as *Delicias de Portugal*. O povo não receava oppôr o nome do infante D. Luiz ás pretensões dos estrangeiros.

O cardeal-rei, cedendo ás instancias dos grandes, convocou côrtes em 11 de abril de 1579. Porém, se para ahi citou todos os principes que manifestavão suas pretensões; se encarregou um tribunal de examinar, depois da sua morte, os direitos que cada um delles allegava para alcançar um throno, não soube, por um derradeiro esforço de energia, escolher immediatamente o successor que o povo d'elle esperava. Podia, ao menos, designar secretamenté o individuo que julgasse mais digno do throno; por isso, que o silencio sobre esta escolha lhe era permittido. O antigo odio dos portuguezes a Castella, davão-lhe seguro penhor de que o seu testamen-

(1) Manuscripto da bibliotheca d'elrei, sob os n.º 10, 241, f. 8—G.



to politico seria ratificado. Nada, porém fez, nem quiz fazer: tudo deixou indeciso.

Todavia, esta incerteza não durou longo tempo. Os tormentosos debates que se levantarão durante a convocação das côrtes, entre o duque de Bragança, e o prior do Crato, irarão o velho monarcha, fazendo-lhe tomar uma resolução opposta a todas as sympathias nacionaes. Depois de haver desterrado da côrte o filho de D. Luiz, que continuou a promover alterações no reino, transferiu as côrtes para Almeirim, em 11 de janeiro de 1580. Diz-se que D. Henrique fugira da peste que assolava Lisboa. Obedecia elle já ás instigações do monarcha hespanhol: — « E logo, diz o auctor do Repertorio, communicou ás côrtes o projecto de fazer um convenio entre Filippe e o reino, como o meio unico de salvar a nação portugueza do poder das armas de Castella; de manter a tranquillidade publica, ameaçada de uma guerra civil pelo partido da duqueza de Bragança, e de D. Antonio; e de obter de Filippe condições vantajosas á nação inteira, e a cada uma das suas tres ordens. O clero, seguro do resultado, deu logo o seu consentimento; a nobreza, pôsto que depois de longos debates, igualmente acceptou o projecto; mas os representantes do povo resistirão a todos os sobornos e terrores, para obedecerem aos sentimentos proprios do orgulho nacional.... Os altivos portuguezes regeitarão unanimemente o projecto de seu rei; e Febo Moniz, que estava então á frente delles instou com D. Henrique para que designasse successor portuguez, qualquer que elle fosse. Não cedendo o teimoso velho aos desejos de seu povo, os corajosos deputados deste mesmo povo declararão francamente que entendião competir-lhes só a elles o direito de elegerem um rei, quando se achasse vago o throno. Com tudo as leis severas da historia obrigão-nos a admirar, sem a menor restricção, este rasgo de firmeza e patriotismo. Os agentes de D. Antonio e da duqueza de Bragança tinham exaltado muito as paixões (1). O que

(1) Agostinhô Liano, Repertorio portatil da Historia de Hespanha, e Portugal, tomo 2.º pag. 566.

o austero escriptor parece ignorar, e lhe houvera modificado a linguagem, é que a resistencia vinha do meio do povo, e do fundo de corações que vivião das lembranças das antigas glorias, e promptos a sacrificarem a existencia para darem nova vida ao principio da nacionalidade. A independência do paiz era quasi uma religião para os portuguezes sinceros. Se o prior do Crato, e a duquêza de Bragança, inflamavão ás vezes as paixões em sentido opposto, é que suas pretensões assentavão em fundamento legitimo. Philippe proseguia em seu plano; corrompia, mas não agitava. O povo o sabia, e não podia enganar-se, quanto á situação dos partidos.

*Resistencia do povo portuguez ás pretensões de Hespanha.*

Antes da reunião dos estados, que se effeituou no 1.º de junho de 1579, para jurar fidelidade a el-rey D. Henrique, quizera a nação protestar unanimemente contra as forças estrangeiras. No dia 8 de maio, Martim Fernandes, sapa-teiro, e Antonio Pires, oleiro, denominando-se *mestres na cidade de Lisboa*, dirigirão a seguinte allocução, n'uma das sallas do convento do Carmo, aos fidalgos, cuja lealdade era conhecida: —

« Senhores :— Consta-nos que varias das principaes pessoas, e alguns nobres, esquecidos das obrigações a que estão ligados, e fazendo da honra pouco cabedal, usão de uma linguagem, e praticão actos contrarios á segurança destes reinos. Como bons portuguezes estamos decididos a dar remedio a este mal, porque nos lembrâmos do que fizerão os habitantes desta cidade no tempo de João I, e no de outros monarchas. Rogâmos a vossas senhorias, como primeiras pessoas da republica, que a ajudem a sustentar; e que não percão a sua honra e direito, dando orelhas á parcialidade, ou olhando a circumstancias particulares de alguns individuos. Podem vossas senhorias ficar certas de que para a defensa de nossos direitos, e castigo dos portuguezes versateis, estamos promptos a levantar-nos com quinze ou vinte mil homens desta cidade, e

seus arredores. Se fôr necessario, duas horas bastarão para os reunir, e iremos incendiar as habitações dos que comêção a fallar e a obrar contra o bem geral. Com tudo, não recorreremos a taes meios em quanto tivermos esperança de obter remedio e castigo por outro modo. Talvez conviesse lembrar isto ao estado da nobreza, assim como aos dous outros estados, para que toda a assembléa trate com plena segurança, do bem commum, e da tranquillidade destes reinos, sem temor da força, violencia, e de meios preventivos ou dâmnosos. Esperâmos que mais se não attenderá á voz dos que julgão tudo impossivel, e que não querem dar nem procurar remedio a similhantes males.» (1).

Os nomes do sapateiro, e do oleiro de Lisboa não forão registrados, que nós saibâmos, por nenhum historiador. O seu heroico discurso está sepultado n'uma obscura collecção. Pareceu-nos conveniente manifestar o fervor patriótico deste povo generoso, que fá ser carregado de ferros.

Bem o sabia D. Antonio. Conhecia elle os males da patria, e procurava dar-lhe adequado remedio. A posteridade deve ao menos levar-lhe em conta alguns sentimentos generosos.

*Morte do cardeal-rei — D. Antonio é eleito pelo povo —*

*Expedição do duque d'Alba contra Lisboa — Tomada desta cidade — Resistencia do pretendente.*

As tempestuosas luctas que agitarão os ultimos mezes do reinado de D. Henrique damnarão-lhe a constituição debil, levando-o rapidamente ao tumulo. Conheceu elle que estava proximo o seu fim, mas deu provas publicas do seu desamor a D. Antonio: talvez que não tivesse a firmeza necessaria pa-

(1) Veja-se o manuscripto da Bibliotheca real n.<sup>o</sup> 10, 241. — Este precioso documento, contém varios outros papeis de alguma importancia para a historia de Portugal Denuncia-mo-lo aos historiadores nacionaes, cujas recentes publicações nos revelão sciencia real, e tendencias generosas.

ra designar successor, quando isso lhe foi requerido de novo. Julgou ter cumprido com o seu dever de rei, designando em seu testamento os cinco governadores a quem incumbia governar o reino no interregno que ia correr. Foi tal a iraqueza que manifestou nos ultimos dias, e a impaciencia que havia de lêr o seu ultimo testamento, que o tratarão ainda vivo, como se já estivera morto. A caixa em que existia o testamento foi solemnemente aberta, e por elle se soube, ao menos, o que devia fazer-se quanto aos futuros depositarios do poder. Tornou el-rei depois a si, mas os seus dias estavam passados; e no dia 30 de janeiro de 1580, estando cercado de religiosos, que não se lhe afastavão do leito da morte, começou um eclipse de lua. Perguntou que horas erão, voltou a cabeça para o outro lado, e conservou-se por algum tempo silencioso. Depois, mudando repentinamente de postura, disse aos frades; — «mettei-me esta véla na mão, chegou a hora do passamento. —»; e expirou tranquillo. Diz-se que o eclipse tivera tempo de passar entre a hora em que el-rei fallara, e a em que elle expirou (1).

As personagens designadas no testamento de D. Henrique tomarão logo posse do importante cargo que lhes fôra designado; ao prior do Crato, pedia pela sua parte com força, que se lhe reconhecesse o que reputava direito incontestavel. Vê-se do discurso que acima apresentámos que havia animos fortes no povo, e odios acerbos em corações portuguezes contra castelhanos. D. Antonio dirigiu-se áquelles, e tambem encontrou entre os nobres, quem conhecesse que a maior desgraça de qualquer povo é soportar uma invasão estranha. Tal foi, entre outros, o generoso D. Diogo de Menezes, que outr'ora combatêra na India, e que se offerencia para mandar o exercito, no caso que se tratasse de resistir ás pretenções de Hespanha.

(1) O pseudonymo do conde de Portalegre, Jeronimo Franchei, refere esta morte estranha com grandes particularidades, o que lhe não é usual, e mostra o caracter deste monarcha.



*Sa' lith.*

*Lith. P. N. dos M.<sup>os</sup> N.º 12. Lx.º*

*D. Philippe 1.º*



Filippe II nada desprezava a fim de alcançar por astucia o que já sabia poder obter pela força. Escreveu aos governadores para reivindicar seus direitos. Quiz mostrar a mais completa adhesão aos usos portuguezes. Observou-se que em vez de assignar com o titulo de *el-rei*, assignou-se simplesmente *rei*, como os antigos soberanos de Portugal, tendo, além disso, grande cuidado em pôr junto á assignatura official os cinco pontos, que recordão as cinco quinas, symbolo das chagas do Salvador, e tambem, como é sabido, o acto nacional de um povo que soubera conquistar a independencia.

Filippe tinha fortes partidarios em Portugal; e o que ainda é mais, arrastára ao seu partido pessoas de incontestavel habilidade. Nomes, entre os quaes se contavão os de varios fidalgos, como o conde de Portalegre, e Christovão de Moura, provão bem o que dizemos. Não obistou isso a que o prior do Crato luctasse com vantagem contra o seu poder ameaçador. Philippe, tentando seduzir o pretendente, escreveu-lhe pelo seu proprio punho por modo muito amigavel; mas as suas propostas forão regeitadas pelo prior do Crato. E' nobre e digna a perseverança em fazer triumphar a independencia dos portuguezes.

Se acreditar-mos em obras raramente consultadas, D. Antonio julgou que a França receando o augmento de poder que a Hespanha ía conquistar lhe mandaria soccorros efficazes — pensamento este que lhe sustentou a resistencia; porém taes esperanças forão illusorias; e Henrique III a pedido de sua mãe, conservou-se inerte. Com tudo era necessario obrar, porque Philippe, o *prudente*, trabalhava. D. Antonio depois de haver assumido o titulo de defensor do reino, que queria conservar, e não tendo forças para caminhar ávante, recebeu, sem ser esperado, o titulo de rei n'uma assembléa, um pouco tumultuosa. N'um ajuntamento popular, acontecido em Santarem, pronunciarão-se com enthusiasmo as solemnes palavras de *real! real!* Os documentos, validando a eleição espontanea do povo, forão assignados por varios fidalgos, e algumas auctoridades locaes; porém nem o novo rei tomou o sceptro,

nem houve beijamão. A ultima destas ceremonias, que provava a vassalagem dos grandes de Portugal não confirmou a eleição popular. Tudo fazia lembrar os successos que occorrerão no tempo do mestre d'Aviz, mas o proceder do pretendente em nada semelhava os comêços do reinado de D. João I. (1).

Filippe não esperou que as cousas chegassem ao ponto em que estiverão em 1580 para tomar uma resolução defini-

(1) Ao prior do Crato faltou talvez prompta resolução, e, por ventura a necessaria constancia. O conde de Portalegre que se occulta sob o nome de *Concstagio Franchi*, calumnia este desgraçado principe, quanto á eleição d'elle em Santarem. Depois de ter fallado do dia 19 de junho de 1580, em que D. Antonio viera fazer oração a uma capella da cidade, em vez de fundar uma fortaleza que devia suspender a invasão de Philippe, expressa-se do seguinte modo. — Apenas a cerimonia começou, logo o audaz D. Antonio Baracho, agitando um lenço na ponta da sua espada, bradou: — *Antonio*, rei, seguindo-se a isto um grande rumor, e gritos de quasi toda a multidão, que, para conhecer os que não repetião esta voz, e dar mostras de valentia, desembainhou as suas espadas. Então D. Antonio, fingindo grande modestia, ou levado de irresolução, exclamou: — *Não, não*, dando um passo para a frente como que para impôr silencio ao povo: e Pedro Coutinho, capitão desta praça, procurou encolerizado, obstar tambem áquelle grito, dizendo que o prior não queria que lhe chamassem rei. Isto, porém, não evitou, que Baracho, apontando para o capitão uma pistola que trazia, o fizesse calar; por cujo motivo elle se partira. D. Antonio, ou por medo de se vêr cercado de tantas espadas nuas, ou pelo receio de se mostrar revestido de tal dignidade, estava assustado e tremulo, dando disso claros indicios aos seus. Montou depois a cavallo, mas este, tropeçando logo ao primeiro passo, o que parecia de má agouro, quasi que derrubou o cavalleiro, acompanhado, por toda a nobreza que ali se achava, a pé, com a cabeça descoberta, como se elle fôra rei. Não só se fez nesta occasião solenne aclamação de *real*, *real* para Portugal, como tambem os actos escriptos, que davão a corôa ao grão-prior, forão assignados pela nobreza e povo. Vê se que não foi sem algum fundamento que D. Antonio assumiu o titulo de rei durante o seu desterro. Era-o como D. João pela vontade do povo. Só lhe faltava, para segurar a corôa, uma jornada tão gloriosa como a de Aljubarrota.



tiva Impoz silencio á má vontade que se mostrava ao duque d'Alba, chamando este inexoravel executor das suas vontades, para o pôr á frente de um exercito invasor, destinado a conquistar Portugal. O homem ferrenho obedeceu ao amo. Vinte mil soldados de infantaria, e 2,000 cavallos avançãõ para a fronteira, sob o mando d'aquelle velho general, em quanto *Filippe o prudente* ficava em Badajoz.

Não obstante o perigo da situação, recebia o prior evidentes provas da sympathia dos povos, e da affeição de algumas familias poderosas. Quando entrou em Lisboa, e que se confirmou nesta capital a aclamação espontanea de Santarã, houve, apesar da peste que grassava, divertimentos populares, que testemunhavão assentimento a esta eleição. Jeronimo Franchi; cujo testemunho não pôde ser suspeito, diz que nesta occasião, as mulheres plebeas dêrão provas não equivocadas do seu amor á independência nacional. Formando especies de esquadras militares, marchavão em boa ordem pela cidade com uma pá de ferro ao hombro, imitando Brites d'Almeida, que, armada apenas deste instrumento, espancara seis castelhanos na batalha d'Aljubarrota.

Estas demonstrações animarão D. Antonio, mas não suspendêrão a marcha do duque d'Alba. D. Fernando de Toledo sabia melhor que ninguem, que os homens melhores e mais valentes deste reino, tinham acabado seus dias nas planicies visinhas de Larache. Avançando, encontrou fraca resistencia. Conserva-nos a historia os nomes de alguns dignos fidalgos, que ficarão na opposição armada, pôsto que não tomassem a voz do pretendente. Honra seja feita a estes portuguezes da antiga idade, que se lembrarão dos tempos heroicos de Nuno Alvares Pereira!

D. Diogo de Menezes tinha concentrado suas forças no castello de Cascaes. Resistiu elle com valor digno de melhor sorte, mas, ou porque fosse atraído, como diz Vasconcellos de Figueiredo, ou porque despresasse os parlamentarios do general hespanhol, é certo que teve um fim deploravel, com o pretexto de haver ultrapassado os direitos da defenza; por

quanto o inexoravel Fernando de Toledo lhe mandou cortar a cabeça (1).

O exercito do duque d'Alba chegou em breve á distancia de algumas legoas da capital; e, contra o seu costume (pelo que foi depois louvado) não temporisou. Passou o Têjo, apresentando-se dentro em poucos dias debaixo dos muros de Lisboa. D. Antonio estava resollido a defender-se; havendo grande numero de documentos que prova ter elle sido auxiliado com ardor, nesta revolução, pelos frades, ainda então muito poderosos. Mas o que podia fazer com uma povoação mal armada, que, acudindo de manhã ao combate, dispersava, quando devia arregimentar-se, e formar corpos regulares para a resistencia? Lamentou-se o não haver elle aproveitado os momentos de entusiasmo manifestados na assembléa de 8 de maio de 1579. Os ultimos brados que se dêrão em Alcaçar soavão ainda em todos os ouvidos; mas a prophecia de Camões realisava-se. O prior, de quem se não podia fazer um heroe, resistiu, e com bastante energia, no dia 25 de agosto de 1580, em Alcantara, aonde foi derrotado, havendo com tudo algumas escaramuças. Não faltou coragem ao povo, pois que morrêrão alguns mil homens. Ainda que maior fosse a lucta não teria suspendido a marcha do duque d'Alba. Lisboa capitulou: a cidade foi mettida a sacco, menos o centro della; e se D. Fernando não tomasse a precaução, assaz prudente, de mandar uma forte guarda para o porto, seria infallivelmente roubada a alfandega, aonde o commercio das Indias depositava grandes riquezas. O saque durou tres dias, não sendo respeitados os conventos estabelecidos fóra da cidade.

O pretendente que se viu obrigado a fugir, esteve a ponto de perder a vida para obedecer a um sentimento generoso. Foi ferido quando procurava auxiliar um dos seus, mas conseguiu felizmente escapar, e correu a Santarem para ao

(1) Segundo Jeronimo Franchi, os hespanhoes perderão apenas cem homens no combate que precedeu a rendição de Lisboa.

menos alcançar ahí um asylo. Conheceu em pouco tempo a sorte que lhe estava reservada , e viu o terror que inspirava o nome do duque d'Alba. A cidade aonde a sua acclamação se fizera com tamanho enthusiasmo , negou-lhe entrada dentro de seus muros. A necessidade de prover á propria segurança lhe fez crêr que não devia representar o papel de supplicante , e quando se apresentou em frente de Aveiro , que igualmente o repellia , entendeu dever usar da força : — a cidade levada de assalto pelos seus partidarios foi mettida a sacco (1).

Quando isto se passava, reinava a maior inquietação em Badajoz , aonde Philippe II havia estabelecido a sua côrte. Antes de ahí chegar de officio a noticia desta victoria, um contrabandista deu ahí conta da victoria do duque d'Alba, e da tomada da grande cidade. Houve festejos publicos proprios de uma antiga inimizade, mas tambem houve desarrasoadas pretensões , que a prudência não podia defender. Segundo varios historiadores , Philippe soube conter até certo ponto desenfreadas ambições , que se fundavão na proxima destruição de uma nação heroica, e em mil projectos reprovados pela sã politica. O filho de Carlos V nunca podia , pela sua perspicacia , ceder em tudo a suggestões egoistas. Fez ainda mais. Quando se confirmou a noticia da victoria , pela chegada de D. Fernando , filho do duque d'Alba , as primeiras palavras officiaes do monarcha forão todas em favor de Portugal. Creou a possibilidade de estabelecer novos privilegios, que apresentassem , ainda mais brilhante aos olhos das nações, a *insigne cidade de Lisboa*. Custava isto a acreditar.

Algum tempo depois de se ter provido ás primeiras necessidades da conquista , veiu um successo inesperado lançar a consternação entre os hespanhoes. Philippe enfermou perigosamente, peiorando a tal ponto, que se lhe devia esperar pro-

(1) Veja-se Vasconcellos de Figueiredo: *Historia secreta de D. Antonio, rei de Portugal, publicada por madame de Saint-Onge*, pag. 66. Não diz elle que Conestagio Franchi, se exalta, nesta occasião contra D. Antonio,

xiua morte. Entre os erros que este lance fazia lembrar, a-vultava o da pouca diligencia que o duque d'Alba fizera para se apossar do pretendente. Não faltava até quem julgasse que esta falta annullava a vantagem da conquista.

O pretendente, longe de abandonar a sua causa, soccorria-se, ao contrario, com mais energia, a seus partidarios. A' noticia da morte de Philippe, encerrou-se na cidade do Porto, aonde se defendeu com rigor. Consideraveis forças enviadas pelo duque d'Alba, e a traição de alguns habitantes della, forçarão o prior a abandoná-la, e a refugiar-se no porto de Vianna, d'onde esperava alcançar a protecção da França. Escreveu d'ahi a Catharina de Medicis, pintando-lhe a sua triste situação. A sua carta, escripta em estylo vehemente não foi baldada, porque a rainha veio em seu auxilio.

Mandou-lhe uma embarcação para o trazer a França; mas as providencias tomadas pelo duque d'Alba tornarão inutil este soccorro, obrigando o pretendente a vaguear pelo reino durante todo o anno de 1580. Com tudo, no dia 6 de janeiro de 1581, valendo-lhe a astucia de um frade franciscano, conseguiu metter-se a bordo, e desembarcar em Calais, d'onde passou a Inglaterra a pedir auxilio á rainha Isabel. O moribundo rei recobrou saude; do que a nobreza de Lisboa teve prompto aviso, pelas terriveis execuções que ensanguentavão Lisboa. O novo rei, que adoptara o titulo de Philippe I, procurou as suas victimas entre os sectarios de D. Antonio. Aos mais entrepidos aterrou elle pelas suas crueldades, diz Vasconcellos de Figueiredo. Não perdoou a um só individuo, que tivesse favorecido este principe. A condessa de Vimioso, mãe do condestavel de Portugal, e sete filhas suas, bellas e moças, forão as primeiras victimas de taes violencias; e sem embargo de seu illustre nascimento, porque descendião de sangue real portuguez, tratou-as indignamente, mandando-as conduzir a Castella por soldados insolentes, aonde forão prezas nas torres de Tórquado. A mulher de Manoel da Silva, conde de Torres Vedras teve a mesma sorte. Um cavalheiro romano chamado Sfortia, da antiga familia dos

Ursinos, e preso no Porto, quando Sancho ahi cercou D. Antonio, foi envenenado por ordem de Philippe, que condemnou inhumanamente a desterro perpetuo a viuva de D. Diogo de Menezes, a quem o duque d'Alba mandara cortar a cabeça, sequestrando-lhe os bens (1).» — Cumpre juntar a estes nomes os de D. Manoel de Portugal; de Diogo Botelho, antigo governador de Tanger; de Moniz, cujo crime, consistia em ter feito uma corajosa arenga. Repitâmos com um antigo historiador estas palavras de horrivel concisão: — «O duque não deixou em Lisboa um só homem de intelligencia e coragem, para não ser incommodado na posse deste reino.»

Vê-se que Philippe, depois da entrada solemne na capital de seus novos estados (2) conheceu que lhe convinha crear amigos em Portugal. Concedeu alguns privilegios á cidade de Lisboa, aliviando o povo de varios impóstos; e em 1581, fazendo côrtes em Thomar, recebeu ahi solememente a corôa.

Conta a historia que, quando elle deu entrada solemne na capital de seus novos estados, respondera em hom portuguez a um discurso que lhe foi feito em hespanhol. Diz-se tambem, que perguntou, com manifesto empenho, o que era feito do auctor dos *Lusiadas*. Isto prova, quando muito, que elle, como habil politico, conhecia a necessidade de conservar a este povo heroico uma sombra de nacionalidade. Porém, os verdadeiros portuguezes, dignos deste nome, não se forão apresentar a el-rey de Castella, e os sinceros amigos da patria repetião já em segredo a maxima sublime do poeta: — «Ao menos morro com a patria.» —

O drama politico tecido com certa perseverança pelo prior do Crato, não podia ter em Lisboa o seu desenlace: — na ilha Terceira é que fá acabar. D. Antonio, refugiado em França, lograra interessar na sua causa Catharina de Medi-

(1) Veja-se a Historia secreta de Antonio, rei de Portugal, escripta por madama de Saint-Onge.

(2) No dia 26 de junho de 1581.

cis, promettendo-lhe, em caso de bom successo, a cessão do Brasil, desejada pela França desde as tentativas de Villegagnon. Ou excitada por esta promessa, ou porque qualquer outro interesse politico a movesse, sabendo que o governador da Terceira era sinceramente afeiçoado ao pretendente, prestou a D. Antonio soccorros de gente e dinheiro, enviando consideraveis forças a este archipelago para sustentar a causa nacional. Não faltão documentos portuguezes sobre esta expedição, mas estão quasi todos repassados de espirito de partido, que os torna mais ou menos suspeitos: não passão agora de um episodio sem grande interesse. Limitar-nos-hemos, pois, a contar em resumo o que diz uma collecção preciosa.

« El-rei christianissimo, Henrique III, cedendo ás instancias de el-rei D. Antonio de Portugal, enviou á ilha Terceira, ou de Jesus Christo, o commendador de Chaste; com instrucções dos dous soberanos. No principio de maio de 1583, desembarcou na cidade de Angra, á frente de 500 homens, com grande satisfação dos portuguezes e estrangeiros, que a habitavão, e especialmente de D. Manoel da Silva, tenente-general por D. Antonio nesta ilha, e nas de São-Jorge, Porto-Rico, Graciosa, Fayal, e Flores (1). »

Não temos espaço para entrar nas particularidades de tão infeliz expedição, contada pelo sabio escriptor que se deu a escrever a historia dos Açôres. Bastará saber que D. Antonio não ficou vencedor, e que os seus mais valentes sectarios perderão a vida nesta contenda. O proprio D. Manoel da Silva foi feito prisioneiro dos hespanhoes, que lhe mandarão barbaramente cortar a cabeça. D. Antonio passando a França, aonde devia arreçar-se dos assassinos pagos por Philippe; vagueando depois dos Paizes-Baixos para Inglaterra, fixou residencia nos arredores de Paris, aonde viveu obscuramente, com o titulo de rei, de uma modica pensão que lhe dava a França. Henrique IV manifestou-lhe por vezes a mais vi-

(1) Archivos das viagens publicadas por M. Ternaux-Compans, tomo 2.º pag. 302.

va sympathia; e a carta que este príncipe escreveu, muito tempo depois da morte do seu hospede, ao presidente Jeannin, recommeadando-lhe D. Christovão, filho do prior, que passava á Hollanda, é prova positiva do verdadeiro interesse que por este tomava (1). D. Antonio falleceu em Paris a 16 de Agosto de 1595, na idade de 64 annos. Depositarão-lhe o coração na igreja da *Ave Maria*, e o caixão, que continha os seus restos embalsamados, foi guardado no convento dos franciscanos.

D. Antonio, na sua qualidade de grão-prior do Crato, carecia de dispensa para poder casar. Deixou, comtudo, dez filhos bastardos, adoptando dous delles o titulo de príncipe, e ligando-se o mais velho á casa de Nassau. Os portuguezes não poderão por muito tempo esquecer que D. Antonio representava o infante D. Luiz em quem outr'ora se havião fundado tan'as esperanças. Na situação de fundador da casa de Aviz, olhada debaixo de um ponto de vista politico, não lhe faltou a affeição dos povos, mas *um forte braço para os trabalhos da guerra*, como o de D. João I, e o maduro conselho de dous homens, como João das Regras, e o santo condestavel (2). No entretanto, apesar de certo merito por vezes

(1) Ha outra carta de Henrique IV, datada de Leão em 1595, e dirigida a Diogo Botelho, que falla no pretendente nos termos mais affectuosos. Veja-se a *Breve e summaria descripção da vida e morte de D. Antonio I.* — 1629 — 1 volume em 12.º, pag. 129. Barbosa Machado transcreve um extenso epitaphio latino dedicado a este príncipe. Acrescentaremos que a bibliotheca real possui varias cartas autographas delle, notaveis pela simplicidade do estylo, e perfeição calligraphica.

(2) Achão-se todas as negociações de D. Antonio com a França, na obra intitulada: — *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal, ordenadas e publicadas pelo visconde de Santarem*, 3.º volume. Tambem diremos que D. Christovão, filho de D. Antonio, escreveu no tempo de Luiz XIII a historia deste periodo. A este príncipe, que nascêra em Tanger, aonde seu pae fôra governador, encarregou o pretendente uma missão junto ao imperador de Marrocos, que não teve resultado algum. D. Christovão ligou-se á casa de Nassau.

escurecido, D. Antonio, que não se havia preparado para o eminente papel, que lhe ião fazer representar, não conseruou firmeza de character, nem dignidade nas primeiras negociações. Talvez reinasse habilmente, como D. João III, n'um estado pacifico, mas não soube ser o tronco de uma dynastia (1).

Em quanto este drama findava obscuramente n'uma desconhecida hospedaria, preparava-se em Hespanha e Veneza uma serie das mais complicadas e estranhas aventuras, que ia continuar a tão romantica historia do infeliz D. Sebastião.

(1) Resulta dos documentos diplomaticos ultimamente publicados, que, logo no principio, não soube o prior do Crato assentar em seus projectos fixa e invariavelmente. D'aqui proveiu o terem pouca firmeza as suas prolongadas pretensões. A França sem pôr de lado os seus projectos pessoaes, protegia-o; mas o habil diplomatico, que residia então em Madrid, tendo pleno conhecimento das astutas tregiversações do pretendente, prevenia o seu governo sobre o procedimento deste principe. M. de Vivone de Saint-Goard, dizia, em 1579, ao gabinete das Tulherias, que era necessario desconfiar de D. Antonio, por isso que elle negociava com a Hespanha, e ao mesmo tempo nos pedia soccorros. As ultimas revelações, que se nos fizeram a respeito delle, provão que M. de Saint-Goard estava nisto bem informado. Por uma carta escripta em precisos termos, que D. Christovão de Moura escreveu a Philippe, vemos que, nesta epocha, reduzira o pretendente as suas pretensões a tres mil ducados de renda, com reversão, em parte, para seu filho, e ao titulo de governador perpetuo de Portugal. Tal foi, pelo menos, o seu *ultimatum*, n'uma conferencia secreta que teve com o habil agente de Philippe. Se dermos inteiro credito ao que diz D. Christovão de Moura, pronunciou o prior do Crato nesta epocha discursos tão singulares, que acha inutil reproduzi los. E' certo que D. Antonio corria o perigo de se realisar a ordem de prisão contra elle dada pelo cardeal-rei, e com isto ia de acôrdo o seu posterior procedimento. Não foi esta a unica vez, que elle justificou o nosso embaixador em Hespanha. Veja-se, quanto a este periodo, a obra abaixo citada, no tomo 4.º, parte primeira, introdução. Pinto Ribeiro affirma n'outra parte, que Philippe forjou habilmente cartas, attribuidas depois ao pretendente.



*Impostores que tomarão o nome de D. Sebastião — Aventura do que foi julgado em Veneza, e veiu a Paris em 1588 — Carta do doutor Nouvellet — O P. F. José Teixeira.*

Sem embargo de haver Jeronimo de Mendonça contado, por modo tão sensibilizador a morte do joven soberano, cujos restos mortaes elle teve occasião de contemplar; a despeito das asserções de Leitão de Andrade, que tambem assistiu á batalha, e que confirmou a narração do seu antecessor, houve quasi simultaneamente varios impostores, que tomárão o nome de D. Sebastião, reclamando para si a corôa. Os tres primeiros delles erão da classe infima da sociedade, e manifestarão apenas uma audacia, de que senão podia temer resultado algum serio. Poucas palavras diremos a respeito de suas aventuras. Apareceu o primeiro delles na Estremadura: era um official de pedreiro, da ilha Terceira, que aspirava ás honras da realza. Marchou direito a Lisboa, e diz-se que se houvera escolhido dia mais proprio, lograria o seu intento, e não teria sido victima dos patibulos de Filippe. Por mofina sorte arrastou comsigo uma victima mais nobre do que elle. O segundo D. Sebastião appareceu na ilha Terceira: era um homem do povo, que tomou este nome, e que com tamanho tino procedeu, que o cardeal d'Austria se illudiu a ponto de recommeudar, que lhe tributassem honras de rei: — custou-lhe o arrojio uns bons açoutes, mas ficou-lhe sempre, entre os companheiros, o appellido de D. Sebastião. O terceiro impostor, que queria ser ardiloso com Filippe, era personagem mais grave. Apareceu nos proprios estados do seu competidor: exercitava em Castella o mester de pasteleiro, e adquiriu celebridade sob o nome de *pastelero de Madrigal*. Depois de mui activa defensa, a justiça o processou, e foi, sem piedade executado (1).

(1) Veja-se a respeito desta personagem, e seus comparsas uma obra hespanhola intitulada: *Historia de Gabriel de Espinosa, pasteleiro em Madrigal, que fingiu ser D. Sebastião, rei de Portugal; e tambem a de Frei Miguel dos Santos, no anno de 1595. Herez, 1685.*

Depois destes pretendentes, que tiveram fim tão desanimador, houve dous eremitas que tentarão igual aventura. Nasceu um delles em Alcobaça, e residia proximo á villa de Albuquerque. Vivia com apparencias de santo, e em breve reuniu grande numero de partidarios, e entre estes duas personagens, quasi tão audazes como seus caudilhos, um dos quaes queria passar por Christovão de Tavora, e o outro por bispo da Guarda. O fingido bispo, mais infeliz, foi enforcado; o rei, e seu antigo valido mettido nas galés.

A historia de outro solitario apresenta um character mais original, e verificou-se proximo á villa da Ericeira. Um mancebo, cuja familia era, certo, desconhecida, havendo-se retirado a um lugar solitario abraçou apparentemente a vida mystica, alcançando o favor popular por meio de um simples ardil. Quando algum estrangeiro ia por acaso ás vizinhanças da sua cabana, achava-o fazendo uso das suas disciplinas, e exclamando no meio de dolorosos gemidos: — « Desgraçado Sebastião; é pequena qualquer penitencia em comparação dos teus peccados. » Soou isto ao longe, e correndo pelos logares vizinhos a noticia das austeridades do eremita, um lavrador muito rico, chamado Pedro Affonso, se declarou partidario do novo rei. Não se limitou este homem a uma vã demonstração em favor do seu protegido: armou passante de oito centos homens; adoptou o nome de Pedro de Menezes; assumiu o posto de general, e os titulos de conde de Torres Vedras, senhor de Cascaes, e Alcaide-mór de Lisboa. Parece que ainda passara a mais, e que dera uma de suas filhas em casamento ao fingido monarcha. Todavia, o novo Sebastião evitava, quanto podia, apparecer em publico. Quando as authoridades quizerão intervir neste negocio, acharão, diz-se, grande resistencia. Pozerão-se em marcha forças consideraveis, e o drama da villa de Ericeira, teve o desenlace do de Albuquerque. Desta vez só foi executado o pseudo rei; a maior parte de seus partidarios foi mandada para as galés.

Frei Claudio da Conceição conta muitas particularidades ácerca destes impostores, podendo quasi formar-se um volu-

me dos assumptos mais ou menos romanticos que elles inspirarão. Os hespanhoes, que na historia facilmente aproveitão quaesquer incidentes dramaticos, acharão motivo para uma peça de theatro no *Pasteleiro de Madrigal* (1); e muitas outras comedias do wesmo genero, fizerão soar no palco o nome de D. Sebastião; porém todos os aventureiros de que aqui tratâmos, procurarão sustentar as suas pretenções por meios mais ou menos indecorosos, ou antes, mais ou menos vulgares. Não aconteceu o mesmo com umá personagem assaz mysteriosa, de quem um celebre prelado se declarou defensor, que appareceu em Veneza, nos ultimos annos do seculo decimo-sexto, sendo em geral conhecido pelo appellido do *Calabrez*. Cumpre dizer, que depois de attento exame dos documentos ministrados por um auctor de insuspeita boa fé, vê-se que a historia desta personagem refere tantas particularidades curiosas, assenta em factos tão minuciosos, e offerece em seu conjuncto tantas similhanças inexplicaveis, que, sem hesitação, pôde ser posta no numero dos mysterios historicos, ainda até hoje não resolvidos. Tres annos depois da morte de D. Antonio, em 1598, foi preso, por ordem do governo de Veneza, um homem que, sem o menor rebuço, se denominava D. Sebastião. Tinha elle todos os signaes occultos pelos quaes deveria ser reconhecido aquelle rei. Dava como elle provas de prodigioso vigor, apesar da apparente debilidade a que a miseria o havia reduzido. Indicava, como o poderia fazer D. Sebastião, os presentes diplomaticos, que recebêra no tempo da sua prosperidade. Sabia o nome de todos os fidalgos portuguezes, que tinham participado da sua má fortuna; e informava-se das menores particularidades tocantes á sua pessoa e interesses. Foi, por fim, reconhecido em Veneza por diversos fidalgos portuguezes, entre os quaes se deve contar um homem de raro merito, neto do celebre João de Cas-

(1) Tambem se affirmou n'uma obra escripta em fraucez, que este impostor se annunciava, como D. Carlos, filho de Philippe.

tro (1). A chronica contemporanea, não se limitou a isto; affirma que elle não só designou as joias da corôa, entre certas alfaias roubadas dos seus bahus, mas tambem sustenta, que um annel que elle outr'ora déra á duqueza de Medina-Cæli, continha o seu proprio sinete, que só elle podia indicar. Por outra parte, os adversarios do pseudo Sebastião, dizião que elle nem sempre fallava portuguez corrente, e que se servia na conversação de muitas palavras estrangeiras. Acrescentavão que os climas remotos tinhão feito nelle grande alteração physica, e que o cabello lhe mudara de côr. Tambem affirmavão, que o supposto rei era natural da Calabria, e que o nome de Marco Tullio Catizzone se tornara celebre em Veneza, e no resto da Italia.

Não entra em duvida que no cabo de extenso *pregadi*, que o tribunal veneziano consagrou a esta causa, e a que assistirão, entre outros portuguezes, o principe Christovão, filho de D. Antonio, João de Castro, e P. Sampayo, foi a mysteriosa personagem banida da cidade. Correu, e se acreditou o boato de que fôra mandada para as galês, mas basta lêr a rarissima obra em que Teixeira refere as particularidades deste processo, para se conhecer o pouco fundamento de tal opinião, que vogou, mas que tão sómente se acreditara

(1) D. João de Castro, filho natural de D. Alvaro de Castro, senhor do Penedo, e bisneto do grande vice-rei da India, estava tão convencido da identidade deste pretendente com a pessoa de D. Sebastião, que veiu a Paris, no dia 14 de julho de 1600, para fazer triumphar uma causa a que elle consagrou as suas vigílias. Assistira á batalha de Alcaçerquibir; e por consequencia o seu testemunho é de algum valor neste grande processo: Publicou em Paris varias obras escriptas em portuguez, que se tornarão mui raras, e em que tentou demonstrar que o prisioneiro de Veneza era com effeito D. Sebastião. Tal é, entre outras, o livro intitulado: *Discurso da vida do sempre bem vindo e apparecido rei D. Sebastião*; Paris, 1602.

Este neto de um dos maiores homens do seculo 16.º, ainda vivia em 1623, em Paris, na maior miseria.

pela necessidade em que se viu o pseudo Sebastião de embarcar n'uma galera para sair dos estados de Veneza (1).

E' certo que a parte essencialmente romantica desta narração comprehende os vinte e dous annos decorridos entre a perda da batalha de Alcaçerquibir, e o anno de 1598, em que a sentença foi proferida em Veneza. Pelo que diz uma personagem mysteriosa, cuja historia bosquejámos, embarcou elle depois da batalha n'uma embarcação grande, que navegava ao longo da costa, onde foi conduzido ao cabo do São Vicente. Curado das feridas, e em bom estado de saude, mas muito desgostoso por ter arriscado o reino, como Affonso V, seu antecessor, resolveu-se a occultar a sua vergonha em estranhas plagas. Partindo com alguns amigos seus, depois de haver juntado riquezas faceis de transportar, dirigiu-se ao Oriente, combatendo com valor pouco commum, nos exercitos do schah da Persia. Fatigado da vida errante, prevenido por uma visão, deixou o Oriente, e passou á Europa. Chegou a Paris (2) no fim de suas peregrinações, dando-se

(1) Ha muitas opiniões, quanto á sorte deste prisioneiro. Diz-se que fôra capturado em Florença, conduzido a Milão, e mettido nas galés, d'onde nunca mais saíra. O auctor do *Mercurio portuguez*, publicado em Paris em 1648, por um tal Chastonnière de Grenaille, refere ácerca do ultimo periodo desta vida aventureosa mui curiosas particularidades. Conta por extenso a conferencia que a personagem de que se trata teve com o conde de Lemos, vice-rei da Navarra, e em virtude da qual foi preso.

(2) Sendo esta curiosa circumstancia muito pouco sabida dos historiadores portuguezes, por isso aqui apontámos os factos principaes della, que nos conta carta contemporanea do doutor Nouvellet. A personagem que se inculcava D. Sebastião veiu a Paris em 1588, e foi habitar no bairro de São Germano. Um tal Coutinho, estabelecido nesta cidade, revelou em segredo este caso áquelle doutor, que o escreveu alguns annos depois do modo que lhe pôde lembrar. «Contou-me, diz elle, que tendo encontrado um fidalgo da sua terra com quem, por muito tempo, tivera relações, se entretivera em conversar com elle por alguns dias, no fim dos quaes lhe affirmou, que D. Sebastião não tinha morrido. Admirou isto muito a Coutinho, que só o acreditou quando elle lhe disse, que lho mostraria para o capacitar. Com este intuito o fez jantar com o dito D.

tão sómente a conhecer a pequeno numero de seus affeições. Visitar Roma era o principal objecto da sua viagem. Partiu quasi immediatamente com o intento de obter uma audiencia do papa, que não ohtivera por elle se achar enfermo. Esta personagem, tendo-lhe sido roubadas as suas joias preciosas, tornando-se ora eremita, ora mendigo, veiu, finalmente, ao lugar aonde as suas pretensões alcançarão celebridade europea. O successo de Veneza foi o ultimo acto deste drama extravagante. A personagem mysteriosa que tanto deu que pensar a varios portuguezes honrados foi, na opinião de uns, preso, e na de outros andou sempre vagabundo. O seu nome ficou obscuro; mas Teixeira diz, com tudo, no primeiro anno do novo seculo: — « *Nunca perderemos a esperança, eu vo-lo asseguro, de vér um dia livre e prospero o nosso rei e senhor* (1).

Sebastião na sua morada, que era, se bem me lembra, na rua de São-Diego. E ainda que eu não haja toda a certeza, se foi n'aquella rua, ou na de la Harpe, basta saber que elle o conduziu a jantar com o dito D. Sebastião, no mesmo dia, ou depois, no que tambem não estou mui presente. Lembra-me, porém, dizer elle, que na segunda vez que jantou com o mencionado rei, o foi procurar um amigo seu portuguez, á morada aonde estava D. Sebastião, e que quando ia a subir a escada, desceu Coutinho para obstar a isso, retirando se com o seu amigo para evitar que elle descobrisse D. Sebastião, que não queria manifestar-se.

*Continuação de um discurso intitulado: Aventura admiravel.*  
Paris, 1602, em 12 pag. 40.

(1) Veja-se a: *A maior aventura dos seculos passados e presentes, na qual se vê claramente, que D. Sebastião, verdadeiro e legitimo rei de Portugal, desconhecido depois da batalha que perdeu em Africa contra os infieis, em 1578, é o mesmo que os senhores de Veneza conservarão preso dous annos e vinte e dous dias, até 15 de Dezembro do ultimo anno.* Versão do castelhanõ; 1 volume em 12.º, sem nome de impressor.

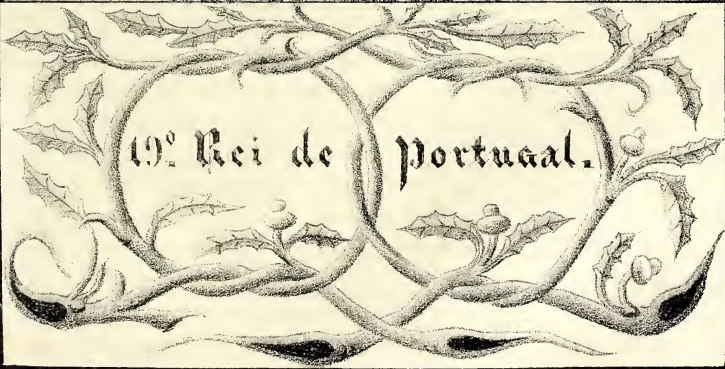
*Os sebastianistas — Suas crenças expostas por um antigo viajante francez — Pertinacia nestas superstições.*

Ha uma tradição popular, essencialmente ligada á historia que acabámos de referir, cuja origem nos cumpre mencionar. Torna ella D. Sebastião uma especie de heroe encantado, ou um novo Arthur, destinado a fazer renascer as esperanças religiosas dos povos, e a consolidar a sua ventura. Quando procurámos fazer conhecida a historia do Brasil, fallámos da seita dos *sebastianistas*, que parece ter hoje a sua séde nas apartadas regiões de Minas, e que fortifica as suas raizes á medida que se affasta da epocha em que nascêra. No fim do 16.<sup>o</sup> seculo apossou-se tão estranho delirio de alguns animos exaltados, provindo talvez das falsas prophecias de Simão Gomes, de alcunha o *sapateiro santo*. Teve esta seita, na epocha a que alludimos, o seu tanto de extravagante e sensível, ligado intimamente ás desgraças do paiz. O estylo de algumas linhas que trasladámos de um antigo historiador, mostrará a era da tradição. Eis o que escrevia, nos ultimos annos do 17.<sup>o</sup> seculo, um antigo viajante francez, raras vezes consultado: —

« Vou contar-vos o que me disse na côrte de Madrid certo religioso de grande auctoridade e credito. Junto ao seu convento, em Lisboa, existia um velho que tinha sido ministro, chamado Ribeiro... reputado louco pela maior parte das pessoas que o conhecião. Um dia entrou elle, segundo seu costume, no convento do dito religioso, que estando á porta da sacristia, disse a dous dos seus companheiros: — ahi está Ribeiro, vamos divertir-nos um pouco com as suas prophecias... Acordou-se em que um só iria ter com elle, por ser o meio de fallar-lhe com mais liberdade. O padre que isto me contou foi o escolhido, e perguntando-lhe noticias, veiu a cair no assumpto de que se trata. Assegurou-me o frade, que Ribeiro discursara muito arrasoadamente sobre a materia, sem dar mostras de loucura; e que depois de haver argumentado com grande numero de razões, deduzidas das anti-

gas escripturas, concluirá do seguinte modo: — « Senhores, os que tratão desta materia não a entendem; porque, uns dizem que o principe se acha n'uma ilha incognita, casado com a filha de um rei poderoso, que lhe hade dar a grande frota, em que bloqueará Lisboa, ao passo que outros affirmão estar elle na Noruega, d'onde virá, depois de ter mandado embaixadores aos principes da Europa para que não dêem auxilio á Hespanha. Quanto sobre isto se diz são mēros delirios de quem sabe pouco. O principe, meu pae, que todos esperamos, e que Deos nos prometeu, não nos será trazido pelas ondas, nem por esquadrões guerreiros. Hade acompanhá-lo a paz, e innumeraveis festejos, no meio dos quaes o receberemos com aclamações. Não tomará posse do seu reino no meio do estrépito das armas, mas ao som de alegres instrumentos, de danças, e de folguedos. Quando entrar nesta cidade não se verão mortos, nem rios de sangue... Nada mais me pergunteis, meu reverendo padre, e pedi a Deos que nos permita vê-lo. » E assim fallando se retirou. Eis o resumo das diversas opiniões dos sebastianistas. A crença destes sectarios não se manifestou em toda a parte com mostras tão pacificas. Segundo uma gazeta do Rio do Janeiro, do anno de 1838, appareceu, ha seis annos, no interior da provincia de Pernambuco um sebastianiste, que logrando dominar os seus compatricios, lhes annunciou, em nome d'el-rei D. Sebastião, que o soberano de um mundo encantado, resuscitara, e ia apparecer nas solidões da America meridional, á frente de numeroso e magnifico exercito. João Antonio contentou-se de annunciar a vinda do joven monarcha, na sua aldea de Pedra-Bonita, vinte leguas distante de Villa das Flores; mas tendo mandado dos bosques do Inhamun, para onde se tinha retirado, um novo neophyto, chamado João Ferreiro, este se proclamou rei, estabelecendo, para firmar o seu imperio, ritos sanguinolentos, nos quaes se immolavão victimas humanas para alcançarem a immortalidade. Diz-se que Pedro Antonio, irmão do antigo propheta, cioso da auctoridade do seu enviado, o assassinára, e lhe usurpára o poder. Persuadiu aos







incultos sertanejos, em cujo animo dominava, que por sua influencia se havião elles tornado invulneraveis e invenciveis. Vinte e seis guardas nacionaes, mandadas por Pereira da Silva, marcharão da aldêa de Belem contra estes freneticos, matando vinte e nove, no logar da acção, fazendo alguns prisioneiros, e dispersando os outros pelos bosques, tendo apenas cinco homens mortos, e quatro feridos. Aconteceu isto em 1838, e dous mezes depois soou tão extraordinario successo na camara dos deputados. Ainda não decorrerão tres seculos depois da morte de D. Sebastião, e já a historia deste principe se tornou um mytho, de que nasceu, por assim dizer, uma nova religião. Segundo alguns auctores, o numero dos sebastianistas, não subia, ha algumas annos, a menos de dez mil. Publicarão-se em Portugal alguns escriptos relativos a estes sectarios (1).

### *Os sessenta annos de captiveiro.*

Ha nas obras de Camões um canto triste de admiravel feição, em que o auctor dos *Lusiadas* periphrasêa um dos melhores poemas da antiguidade hebraica, pintando em sublimes versos as penas de uma grande nação, que jazia no ca-

(1) O propheta sebastianista, cujas sanguinolentas loucuras aqui referimos, dizia que no dia da libertação bastaria bater com o pé na terra para fazer surgir numerosos exercitos. Quando a auctoridade local conseguiu pôr termo a taes barbaridades, já se contavão vinte e uma victimas, e entre ellas mulheres e creanças. Por muito extraordinarios que pareçam estes factos (pelo que se passa nas provincias, não é permittido duvidar delles) acreditamô-los por nos haver confirmado o habil e veridico auctor da obra intitulada: *A escravidão nas Indias inglezas*. M. Armand Hain achava-se na camara de deputados brasileira, quando ahí se leu tão celebre relatorio. Levantou-se então um orador eloquente para pedir que o governo procurasse derramar a instrucção elementar pelos povos dos sertões. As particularidades, que acima referimos, são extraidas do *Echo francez*, do Rio de Janeiro, de 14 de julho de 1858. Nesta epocha tinha João Antonio fugido para os sertões. O relatorio lido na camara era obra do *prefeito* do districto das Flores.

ptiveiro. Este grito de dôr podia tornar-se, desde 1579, o cantico nacional dos portuguezes. Pôsto que elles não citem o psalmo imitado por Camões, esta similhaça não escapou aos historiadores nacionaes, que, pintando o funesto periodo que succedeu á jornada de Alcaçar, e findou com a exaltação do duque de Bragança, lhe chamão os *sessenta annos de captivo*.

E' certo que Portugal perdeu então toda a gloria politica; e que os seus guerreiros se não mostravão dispostos a combater: só ficárão aos poetas olhos para chorar. Depois de rapidamente descrever successos, cuja influencia no resto da Europa ninguem se atrevêra a negar, fallece-nos o animo para memorar, um a um, os revezes que offuscárão a gloria desta nação: — nem temos o sufficiente espaço para amontoar tanta ruina. Desde o primeiro anno do decimo-setimo século perdeu successivamente Portugal as melhores possessões na America meridional, Africa, e India: em cada anno contava uma derrota, como, outr'ora, em cada anno ganhava uma victoria.

Um escriptor portuguez compilou chronologicamente, em poucas linhas, os factos relativos a este periodo desgraçado. Cita-los-hemos, pois cada recordação é uma accusação horriavel, que deixa antever, e justifica o grande feito da restauração. Começaremos, como elle, enumerando as calamidades que flagellárão os Açôres, e durante as quaes pereceu D. Francisco de Portugal, illustre conde de Vimioso, a quem os portuguezes chamão o segundo Viriato. Segue-se a este acontecimento a entrada dos inglezes no reino, a tomada de Cascaes e Peniche, e o terror que inspira um exercito que apenas se acha a quatro jornadas de Lisboa, trazendo na pilhagem só a mira. — « Em 1594 os mesmos inglezes tomão o recife de Pernambuco, e quanto ahi encontrarão, apoderando-se da carga de um navio da India que ali aportâra. Em 1595 apossão-se do castello d'Arguim, na costa d'Africa..... Neste mesmo anno mettem Faro a sacco; tomão os fortes do cabo de São-Viceute, e Sagres, e incendião tudo o que en-

contrão na passagem. No anno de 1596 entrão por duas vezes em Buarcos, povoação de Portugal, que destroem depois de a terem roubado. Em 1597 invadem as ilhas de São Miguel, Fayal, e Pico, e lanção fogo a uma embarcação da India ancorada em frente de Villa Franca. No Brasil saqueão a cidade de São-Vicente, causando ahi innumeraveis damnos; apossando-se, alim, da fortaleza de Queixome na India, e da célebre ilha de Ormuz.

« Em 1616 invadem os mouros a capital da ilha Terceira, e reduzem a captiveiro quasi toda a povoação, incendiando ahi quanto podem incendiar. Em 1617 entrão os mesmos piratas em Porto Santo, não longe da Madeira, e lanção fogo a tudo. Os francezes invadem a ilha de Tamaraca, no Brasil, e roubão os engenhos da Bahia, bem como os estabelecimentos do mesmo genero que existem nos Ilhéos. A ilha de Santiago de Cabo Verde é roubada segunda vez pelos holandezes, por que já o havia sido por Draek, durante a sua famosa viagem. As ilhas de São Thomé, Porto da Cruz, e outros estabelecimentos da terra firme, em Cabo Verde, têm então igual sorte. Em Angola cercão os holandezes a cidade de Loanda, e queimão grande numero de embarcações dentro da barra, apossando-se das fortalezas de Cacheu, Ocre, e depois de Mina.

« Na India senhoreão-se das Molucas, da fortaleza de Tidor, e de tudo o que pertencia aos portuguezes. Goa e Malaca são tres vezes cercadas por elles. Audré Furtado de Mendonça defende esta ultima; mas os holandezes incendião em 1624 uma frota mandada pelo vice-rei D. Martim Affonso de Castro, sem que deixem della o menor vestigio. No Brasil entrão, em 1624, a cidade da Bahia, e em 1630, a celebre praça de Pernambuco. Segue-se a esta perda a das fortalezas do Rio-Grande, Porto Calvo, Tamaraca, e cidades de Paraiba, e Ceará, com todos os estabelecimentos que se encontravão até Sergipe, senhoreando-se, por este modo, de trezentas legoas de costa. Eis aqui os povos que vierão vindimar em a nossa vinha, por acharem todos os muros e portas arrasadas!.....

« A grandeza desta monarchia residia na nossa força, e poder naval, que se fazia sentir em toda a estensão dos mares, e que livrava as nossas frotas dos roubos dos corsarios. Para este serviço havia el-rei tocado em certos direitos e rendas, recebidas por empregados *ad hoc*, convenientemente collocados. Não só havia meios de occorrer ás despezas correntes, mas tambem se achava immediato remedio para quaesquer accidentes desagradaveis. Para isso dava a ilha da Madeira a quinta parte da sua colheita de assucar, com a condição de se lhe defender a costa, e de serem por conta e risco d'el-rei, quaesquer perdas que occorressem. A Castella applicou ás suas proprias despezas os rendimentos que acabâmos de citar; chegando a ponto de não haver em Portugal uma só fragata em estado de fazer-se de véla em caso urgente. Devassou-se então todo o Oceano, a qualquer pirata que se lembrasse de perseguir a nossa enfraquecida marinha..... As frotas portuguezas servião Castella á sua propria custa; mas Portugal pagava, adiantada, a despeza dos navios hespanhoes que empregava em seu serviço.

« Todos largavão o serviço de Portugal, porque só erão felizes os portuguezes que se sujeitavão a Castella como escravos, e até os nossos generaes obedecião a almirantes castelhanos. Não faltava quem comesse os rendimentos que o mar produzia, sem haver se quer um barco em estado de navegar, ou que podesse ser commandado por algum dos officiaes que vivião em ocio. Assim fá esquecendo o nome e reputação dos portuguezes no universo. Portugal sem armadas, é uma véla sem luz; porque com a sua marinha, encheu de esplendor os cantos mais desconhecidos do mundo. Um barco chato, bastára outr'ora, para atemorisar os mouros (1). »

Para bem conhecer as verdadeiras causas desta situação, cumpre ter em vista um facto principal. A decadencia pecuniaria começava a ser medonha. Esta potencia colossal vira

(1) Veja-se Antonio Veloso de Lyra, *Espelho de Lusitanos*. Esta curiosa obra, hoje assaz rara, encontra-se na bibliotheca real.

rapidamente diminuir certas rendas, como o provámos por calculos positivos, e a sua divida apresentava um augmento assustador (1). A Hespanha não podia fazer pelo estado, cujo territorio acabava de accrescentar ao seu, na Europa, o que aqui fazia pelo seu proprio territorio; porém se conhecesse melhor os seus verdadeiros interesses, em vez de enfraquecer o valente Portugal, aproveitaria os immensos recursos que delle se lhe offerecião; em vez de, por exemplo, abandonar as fertes campinas de Pernambuco á invasora industria dos hollandezes, faria verdadeiros esforços para libertar, quanto antes, este bello paiz. As magnificas provincias do interior do Brasil serião então scientificamente exploradas; os thesouros de Minas Geraes, e diamantes de Tijuco, serião descobertos um seculo antes do que o forão; e os immensos capitaes, que tornarão o reinado de D. João V uma epocha de prodigiosa opulencia, darião a vida á moribunda monarchia.

As Indias orientaes, que tanto valião quando as governava Affonso d'Albuquerque; as ricas possessões de Malaca, Achem, Tidore, e Ternate, admiravel escola para navegadores e soldados; as mais recentes feitorias da China, que promettião grandes recursos ao commercio, achavão-se igualmente despresadas, e já não ministravão capitães, nem marinheiros ao estado. Poder-se-hião fazer novos sacrificios pecuniarios; vivificar o espirito de conquista e industria; oppôr barreira ás odiosas trainas, e rapacidade da maioria da gente influente — mas nada disto se fez. Cumpre, todavia, dizer em abono da verdade, e dos dous paizes, que um mal secreto damnava, havia mais de meio seculo, o governo das Indias orientaes. Talvez fosse isto culpa dos homens encarregados do mesmo governo, ou do luxo que crescia por modo espantoso.

(1) M. Carlos Weiss provou este facto na excellente obra que ultimamente publicou. — “Na exaltação de Filippe 2.º, a divida publica d'Hespanha era de trinta e cinco milhões de ducados; e pela sua morte subia a cem milhões delles, estando anticipadas as rendas de alguns annos.” — *A Hespanha, desde o reinado de Filippe II, até á exaltação dos Bourbons*, tomo 2.º, pag. 172.

A catastrophe achava-se imminente, porém o mal vinha de longe.

*As palavras de um veterano — Decadeucia das Indias portuguezas — Nomes dos governadores mandados por parte da Hespanha.*

Desde o fim do seculo decimo-sexto, cessára de existir o prestigio vinculado ao grande nome dos portuguezes, que ião militar nas Indias. Conta-se que um soldado de Affonso de Albuquerque, inseparavel companheiro deste inflexivel capitão, sendo muitas vezes o alvo da sua severidade militar, se dirigia a miude a Gôa visitar-lhe o sepulchro. Quehrado pelos annos, mal poderia elle caminhar se não fôra arrimado ao seu bordão; e quando entrava na capella solitaria em que repousava o heroe, começava de orar. Tocando depois na sepultura o seu bordão de peregrino, pronunciava as seguintes palavras: — « Fizeste-me o mal que podeste; mas ninguem ousará negar que és o maior conquistador do mundo, e o mais sevêro mantenedor dos estados..... Levanta-te, ou perderás o que tens ganho. »

No fim de um seculo, fôra difficil conhecer o antigo vice-reinado das Indias, em relação ao estado em que o haviam deixado o velho capitão, e seus successores. Porém, como vamos observar, muito peor aconteceu no dominio estrangeiro, em que nem se quer havia já a lembrança dos grandes feitos portuguezes. A Hespanha, que já previa a ruina que lhe estava imminente, quiz aproveitar os recursos que lhe offerecião as colonias portuguezas, sem procurar meio de as conservar. Na India apparecêrão ainda grandes nomes, porém não se contárão mais victorias. D. Francisco Mascarenhas, conde de Villa d'Horta, foi o primeiro que Filipppe mandou a Gôa, aonde continuou a guerra com bom successo, nos tres annos do seu governo; porém a mãe-patria pouco valor dava a seus esforços. Manoel de Sousa Coutinho, que em 1582 lhe succedeu, e que falleceu no mar; e Mathias de Albuquerque, que



a governou pelo espaço de seis annos, forão tambem homens de capacidade. O governo deste decimo-quinto vice-rei da India foi menos distincto por um feito longo tempo indifferente á Europa, pôsto que marcasse nova era na historia da Asia meridional. Durante a sua administração é que os inglezes apparecerão pela primeira vez na India.

D. Francisco da Gama, bisneto do grande homem cujo sobre-nome tinha, partiu com o titulo de decimo-sexto vice-rei da India, aonde chegou em 1597. Decorrerá um seculo entre a partida de Gama para a India, e a chegada do joven almirante a estes estados. Os hollandezes, abrigados no porto de Santa Helena, esperavão os opulentos galeões com que Philippe II contava para melhorar um tanto a fazenda dos seus estados. Sem embargo de algumas expedições felizes, mandadas pelo irmão do vice-rei, quando este partiu em 1599, a hora da decadencia tinha soado, travando-se a lucta com a Hollanda. Ayres de Saldanha, que lhe succedeu em 1600, conheceu á sua propria custa, que se ía verificar uma mudança. Li estas palavras sinistras em Pedro Barreto, ácerca do decimo-setimo vice-rei da India: — « Foi verdadeiramente frôxo no seu governo, e em tudo dominado pelos padres da companhia. No seu tempo entrarão os hollandezes pela primeira vez na India, e passando por Moçambique, apresarão, debaixo do fogo da fortaleza, o galeão do commercio da India, carregado de muitas riquezas; e passando depois aos mares de Gôa, vierão collocar-se em frente da barra, aonde se conservarão pelo espaço de um mez, sem que ninguem os atacasse. Forão d'ali para o estreito de Malaca, e então capturarão uma embarcação viuda da China, e ricamente carregada; do que ficarão tão gostosos, que succedeu o que toda a gente sabe (1).

(1) Seria injusto não dar aqui relação dos trabalhos de um homem que tem estado na obscuridade, pôsto que a sua existencia se ligue aos dous maiores acontecimentos desta epocha — a anniquilação do poder portuguez na India, e a fundação do commercio da Hollanda. Cornelio Houtman, nascera em Tergou (em latim *Gouda*), e a sua biographia não foi conhecida até á epocha em que veiu

O frôxo Ayres de Saldanha governou quatro annos e meio, substituindo-o Martim Affonso de Castro, que aportára á India em 1605. Desde esta epocha, subirão muito de ponto as pretensões dos hollandezes, e o almirante Cornelis bloqueou Malaca com uma flotilha de onze embarcações. Affonso de Castro tratou de soccorrer esta opulenta colonia, e eis o que diz o manuscrito do citado Barreto: — « Partiu de Gôa a 3 de maio de 1605, com a maior frota, que se reuniu na India, pois contava dezeseis galeões, uma caravela, vinte e uma charruas, e tres navios mercantes. Acabou isto de anniquilar a India, porque este governo retirou d'ali as tropas experimentadas; e a artilheria dos fortes. » — Martim Affonso era valente, e derrotou os hollandezes; porém inimisades particulares lhe fizeram desprezar os prudentes conselhos de Furtado de Mendonça, deixando de aproveitar-se da victoria que lhe asseguravão as suas forças navaes. Alcançou algumas outras vantagens, mas depois foi batido, morrendo com o desgosto de ter aberto tão largo caminho a desastres de toda a especie

a Lisboa, pelos fins do sexto seculo. N'um relance, conheceu Houtman o desamparo do commercio em Lisboa, e o quanto a Hespanha deixaria ganhar a qualquer homem perseverante. Não se houve com toda a prudencia em suas investigações, porque foi preso, e condemnado a consideravel multa, generosamente paga pelos negociantes de Amsterdão, a quem elle se soccorreu. A Hollanda conheceu quanto valor tinha a liberdade de Cornelio Houtman. Equiparão-se quatro navios; e o homem habil que adivinhou o segredo de uma prosperidade commercial, quasi fabulosa, foi nomeado sobre-carga da expedição; e no 1.º de junho de 1596, apresentarão-se os hollandezes diante de Sumatra, indo depois a Java, e pôsto que Houtman fosse preso por ordem d'el-rei de Bintão, como havia comprado a sua independencia, aproveitou-se, como em Lisboa, da liberdade, que sabia arriscar, sendo necessario. Alcançou vantagens na primeira viagem; porém fundada a companhia das Indias orientaes, a Hollanda conheceu pertencer-lhe a herança dos venezianos e portuguezes. No cabo de muitas aventuras Cornelio Houtman, auctor desta grande revolução, foi acabar seus dias n'uma ilha do Oriente. Frederico Houtman, tambem homem distincto, e irmão de Cornelio, foi governador d'Amboine em 1607. Dotou a sciencia philologica com um dictionario malaio, e outro malgacho.

que ião affligir a India. » — Pereceu em frente da cidade que havia libertado: — o descendente de D. João de Castro, não pôde sobreviver a tamanha vergonha; affirmando-se que elle morrera do pesar que lhe causou a sua derrota. Frei Aleixo de Menezes, arcebispo de Gôa, governou com alguma habilitade em 1607; e no tempo de André Furtado de Mendonça, tão energico como os homens d'outras eras, melhorarão um pouco as cousas. Foi, diz Barreto de Rezende, o vice-rei mais temido que appareceu na Asia meridional; e dizia-se que no seu governo ficavão abertas as lojas durante a noite. Nomeâmos, para memoria, Jeronimo n'Azevedo (1612); João Coutinho, conde de Redondo, que voltou da India em 1617; e depois Fernando d'Albuquerque, outr'ora governador de Colombo. Havia vinte e um annos, que elle estava na India, sendo encarregado do governo della em 1619. Em 1622 voltou Francisco da Gama pela segunda vez á Asia. Um rumor sinistro lhe devia fazer saber, que o vasto imperio, para cujo esplendor seu avô tanto trabalhara, ia enriquecer outros povos, e engrandecer outra nação. O governo da India passou então ao poder dos frades. Em 1627, frei Luiz de Brito, antigo bispo de Meliapor e Cochim, da ordem de Santo Agostinho, é encarregado de manter a obra dos Pachecos e Albuquerquees, seguindo-se-lhe, em 1629, Miguel de Noronha, que governou pelo espaço de dez annos, e que, por mingoa de conquistas, fez algumas obras de utilidade, como a excellente ponte de Pangí. Pedro da Silva, que falleceu em Gôa no anno de 1639, e Antonio Telles, que governarão por pouco tempo a India, fecharão a lista dos seus governadores.

Se nomeâmos Pedro da Silva, que falleceu em 1639; Antonio da Silva, que governou por muito curto tempo; é só para lhes registrar os nomes na historia; por isso que a maior parte das obras que tratão da India portugueza não fazem delles menção alguma (1). Em 1640, quando João da Silva Tello e Menezes, foi nomeado vice-rei, já se tinha verificado a

(1) Deste periodo trata, com algum interesse, a obra intitulada: *Resumo das viagens, descobrimentos, e conquistas dos portu-*

restauração de Portugal; porém os fortísimos ataques da Hollanda, fizeram render Gôa. O nosso antigo viajante Tavernier, mostra-nos o estado de Gôa em 1651; e para suas paginas exactas e pittorescas enviâmos os leitores. Antonio de Sousa Coutinho, frei Francisco dos Martyres, e Francisco de Mello e Castro, formarão, no seu governo interino, um triumvirato muito infeliz. Soára o momento da decadencia: o audaz caudilho dos maratas, reunia já o seu exercito.

*Pedro Fernandes de Queiroz — Seus descobrimentos.*

Portugal, depois de cahir em tanto abatimento, fez ainda grandes serviços á navegação. Pedro Fernandes de Queiroz, partia para terras desconhecidas. Uma expedição feliz lhe collocaria o nome a par dos grandes nomes, que ornão os fastos de João II, e de Manoel. Descobriu em 1605 e 1606 a Nova-Hollanda; porém o infeliz marinheiro, menos ditoso que Magalhães, ficou, por assim dizer, desconhecido, como se os descobrimentos effectuados neste tempo de decadencia de nada servissem á nação (1).

*guezes na Africa, e Asia, no decimo-quinto, ou decimo-sexto seculo; por madama H. Dujarday. Paris, 1839. 2.º vol. em 8.º* Aca-ba esta obra no periodo de Sévadjy, de que não trata. Observaremos de passagem, que os historiadores inglezes e hespanhoes, consultados pela auctora com preferencia aos escriptores portuguezes, fizeram com que os nomes, que n'aquella obra se encontrão, diffirão essencialmente dos aqui citados. Tambem forão elles alterados por Prevost, Raynal, e Vertot. Quem não tiver feito particular estudo da materia, não acreditará, quanto os historiadores francezes e inglezes do seculo decimo-oitavo, transtornarão e confundirão os nomes de algumas personagens e localidades.

(1) A obra escripta por Balbi, sobre a monarchia portugueza, faz muito mais antigo o descobrimento de uma parte da Nova Hollanda pelos portuguezes, que refere ao anno de 1525. O sabio Barbier du Bocage, possuia antigas cartas portuguezas, em que estes descobrimentos se achão claramente indicados. A' vista de taes documentos, pôsto que incompletos, ninguem pôde roubar ao navegador a gloria que lhe compete. Veja-se *Urculu*, sobre a exploração primitiva.

Queiroz morreu na obscuridade, quando tentava segunda expedição, que, certo, completaria a grande empreza a que se propozera. Convém mencionar as principaes circumstancias da sua tormentosa vida, muitas das quaes não se encontram na sua biographia.

Queiroz nasceu em Evora, mas ignora-se a precisa epocha do seu nascimento. Sabe-se apenas que se distinguira na maior parte das sciencias da navegação, e que se mostrara muito pratico na sua arte. Navegou por vinte annos os mares da India occidental; voltando depois á Hespanha, d'onde passou a Roma, em 1600, epocha do grande jubileu. Como o duque de Sessa, embaixador de Hespanha lhe apreciasse a instrucção, encarregou-o de ensinar geographia a seu filho, e de lhe dar perfeito conhecimento dos mappas maritimos. Tendo recebido algumas mercês do soberano pontifice, voltou á Hespanha, aonde foi encarregado de uma viagem d'exploração ás ilhas de Salomão, situadas ao poente da Nova-Hespanha. — « Para levar por diante tão ardua empreza, diz Barbosa, embarcou n'uma flotilha com Alvaro de Mendanha, e fallecendo este, continuou a derrota. Não podendo realisar o seu intento, voltou á Hespanha, d'onde pouco tempo depois saiu. » — Parece que houve grandes difficuldades que vencer nesta segunda expedição, como se vê da leitura da sua curta noticia; porém não diz, que esteve em grande risco de vida. Descobriu, alfim, as regiões a que pôz o nome de *Australia do Espirito-Santo*. Para colonisar as terras, que percorrera, voltou á Hespanha, publicando então a succinta noticia, que mostra os seus grandes descobrimentos, e em que, lembrando-lhe a sorte de Colombo, formara, com modestia, uma sorte de parallelo entre elle, e o navegador genovez, observando que, se simples indicios bastarão para manter perseverante um grande homem, era do seu dever, tendo visto as regiões de que este falla, e tocado os objectos de que elle trata, não ficar inerte, nem perder a esperanza de realisar mais completa exploração. Esta relação, tão simples no estylo, sendo a ultima que elle dirigiu a el-rei, offerece mui poucas particu-

laridades. Ha quasi certeza de que as reclamações de Queiroz forão attendidas; por quanto recebera a missão de dirigir-se ao Mexico, para ahi tomar o commando de uma flotilha, certo, de pequena monta, visto que para o seu armamento apenas se consignarão quinhentos mil crusados. Nunca se realisou similhante projecto; e o explorador da Nova-Hollanda falleceu em Madrid, quasi desconhecido, sem que os auctores que nos transmittirão estas curtas noticias nos digão a epocha da sua morte. Pedro Fernandes de Queiroz, não falleceu sem deixar uma circumstanciada relação destes descobrimentos; e muito para louvar seria, que algum sabio da peninsula, herdeiro do zelo de Navarrete, dêsse á estampa o escripto portuguez, que contém, segundo se diz, a noticia da sua vida e viagens. Pereira Solorzano affirma, que o filho do grande navegador; D. Francisco Queiroz, lhe communicara esta obra; que ella comprehende tres relações, e fixa a data da expedição, que deu perfeito conhecimento das terras austraes, no anno de 1605 (1).

### *Restauração de Portugal — Exaltação de D. João IV.*

Graças a um livro célebre, cuja fôrma concisa tornou popular; — graças ás agradaveis scenas de um drama moderno, de todos conhecido — não ha talvez na historia de Portugal um só periodo, que tenha feito tamanho echo, como o de que vamos esboçar os principaes acontecimentos. Não duvidamos affirmar, que se as qualidades eminentes destas obras tornarão populares os successos de 1640, essas mesmas qualidades litterarias contribuirão, até certo ponto, para adulterar a opiniã acerca dos homens e das cousas. Não é nosso intento corrigir completamente Vertot, em homenagem á

(1) Parece que se tratara de recompensar no filho os descobrimentos do pae: porque D. Francisco, que Barbosa diz ser habil nas sciencias mathematicas, foi nomeado primeiro cosmographo do Peru, e examinador de pilotos.

verdade, e ainda menos pedir uma exposição sincera ao auctor do drama. Para satisfazer a este empenho, fôra necessario um livro inteiro, quando apenas podêmos dispôr de algumas folhas d'elle. Explicar-nos-hemos, todavia, em poucas palavras. Aquelle escriptor habil carecia, para excitar a penna, de um desses grandes acontecimentos que, por inesperados, ainda abalão mais o animo dos povos. Precisava o poeta de uma espécie de Figaró politico, tão ardente quanto astucioso, com que podesse animar a sua fabula. Pondo de lado o grande numero de documentos legados á nossa era pelo diplomatico do decimo-setimo seculo; mudando inteiramente o caracter sério, e os habitos estudiosos do principal agente de D. João IV, examinemos ás *Revoluções* (1), e *Pinto* (2) e vejâmos o que a verdade nos mostra.

Ha hoje provas, devidas a aturadas investigações, de que nunca, durante o dominio de Hespanha, a casa de Bragança affrouxara em suas justas pretensões. D. Theodorico protestara contra o acto iniquo, que entregava a Filippe II a corôa de Portugal; e mostra-se que logo depois da morte do pretendente, que a França não cessou de proteger, o ministro habil que governava aquella potencia, conheceu bem o partido que se podia tirar de um novo pretendente ao throno.

Se dêrmos crédito a uma obra pouco conhecida, já Richelieu, muito antes de 1640, tramava uma revolução a favor da casa de Bragança, por intervenção de um lapidario chamado Broual, que conferenciava com Pinto Ribeiro, magistrado distincto nesta epocha, a quem dominava o patriotico desejo de restabelecer a independencia nacional. Graças a Pinto Ribeiro — o agente do cardeal-ministro fez saber a D. João, duque de Bragança as favoraveis disposições da França para com elle. Sondou-se a opinião de pessoas opulentas de

(1) As *Revoluções de Portugal* forão impressas pela primeira vez, anonymas, em 1689.

(2) *Pinto*, ou o dia de uma conspiração, foi representado no anno 8.º da republica. Este drama escripto, em prosa, é a composição mais original de Nepômuceno Lemercier.

Lisboa, quanto ao animo dos povos, e se obteve a certeza da affeição delles á casa de Bragança (1).

Vertot ignorava tão importante circumstancia, e se teve mais tardê della noticia, não pôde então remediar o erro. No entretanto não sabia elle que a França tivera sempre em Lisboa agentes secretos, que fazião grandes esforços para que a Hespanha rompesse com Portugal. Luiz XIII entabolou, desde 1634, uma negociação secreta com o duque de Bragança para que este se apossasse da corôa. E não se limitou a dar conselhos, fez a este principe offerecimentos de soccorros effectivos, que as circumstancias lhe não permittirão aceitar. Quatro annos depois, no mez de maio de 1638, renovou o cardeal Richelieu as suas tentativas para o levantamento dos portuguezes; e no dia 15 d'agosto do mesmo anno, duplicou os seus esforços para este fim; enviou a Lisboa, na qualidade de agente secreto, a M. de Saint-Pé, por quem mandára offerecer ao chanceller, e a um tal capitão Azevedo, que não figura na historia official desta revolução, consideraveis forças para tornar o paiz independente. Foi posta á disposição de Portugal uma esquadra de cincoenta embarcações, e um exercito de 10,000 infantes, e 1,000 cavallos. Não podia aceitar-se tamanho auxilio. O nome do duque de Bragança continuou a ser pronunciado; e no caso de recusação da sua parte, queria o cardeal que os grandes do reino nomeassem um rei da familia real portugueza, que a França promettia auxiliar, visto descendér esta dos seus reis.

O leitor não pôde entrar em duvida de que taes propostas forão logo apresentadas ao duque de Bragança, e sua mulher, a illustre descendente das Medina Coeli; e ha toda a idéa de que se D. João não deu então resposta favoravel, foi talvez porque o não julgasse oppurtuno. Proseguindo na leitu-

(1) Mangin, Resumo da Historia de Portugal. Paris, 1707, 1 vol. em 12.º, pag. 371.

(2) Veja-se no *Quadro Elementar*, os extractos de uma carta do conde d'Avaux, ao secretario d'estado Chavigny, tomo 4.º, parte 1.ª (introducção).



ra dos importantes documentos diplomaticos, ultimamente publicados, admira a iusistencia com que D. João, nomeado rei de Portugal, agradece ao ministro francez as favoraveis disposições, que sempre mostrou pela sua causa. Pouco importava ao habil politico, que o sceptro de Portugal fosse dar ás mãos do duque de Bragança; o seu intento principal era enfraquecer a Hespanha pela violenta separação das duas côrôas.

Estes factos, certo, importantes, porque são a alma de toda a politica da epocha, ou não lembrarão a Vertot, ou foram por elle de todo o ponto ignorados. Trata elle de um modo preciso, do comêço da revolução. Quando chega ao anno de 1640, e que expõe em poucas palavras o character das diversas personagens, que figurarão neste drama, vê-se que recorreu com perspicacia a algumas fontes boas. — « Margarida de Saboia, duqueza de Mantua, governava então Portugal, na qualidade de vice-rainha — título brilhante a que a côrte apenas dava um poder limitado. O segredo dos negocios, e quasi toda a auctoridade tinha-a Miguel de Vasconcellos, portuguez, que exercitando as funcções de secretario d'estado da vice-rainha, era ministro absoluto e independente. Recebia elle directamente as ordens do conde-duque, cuja creatura era, e a quem se tornara bem-quisto e necessario pela habilidade com que tirava de Portugal grandes quantias de dinheiro. Manejando a arma do enredo, realisava os seus mais occultos desejos, e promovia odios e inimisades entre os grandes do reino, por meio de mercês e distincções affectadas, que tanto agradavão aos que as recebem, quanto excitavão a inveja e ciume dos não agraciados. Na desintelligencia que lavrava entre as primeiras familias, assentava a segurança e tranquillidade do ministrô; pois estava persuadido, que em quanto os cabeças destas familias alimentassem odios e vinganças particulares, não se lembrarião de tramar contra o governo.

« — Em Portugal, só o duque de Bragança podia inquietar a Hespanha. Este principe era dotado de genio pacifico, mas um tanto preguiçoso; tinha animo mais justo do que

vivo. Nos negocios conhecia logo o ponto principal; penetrava facilmente as cousas a que se applicava, mas dava-se pouco a essa applicação. O duque D. Theodosio, seu pae, dotado de character impetuoso e cheio de fogo, deixou-lhe, como legado, todo o seu odio aos hespanhoes, que fizera sempre olhar como usurpadores de uma corôa, que lhe pertencia. Buscou por todos os meios inspirar-lhe a ambição, que deve ter um príncipe que podia vir a cingir esta corôa, e o ardor e coragem necessarias para tentar tão alta e perigosa empreza.

« D. João seguia, na verdade, as instrucções de seu pae; mas tão sómente no gráu proprio do seu genio pacifico e moderado. Odiava os hespanhoes, porém não queria fazer grandes sacrificios para vingar-se da injustiça delles. Tinha ambição, não perdia a esperança de subir ao throno de seus antepassados, mas não se mostrava disso tão impaciente como D. Theodosio. Limitava-se a não perder de vista tal desenho, sem arriscar, imprudentemente, por uma corôa incerta, uma vida agradável, e uma fortuna já feita, e das maiores que qualquer homem podia desejar. — »

Releva observar, que o habil historiador não aprofundou bem o character do homem que introduz na scena politica. O duque de Bragança não era tão amigo do repouso que deixasse, por isso, de applicar-se a estudos sérios, e de obter grandes conhecimentos das theorias mais abstractas de uma arte difficil (1). Passava, com justa razão, por um dos homens mais instruidos do seu tempo; e basta lêr alguns escriptos seus, anonymos, para vêr que elle, a par de solida instrucção, possuia tacto mui delicado.

Ha toda a razão para crêr, que fôra o gosto pelos estudos sérios, que o determinou a ligar á sua casa João Pinto Ribeiro, um dos homens eminentes desta epocha, que, des-

(1) Cultivou a musica com raro successo; e Macedo até diz que elle era o mais habil theorico dos seus tempos. Não sómente possuia uma grande bibliotheca musica, arranjada com ordem admiravel, e ornada de retratos dos artistas notaveis do decimo-sexto, e decimo-setimo seculos, como tambem ha delle varias obras ano-

cedendo de uma familia nobre d'Amarante (1), déra, desde a mais tenra infancia, provas de mui grande intelligencia. Barbosa Machado affirma ter elle cursado em Coimbra os maiores estudos; e se elle não sahisse d'ali um habil jurisconsulto, não occuparia, certo, tão distinctos empregos na magistratura. Tornára-se notavel, diz a sua biographia, pelos seus raros conhecimentos e desinteresse.

Foi este homem a quem D. João abriu o seu coração, chamando-o para sua casa. Possuindo animo ardente, o coração verdadeiramente patriotico, tornou-se o principal agente de uma conjuração meditada, segundo parecia, desde longo tempo; e que surgiu de repente por ter sido o resultado de longa combinação politica.

O que, por a nossa indifferença pela historia portugueza deste periodo, de todo o ponto ignorámos, é que o povo suportava com impaciencia e colera as exacções do conde-duque, recusando-se a pagar novos tributos. Rebentara tres annos antes um motim popular, n'uma das mais importantes cidades do reino; e esta especie de revolução, bem conhecida nas memorias do tempo pela denominação de *tumultos de Evora* (2) acabou tão facilmente por não haver um só homem de distincção que a quizesse dirigir. Aqui transcrevemos um

nymas Publicou em Roma, sem nome de auctor, um livro intitulado, *Defeza da musica moderna*. Lêmos este curioso opusculo, que mostra ter tido aquelle principe vastos conhecimentos da materia de que tratava. O auctor das *Revoluções* parece haver ignorado estes factos. Se Vertot podesse lêr os documentos que se encontrão no *Quadro elementar* supra citado, facilmente se convenceria de que ao fundador da dynastia de Bragança não faltavão os dotes de habil politico.

(1) Pinto era nobre, como affirma Barbosa, e tambem Niceiron, donde, ácerca do heroe de 1640, se lê um excellente artigo, que podia esclarecer, a respeito de muitos factos, a varios historiadores posteriores.

(2) Este precursor da revolução de 1640, foi mui bem descrito por um habil escriptor do seculo decimo setimo, que teve parte em todos os successos da epocha. A primeira *Epanaphora* de D. Francisco Manoel de Mello, conta as *alterações d'Evora* (assim se

artigo do Sr. Herculano (1) ácerca destes celebres acontecimentos, e que põe o leitor ao alcance da verdadeira origem delles. — « Havia mais de meio seculo que o dominio tyrannico de Castella pesava sobre Portugal. A historia deste meio seculo nada mais é que um tecido de oppressões, violencias, e desventuras de todo o genero: as rendas do estado eram destruidas, ou para os gastos da faustosa corte de Filippe 4.º, ou para se desperdiçarem por mãos de validos cubiçosos e dos seus apaniguados; ou, finalmente, para se applicarem ás despesas das guerras ruinosas, que em differentes partes fazia a já vacillante monarchia hespanhola. Os nossos mancebos eram levados a morrer nessas mesmas guerras, em paizes remotos, em quanto as colonias portuguezas caíam em poder de estranhos, por falta de todo o soccorro. Os nossos dominios da Africa, da Azia, e da America, passavam a ter differentes senhores. Todos os navios que chegavão do oriente, ou do occidente nos trasiã a nova de que uma fortaleza, uma cidade, uma provincia, vira arrastar pelo chão, vencido e coberto de opprobrio, o pendão das quinas. A decadencia de Portugal era rapida, espantosa, pôsto que não sem gloria. Não sem gloria dizemos, porque esse punhado de portuguezes, derramados pelas tres partes do mundo, vendiam bem caras as conquistas, feitas á ponta da espada por seus paes, ás nações que vilmen-

designava a serie de motins que precedeu a restauração portuguesa.) Esta personagem que se achava então ao serviço de Hespanha, fôra encarregada pelo conde-duque, de, acompanhada do conde de Linhares, ir pacificar os mal-contentes. O seu companheiro pôde desligar-se de tão difficil missão. D. Francisco de Mello, pelo contrario, viera contar os factos recompensando-se-lhe a sinceridade com a prisão. Ha um facto que me não lembro de ver apontado na sua historia; e é que se executou tudo, durante os motins d'Evora, em nome de um tal *Manoelinho* que assignava as proclamações. Era um zote da cidade, com quem o povo derriçava, e a quem dava aquelle appellido pela sua grande estatura.

(1) Vem tanto a pêlo este artigo para esclarecer o ponto historico de que se tracta, que não duvidamos transcrevel-o dos numeros 136 e 137, do 3.º volume do Panorama.

(O traductor.)

te se aproveitavão da nossa oppressão para nos roubarem — ás nações do *Deve-e-Hade-Haver* — ás nações que pisavão aos pés o crucificado para entrar no Japão, ou que não ousando accommetter-nos sós a sós, se faziam mercenarios de barbaros, ajudando-os a guerrear-nos como succedeu em Ormuz. Certo, que não menos illustre por façanhas foi a perda de nossas colonias que a sua conquista; e muitas náus inglesas e hollandesas jazem no fundo dos mares, mettidas lá pelas bombardas portuguezas, e muitos livros de Rasão, Caixa, e Diario, e muitos corações refalsados de traficantes e mercadores, armados mais d'enredos, que de arcabuzes e espadas, ahi descerão com ellas. Mas isso não nos salvou. Os velhos soldados da Africa e da India acabárão de se gastar e consummir (como observa um viajante desse tempo) mais por fomes de cêrcos, que por armas de peleja: ficarão apenas nas praças e povoações da Africa, e da Asia, mulheres e creanças, e esses paizes forão senhoreados pelos inglezes e hollandezes que destemidos conquistavão.... os sepulchros dos cavalheiros portuguezes!

« — Mas não era disso que nós queríamos fallar. A historia da grande agonia do dominio portuguez no oriente é formosa; porém não teve Barros, e Coutos que a escrevessem, nem seremos nós quem o tentemos. Era do estado do reino, nessa epocha, que queríamos fallar, ou antes de uma explosão produzida entre o povo pela oppressão de mais de meio seculo. Esta explosão foi a revolta de Evora, grande abalo politico, precursor e annuncio dos successos extraordinarios de 1640.

« — A duqueza de Mantua, Margarida, filha de Carlos Manoel de Saboia, e neta de Philippe II, fôra a escolhida pela côrte de Castella para governar Portugal, substituindo o vice-rei D. Diogo de Castro, que, pela terceira vez estava regendo este paiz no anno de 1634. A princeza chegou a Lisboa no fim deste anno, e começou a sua administração nos principios do de 1635.

« — Existia em Madrid um tribunal em que se resolvião os negocios relativos á monarchia portugueza, que se cha-

mava o conselho de Portugal. Era secretario deste conselho supremo Diogo Soares, portuguez, que chegára a grande altura, na privança do conde-duque d'Olivares, primeiro ministro, valido de Philippe IV, e por quem toda a monarchia era regida com absoluto imperio. Soares fôra escrivão da fazenda no reino, e alcançara o valimento do omnipotente ministro, opprimindo os seus naturaes, vendendo os cargos publicos, e fazendo, emfim, toda a casta de vexames e injustiças para encher os cofres de Castella, que o miseravel Filippe, e o seu privado tão bem sabião esgotar.

« — N'aquelle tempo o vice-rei de Portugal despachava os negocios publicos com um secretario d'estado. Quando a princeza tomou as rédeas do governo, exercia este importante cargo Filippe de Mesquita, homem dotado de boas qualidades. Este foi logo substituido por Miguel de Vasconcellos, que morreu assassinado na revolução de 1640, e que não era menos aborrecido do povo do que o fôra seu pãe, o célebre jurisconsulto Pedro Barbosa. Um merito, porém, se dava nella, que avultava mais aos olhos do conde-duque, que outras quaesquer considerações. Era Miguel de Vasconcellos, cunhado e sogro de Diogo Soares, e como diz o nosso D. Francisco Manoel, ainda mais seu conjuncto no espirito que na-affinidade. Esperanças de grandes violencias e oppressões para os portuguezes se devião pôr em tal homem, e com effeito elle não as fez sair baldadas. A tyrannia na escolha dos seus agentes costuma ter tacto fino.

« — Logo que Vasconcellos tomou nas mãos as rédeas do governo, do qual apenas uma vã sombra pertencia á princeza, procurou desempenhar as obrigações do seu cargo, já se entende, não em relação aos súbditos, mas sim aos dominadores. O que estes pretendião era ouro: tirar ouro á nação empobrecida foi o primeiro cuidado do novo ministro.

« — Havia alguns annos que Filippe II impozera aos portuguezes, por decreto absoluto, um serviço annual de 500,000 crusados. Era isto contrario á constituição da monarchia. Aos nossos reis, desde os primeiros tempos, era vedado impôr

tributos, sem consentimento dos povos representados por seus procuradores em côrtes. Filippe II, apesar de conquistador, e de tyranno, por indole e principios, jurára em Thomar manter illesas as prerogativas da nação. De todos os attentados commettidos diariamente pelo governo castelhano, claro está que este, offendendo interesses materiaes, e immediatos, devia ser por si só mais odioso que todos os outros juntos.

« — Uma especie de apparente respeito, que ainda no conselho de Portugal se queria guardar aos antigos fóros portuguezes, fez com que se expedissem ordens para que se empregasse uma junta de varias pessoas, que tinham assento em côrtes, para decidirem negocio de grande importancia. Era o negocio o propôr e resolver os meios de cumprir o decreto real. Congregou-se, com effeito, a junta na igreja de Santo Antonio. Patenteado o caso, o primeiro que fallou foi D. Francisco de Castellobranco, conde de Sabugal, e meirinho-mór do reino: — « Eu e todos os circumstantes, disse aquelle honrado portuguez, e os mais que forão chamados e aqui faltão, jurámos guardar os costumes de Portugal. Segundo estes a nenhum de nós é licito, senão em côrtes, votar sobre semelhantes materias. Eis o meu parecer. » — Dizendo isto levantou-se, e saíu; seguirão-no os mais, tremendo talvez do resultado, mas arrastados pelo poderoso impulso de uma acção generosa.

« — Esta resistencia legal, parece que fez viva impressão no animo do conde-duque. Não se tornou a fallar dos novos impóstos, senão quando Miguel de Vasconcellos foi elevado ao supremo mando, com o titulo de secretario d'estado.

« — Mais do que os 500,000 crusados annuaes, que haviam sido pedidos e negados, imaginou elle, e imaginarão os que d'elle tinham feito instrumento de ruina para Portugal, se poderião tirar, por sua intervenção, deste malfadado e empobrecido paiz; mas desenganarão-se por fim que inutil seria a empreza. Contentarão-se, pois, com o expediente de reduzirem todos os novos tributos ao serviço ou dadiwa (!) dos 500,000 crusados annuaes, deixando aos povos o direito de promove-

rem no modo do pagamento, e creando uma *junta de desempenho*, em que as dependencias do negocio se decidissem. Esta junta estabeleceu-se, não em Lisboa, mas em Madrid: o que em verdade era um beneficio. Qualquer que se visse levado pelos exactores, inhibido assim pela distancia, e mais difficuldades, de recorrer á junta suprema, pagaria o impôsto sem se queixar, e pouparia as despesas dos requerimentos, porque ha muitos annos que a justiça não dá as orelhas de graça. Usava-se isso já no tempo da usurpação de Castella.

« — O povo parecia pouco inclinado a pagar a contribuição imposta: o governo paternal d'aquelle tempo (em todo o tempo houve governos paternaes) pensou então que seria menos incommodo para si, e para os collectados, o mandar executar a cobrança d'aquelle somma pelos corregedores das commarcas. Expedirão-se para isso as ordens, e as auctoriidades começarão a dar-lhes cumprimento. O povo, porém, por toda a parte, mais ou menos, apresentava mostras de soportar de máo grado a nova oppressão, e de inclinar-se á resistencia e á revolta. Esta rebentou por fim na provincia do Alentéjo.

« — Era n'aquelle tempo corregedor em Evora um certo André de Moraes Sarmiento. Este homem parece ter sido propenso á violencia, mais do que convinha, não só á justiça, mas tambem ao delicado da missão de que o havião incumbido. Tendo convocado a camara para consultar com ella os meios de levar a cabo a cobrança do novo impôsto, esta lhe ponderou o perigo de uma sublevação popular. Lembrou-se então o corregedor de mandar vir perante si o juiz, e o escrivão do povo, Sisenando Rodrigues, e João Barradas, para com branduras, ou ameaças, os mover a persuadir aquelles, cujos representantes erão, a obedecerem aos mandados de Castella.

« — A convocação d'aquelles homens, porém, teve um resultado contrario ao que o corregedor esperava. Apenas a noticia desse chamamento se espalhou entre o vulgo, grande



numero de pessoas se começou a ajuntar, e seguirão os dous até á porta do ministro.

« — Este, tendo-se encerrado no proprio aposento, procurava mover-lhes o animo a seguirem o seu parecer pelo que tocava á cobrança dos impóstos; mas João Barradas representou, que nada poderião elles fazer n'aquelle negocio sem consultarem o povo, que era quem pagava. Recusou o corregedor deferir a tão justa petição, exigindo formalmente que resolvessem por si o que sobre a materia se lhes propunha. Então, irritados os dous populares, negarão claramente o seu assentimento a tudo o que houvesse de servir de gravame aos seus representados.

« — Esta resolução energica accendeu sobre modo a cohera do corregedor, já muito indignado com a falta de uma obediencia cega e muda. — « Soltou (diz o citado Francisco Manoel, que vamos seguindo) palavras de grave injuria contra todo o povo de Evora, e fez demonstrações de que queria enforcar, como o havia jurado, aos dous que tinha presentes, para cujo effeito, de secreto affirmão, que mettêra em sua casa o algoz, e outros officiaes de justiça, pertencentes á execução do supplicio. — »

« — Pôsto que a sua situação fosse terrivel, os dous condemnados, ou por valor, ou por desesperação, não perdêrão o acôrdo. Sesinando, o juiz do povo, mais deliberado que o seu companheiro, correu a uma janella da casa, que felizmente dava para a praça, onde a multidão estava junta, e gritou: — « Sabei que vamos morrer por vos querer livrar do trabalho, que vos querião dar os ministros d'el-rei. — »

« — Morra o corregedor: — « Viva o juiz do povo! — » voseou toda aquella turba, como se os gritos de Sesinando tivessem sido uma chamma electrica, que por elles passava subitamente. As obras acompanhárão as palavras: em um instante as portas da casa, estouradas, dêrão accesso á multidão enfurecida: os dous desgraçados forão soltos, e da casa, logo incendiada, brevemente nada restava senão um montão de ruinas.

« — Sarmiento, salvo muito a custo por alguns frades e fidalgos, que ahi se achavão, saíu da cidade disfarçado em franciscano. Partiu para a côrte, aonde ninguem, como era de esperar, lhe louvou o que fizera... porque saíu mal da empreza.

« — Entretanto, em Evora, a indignação popular não parára no primeiro impeto. O ouro, prata, e ricas alfaias que tirarão, cartorios da fazenda publica, registo de direitos reaes, tudo veiu á praça, e ahi foi queimado, sem que houvesse entre a gentalha quem tirasse a menor joia, a menor moeda, para seu proveito particular. Quebrarão as balanças em que se cobrava um novo impôsto sobre a carne, abrirão a cadêa, e, finalmente, pozerão-se em estado de completa revolta.

« — Os fidalgos da cidade, durante o primeiro movimento, ficarão como meros espectadores da lucta, mas vendo progredir o tumulto, unirão-se em uma especie de junta, na igreja de Santo Antão, presididos pelo arcebispo D. João Coutinho. Ahi deliberarão enviar a dizer ao povo, que se aquietasse, deixando á camara o cuidado de prover n'aquelle negocio; que elles pela sua parte promettião interceder com el-rei, para que perdoasse aos amotinados.

« — Pôsto que raro, nem sempre palayras servem de embeleço ao povo. Este lhes respondeu, que ou se ajuntassem áquelles a quem offerecião protecção, ou dissolvessem a junta que tinham formado, aliás procederião contra elles, como inimigos do bem publico.

« — A resposta era terminante: antes de tomarem uma resolução a noite chegou com todos os seus terrores, e os membros da junta se recolherão receosos a suas casas. As trévas dêrão ousadia á gentalha: um tropel della correu a apedrejar as janellas do palacio do arcebispo, em quanto outra porção accommettia a casa do conde de Basto. D. Diogo de Castro, que fôra vice-rei de Portugal, e em verdade um dos menos maus entre os que tinham governado este paiz. Salvou-se o velho conde, correndo desarmado ao encontro dos furiosos, e dizendo-lhes: — « Povo d'Evora, que me quereis? Sou vosso

natural. Tres vezes governei este reino, sêm vos fazer aggravo. Aqui me tendes, e se para vossa quietação serve a minha morte, matáe-me, e socegai-vos. Se quizerdes poupar-me a vida, para vos ajudar ao remedio que vos convem, obráe como quizerdes. Mas não vos esqueçaes que sois portuguezes, aonde nunca houve mancha de deslealdade. — » Se este discurso, sem duvida eloquente, é genuino, muita segurança de consciencia, sem remorsos, lhe era necessaria para assim se assentar tranquillo á borda do vulcão popular. Seja como fôr, os amotinados nada ousarão contra D. Diogo, e retirarão-se. Aos outros ninguém procurou fazer mal, ou porque estes se entendião com o povo, ou porque o povo fazia delles pouco cabedal.

« — E os frades d'Evora? — perguntará o leitor — estavam em seus conventos deprecando ao ceu, com lagrimas e orações, que pozesse termo aos males publicos? — Nada disso. Os dominicanos e jesuitas seguião a bandeira popular, as outras ordens, a do governo, ou antes a dos fidalgos. O cabido estava dividido em opiniões, e assim o resto do clero secular.

« — Um dos factos mais curiosos deste drama terrivel, foi que chegada a Lisboa a noticia do successo, a princeza Margarida, ou antes o seu ministro, ordenou ás auctoridades competentes, que sindicassem do caso, e fizessem castigar os culpados pelos meios ordinarios. O gigante popular tinha-se pôsto em pé, e Vasconcellos pensava que elle se deitaria outra vez no seu pó, á simples voz de um alguasil!

« — Em tanto os revoltosos tinhão dado á revolta certa organização. Essa organização, porém, incompleta, ruinosa em si mesma, apparecia com o character que nas suas obras politicas imprime sempre o povo. Riso, e choro; crueldade e generosidade; nobresa e vilesa, tudo se mistura nellas, confusa, e inextricavelmente. Nos mais solemnes trances do agitar das multidões ha sempre um lado ridiculo: ha sempre alguma cousa truanesca, epigramatica, por entre os actos do furor da plebe. Em Evora não falhou a regra. Houvera, pou-

cos annos antes, n'aquella cidade uma especie de bôbo politico, acceitissimo á gentalha, que elle divertia com seus ditos e visagens: chamava-se este homem Manoel, e por uma antithese popular, o *Manoelinho*, em consequencia de ser pessoa de notavel corpulencia. Era em nome deste individuo que os conselhos, ajuntamentos populares, ou *clubs*, como hoje lhe chamarião, publicavão as suas resoluções. Este nome era a unidade, o centro, o talisman da revolta. Bandos, decretos, provisões, e editaes eram subscriptos por *Manuelinho*. Manuelinho d'Evora escrevia cartas ás diversas camaras do reino; demittia funcionarios publicos, previa outros; e estes despachos e demissões tinhão tanto vigor como uma provisão real. Se uma sentença de desterro contra qualquer cidadão de quem a plebe se arrecesse, apparecia com aquella fatal assignatura, cumpria fosse promptamente obedecida, porque a desobediencia trasia logo o castigo, que era morte do recalcitrante, e o incendio da casa que habitava. O governo, porém, d'aquelle nome estendia-se tão somente aos altos negocios politicos da revoltosa republica: os da administração municipal estavão como dantes a cargo da camara da cidade.

« — O levantamento não parou em Evora. Tanto que a noticia delle se espalhou pelo Alemtejo, a maior parte das povoações seguirão o mesmo exemplo. Em Villa-Viçosa chegou o povo a acclamar o duque de Bragança, mas por intervenção do proprio duque, que mandou levar seu filho D. Theodosio por meio dos amotinados, forão suffocados taes gritos. Se D. João IV ambicionava a coroa não o sabemos nós: o que sabemos é que não queria correr o risco de conquista-la. Elle o provou exuberantemente tanto nesta revolta popuiar, como na revolução aristocratica de 1640.

« — O governo de Lisboa começava a sentir sérios receios de uma revolta, que achava echos por tanta parte. Escreveu a princeza para Madrid, representando o caso com as côres menos feias que podia, mas pedindo prompto remedio. Ao mesmo tempo, a junta dos fidalgos d'Evora, que passado aquelle primeiro impeto contra o arcebispo e o conde de Basto, tinha continuado a reunir-se, ia dando parte das occorrencias

ao conde-duque, receosa todavia de ser olhada como participante da sedição.

« — A primeira providencia, que a regente e o seu ministro julgáram conveniente dar, foi enviar a Evora um novo corregedor, chamado Jeronimo Ribeiro, homem pacifico, e que annos antes ali servira aquelle cargo. O povo o recebeu sem contradicção, porque estava certo que elle nada ousaria intentar contra quem o podia privar, e até da vida, quando assim lhe approvresse. Mandarão depois um frade dominicano, prégador affamado, que arengasse ao povo, e o convertesse á sugeição; mas a virtude deste remedio falhou. Rirão-se os levantados dos frades, e dos sermões, e elle voltou a Lisboa corrido, deixando tudo no mesmo estado. Finalmente, escolherão um fidalgo, Fernão Martins Freire, homem acceito aos de Evora, para os reduzir á concordia. Partiu este para aquella cidade aonde se accendeu logo a guerra entre elle, e a junta dos fidalgos, de modo que esta providencia não serviu senão de protrahir a desordem, fazendo crescer as desconfianças da plebe, a quem Fernão Martins dava a entender, que os seus emulos traíam a causa popular, e estes a induzião a crer d'elle o mesmo; e nisto, segundo as memorias d'aquelle tempo, parece que tanto o enviado do governo, como a junta fallavão a pura verdade.

« — Perdidas todas as esperanças d'aquietar os sublevados, por via da brandura, tauto o governo de Madrid, como o de Lisboa, pensavão em recorrer á força. Mas recrescia uma pequena difficuldade — e era não haver no reino essa força. Todas as tropas de que se podia dispôr erão oito centos homens de infantaria. Não existia em Portugal um soldado de cavallaria. Fazer novas levas de soldados era não só demorado, mas perigoso, porque essas levas devião ser tiradas do reino, em todos os angulos do qual a revolta d'Evora achava sympathias, tanto, que já áquem do Têjo, algumas povoações começavão de agitar-se. Não havia outro remedio senão fazer marchar para Portugal essas poucas tropas hespanholas, que defendião as fronteiras de Biscaya contra os francezes, e

que, sendo então o principio do inverno, erão ahi escusadas, porque n'aquelle seculo as campanhas cessavão na estação invernososa.

« — Antes, porém, que se tomasse este expediente, o conde-duque mandou outro frade dominicano a Evora: houve propostas, difficuldades, novas propostas, concessões dos populares, intrigas da junta dos fidalgos, má fé na maior parte, erros em todos, emfim, houve o que costuma haver nos grandes negocios politicos, e no cabo o frade saíu d'Evora malquisto com o povo, e com os nobres, a junta continuou a enganar o conde-duque, e os sublevados, e estes proseguirão no seu estado de revolta.

« — O duque de Bragança prevendo que uma revolução, que partira da plebe, sem cabeças que a regessem, começada em uma cidade da provincia, não seguida na capital, sem nenhuns meios de defeza, devia vir a concluir-se desgraçadamente, procurava por todos os meios justificar-se com a côrte de Madrid; mas o valido mal acreditava as suas cartas, e as protestaões dos seus procuradores. Era principal instrumento destas suspeitas Diogo Soares, de quem fizemos menção, o qual tanto odio tinha votado á casa de Bragança, que uma vez disse publicamente em certo ajuntamento — « que em Portugal não haveria socego em quanto não crescessem malvas pelas escadas e pateos do paço de Villa-viçosa. » — Todavia, nada por então se intentou contra o duque, que d'ahi a tres annos devia ser rei de Portugal.

« — A revolução tinha neste meio tempo chegado ao seu auge, e mal organizada por si propria começava a dissolver-se: os operarios cansados d'aquella vida tumultuosa, desejavão tornar ao exercicio pacifico dos seus antigos misteres. Os mais conspicuos procuravão, é verdade, conservar inteiros os animos, quando os seus proprios já andavão occupados de temores. Todavia, uma revolta não pára nunca: ou progride, ou retrocede. A de Evora já se encaminhava á sua ruina, quando no Algarve começavão apenas a apparecer symptomas de movimentos, por ventura mais bem combiuados, mas que não chegarão a effeito.

« — Em tanto, o exercito castelhano atravessava a Hespanha, e prolongava-se pela fronteira do Alemtêjo e do Algarve. Constava a força destinada contra aquella provincia de obra de tres mil homens, e a que devia entrar no Algarve de mais de seis mil. Antes de empregar activamente estas tropas, o conde-duque teve a politica de fazer um ajuntamento da principal fidalguia portugueza que se achava em Madrid, propondo-lhe que tratassem elles de pôr termo áquelle negocio, antes de ser concluido pelas armas, já se sabe, pagando o povo as sommas que lhe pedião, e entendendo-se elles em tudo com o duque de Bragança, que o valido temia, e cuja benevolencia queria captar, ao mesmo passo que o affastava do amor das turbas.

« — Os fidalgos agradecerão isto como uma mercê. Entabularão-se negociações, e as cousas parecião encaminhar-se a uma conclusão pacifica e suave, quando as intrigas da côrte vierão perturbar tudo, e agravar os males publicos.

« — Quando as revoltas do Alemtêjo e do Algarve, parecião encaminhar-se ao seu fim, restabelecendo-se a paz sem novidades custosas, uma intriga da côrte — intriga entre dous portuguezes, os quaes, em verdade, maiores inimigos erão da sua patria, que os proprios castelhanos — veiu alterar de novo os animos, e acarretar novas desgraças sobre o nosso malhadado paiz.

« — Estas intrigas começadas por emulação entre Diogo Soares, e o conde de Linhares se havião convertido em guerra de morte. Cada um delles tinha seus parciaes e clientes nos muitos portuguezes, que assistirão na côrte: ambos elles gosavão do valimento do conde-duque, pôsto que Diogo Soares mais com elle privasse, porque era peor que o outro. O secretario do conselho de Portugal triumphou, por fim, do seu illustre adversario. Soube persuadir a Olivares, que o conde não estava seguro na fidelidade á corôa de Castella, e que por isso seria conveniente pô-lo em contacto com os revoltosos, podendo-se assim concluir do seu procedimento a certeza, ou o infundado das suspeitas que ácêrta delle havia.

« — Então o conde de Linhares foi nomeado para vir a Evora provêr no modo de acabar de pôr termo ás inquietações populares: nomearão-se tres pessoas para o coadjuvarem, uma das quaes foi o nosso célebre escriptor D. Francisco Manoel de Mello: os outros dous erão D. Alvaro de Mello, e o inquisidor António da Silveira, ambos os quaes tinham grande influencia em Evora. Partiu o conde com instrucções vocaeas do conde-duque, mas antes de chegar ao seu destino, os dous conselheiros que mais lhe poderão servir por sua acceitação ao povo, forão revocados a Madrid, ficando só para o acompanhar D. Francisco.

« — Em tanto não cessavão os ministros de Castella de prevenir as armas para acabar violentamente com a revolta. Além das tropas que estavam por Badajoz e Ayamonte, promptas a entrar no reino á primeira voz, expedirão-se provisões ás competentes auctoridades, para que todos os commendadores e cavalleiros das differentes ordens militares de Pórtugal estivessem prestes ao primeiro aviso para ajudarem as tropas castelhanas n'aquillo que lhe fosse mandado. Em fim, o conde-duque, em quanto fingia querer concluir brandamente o negocio, mostrava que mui diversos erão os seus verdadeiros intentos.

« — D. Francisco Manoel, enviado pelo conde a Villa Viçosa a tratar com o duque de Bragança sobre os modos da pacificação geral, voltou de lá com todas as seguranças de boas intenções do duque D. João, e o Linhares chegou finalmente a Evora.

« — Todos ahi anceavão a paz; mas o povo temia a oppressão. A junta dos fidalgos recebeu-o com mostras de confiança, os populares com mostras de pouco contentamento. Peior foi quando este patenteou quaes erão as instrucções que trazia.

« — As pretensões do conde-duque consistião principalmente em querer que os cabeças dos populares, isto é, o juiz e o procurador do povo de cada cidade ou villa, aonde se houvesse levantado o grito da revolta se apresentassem em Ma-



drid, na audiencia d'el-rei vestidos de sacco, e corda ao pescoço, pedindo o perdão dos sediciosos, o qual lhes seria concedido juntamente com a vida e liberdade. Estas pertenções erão, sem duvida, extravagantes em si, ou preversas, se encerravão o pensamento occulto de colher ás mãos, sem trabalho, os principaes amotinados. Seja como fôr, o juiz, e o escrivão do povo d'Evora, que erão ainda os mesmos, Sesiando Rodrigues, e João Barradas, convierão na jornada, e em que irião com os das outras terras, debaixo do seguro da palavra real. Expedirão-se avisos a toda a parte para que trabalhassem as pessoas influentes, a fim de que os juizes e procuradores dos outros logares tomassem a mesma resolução, devendo todos ajuntarem-se em Evora, d'onde sairião acompanhados a Madrid por D. Francisco Manoel.

« — Em quanto se tratava com vigor de resolver as diferentes povoaçõs amotinadas a tomarem aquella resolução, os dous procuradores do povo d'Evora, ou animados por este, ou de seu proprio movimento, mudarão de parecer, e declararão que não lhe sendo consentido pelos populares o ir a Madrid do modo que se exigia, estavão resolvidos a quebrar a promessa, que só tinham feito pelos seus desejos de restabelecer a paz.

« — Este inesperado desfeixo accendeu em subido gráu a cólera do conde de Linhares, que n'uma derradeira conferencia fez terriveis ameaças, accusando o povo de inconstante, e alludindo á influencia da junta dos fidalgos, de cujos membros alguns tinham incitado os revoltosos a esta mudança, segundo varias desconfianças que havia, no que parece elle se não enganava. Procurou-se depois que os jesuitas trabalhassem por induzir os cabeças do povo a segurarem a primeira resolução, mas sairão frustradas todas as diligencias.

« — As ameaças produzirão nos animos um effeito contrario ao que o conde esperava. Começavão já outra vez a ajuntarem-se de noite as companhias do vulgo, e já de dia se atrevião a dizer em publico, que se o conde de Linhares não saisse da cidade, elles o farião sair. Havia-se visto gente ar-

mada junto da casa deste fidalgo, algumas noites antes, quando na do primeiro de janeiro do anno de 1638, ella foi cercada por muita gente tumultuaria, em som de quem pretendia accommettê-la. Pozerão-se os de dentro em defeza; mas a cousa não passou a mais, e pela manhã o tropel se dissipou inteiramente. O conde, d'ahi a pouco, vendo infructiferas as suas diligencias, enviou D. Francisco Manoel a dar conta ao conde do occorrido, e recolheu-se a Lisboa.

« — Tanto que o primeiro ministro recebeu a noticia d'aquelle successo, só pensou em fazer marchar as tropas da fronteira a tirar vingança dos revoltosos. Receando-se, porém, de que em Portugal houvessem feito algumas prevenções para a resistencia, foi mandado D. Miguel de Salamanca, disfarçado em traje de peregrino, para examinar se havia alguma resistencia, e qual se devia encontrar. Correu o *nobre espia* o reino, viu e notou a força e disposições das provincias do norte, e da do Alemtéjo, e depois entrou em Castella, dando parte de tudo o que vira aos generaes do exercito da fronteira, e sendo confirmadas as suas noticias pelas de varios outros espias.

« — Parecia que já não havia nenhum remedio ás violencias, mortes, roubos, e estragos, que erão d'esperar de um exercito inimigo de portuguezes por espirito nacional, mandado de proposito a opprimir e vexar, e falto de disciplina. Mas as mesmas intrigas e odios que tinham acarretado a tempestade, ajudavão então a minorar-lhe o impeto, e a desfazê-la em parte.

« — Diogo Soares, que provavelmente previra o resultado da missão do conde de Linhares, folgou de vêr que ella fôra á medida do seu desejo. Disso se queria elle aproveitar para perder o seu émulo; mas para sair com o seu intento era necessario lançar o odioso do successo, não á conta do povo, mas á falta de habilidade, e ao genio arrogante do conde. Esta nova face do negocio, que o astuto portuguez fez vêr ao valido, minorou-lhe a cólera contra os revoltosos, sendo assim esta uma d'aquellas raras intrigas dos poderosos, de

que resulta algum beneficio para os pequenos. Em tanto, os ministros castelhanos estavam divididos em parcialidades. Uns querião castigo violento e prompto para os culpados, outros temião as consequencias de tal providencia. Os homens mais prudentes do conselho d'estado, votavão em que se procedesse com muita constancia no punir, ainda que com brevidade, ao mesmo tempo que entendião ser a mais importante frente deste negocio o prevenir futuras inquietações, porque se carecia de muito tacto e politica. Os successos posteriores provavão que este parecer tinha em boa parte prevalecido. Havia-se ordenado á princeza Margarida mandasse um corregedor da cõrte a Evora, o que immediatamente se fez, sendo ahi enviado Diogo Fernandes Salema, com os officiaes e gente necessaria para a sua segurança, e para dar força ás suas resoluções. A visinhança do exercito castelhano lhe deu animo para entrar desassombradamente em Evora, e o tirou ao povo para fazer contra elle o menor movimento. Começou o corregedor a exercitar o seu officio; Sesinando Rodrigues, e João Barradas, forão condemnados á morte, como cabeças de motim, e executados em estatua por haverem desaparecido, com grandes pregões de promessas a quem os entregasse nas mãos da justiça. Alguns do povo, que menos se haviam envolvido na revolta, e que por isso se julgavão livres de pena á sombra da sua obscuridade, tambem forão presos e condemnados, uns á forca, outros a galés, outros, emfim, a desterro perpetuo. A visinhança das tropas castelhanas tinha produzido tal terror nos do vulgo, que ninguem ousou oppôr-se á severidade das penas impóstas aos que haviam sido julgados criminosos.

« — Peior era a situação do Algarve, pôsto que não tão culpado, não tendo ahi o alevantamento sido mais que uma imitação, um contagio das revoltas do Alemtéjo, e muito menos declarado o violento do que nesta provincia. Capitaneava o duque de Medina-Sidonia as forças que estavam por Ayamonte; era o seu adjunto o marquez de Valparaiso, homem de character duro e impetuoso. Ou por conselho deste, ou de

seu proprio movimento, o duque resolveu entrar no Algarve com as tropas que mandava. Assim o propoz ao governador da provincia, que nisso conveio logo. Em quanto Pedro Vieira da Silva (depois ministro d'estado em Portugal), que fôra mandado para o Algarve ao mesmo tempo, que Diogo Fernandes Salema para Evora, prendia, enforcava, e desterrava os miseraveis que lhe cahião nas mãos, seis mil soldados de tropas lusidas, mas indisciplinadas, se acantonavão pela provincia, e commettião contra os habitantes toda a casta de oppressões, barbaridades, roubos, e mortes. Acabados, porém, os processos e execuções, as tropas sahirão do Algarve, deixando-o, a bem dizer, assolado.

« — Em tanto uma especie de junta formada em Badajoz (quartel general das tropas castelhanas, que ameaçavão o Algarve, e que erão commandadas pelo duque de Bejar, e pelos mestres de campo Cardenas, Graneros, e Bocanegra) regulava não só as cousas do exercito, mas influia tambem nas materias politicas e judiciaes, que se tratavão em Portugal. O conde-duque tinha munido esta junta de grandes poderes, porque sendo composta de homens pouco entendidos em negocios de estado, era um méro instrumento de sua politica, em quanto por outra parte a vice-regencia de Portugal não fazia mais que cumprir as ordens que de Badajoz lhe erão communicadas.

« — Fôra em Madrid seguida a opinião dos mais prudentes no conselho d'estado; isto é, tinha-se concluido, que não era tão importante o impôr severos e terriveis castigos aos inquietos, como o tornar impossivel a renovação de semelhantes revoltas, e reduzir Portugal a uma provincia, depois de o enfraquecer. Esta idéa converteu-se em pensamento immutavel no animo do conde-duque. A primeira cousa em que se cuidou foi em tirar do reino aquellas pessoas notaveis, que, ou por sua superioridade intellectual, ou por nobreza, ou por jerarchia ecclesiastica, podião arrastar apoz si a opinião popular. Todavia, não era facil tirar de Portugal, depois de uma revolta, as personagens pouco affectas a Castella, e ao mes-

mo tempo uotaveis, sem que, facilmente, se calculassem os motivos e as consequencias de tal procedimento. Imaginou, por isso, o conde-duque, que chamando conjunctamente para Madrid os fidalgos affeiçãoados ao dominio castelhano, e aquelles de quem desconfiava, ninguem mais veria em tal medida um pensamento reservado. A necessidade de formar uma junta em que se unissem as principaes capacidades de Portugal para ahi se tratar da refôrma, e melhoramento de varios ramos de administração, justiça, e fazenda, foi o pretexto da convocação. O arcebispo de Braga, D. Sebastião de Mattos e Noronha, e o de Lisboa, o célebre D. Rodrigo da Cunha, aquelle affeiçãoado, e este contrario a Castella; o arcebispo de Evora, o bispo do Porto, os condes de Portalegre, Sabugal, Miranda, e Santa Cruz, varios jesuitas, e outros individuos forão os primeiros chamados; e pôsto que devessem ser muitos mais, não quiz o astuto ministro que juntamente sahisses do reino para não causar suspeitas, e para que, enganados com o bom acolhimento feito a estes, os outros mais facilmente caissem no laço. Dos jesuitas convocados só um se apresentou em Madrid. Este, certamente, não tinha o quarto voto.

« — A isto seguirão-se levas de tropa de infantaria e cavallaria no reino, e nos Açôres, para irem servir fóra do paiz: ordenou-se mais, que os galeões de Portugal fossem entregues a cabos e officiaes castelhanos, e emfim determinou-se, que se pedissem á casa de Bragança mil vassallos armados para o serviço da corôa. Enfraquecido assim o reino, facil era reduzi-lo á classe de provincia, e tornar impossivel a esta o reanovar as tentativas para sacudir o jugo. Tal era o alvo infernal em que o primeiro ministro punha o fito. Seria esta a sorte do nosso paiz, se as circumstancias que cencerêrão n'aquella epocha, e a resolução audaz de alguns fidalgos não tivessem trazido a maravilhosa revolução de 1640.

« — Os portuguezes que havião sido chamados a Madrid, andarão muito tempo na côrte, sem que se lhes declarasse o motivo da sua convocação. O conde-duque queria assentar outros negocios da monarchia, antes de tocar no maximo — a

incorporação de Portugal na Hespanha. Logo que esses negocios se encaminharem a seu termo, os convocados receberão aviso para irem individualmente a casa de varios ministros castelhanos com o presupposto de conferenciarem. O que se passou nestas conferencias nunca bem veio a lume; por que nenhum dos portuguezes o declarou, ainda depois da separação; mas disse-se, e é provavel, que a proposta apresentada a cada um delles, fôra a irrevogavel tomada pelo conde-duque ácerca da premeditada mudança politica, e que a elles sómente se pedia conselho sobre o modo mais facil de executar o projecto. Uma circumstancia demorou os effeitos da má vontade do valido, quanto foi necessário para se reorganisar uma conspiração que elevou ao throno portuguez o duque de Bragança D. João.

« — Receosos os castelhanos de que os brios portuguezes não estivessem ainda inteiramente apagados, debaixo do peso enorme do despotismo ferreo de sessenta annos, quizerão ter no porto de Lisboa forças maritimas capazes de validar a publicação do acto que tornava Portugal um apanagio da corôa de Castella. A Hespanha andava então em guerra com a França, e trazia no Mediterraneo uma poderosa armada, ás ordens do almirante Oquendo. Esta armada devia vir invernar no Téjo, e tal era a occasião que o conde-duque escolhera para fazer aquella grande mudança politica.

« — A esquadra, porém, de Oquendo foi completamente derrotada pelos inimigos. D'ahi a pouco rebentou a revolução dos catalães, que tauto fez padecer a monarchia hespanhola. Então os portuguezes, apesar do seu abatimento, reivindicarão a independencia do seu paiz, da qual provarão serem dignos, luctando por meio seculo contra o colosso hespanhol, e obrigando-o, por fim, a chamar igual e irmão áquelle mesmo povo a quem por sessenta annos chamara escravo. — »

A Hespanha tinha-se fortemente abalado; o conde-duque chamara á côrte os fidalgos de primeira grandeza, e que se suspeitava dessem apoio aos mal-contentes. Em 1638 mar-

chárão algumas tropas contra Portugal. Forão enforcados em effigie Sesinando, e Barradas, dous homens energicos, havendo depois tranquillidade apparente. Não fôra, todavia, só em Evora, e no Algarve, que o povo manifestava, energicamente, o seu desgosto: a nação, cruelmente decimada, indignara-se; porque durante as alterações d'Evora, exigirão della o sacrificio mais humilhante de quantos até ali havião exigido — o de irem á côrte os magistrados do povo, vestidos de sacco, e corda ao pescoço, fazendo, para obterem vergonhoso perdão do rei de Castella, o que outr'ora praticara Egas Moniz por um acto d'heroismo. Dizia-se tambem, que em virtude de consulta de habeis theologos, e de condescendentes legistas, Portugal, que ainda conservava uma sombra de nacionalidade, ia ser riscado da lista das nações, e incorporado na vasta monarchia hespanhola.

Da attenta leitura da interessante historia, que, sobre este objecto, D. Francisco Manoel escreveu, pôde conhecer-se o gráu de amor proprio do conde-duque, e o modo um tanto comico (1) com que elle se havia em varias occasiões para maravilhar alguns animos. Em tanto, certos boatos, que nem ao menos começárão a realisar-se, podião muito bem ser de proposito espalhados, por quem esperava tirar delles grão proveito.

O que não entra em dúvida, é que o ministro, a despeito da sua fingida indifferença, quanto ás desordens que rehentaráo tão proximo, estava bem ao alcance das correspondencias que havia entre a exigua côrte do duque de Bragança, e o resto de Portugal. Durante as alterações d'Evora, muitas vezes se lhe ouviu dizer, que Portugal não lograria socego, em quanto não se cobrissem de herva os páteos e degraus do palacio de Villa Viçosa. E com effeito, neste pa-

(1) Entre outras narrações de D. Francisco Manoel, veja-se a em que elle conta a audiencia solemne do ministro. A galeria em que penetra a luz do dia, e termina por uma especie de alcova; a voz que manda, e que se ouve como uma especie de murmúrio nas trévas, enchão de terror alguns animos.

lacio havia dous nobres corações, que se entendião; e duas cabeças cheias de força e resolução que, certo, tinhão mutuamente communicado os seus projectos, apesar da reserva que a tal respeito guardão os escriptores contemporaneos (1). Por muito que digão os mais acreditados d'entre elles, é certo que durante os tumultos de Evora não se ouviu pronunciar o nome de Pinto Ribeiro, nem o de D. Luiza Francisca de Gusmão (2), illustre esposa do duque de Bragança. Quando a revolta da Catalunha veiu agitar de novo os animos, estavam, por assim dizer, esquecidos estes nomes, hoje gravados nos corações de todos.

O silencio ácerca de duas personagens, que tão bem dirigirão a conspiração, é mais uma prova da sua habilidade. A infanta D. Margarida (3) vice-rainha, que governava en-

(1) Quem teve a iniciativa deste grande projecto? E' ainda problema. Pinto Ribeiro era procurador, ou agente dos negocios do duque de Bragança. Residia quasi sempre em Lisboa, porém, em virtude de suas occupações, ia a miude a Villaviçosa. A duqueza de Bragança, mais habil politica que seu marido, fez o que era de esperar de suas luzes e actividade. As propostas do duque de Richelieu ser-lhe-ião então reveladas? Faltão a este respeito documentos positivos. A voz do povo ainda dá a melhor parte do resultado destes negocios a Pinto Ribeiro, e á duqueza de Bragança. Acreditamos por uma parte na tradição; mas para sermos exactos, diremos, que o nome de D. Luiza Francisca de Gusmão, figura pouco nos escriptos contemporaneos. O mesmo Pinto foge de pronunciar-lo; ha motivo, cujo valor politico não attingimos.

(2) Esta princeza, nasceu em São Lucar de Barrameda, a 13 de outubro de 1613, e teve excellente educação. Em 1663, contando apenas vinte annos, desposou o duque de Bragança. Nascerão do consorcio com D. João, os principes D. Theodosio; D. Anna; D. Joanna; D. Catharina, depois rainha de Inglaterra; D. Manoel; D. Affonso; e D. Pedro. — D. Anna, e D. Manoel, pelo pouco tempo que viverão não chegarão a receber o titulo de infantes. A ser fiel a cópia de um retrato, que possui a casa de Medina-Sidonia, era extremamente encantadora a fisionomia desta princeza. Ve-ção-se os *Retratos e biographias das personagens illustres de Portugal*. Lisboa, 1842. Estes retratos são obra de M. C. Legrand.

(3) A duqueza de Mantua viera a Portugal nos fins de 1684,



tão em Portugal, viveu tambem a este respeito enganada. O executor das ordens de Filippe IV, o astucioso Vasconcellos, desvaneceu, por um momento, as suspeitas que o inquietavão, e a segurança que lhe deu o silencio, muito a proposito guardado, foi a causa primaria de um successo tão decisivo, quanto inesperado.

Como o auctor das *Revoluções* nos deu conhecimento das principaes personagens, que depois figurarão neste drama, será este o unico trecho que da sua animada narração extrairemos; guiando-nos, quanto á disposição principal dos factos de tão prodigiosa restauração, por um historiador portuguez, que aquelle auctor consultou.

Diz-se que o numero dos conjurados subia a quarenta, nos fins de 1640. As primeiras propostas ao duque de Bragança, forão-lhe apresentadas na occasião da sua viagem a Almada, mas nada então se resolveu definitivamente. A 12 de outubro do mesmo anno houve em Lisboa uma reunião dos principaes conjurados, exigida pelas circumstancias (1); por-

e só tomou posse do governo em janeiro do anno seguinte. O marquez de Puebla era, *pro forma*, o seu ministro assistente; porém, como observa o conde da Ericeira, esta nomeação ficara sem effeito. Miguel de Vasconcellos, com o titulo de secretario d'estado, provia a tudo de livre arbitrio. Este homem, tão geralmente desprezado, possuia talentos distinctos em materias de fazenda. Seu genro, Diogo Soares, tinha o mesmo titulo, e era igualmente detestado pelo povo, mas residia em Madrid.

(1) Eis-aqui o nome dos mais notaveis conjurados, extrahidos do *Portugal Restaurado*, do conde d'Ericeira:— D. Antão de Almada — D. Miguel d'Almeida, monteiro-mór — Jorge de Mello — Pedro de Mendonça — Antonio de Saldanha — João Pinto Ribeiro — marquez de Ferreira — conde de Vimioso — D. João da Costa — D. Jeronimo d'Athaide, e seu irmão, D. Francisco Continho — Fernão Telles — Antonio de Mello, e Luiz de Mello — Estevão da Cunha — João de Saldanha — D. Affonso de Menezes — Thomé de Sousa — D. Antonio Tello — D. João da Silva e Menezes — D. Alvaro d'Abranches — Ayres de Saldanha — D. Antonio Alvaro da Cunha — Bartholomeu de Saldanha — Tristão da Cunha — Luiz, e Nuno da Cunha, seus filhos — D. Miguel Childe Rolim — D. Luiz

que a guerra, que ia abrasar a Catalunha, affastaria, certo, da capital mais de um membro desta associação patriótica. Queria-se pôr termo ao dominio hespanhol; mas todos se queixavão do duque de Bragança, cuja irresolução e frieza desanimavão. Houve até lembrança de cortar estes embaraços, constituindo Portugal em republica, como as provincias-unidas da Hollanda. Pinto Ribeiro fallou energicamente contra semelhante projecto, e voltou os animos a favor de D. João, affirmando, que o que se reputava cobarde hesitação, era verdadeira prudência. Concluiu, asseverandó, que o duque de Bragança era homem de altos espiritos, e sobrado conhecia os deveres da sua elevada jerarchia, para regeitar esforços, que no seu coração approvava.

A felicidade da casa de Bragança dependeu então destas poucas palavras. Resolvêrão que se enviasse nova mensagem ao duque, sendo encarregado Pedro de Mendonça, alcaide-mór de Mourão, de lha ir entregar a Villa Viçosa, e de ahí sondar as suas disposições. O digno portuguez, que comprehendeu esta viagem, conheceu quanto era difficil a sua missão. Passou por Evora, aonde havia socego apparente, mas vehementes desejos de independencia; e aonde encontrou o marquez de Ferreira, o conde de Vimioso, e Rodrigo de Mello, que escrevêrão ao duque, instando, com a sua bem conhecida lealdade, para que tomasse a resolução que todos desejavão.

Já procurámos mostrar, que D. João possuia animo distincto, apreciaveis qualidades; que amava os prazeres; que era dotado de grande valor, como convinha, e que Pinto notára, mas que não servia para cabeça de partido. Encontrou-o Pedro de Mendonça em Villa Viçosa, voltando elle da caça; entregou-lhe as cartas de que era portador, mas achou-o ainda vacilante; devendo, sem dúbida, julgar que

d'Almada, filho de D. Antão d'Almada — D. Thomaz de Noronha — D. Antonio Mascaranhas — Francisco de Sampaio — D. Carlos de Noronha — Freire d'Andrade — e Lobo de Figueiredo.

pessoa tão dada ao folguedo, quanto indifferente aos negocios; não fôra talhado para rei. O destino de Portugal, como monarchia, pôde affirmar-se que dependia então da lingogem decisiva de um espirito penetrador, e ainda mais da subita resolução de uma mulher digna de ser rainha.

O duque de Bragança tinha então um secretario intimo, de quem os conjurados suspeitavão. O alcaide-mór de Mourão ao entregar a carta em que se pedia ao duque immediata resposta, supplicou ao mesmo duque, que não revelasse o contheudo d'aquella carta a Antonio Paes, ao que elle respondeu: — « Tranquillisai-vos a tal respeito, mas ficæ certo de que elle sabe melhor do que eu o que a carta contém. — » Foi a este homem, cujo nome a historia quasi sempre cala, que elle consultou no apêrto em que o collocarão as propostas da commissão secreta de Lisboa. Antonio Paes tinha, sem duvida, recebido instrucções de Pinto, e conhecia provavelmente assim os defeitos, como as boas qualidades de seu amo. Contentou-se elle com fazer-lhe a seguinte pergunta: — « Que fará o duque, se o povo cansado de esperar constituir uma republica? Antonio Paes, vós bem sabeis que elle se sугeitará á opinião geral do reino, e que correrá todos os perigos, que hão de assaltar a patria. — Cessará então a incerteza; e quem se decide a arriscar a vida para ser vassalo de uma republica, deve ter mais gloria em collocar-se á frente do povo, e receber d'elle o titulo de rei. — »

D. João, commovido, passou depois ao quarto da duqueza, cuja firme resposta ainda mais o decidiu. — « Antes perecer reinando, do que viver obedecendo. Quanto a mim, senhor, prefiro ser rainha uma hora, a ser duquesa toda a vida. — » Pedro de Mendonça, transmittiu aos conjurados uma resposta, que muitos delles não esperavão. Os factos curiosos, que referimos achamo-los em varios escriptores portuguezes; e posto que o conde da Ericeira fosse creança de curta idade, quando se effectuou a revolução, colheu todavia, informações das principaes personagens que figurarão neste drama: o seu testemunho vale, para nós, como se fô-

ra o de um contemporaneo. Maravilha, certo, o tractar este escrupuloso historiador tão de leve das ultimas conferencias dos conjurados com o duque de Bragança, ainda mais o ver-se que a narração de uma personagem eminente, e que teve a principal parte nesta negociação lhe fôra inteiramente desconhecida. Pinto Ribeiro nos conta, n'um precioso opusculo, que pôde collocar-se a par das maiores raridades bibliographicas, que elle foi outra vez mandado pelos conjurados ao palacio de Villa-Viçosa, depois da volta do alcaide de Mourão; e que nessa occasião obtivera do duque a resolução final. Refere elle proprio a sua viagem por modo tão conciso e original, que por maneira alguma o alteremos. Prevenimos, contudo o leitor, de que elle falla de si neste opusculo por terceira pessoa. « — Pinto partiu para a residencia do duque, diz elle, e chegou tão breve a Villa-Viçosa, que na ida, estada, e volta apenas gastou dez dias, achando-se já em Lisboa no dia 21 do mez. Communicou ao duque o que sabia sobre o objecto, e quanto lhe occorreu, facilitando a empresa, e expondo com franquesa a sua opinião.. Achou, porem as cousas em melhor estado do que esperava, por que viu o duque resolvido, no caso que tão grande tentativa falhasse em Lisboa, a por-se em campo, e a tentar fortuna com os povos do Alemtejo, que lhe erão muito affeiçoados. Um coração benevolo atreve-se a muito; e João Pinto, certo da favoravel disposição que encontrava na empresa, antecipou-se, e converteu em effeito, o que só era intenção: abi mesmo, prostrando-se ante o duque, lhe disse: — *Proximus accingendus habetur pro accinto!* Vossa magestade deve ser aclamado rei, e senhor legitimo deste reino, e eu como tal o reconheço. Permitta-me, pois, que lhe beije as mãos, e seja o primeiro que lhe tribute esta homenagem. — » E expressando-se de similhante modo, juntou a acção ás palavras. Sua magestade, com a modestia, que lhe é natural recusou-se, dizendo: — « Não vendâmos a pelle primeiro que a carne. — » Pois bem, replicou Pinto: — cheio de confiança asseguro a vossa magestade, que os desejos ainda não irão tão longe

quanto os successos. — » Este quadro, traçado pelo escriptor mais influente na revolução de 1640, foi desprezado por todos os escriptores nacionaes e estrangeiros. Rehabilita, com tudo, perante a historia o monarcha accusado de irresoluto, sendo mais uma prova accrescentada a muitas outras do alto grau de confiança, que Pinto tinha na sua causa.

Pedro de Mendonça, depois da sua primeira conferencia com D. João, procurou meios de fazer constar aos principaes conjurados, que residião em Villa-Viçosa e Evora as boas disposições do duque, que Pinto tambem confirmava. Mas, logo depois de ter obtido a ultima palavra de D. João, partiu para Lisboa, a fim de conferenciar com os partidarios deste; por quanto era em casa de Pedro de Mendonça, que havia as reuniões em que se ventilavão os grandes negocios do estado. A maior parte dos historiadores, que têm tratado deste caso importante da historia de Portugal, fallão n'um acontecimento, que esteve a ponto de mallograr tudo. Em a noite de 28, destinada para se realisarem os grandes movimentos, um fidalgo chamado D. João da Costa, a quem o segredo não tinha sido ainda revelado, tendo por acaso relações com os conjurados, foi por elles convidado a tomar parte no grande movimento que se preparava. Discorreu então por tal arte, que se tornou suspeito de traição. Vertot passa ligeiramente por este facto, mas o conde da Ericeira o conta por extenso, e narra com satisfação, como um dos episodios mais interessantes da sua historia. Ainda váe mais longe: apresenta por extenso as considerações feitas pelo joven fidalgo aos demais conjurados nesta noite memoravel. Eis como elle se expressou na primeira conferencia a que assistiu ácerca de tal objecto (1). — « Muitos annos ha, senhores, que com profundo sentimento observo as calamidades que padece Portugal, e que com intimo affecto procuro achar caminho,

(1) Transcrevemos, na sua integra, este discurso, que se lê no *Portugal Restaurado*, tomo 1.º, pag. 96, edição de 1679.

que facilite a sua liberdade: nunca puz em dúvida a justiça, que o duque de Bragança tem para se lhe entregar esta corôa, nem ignoro o rigor com que a tyrannisa o governo de Castella; porém, a rasão do duque, e a offensa do reino, ainda que são fundamentos para nos mostrar-mos justificados, não são forças para nos considerar-mos victoriosos; porque esta causa, a que nos queremos oppôr, não a decidem as rasões, hão-de sentenciar-la as armas, e considero que os mesmos motivos da nossa resolução, nos representam as maiores difficuldades. Confesso que o duque de Bragança, conforme a noticia que temos do seu talento, é muito capaz da corôa; porém esta que lhe queremos dar, é tão pesada, que necessita de maiores circumstancias. E' mister muitas experiencias que faltão ao duque, não só politicas, senão militares; porque no estado presente é necessario a Portugal, que quem empunhar o sceptro, saiba exercita-lo como bastão. Da segunda causa nasce tambem contrario effeito; porque, sendo a maior queixa que temos dos castelhanos, a extremidade a que tem reduzido este reino, com o fim de o fazer provincia, tirando delle gente, dinheiro, armas, e cavallos, esta mesma falta impossibilita o que intentámos; porque, sendo estes os quatro elementos de que se compõe o formidavel corpo de guerra, e carecendo nós quasi totalmente de todos quatro, qual é o fim, quaes são as esperanças com que a empreendemos? E' facil fazer rei ao duque de Bragança, mas é muito difficultoso sustentar-lhe a corôa. Parte das grandes empresas podem os animos valerosos fiar da fortuna, mas entregar-lhe todo o successo dellas é a maior independencia, e a mais indisculpavel temeridade. Sommados todos os cabedaes de que fazemos conta, vimos a achar, tirada a prova, quarenta fidalgos em Lisboa, com tão pouco sequito, que não chegão a duzentos homens: a promessa do juiz do povo e mésteres tão mal fundada, que depende da vontade do povo volavel, e inconstante, e algumas intelligencias em poucos lugares da provincia do Alemtéjo. Por oppostos ao limitado poder que temos em Lisboa, havemos de achar os soldados cas-

telhanos que guarneecem o castello, torres e navios que estão ancorados, que ao menos serão mil e quinhentos, e além destes todos, aquelles que dependerem de Castella, e os que medrosos do seu poder se desviarem da nossa opinião. Da segunda confiança, que é nos logares do Alemtéjo, se deve fazer muito pouco caso, na consideração de terem na memoria o castigo das revoluções d'Evora; dos mais do reino não podemos inferir a resolução sem nos intrometter em adivinhar os futuros, privilegio que sem particular auxilio não costuma ser concedido aos mortaes. Porém eu quero suppôr todas estas difficuldades vencidas, e considerar o povo de Lisboa unido, seguindo a voz do duque de Bragança, o castello, torres, e navios atacados e rendidos á nossa bisonharia: todas as cidades, villas, e logares conformes com a opinião de Lisboa, e as conquistas seguindo o consentimento do reino. Representando-se-me forçosas duvidas em qualquer destas proposições, mas dando-as (como disse) por vencidas, quaes são os exercitos, quaes as armadas, que temos para nos oppôr ao poder de Castella? Consente menor duvida (se Deos não cegar aos castelhanos) marcharem no mesmo instante, que chegar a Madrid a nova do que executar-mos, contra Portugal os terços, tropas, e armada, dedicados para Catalunha, a atacar a nossa resolução o maior damno que póde padecer aquella monarchia.

« Hollanda e Catalunha quando se resolvêrão a saccudir o jugo de Castella, havião grangeado primeiro a amisade dos principes visinhos, que com grandes exercitos sustentárão o seu partido, introduzindo-os nas melhores praças, ao mesmo tempo que elles se declararão contra os castelhanos, e nós outros não só elegemos a occasião em que os castelhanos se achão armados dentro de Hespanha, senão fiamos tanto dos nossos braços, que não tratámos de algum outro soccorro, e mais quando já agora, ainda que consigâmos alliança de algum principe, é o praso tão pouco, e tão difficultoso chegarem os soccorros a tempo, havendo de ser por força a inconstancia do mar, quem os condusa, que é rasão que consideremos o damno, muito distante do remedio. . .

« Sendo todos estes discursos, a meu parecer, sem contradição, não nos fica para que appellar senão para milagres, e milagres, senhores, é justo que se creão, é bom que se mereção, mas não é rasão que se esperem. Porém ainda não tenho proposto as duvidas, que se me offerecem, em materia tão ardua e tão importante; não é o meu fim encontrar a empreza, nem desviar-me do perigo della, pois não é a primeira vez, que a vontade se aparta do entendimento, em operações menos generosas. A minha tenção é mostrar, que sigo o que julgo por tão difficil e arriscado, ponderando, que se ha lei, que indignamente me obriga a entregar a vida á disposição de qualquer amigo, que a lei natural me empenha a sacrificá-la dignamente pela liberdade da minha patria. Confesso, que se tivera esta noticia mais antecipada, que fôra o meu voto que se dispozesse esta empreza com mais segurança; porém fiando-se-me a tempo, que é tão pouco, que temos do intento á execução, o que me parece é senão dilate, porque não achemos na falta do segredo o maior inimigo. — »

Affonso Rable, escriptor de verdadeiro talento, porém muitas vezes mal informado, admira, com rasão, este discurso, cuja prudencia e energia applaude. Somos, porém, forçados a dizer-lhe, que é ao conde da Ericeira, D. Luiz de Menezes, que pertence a honra desta longa arenga, farta de expressões pittorescas e atrevidas. Pinto Ribeiro, narrador por excellencia, conta os factos de modo inteiramente diverso; e sendo elle actor forçado desta scena merece por isso o maior credito. — « Tudo corria milagrosamente, diz elle, em linguagem sincera e animada, quando se alevantou uma borrasca tão perigosa, que faria perder a tramontana ao mais habil, se Deos se não dignasse asserenar o mar (1). A mesma personagem expõe em seguida, que na reunião de 28 se concordára em que cada um dos conjurados, faliaria a certo

(1) *Usurpação, retenção, e restauração de Portugal, pelo doutor João Pinto Ribeiro. Lisboa, 1642.*



numero de pessoas de confiança, e que um delles tendo, contra a vontade geral, fallado a certo fidalgo, achou nelle tanta prudencia e hesitação, que lhe chegarão a escurecer o valor. — » O fidalgo cuja indiscrição punha em tamanho perigo a liberdade, abriu-se com os demais conjurados. Assaltou-os a mais viva inquietação, concordando em irem ter com Pinto para que disto avisasse o duque. No dia 29, apenas deu meia noite, vierão dous fidalgos a casa de Pinto para o encarregarem desse mister. Morava elle no palacio de Bragança, que franqueou aos conjurados sem prévio conhecimento dos creados do duque. Pinto ficou muito desanimado com tal comunicação, porque conhecia melhor que ninguem, o inconveniente de atermar as resoluções do duque. — « A discussão, diz elle, durou tres horas, discorrendo os conjurados pelas sallas do palacio, ácerca de tão ardua situação. Retirarão-se todos, incumbindo a Pinto de avisar D João, o que elle (segundo confissão propria) não tencionava fazer, porque a dilação em similhante caso era mais damnosa, que o perigo; e tanto se arriscava o segredo com taes demoras, como com a communicação deste successo... o duque irresoluto podia esfriar, e não se sujeitar a outras determinações. — »

Pinto, que similhando os homens da sua fibra, verdadeiros cabeças de partido, se collocára, muito de industria, no segundo lugar, não apparecerá tal qual é nestas poucas palavras? E' por isso que elle fugia de perturbar o animo de D. João. Escreveu-lhe tão sómente por meio de um creado de confiança nos seguintes termos: — « Suspenda Vossa Excellencia o que estiver fazendo, até novo aviso meu. — » Pinto preveniu depois os principaes cabeças da conspiração, que ignoravão tal iudicente, entrando neste numero D. Miguel d'Almeida. Colheu de similhante passo o resultado de saber quanta reprovação merecêra tal proceder. Todavia, os conjurados reunirão-se, e concordarão em que era necessario sujeitar á sorte alguma cousa. Foi o duque avisado, e a determinação irrevogavelmente tomada. Designou-se o primei-

ro de dezembro de 1640 para começo da nova era de independência (1).

Dizia-se que as mulheres representariam mui digno papel nesta revolução. Como nos antigos tempos sacrificarão á liberdade da patria o amor materno, bem como nas eras cavalleirosas exaltavão com o seu heroismo os que mandavão aos combates. D. Filippa de Vilhena, fidalga illustre de Lisboa, armou ella propria seus dous filhos, e empunhando a espada de seu marido, que militára na India, lhe disse: — « Sois cavalleiros. Ganháe um throno para el-rei, e a liberdade para a patria (2). — » D. Jeronimo d'Athaide, e D. Francisco Coutinho, que sahirão, por assim dizer, da infancia, forão armados de couraça pela sua propria mãe, que lhes cingiu o cinto, bordado pelas suas mãos, misturando estas preparações com beijos maternos. Outra fidalga, de appellido Lancastre, praticava iguaes feitos na mesma manhã, e muitas mais tinham no centro d'alma identico pensamento. Fazião occultos sacrificios, e quando derramavão lagrimas como christãs, lembravão-se das palavras do esparciata: — soou a hora de partir; ou voltar livre, ou ficar morto no campo.

Chegára emfim o momento dos grandes successos. Derão nove horas; todas as lojas se conservavão abertas, e nada fazia suppor que ia começar uma grande alteração politica, no bairro aonde habitava a duqueza de Mantua. No *terreiro, ou largo do paço*, havia tanto socego como nos tranquilllos dias de Filippe III. Apenas entravão na praça algu-

(1) O conde da Ericeira é demasiadamente breve quanto a estes factos principaes. Até diz que Pinto mandára ao duque avisos contradictorios, que o pozerão em extrema confusão; mas Pinto não se esqueceu de observar, que o theor da segunda mensagem era igual ao da primeira; o que bastava para que o duque ficasse de sobre-aviso, sem de todo desanimar. Recebeu depois outra participação com a resolução definitiva.

(2) Esta scena, de que apenas damos o esboço, foi optimamente desenvolvida pelo sr. Silva Leal, junior, escriptor portuguez. Tambem ella se encontra em Laclede, porém escripta com muito pouca animação.

mas carruagens, e cavalleiros, sem que com isso se inquietassem os moradores do palacio. D. Miguel d'Almeida fidalgo velho que visitava a miude a vice-rainha, atravessára o limiar do paço; e de repente se ouviu um tiro de pistola, disparado na salla dos tudescos. Era o signal convencionado, dado o qual sairão centenaes de homens das carruagens, enchendo-se a praça de cavalleiros. O conspirador octogenario, que a guarda deixou passar, e que representa a antiga fidalguia portugueza, apparece na varanda, e com a espada em punho bradou ao povo: — «viva D. João IV, até agora duque de Bragança; e morrão os traidores que nos roubarão a liberdade. —» Um grito geral lhe responde; aproxima-se o começo da lucta; e ao brado de — morra Castella! — ataca a guarda hespanhola tres homens resolutos. Jorge de Mello, Estevão da Cunha, e Antonio de Mello e Castro, remettem aos castelhanos, obrigando-os a render-se, e gritando-lhes: «—viva Bragança. —» Pinto Ribeiro, que tinha sido o homem de conselho maduro, e de alta previsão politica, foi tambem homem de acção na hora do perigo. Os conjurados tinham-se dividido, de modo que podessem obstar a qualquer resistencia. Ao mesmo tempo encaminhou-se Pinto á frente dos mais resolutos, ao quarto de Miguel de Vasconcellos, o unico que por uma subita resolução poderia empecer os esforços dos conjurados. Para ali chegar era necessario dar antes cabo, com a pistola, ou punhal, de alguns confidentes do valido; porém, este homem, sempre álerta pelo receio, confiára na fortuna, e não quiz dar orelhas a bons conselhos. Avisado subitamente do perigo, mostrou desprezar a trama, comparando-se orgulhosamente a Cesar: — «Imita-lo-hei na fortuna, disse elle a Fonseca, (1) indo depois esconder-se

(1) Veja-se a este respeito Laeclède, que faz uma narração diffusa, mas, ao que parece, exacta. Manoel Mansos da Fonseca, viera avisar o ministro de Filippe, que achou na maior paz de espirito. Um manuscripto hespanhol da bibliotheca real, sob o numero 24 (gaveta des Petits Péres) diz que na occasião em que os conjurados entráram o gabinete da secretaria d'estado, fugirão d'ahi

n'um armario, fiado no segredo de uma creada velha, unica que o podia atraiçoar. Quando souo a hora de Vasconcellos, não houve afeição, nem piedade que lhe valesse. Os conjurados entrarão primeiro em turba no quarto que elle habitava: bastava ver a cama desarranjada d'onde acabava de sair, e a tremura em que se achava a velha, para conhecer que Vasconcellos se não podera evadir. Uma espada nua, e um gesto ameaçador a intimidarão. Pediu ella, mentalmente, perdão a Deos, diz este historiador, e com furtivo volver de olhos, indicou o armario onde seu amo estava. Vasconcellos morreu sem proferir palavra, sendo Antonio Tello quem lhe deu o primeiro tiro de pistola (1). Os demais conjurados se arremecarão ao cadaver do indiguo ministro, e o lançarão da janella abaixo. Tão sanguinolenta execução foi acompanhada de gritos de: Viva D. João, rei de Portugal! a que corresponderão as acclamações do povo. Na occasião em que estensanguentado e nu cadaver era arrastado pelas ruas de Lisboa, encaminhárão-se á camara da vice-rainha, D. Miguel de Almeida, Fernando Tello de Menezes, D. João da Costa, e muitos outros fidalgos. Para ahi chegarem arrombárão algumas portas, encontrando a princeza na casa da galé.

Margarida de Mantua, intendeu que erão inuteis as arengas que dirigia ao povo. Aproximando-se-lhe D. Miguel voltou-se ella para os conjurados, suppondo acaso, que teria

tres homens, que forão muito maltratados. O auctor anonymo deste scripto, que não vem citado em um só catalogo, parece ter conhecimento das menores circumstancias do successo. Depois de contar como Vasconcellos foi morto, sem ter tempo de confessar-se, diz que uma parte dos conjurados se dirigiu á propria casa delle, ao chafariz d'elrey, para se lhe apossarem do irmão, João de Braga, que se evadiu em trajos de mulher. O bispo de Leiria, outro irmão delle, que estava na igreja, quando rebentou a sublevação, logrou esconder-se n'um convento de freiras.

(1) E não Rodrigo de Sá, como diz Vertot. Laclede, que tinha algum conhecimento das particularidades desta scena horriavel, conta os insultos feitos ao cadaver morto. Despiram-no, e o arrastarão depois pelas ruas um dia inteiro. Pinto Ribeiro conseguiu, por fim, que lhe dessem sepultura.

mais influencia nos representantes da aristocracia da primeira ordem, do que nas turbas desordenadas. Disse-lhe pois, com voz embaraçada: — « Basta senhores: já o ministro culpado pagou os delictos commettidos; não passe adiante um furor, que não merece entrar em peitos tão nobres. Eu me obrigo, a que el-rey catholico não só perdoe, mas agradeça livrar-se este reino dos excessos do secretario (1). — »

Não é sem motivo que transcrevemos as palavras da vice-rainha, modificadas, e alteradas por todos os escriptores. Vê-se que ella, ao principio, promettia muito mais do que devia esperar-se do conde-duque. Tornando pouco a pouco a si, mostrou uma especie de varonil firmesa, que o conde de Ericeira muito louva. O discurso, um tanto nobre, que em todas as historias se attribue a D. Carlos de Noronha, não é ficticio. Pinto Ribeiro que, sem duvida, estava presente a esta scena affirma a sua veracidade. Diz, pois, de positivo, e sem commentos. — « Queria ella dar outras demonstrações, apparecendo ao povo então furioso, e abrasado do desejo de ver confirmado o que se tinha já feito; porem os que com ella se achavão obstarão a isso. Comtudo, vendo que a princeza não queria accommodar-se, recorrerão a meios de severidade. D. Carlos de Noronha, que lhe fallara com palavras de tanta firmesa, que a deixára assombrada, acrescentou que convinha que S. A. não desse occasião a que se lhe faltasse ao respeito. A princeza muito irada com taes expressões, disse: — a mim?... como? — precipitando V. A. de uma destas janellas. Accommodou-se então, principiando a fazer o que exigia della o tempo, e o que a rasão aconselhava. Não fallaremos para maior brevidade, na colera do arcebispo de Braga, que, talvez, cumprisse com o seu dever, defendendo a vice-rainha, nem na caridosa admoestação feita ao fogaço prelado por um dos conjurados, que intercedêra, para que o não matassem, a um dos cabeças da conspiração. Pinto na-

(1). Veja-se a *Historia de Portugal Restaurado*, por D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira, anno 1679 — no tom. 1.º pag. 103.

da também diz a este respeito; mas acrescenta que a vice-rainha ordenou em continente ao *sargente-mór* do palacio, que não fizesse movimento algum, que inquietasse o povo. Esta ordem foi, sem duvida, exigida a Margarida de Mantua por homens que arriscavão então a vida pela independencia nacional. Affirmão os historiadores, que a vice-rainha esperava que a sua determinação não fosse executada. Pinto diz-nos em seu opusculo, que se o canhão do palacio atirasse sobre a cidade, os soldados da guarnição pagarião com a vida o mal feito pelos seus commandantes. Porém, nem todos os que tem escripto sobre tão memoravel successo pensão do mesmo modo; e o conde da Ericeira está persuadido, que se os quinhentos infantes encerrados na fortaleza tivessem sahido á praça ao primeiro rumor, duvidoso ficaria o exito da tentativa. D. Luiz do Campo, governador do forte, absteve-se de qualquer demonstração hostil, e na noite do dia seguinte, recebendo nova ordem de Margarida de Mantua, entregou a D. Alvaro de Abranches as chaves do castello, cuja resistencia os caudilhos da revolução olhavão como o mais serio obstaculo ao restabelecimento da independencia nacional (1). Desde a manhã em que Pinto, encaminhando-se ao palacio, dissera resolutamente a alguém, que lhe não des-se cuidado o que ia acontecer, porque se dirigião á salla do

(1) O manuscripto hespanhol já citado, affirma, que o governador não tinha mais de dez quintaes de polvora para o combate, e que os seus soldados estiverão dous dias sem comer. O conde duque commetteu um erro capital em não abastecer melhor a fortaleza, e sobretudo em tirar para as guerras da Catalunha 13.000 homens da guarnição do castello. Todavia, a historia não pôde qualificar o procedimento do governador; e muito mais tendo-lhe aconselhado um prisioneiro d'estado portuguez, mui entendido nas cousas da guerra, que fizesse uma sortida, ignorando elle o fim da revolta. Mathias d'Albuquerque estimou muito depois, que se lhe não tivesse seguido o alvitre. No mesmo dia em que o castello se rendeu, depozerão as armas por ordem da vice-rainha, as tropas castelhanas aquarteladas nos suburbios de Lisboa. A torre de Belem, Cabeça Secca, Torre-Vetha, Santo Antonio, e castello d'Almada, entregarão se simultaneamente.

throno tão sómente para pôr um rei no lugar de outro, tudo correu ás mil maravilhas para os conjurados (1), e ainda mais rapidamente depois do ultimo acto politico de Margarida de Mantua.

O povo se reuniu pouco a pouco, e conheceu que era chegado o momento de pegar em armas. Tornou-se compacta a multidão; e os portuguezes, olhando aos homens que os dirigião, não duvidavão que alcançarião a sua liberdade. Era, comtudo, preciso regular a revolução, que acabava de se verificar. A multidão atacou as portas do senado; e os magistrados, que ahi se tinham entrincheirado, as abrirão logo ao povo, confirmando com a sua assignatura um grande acto de independencia nacional. E' por isso que certo escriptor disse outr'ora, que o povo entrou n'um tribunal, e que se publicou em nome de um monarcha, certo decreto que começava em nome de outro (2).

Foi então que o veneravel arcebispo de Lisboa, seguido de grande multidão, entrou no senado, para tomar conta do governo da cidade, em quanto não chegasse el-rei. Alguns instantes depois o illustre D. Alvaro d'Abranches, herdeiro de nome tão cavalleiroso, se apossou da bandeira da cidade, percorrendo as ruas de Lisboa no meio das aclamações do povo. Bem como na batalha d'Aljubarrota, um acontecimento em si simples, veiu tambem augmentar o enthusiasmo deste povo religioso e sensivel. Quando o arcebispo se dirigiu ao paço, precedido da cruz episcopal, ao chegar á igreja de Santo Antonio, desprendeuse um dos braços do crucifixo. Disse-se logo, que Deos abençoava o povo libertado, misturando-se os gritos de *milagre!* com os de viva a liberdade. Pinto diz que foi com tal cortejo, que o arcebispo entrou no paço, já cercado de grande numero de pessoas de todas as qualidades, e algumas vindas do campo, como foi Miguel Maldonado, que se achava entre as turbas com a

(1) Discorso etc. dal dottor G. Pinto Ribero, Lisbonna, 1646. pag. 49.

(2) Affonso Rabble. Compendio da Historia de Portugal.

espada na mão, acompanhado de seus quatro filhos — gente propria para qualquer tentativa arrojada! Também os seguirão os creados, praticando o mesmo outras pessoas, que acudirão dos suburbios, inflamadas no amor da patria, e desejo da liberdade (1).

As ardentes palavras do illustre Pinto, recordão os primitivos tempos de Portugal. Algumas horas depois, ião, resolutamente dous ou tres fidalgos, dentro de uma galera, apossar-se de tres embarcações hespanholas, que procuravão sahir do porto (2). Tudo corria á vontade dos conjurados, sem que excesso algum ou particulares vinganças manchassem esta revolução. Pelo contrario, abraçavão-se homens desaviudos por antigas inimidades, e todas as expressões tendião a agradecer a Deos tão inesperada mercê. Então, e a tempo que as companhias victoriosas discorrião pela cidade (3), é que Pinto se retirou para expedir um correio ao duque de Bragança, que já podia intitular-se D. João IV. Foi na seguinte noite que partirão Pedro de Mendonça, e Jorge de Mello para Villa-viçosa, a fim de prevenirem el-rei, e apressar a sua vinda. Por ordem do governo provisorio se retirou a Xabregas a duqueza de Mantua; e o novo monarcha; que o povo havia escolhido, partiu logo sem sequito, e apenas acompanhado do marquez de Ferreira, e do conde de Vimioso. Embarcou em Aldea-Gallega, e na quinta feira, ás nove horas; chegou a Lisboa.

### *A coroação — Chegada da rainha.*

O conde da Ericeira escreveu minuciosamente todas as particularidades da coroação de D. João IV, realisada no dia 15 de dezembro. Estes factos são de grande importancia, porque, durando tão magnifica solemnidade, que póde dizer-se improvisada, todos os vassallos da corôa, mostrârão querer ligar-se á monarchia, e correr os riscos a que se expunhão

(1) Discurso dal dottor Pinto Ribero, pag. 52.

(2) Conde da Ericeira. *Portugal Restaurado*.

(3) Pinto, no lugar citado.



pela sua adhesão. Os mais zelosos actores deste drama politico nem por isso forão os melhor recompensados: o que é uma clara prova do seu amor patriótico, que releva não deixar escurecido: João Pinto Ribeiro, por exemplo, não assistiu á cerimonia da coroação ornado com magnifico titulo; e só foi um pouco tarde, que lhe galardoárão o zelo e os talentos com o modesto cargo de guarda-mór dos archivos (1).

(1) Parece que Pinto, depois do grande acontecimento, que o tornou célebre, partiu para Roma, a defender os direitos da casa de Bragança perante Innocencio X. — Fiel ao seu systema, não occupou nesta missão o primeiro logar, advogando, todavia, por modo mais eficaz os interesses do estado. Assim se explica o motivo porque a obra tão pouco conhecida, em que elle conta os successos do dia memoravel, foi escripta em italiano. Pinto Ribeiro, um dos mais habéis juriconsultos, que a universidade de Coimbra produziu, occupou sempre altos cargos na magistratura. Foi juiz de fóra de Pinhel, e Ponte de Lima, tornando-se notavel, nos logares que serviu por vastos conhecimentos, e raro desinteresse. Não podemos saber pelas datas, se foi depois da sua viagem á Italia, que teve a nomeação de desembargador do paço, fidalgo da casa real, contador, ou thesoureiro-mór, e, finalmente, guarda-mór dos archivos. Uma carta curiosa, por elle escripta, e de que nos dá conta a academia real das sciencias de Lisboa, prova que esta especie de aposentação honrosa, que um homem politico, mais ambicioso houvera despresado, dava-lhe repouso, cujo valor elle conhecia, e de que sabia utilizar. Pinto foi casado com D. Maria da Fonseca, de quem não teve filhos. Falleceu em Lisboa a 11 d'agosto de 1649, bem poucos annos depois da gloriosa revolução de que fóra o principal motor. Segundo Barbosa, foi sepultado no convento de São Francisco de Lisboa, junto á porta do refeitório. Os escriptores contemporaneos fallão com applauso da solida instrucção, e prudencia de Pinto: mas parece-nos que o conde da Ericeira lhe não exalta muito estes meritos. Giuseppe di Santa-Theresa, insiste em quanto a habilidade delle, conforme a acceção que dá a tal palavra, denominando-o *uomo di snissima intelligenza*. Pinto mereceu, certo, esta qualificação pela rara habilidade, que desenvolveu nos negocios de que tratou. Porém a historia, complice do drama, apresenta-o como uma especie de aventureiro politico, que tomou parte na conspiração de 1640, como a tomaria em qualquer outra empreza temeraria. Julgâmos conveniente restituir a este homem, de tão elevado character, e nobre desinteresse, certo gráu de gravidade de que

D. Francisca de Gusmão não concorreu a tão solemne acto. Na festa do Natal, que se seguiu á coroação, foi D. João busca-la a Aldeia-Gallega, e a conduziu a Lisboa com o infante D. Theodosio, que ia ser reconhecido herdeiro da corôa. Ella, com a prudencia que a distinguiu, nomeou logo as damas, que devião formar a sua côrte, encarregando da educação do joven principe uma senhora, que dêra publicas provas do seu amor á independencia nacional. D. Marianna de Alencastre, esmerou-se em cultivar a intelligencia do principe de quem dependião os destinos de Portugal; e se a morte lhe não tivesse cortado a vida na flôr da mocidade, como dizem os escriptores portuguezes, não só se terião poupado muitos escandalos ao paiz, como se houvera inscripto em seus annaes o nome de um rei eminente.

tão levemente o despojarão. O que geralmente se ignora é que Pinto escreveu varias obras de subido mérito. Não lhes apontaremos sequer os titulos. porque a sua lista bibliographica seria um pouco extensa; no em tanto facil será julgar do escriptor por alguns fragmentos já citados. A maior parte dos livros que elle compôz ficarão em manuscripto; e muito conveniente seria, que se publicasse o em que elle examinava se era util e justo desterrar do reino de Portugal os christãos novos, accusados do judaismo pelo tribunal do santo officio etc. Pinto é auctor de um commentario das poesias diversas de Camões; e Barbosa nos diz, que esta obra estava prompta para entrar no prélo. Este precioso volume perdeu-se, ao menos em parte, n'um accidente que occorreu. O elogio que Pinto fez a D. João de Castro, foi primeiramente publicado em 1642, e impresso depois, em 1773, com muitas correções. Nada posso dizer sobre o mérito litterario deste opusculo, mas causa interesse o vêr um homem tal como Pinto tomar por assumpto do seu panegyrico o mais valente, e mais integro capitão do seculo 16.º Pensava, sem duvida, como o velho Almeida Freire, que basta a fama das cousas passadas para conservar as cousas presentes.

*Chega a Madrid a noticia da sublevação — Palavras do conde-duque — Desafio do duque de Medina Sidonia — Embaixada mandada a França por el-rei D. João IV.*

A nova do grande acontecimento, que punha a corôa de Portugal na cabeça de um descendente directo do mestre de Aviz, correu vagamente em Madrid no cabo de poucos dias. O corregedor de Badajoz, que vira fogo na fronteira de Portugal, e que d'ahi concluiu, e com muita rasão, que havia rebentado em Portugal alguma revolução, deu conta das suas conjecturas á côrte. O conde-duque levou muito a mal, que um magistrado se atrevesse a inquieta-lo com similhantes notícias, em que não acreditou. Tres horas depois um correio, que lhe trouxe as particularidades do successo, o obrigou a ter o facto como certo (1). Os officios, que recebeu, e que lhe não permittião duvidar do successo, irárão muito mais a Olivares, por estar, segundo se diz, em vespuras de assignar varias ordens, que qualquer verdadeiro estadista houvera expedido tres mezes antes. Devia reputar-se bem criminoso, se, como se lê n'uma noticia manuscripta da bibliotheca real, o castello se achava desprovido de viveres e munições. Todos os historiadores contão, que o valido encobrija o seu pesar; mas ha um que váe mais longe, e pretende que elle trazia o rosto prasenteiro, quando se apresentou a el-rei para lhe dizer, que um dos governos do seu reino, e não dos de menor consideração, se achava vago, porque o duque de Bragança se havia juntado aos mal-contentes de Portugal, que lhe offererão a corôa. Ainda que Philippe IV fosse indolente, comtu-

(1) Veloso de Lyra escreve a tal respeito algumas linhas originaes, que involuntariamente fazem lembrar as palavras bem sabidas de M. de Talleyrand. Depois de fallar do zeloso magistrado de Badajoz, acrescenta: — « Diz-se que o duque valido promettêra de, por améndoas, o mandar pendurar em tres páus, ou pelo menos mettê-lo nas galês, para o ensinar a não referir cousas de que não estivesse certo. » — Veja-se *Espelho de Lusitanos, em o cristal do psalmo quarenta e tres*, pag. 71.

do, não lhe faltava intelligencia, como o provão as suas obras litterarias; — rasão bastante para se não dever acreditar a indifferença de que, ácerca deste acontecimento o accusão varios auctores. Veloso de Lyra, sustenta, ao contrario, que elle se mostrára inquieto, e perguntára ao ministro se era certo, que o duque de Bragança tivesse acceito a corôa. Tão depressa vogou a noticia pelu cidade, continúa o mesmo historiador, como foi logo acreditada. A malignidade achou pasto em tal successo, e não é facil referir os milhares de fabulas, que por essa occasião se inventárão. Os fidalgos que se achavão na côrte procurarão consolar el-rei; outros, só portuguezes no nome, e denominados *assentistas*, forão offerecer-lhe os seus serviços e cooperação. Rasão tinhão, porque perdião os seus interesses, e ainda mais a honra do que o pro-veito.

A mocidade portugueza, que frequentava as escolas, e principalmente as de Salamanca, para poder alcançar as mercês da côrte, ficou como louca de prazer; e antes de tres dias partirão para Lisboa mais de quatro centos estudantes. Estes mancebos, prosêgue Veloso de Lyra, mostrarão a Castella, dentro em poucos dias, quanto valião forças reaes. Era a flôr da nação portugueza, que ia sustentar uma independencia, que sem ella fôra conquistada.

O duque de Medina-Sidonia, julgou-se então exposto a algum desar por ser mais do que qualquer outro fidalgo aparentado com a casa de Bragança; e dominado dos terrores de cortesão, renovou mui ridiculamente (porque corria já o seculo 17.º) um dos actos solemnes da idade média, que se não podia então applaudir. Desafiou para o campo o duque seu cunhado, para que houvesse de ahí responder pela sua traição á face da Europa. O duque, porém, só conseguiu provar, que as antigas fórmãs do feudalismo tinhão perdido todo o prestigio. Depois, alguns actos não menos innocentes, pozerão ao abrigo de qualquer suspeita este tímido descendente dos mais arrojados cavalheiros da Hespanha (1).

(1) O texto deste curioso desafio, que é rarissimo encontrar-

Em quanto o gabinete de Madrid fazia certas disposições para obrigar a entrar no seu dever os que ainda denominava rebeldes, constituia-se o gabinete de Lisboa, e proclamava á face do mundo a sua independencia, não poupando meio algum de assegurar a defensão das fronteiras do reino. Por se não haverem consultado os numerosos documentos sepultados em alguns archivos, tem-se sempre feito errada e imperfeita idéa da politica habil e perseverante de D. João IV, nos primeiros annos do seu reinado. No livro recentemente publicado por um membro da academia das sciencias, sob o titulo de *Quadro elementar das relações diplomaticas de Portugal com as potencias estrangeiras*, é que pôde estudar-se este periodo, e para elle remettemos os que pozerem em duvida as nossas asserções. — Contentar-nos-hemos de mencionar aqui alguns factos principaes.

A Suecia, potencia de segunda ordem, deu, desde o primeiro dia da aclamação, o seu pleno assentimento ao proceder de D. João IV, o que era já um passo proveitoso. Convinha a Portugal grangear o auxilio, ou pelo menos a amizade da França, estados do papa, e Hollanda. Da protecção da França não podia duvidar-se, porque Richelieu devia necessariamente dar favor aos proprios que havia excitado. Relevava tambem aproveitar a grande diversão, que offerecia a revolta da Catalunha. D. João IV, deputou a Luiz XIII (1) dous homens de alta capacidade, quaes erão Francisco de Mello, monteiro-mór do reino, e o doutor Antonio Coelho de Carvalho, tendo préviamente enviado áquella provincia um habil mensageiro. Consistião as suas instrucções em formar entre os dous reinos uma confederação em que a Hollanda fosse comprehendida, a qual daria em resultado o augmento

se nas grandes collecções, existe em Paris. Faz parte dos documentos juntos por Deniz Godefroy, e se conservão na bibliotheca do Instituto. Godefroy tencionava escrever a historia de Portugal.

(1) A 21 de janeiro de 1641. Veja-se o *Quadro elementar*: tomo 4.º, introducção, pag. 199.

de territorio da monarchia franceza. Esta embaixada foi recebida com grande solemnidade.

El-rei de Hespanha tivera poder bastante para alcançar de Roma, que Portugal fosse excommungado. Dispoz-se segunda embaixada para evitar os graves inconvenientes, que provirão a um estado catholico, de similhante anathema, sendo encarregado de tão espinhosa missão o bispo de Lamego. Esteve em risco este prelado de ser assassinado na propria Roma, que viu com horror os criminosos esforços de um embaixador castelhano, que, esquecido do genio cavalleiroso da sua nação, quizera, em espera atraçoada, resolver uma pendencia diplomatica, que para elle se ia demasiado prolongando. O conde da Ericeira narra do seguinte modo este curioso successo da historia da independencia portugueza, na sua *Historia de Portugal restaurado* (1). — « Com esta segurança, não encontrando o bispo de Lamego embaraço, chegou a Roma: apeou-se em casa do embaixador de França, aonde ficou recebendo na hospedagem todos os obsequios devidos á sua auctoridade. Durou a assistencia em casa do embaixador muitos dias, e para se passar a um palacio, que tomou na praça Naona, lhe foi necessario grande instancia, por ter o embaixador ordem de el-rei de França para o deter em sua casa até conseguir audiencia do pontifice, achando esta união o meio mais proporcionado de controverter as negociações de Castilla.

« — Assistia em Roma por embaixador d'el-rei catholico n'aquelle tempo, D. João Chumaceyro. Dentro de poucos dias veiu rendê-lo o marquez de los Velles, com o titulo de embaixador extraordinario. Antes que o bispo chegasse, haviam celebrado os poucos portuguezes, que estavam em Roma, com tão publicas demonstrações a noticia da acclamação d'el-

(1) No tomo 1.º, pag. 163, edição de 1679. — Copiámos por inteiro este trecho do historiador portuguez, pelos mesmos motivos porque havemos transcripto outros, tambem por extenso, de differentes escriptores nacionaes.



*D. Felipe 3.*





rei, que passarão a parecer excessos, se o valor dos portuguezes não fóra costumado a vencer os maiores obstaculos. Sinalou-se entre todos Braz Nunes Caldeira, provedor d'aquelle anno do hospital de Santo Antonio, que, n'aquella côrte, chamão dos portuguezes; porque succedendo celebrar-se a festa do mesmo santo, e sendo costume assistir nella o embaixador d'el-rei catholico, funcção que lhe tocava como a embaixador de rei de Portugal, deliberou Braz Nunes Caldeira, que havia de defender aos embaixadores de Castella a entrada da igreja. Juntou alguns portuguezes, que se resolvêrão a acompanhá-lo, e sem reparar no perigo a que se expunha, não só pela differença do poder, que os castelhanos tinham em Roma, senão pelo crime de juntar publicamente armas de fogo, tão defendidas n'aquella côrte, que o delinquente, que se acha com ellas, não differe mais que vinte e quatro horas da culpa á morte. Juntou todo o genero de armas que lhe foi possível, offensivas defensivas; occupou os postos que podião facilitar o seu intento, e constando ao pontifice, e ao embaixador de Castella a sua deliberação, nem o embaixador se arrojou a diverti-la, nem o pontifice quiz castiga-la: privilegio das acções grandes, que até os offendidos costumão ampara-las; e não só ficou este anno divertida a assistência, que os embaixadores de Castella fazião em Santo Antonio, senão que passou a todos os seguintes, não tornando a intenta-la. Depois de chegar a Roma o marquez de los Velles, remetteu o pontifice os negocios de Portugal aos cardeaes nepotes, Francisco, e Antonio Barbarino, ao cardeal Cayetano, e ao cardeal Pamphylio, que, com o nome de Innocencio X, succedeu a Urbano no pontificado. As súplicas se encaminhavão ao cardeal Francisco Barbarino; offerecia-lhas Pantaleão Rodrigues, acudia ás audiencias como agente dos negocios de Portugal, e a tudo o mais que pertencia ao fim que se procurava. O papa, em quanto senão tomava a ultima resolução, mandou ordem ao bispo embaixador, para que não passasse pela côrte em publico. Fez Pantaleão Rodrigues a primeira súplica aos quatro cardeaes nomeados;

foi nas apparencias bem admittida, e respondeu a ella o cardeal Francisco, que desejava vêr o direito com que el-rei de Portugal se introduzira na corôa. Replicou Pantaleão Rodrigues, que el-rei D. João mandava embaixada á sé apostolica a dar obediencia ao summo pontifice, e não a esperar decisão ou confirmação alguma de sua santidade, pois era senhor de um reino isento no temporal de todo o juiso humano; porém, que para obviar as interpretações dos politicos, satisfaria á curiosidade do cardeal. No dia seguinte levou em um memorial deduzido o direito d'el-rei á corôa, que occupava com rasões tão claras, e bem fundadas, que escurecêrão todas as apparentes proposições, que os castelhanos haviam espalhado em varios manifestos. Esperando deste papel Pantaleão Rodrigues a resolução de ser o embaixador admittido á audiencia, lhe declarou o cardeal Francisco, que sua santidade via nesta embaixada mais demonstrações apparentes, que obediencia e respeito á sé apostolica; porque a retenção das capellas, que em Portugal se haviam usurpado á igreja, continuava, violando-se por esse caminho a immunitade ecclesiastica, e approvando-se com a contumacia o pernicioso exemplo da expulsão do bispo de Nicastro, colleytor apostolico, occasionada por este respeito. Que a esta prejudicial resolução se acrescentava o grave escandalo, que a toda a républica christã tinha dado a prisão do arcebispo de Braga, D. Sebastião de Mattos, que já neste tempo havia commettido os delictos, que adiante referiremos, e que, consideradas estas rasões, se julgava preciso que o arcebispo fosse pôsto em sua liberdade, e se lhe restituissem seus bens, ou ao menos o remetterssem em custodia a Roma para que o summo pontifice, como seu legitimo juiz, julgasse o seu delicto; que as capellas se restituissem á igreja sem se interpor duvida nem embaraço, que com estas demonstrações se conciliaria o animo de sua santidade para admittir a embaixada.

« — Satisfez Pantaleão Rodrigues a esta proposta, dizendo, que ainda que a commissão do bispo embaixador senão

estendia a mais, que a dar obediência ao summo pontifice, nem parecia licito gravar com encargo o acto de uma acção voluntaria, o que sendo contra todo o direito universal escusava o embaixador de não trazer poderes para o que se não suppunha que podesse acontecer; que fiado na piedade catholica d'el-rei seu senhor, promettia da sua parte, que a duvida das capellas se ajustaria com a conclusão mais favoravel á igreja, mandando sua santidade nuncio apostolico a Portugal, como havião feito sobre similhantes concordatas os pontifices João XXI, e Xisto IV em tempo dos reis D. Affonso V, e de D. João II; porque esta materia era tão embaraçada, que tiverão as duvidas della principio no anno de 1604, cuja lei, desde aquelle tempo estabelecida havia derogado o colleytor com escandalo universal. Que em quanto á resolução do bispo de Braga, Sua Magestade não havia excedido as permissões do direito canonico; porque sendo o arcebispo convencido no crime de lesa-magestade, o não eximia o fóro ecclesiastico não só da prisão, mas nem da morte, de que havia varios exemplos no mundo. Porém que Sua Magestade para que não ficasse acção alguma sua escrupulosa, mandaria entregar os autos do arcebispo aos juizes, que sua santidade apontasse em Lisboa, prohibindo-lhe remettê-los a Roma, assim o perigo de poder, por qualquer accidente, cair nas mãos dos castelhanos, como a difficuldade de se lhe haver de formar culpa em Roma d'aquella magestade, que o summo pontifice não reconhecia por coroada.

« — Estas satisfações atalhárão com o cardeal Barbarino os pretextos que buscava para a dilação, que julgava precisa, vendo que não era rasão desenganar ao embaixador de Portugal, nem conveniente offender o embaixador de Castella. E ultimamente antepondo a politica á justiça, apertando Pantaleão Rodrigues pela ultima resolução, faltando rasão ao cardeal, faltarão-lhe rasões; de que se originou cançar-se de sorte das instancias do agente (defeito ordinario de quem sem rasão offende), que com demonstrações escandalosas dava a entender a Pantaleão Rodrigues nas audiencias publicas o seu

enfado. Vendo pois o bispo embaixador as duvidas, que a cada hora cresião na sua pretensão, buscou todos os caminhos que as podião facilitar, e em todos achou cortades os passos pelas negociações de Castella. Este successo fazia differente effeito no marquez de los Velles, porque vendo as suas diligencias bem logradas, tomou animo para maior empreza, e determinou tirar de Roma, na pessoa do bispo de Lamego, um dos maiores obstaculos, que de presente julgava que seu principe tinha para a restituição da corôa de Portugal, tendo por certo, que permittindo o pontifice audiencia ao bispo, confirmava a aclamação d'el-rei, e lhe facilitava por este caminho as allianças dos principes da Europa, consequencia que segurava a defesa deste reino. Nesta consideração buscou pretextos para publicar queixas sem fundamento, que são faceis de achar em quem negocêa seguro no poder e no cabedal. O bispo alcançou nestes dias audiencia de alguns cardeaes, que o tratárão com honras de embaixador. Acompanharão-no a estas visitas os seus criados, com algumas insignias só permittidas aos embaixadores.

« — Inferiu o marquez desta novidade, que o bispo havia conseguido audiencia do summo pontifice, na fórma que desejava. Multiplicou as queixas com tão immodestas súpplicas, que opprimido o summo pontifice, com a memoria em Castella, e o cuidado em Napoles, declarou que não aceitava a embaixada do bispo de Lamego. Constando-lhe ao marquez de los Velles a certeza deste decreto, applicou á paixão os ultimos alentos, e sem mais consideração, que a da ira, nem mais attenção, que a da furia, determinou prender o bispo de Lamego, e remettê-lo a Napoles, seguindo o exemplo do marquez de Castello-Rodrigo, que havia tomado a mesma resolução com o principe de Sans, por uma leve suspeita de que o principe tinha intelligencias com a França; e fazendo-lhe cortar a cabeça, deu motivo a um dos maiores escandalos da Europa.

— Com este erro por norte, determinou o embaixador de Castella executar a empreza de prender um prelado

na côrte de Roma, seguro na fé do pontifice, sem mais causa do que achar favoravel a sua resolução, suppondo-a poucos dias antes da parte das pretensões do bispo: desconcerto universal da natureza humana, que tanto adoece de fraca, como de forte; e assim a debilita o sangue que lhe falta, como a suffoca o que lhe sobra.

« — Resoluto o marquez a executar este intento, juntou em Roma, por intervenção do principe Galiano, da casa Colona, dependente de Castella, duzentos bandidos, unico acôrto desta empreza, sendo só homens de vida tão larga proporcionados para a execução deste delirio. E querendo honestar o rumor, que em Roma causavão as suas prevenções, fez pôr fogo a uma pequena porta, que sahia do seu palacio, e publicou que os portuguezes havião sido auctores desta insolencia; e com este pretexto chamou a Roma officiaes e soldados de Napoles. O pontifice, constando-lhe das prevenções do embaixador de Castella, buscou dous caminhos de atalhas: — um mandando segurar com grande numero de soldados as partes suspeitosas, e dando ordem para que sahissem de Roma todos os vagabundos; com que diminuiu muito a familia do marquez de los Velles: — outro ordenando ao bispo de Lamego, que se acompanhasse de pouca familia, e que o seguro da sua palavra, e das prevenções que mandava fazer podião livra-lo de todo o receio.

« — Estando de uma e outra parte materias na disposição referida, e acompanhando-se o bispo embaixador de dous gentis-homens, e dous lacaios, conforme a ordem do pontifice, chegou em 20 de agosto o effeito que se podia esperar de tanta resolução desconcertada. Saíu o bispo de Lamego ás cinco horas da tarde a visitar o embaixador de França, acompanhado de toda aquella familia que lhe estava destinada. Era um dos dous gentis-homens Diogo de Barcellos, antigo creado de sua casa. Examinou a sua attenção, que seguia a carroça do bispo uma espia dos castelhanos: advertiu-o ao bispo, o qual mandou logo chamar um confidente, a que ordenou que fosse a casa do embaixador de Cas-

tella, e que achando alguma novidade lhe fizesse aviso em casa do embaixador de França para onde ia. Não tardou muito com a certeza de que achára em casa do embaixador, prevenindo-se, gente, armas, e carroças. Confirmou esta nova Pantaleão Rodrigues, porque tendo n'aquella tarde audiencia do cardeal Barbarino, soube d'elle que o marquez de los Velles estava resoluta a buscar occasião de se encontrar com o bispo, e valer-se d'elle para o matar ou prender; e pedindo o cardeal a Pantaleão Rodrigues quizesse persuadir ao bispo que não saiasse aquella tarde da sua casa, elle lhe respondeu que já quando elle saíra ficava fóra della. Obrigado de uma e outra noticia lhe pareceu ao bispo que era necessario prevenisse para que o não colhesse o embaixador de Castella desarmado. O embaixador de França desejou persuadir ao bispo que ficasse em sua casa, dizendo que como não era novidade ser seu hospede, que ninguem poderia censurar esta acção, porém o bispo advertido e valoroso em nenhum caso admitiu esta proposta; o que vendo o embaixador de França, mandou juntar a sua familia á do bispo, e a estas se unirão alguns portuguezes e catalães, que andavão em Roma: chegarão todos juntos ao numero de sessenta pessoas. O embaixador de França por evitar a confusão e desordem nomeou por cabo desta gente ao seu mestre de camara, chamado Lucach, pessoa de quem fazia grande confiança. Feita esta prevenção entrou o bispo em uma carroça com quatro gentishomens, sem mostrar sobresalto algum, herdando o valor e a constancia de seus antigos predecessores. Seguia-o a mais gente, uns em carroças, e outros a pé; mas de sorte repartidos, e caminhando as carroças tão de vagar, que todos se achárão juntos. Pouco havia o bispo andado quando lhe fizeram aviso que o marquez de los Velles vinha chegando. Mandou aos cocheiros que não partissem, e vierão a topar-se as carroças dos dous embaixadores, n'uma volta que faz a rua de Santa Maria in via. Gritarão os castelhanos que fizessem alto ao embaixador de Castella; responderão os portuguezes que parassem ao embaixador de Portugal.

« — Sem dilação sairão os castelhanos das carroças, e o mesmo fizeram os portugueses e francezes: de uma e outra parte se dispararão quantidade de clavinás e pistolas, de que logo ficarão mortos, dos que acompanhavão o bispo, um maltez parente do embaixador de França, dous pagens seus, e um creado de Pantaleão Rodrigues. Dos castelhanos cairão mortos oito, em que entrou o capitão D. Diogo de Vargas, e ficarão vinte feridos. O estrago das armas de fogo se accrescentou com os golpes das espadas que os portugueses sabem esgrimir. Carregarão os castelhanos com tanto valor, que em breve espaço desampararão ao marquez de los Velles, que não havia até áquelle tempo saído da carroça, e vendo-se só, perturbado do receio saiu pelo espaldar della, e falto de alento, esquecido de reputação, perdido o chapéo, e descomposta a capa, se recolheu á loja de um biscouteiro, d'onde passou á casa de um italiano, em quanto as carroças se prevenião, e os mortos se retiravão. Voltou para o palacio do embaixador de França, d'onde socegado o rumor se retirou ao seu aposento. A carroça do embaixador de Castella esteve dous dias feita pedaços, no logar da pendencia, sem haver quem a recolhesse; que tal era o desacordo com que ficou o marquez de los Vellos, e a sua familia.

« — Veio logo a visitar o bispo de Lamego, da parte do cardeal Barbarino um gentil-homem seu. Agradeceu o bispo o cumprimento, sem se queixar do successo. Os cardeaes da facção de Castella, e todos os que seguirão aquelle partido, acudirão logo a casa do marquez de los Velles: á do bispo de Lamego vierão o duque de Brochano, e muitos dos dependentes de França. O cardeal Antonio montou a cavallo, e segurou a cidade com varios corpos de guarda, que repartiu pelas ruas.

« — No dia seguinte determinou o marquez de los Velles sahir de Roma sem dar conta ao pontifice, porém persuadirão-no os parciaes a que lhe fallasse, por não accrescentar o justo sentimento com que estava da sua demasia. Obrigado deste conselho pediu o marquez audiencia, e usando nella de pre-

textos apparentes para sahir de Roma, o papa o despediu com breves e graves palavras. Passou-se o marquez para a cidade de Aquila, e este seu retiro aggravou, na opinião de todos mais o seu excesso, e fez de todo evidente a sua imprudencia. O bispo de Lamego entendeu, que deste accidente havia resultar o bom successo da sua embaixada. Suppondo que não podia o pontifice achar melhor satisfação do insulto commettido pelo marquez de los Velles em offensa da sua auctoridade, e descredito da sua palavra, do que recebê-lo como embaixador de Portugal. Sobre este bem fundado discurso assentou as mais efficases diligencias; applicou todas as negociações; multiplicou as maiores instancias; porém achando mais que nunca cerrados os ouvidos do pontifice, negando-se á audiencia do cardeal Barbarino a Pantaleão Rodrigues, e havendo recebido ordem d'el-rei de que se, passado um anno de assistencia em Roma, que se contava em 20 de outubro, a que estava proximo, não houvesse conseguido accetar o summo pontifice a embaixada, se voltasse a Portugal, se resolveu por ultimo desengano fazer uma supplica a sua santidade, cujas rasões eloquentes, e bem fundadas continhão todo o direito d'el-rei á successão da corôa de Portugal; a posse pacifica em que estava não só do reino, senão de todas as conquistas d'elle, a humildade e promptidão com que mandára dar obediencia a sua santidade, que era passado um anno sem poder conseguir audiencia, por haverem prevalecido as cavilosas diligencias dos castelhanos, tão poderosas, que obrigavão sua santidade a negar a el-rei D. João o que os summos pontifices, seus gloriosos predecessores, havião concedido, não só a todos os principes christãos, legitimos possuidores das suas corôas, como elle era, mas ainda aos intrusos, hereges, e infieis, que se quizerão sujeitar a esta obsequiosa cerimonia; e que ficando el-rei com as diligencias, que havia feito, livre de escrupulo dos damnos, que ao espirital do seu reino forçosamente havião de resultar, esperava que estes corressesem por conta, para a dar no tribunal mais supremo, dos que aconselhavão a sua santidade; e que além



destas justificadas queixas, constando a el-rei a pouca segurança com que vivia n'aquella côrte, o mandava se voltasse a Portugal, não havendo conseguido audiencia, até o fim do mez de outubro, em que prefazia o tempo de um anno de assistencia de Roma; porém que elle esperava, que sua santidade, usando da sua piedosa grandeza, quizesse conceder-lhe audiencia merecida de justiça, e remedio da afflicção que padecia Portugal de presente, e dos males que se temião de futuro. Não foi de algum effeito esta ultima diligencia, respondendo o cardeal Biche ao bispo de Lamego, por ordem do summo pontifice, que a congregação dos cardeaes havia determinado, que a embaixada não fosse admittida, assim pelos accidentes de novo acontecidos, como porque tendo o estado da igreja guerra com o duque de Parma, não podia pôr-se em risco de quebrar com os castelhanos, guerra que fazia mais formidavel ao estado da igreja pelo grande poder que el-rei catholico tinha em Italia, e pela muita visinhança, que havia de Napoles a Roma. Desenganado o bispo com esta ultima determinação, se resolveu partir para Portugal. O pontifice, parecendo-lhe que suavizava os aggravos referidos com permittir ao embaixador audiencia como bispo de Lamego, lha mandou offerecer. Nesta fórma não quiz elle acceita-la, dizendo que não era aquelle o fim para que o seu principe lhe entregára a commissão, que trouxera.

« — Partiu tambem, sem fazer cerimonia alguma, com o cardeal Francisco Barbarino; porque, como estava com tanta rasão queixoso, julgou que erão precisas todas as demonstrações, que fizessem mais publico o seu sentimento. Embarcou-se em Liorne, e em poucos dias chegou a Lisboa, aonde as suas acções, ainda que com máu successo, lográrão o applauso que merecião, por serem dispostas com grande valor, e prudencia. Durou-lhe pouco tempo a vida, e as suas virtudes fizerão geralmente sentida a sua morte. »

Finalmente, como nesta epocha se tratava da paz geral, cujas bases se devião estabelecer no congresso de Munster, nomeou D. João IV, para o representar nesta assembléa me-

moravel, primeiro, na qualidade de seu plenipotenciario, a Luiz Pereira de Castro, que recebeu instrucções nos fins de abril de 1643; e depois, a Ruy Botelho de Moraes, e Francisco de Sousa Coutinho, que concorrêrão á dieta no mez de maio do mesmo anno, aonde se lhes reunirão Francisco d'Andrade Leitão, homem firme e habil.

O proceder destes diplomaticos na diéta; a lucta que ahi sustentârão contra a Hespanha; a habilidade com que atenuârão a influencia da santa-sé, e a da républica de Veneza, são pontos de que pouco tratârão, pôsto que formem um dos quadros mais curiosos da politica do decimo-sexto seculo. O que a Hespanha mais sollicitava era a exclusão da diéta dos embaixadores portuguezes; pelo que a restauração de Portugal esteve a ponto de mallograr-se. Esta circumstancia da historia portugueza, parece ter escapado ao mais illustrado escriptor d'aquella epocha; e tão de leve por ella passou, que faz suppôr não lhe ter dado importancia alguma. O curto espaço que temos para tratar desta noticia, força-nos a pôr ponto nestas considerações, para voltar-mos á peninsula, aonde a prompta resistencia da Hespanha chama a nossa attenção. Diremos, prêviamente, algumas palavras sobre o effeito produzido pela revolução nas longinquas possessões de Portugal.

FIM DO SEGUNDO VOLUME.

# INDICE

DO

QUE N'ESTE LIVRO SE CONTEM.

PAG.

<b>R</b> einado de D. João III . . . . .	3
Nomes dos vice-reis, que succedem a Albuquerque — Principaes acontecimentos durante a sua administra- ção — Vasco da Gama é elevado á dignidade de vi- ce-rei — Sua morte . . . . .	5
D. Nuno da Cunha. . . . .	10
Heitor da Silveira . . . . .	12
Primeiro cerco de Dio. . . . .	”
Magalhães. . . . .	13
Relação de Pigafetta — Morte de Fernão de Magalhães	16
Divisão do isthmo de Panama proposta no decimo-sex- to seculo. . . . .	20
A Abyssinia mais bem conhecida na Europa — Embai- xada ao paiz do Preste João — Francisco Alvares, e Duarte Galvão . . . . .	22
Côrtes de Portugal. . . . .	25
Preoccupações politicas de D. João III — Abandono de certas praças em Africa. . . . .	26
Origem da Inquisição em Portugal. . . . .	27
Fernando de Saavédra . . . . .	29
Chegada dos jesuitas a Portugal — Influencia, que es- tes religiosos obtem no tempo de D. João III . . . . .	31
Lisboa na idade média, e Lisboa no tempo da reno- vação — Auge do esplendor d'esta cidade — Curiosa estatistica extrahida d'um livro official da idade mé- dia . . . . .	34
Fundação da freguezia de Santa Justa, e Rufina . . . . .	37
S. Nicoláo. . . . .	42
Fundação da real freguezia de S. Julião . . . . .	44
Santa Maria Magdalena . . . . .	47
Fundação da real freguezia de N. Senhora dos Martyres.	48

	PAG.
Fundação da freguezia de N. Senhora do Loreto, pertencente á nação Italiana . . . . .	53
S. Pedro em Alcantara, outr'ora em Alfama . . . . .	54
S. Vicente de Fóra . . . . .	56
Santa Marinha . . . . .	”
Salvador e S. Thomé . . . . .	57
S. Martinho, e S. Thiago . . . . .	58
Fundação da freguezia de S. Mamede. . . . .	60
Fundação da freguezia de S. Lourenço . . . . .	62
Fundação da freguezia de S. José . . . . .	63
Santos o Velho . . . . .	”
S. Paulo . . . . .	65
Nossa Senhora da Pena . . . . .	66
S. Sebastião da Pedreira . . . . .	67
S. Miguel d'Alfama. . . . .	”
Nossa Senhora do Socorro . . . . .	68
Nossa Senhora das Mercês. . . . .	69
Fundação da freguezia de Santa Isabel . . . . .	70
Santissimo Sacramento. . . . .	”
Santissimo Coração de Jesus. . . . .	71
Logares de beneficencia, que existião pelo anno de 1550	74
Lista dos homens d'officio, que existião em Lisboa de 1550 a 1551, extrahida do livro de Rodrigues d'Oliveira . . . . .	75
Escolas publicas d'esgrima . . . . .	”
Officios mechanicos. . . . .	76
Estado das grandes fortunas do decimo-sexto seculo . . . . .	77
Escravidão em Lisboa no decimo-sexto seculo . . . . .	78
Apparencia de Lisboa durante a ultima metade do decimo-sexto seculo: aspecto das ruas e dos edificios . . . . .	80
Commercio de Portugal, e principalmente de Lisboa, pelo meio do decimo-sexto seculo. . . . .	86
Considerações sobre a acção do commercio das Indias no decimo-sexto seculo — Comparação dos portuguezes com os venezianos . . . . .	87
Martim Affonso de Sousa. . . . .	92
Estado moral das Indias antes da chegada de D. João de Castro . . . . .	96
D. João de Castro, quarto vice-rei das Indias . . . . .	98
D. João de Castro é proposto pelo infante D. Luiz pa-	

ra o governo da India : sua partida para aquella região . . . . .	103
Diligencias do Hidalcão para conservar o throno usurpado a Meale. . . . .	105
Trata el-rei de Cambaya de tomar Dio . . . . .	116
Começa Coge Çofar a bater a fortaleza . . . . .	121
Segundo periodo do cêrco de Dio . . . . .	128
Assalta o inimigo o baluarte S. João, e o de S. Thomé	”
Parte D. João de Castro para Dio. . . . .	141
Pede D. João de Castro um emprestimo : carta que escreve aos habitantes da cidade de Gôa . . . . .	149
Carta d'el-rei D. João III . . . . .	173
Golpe de vista sobre a situação da India depois do fallecimento de D. João de Castro — Vice-reis, que lhe succedêrão . . . . .	176
Primeiro estabelecimento dos portuguezes na China — Fundação de Macáo. . . . .	182
Origem historica de Gôa, a cidade India . . . . .	185
Gôa no decimo-sexto, e no decimo-setimo seculo . . . . .	188
Inquisição de Gôa . . . . .	194
Estabelecimentos litterarios creados na India . . . . .	195
Influencia das conquistas dos portuguezes nos conhecimentos scientificos, e litterarios relativos á India . . . . .	196
Missões á India portugueza — Os christãos de S. Thomé — São Francisco Xavier, suas viagens, e influencia na guerra contra el-rei d'Achem — Entrada no Japão — Projecto sobre a China — Morte do apostolo das Indias. . . . .	198
Gente de mar — Heroes populares do tempo de D. João III. — Aventureiros célebres . . . . .	213
Pero Gallego . . . . .	215
Salvador Corrêa, rei do Pegu . . . . .	217
Ango, navegador normando — tradição que lhe diz respeito . . . . .	218
Morte de D. João III. . . . .	221
Reinado d'el-rei D. Sebastião . . . . .	223
Primeira expedição á Africa em 1574. . . . .	227
Ultima epocha deste reinado. . . . .	228
Segunda expedição d' Africa — Successos que a determinão — Batalha d'Alcaerquibir . . . . .	235

	PAG.
Consequencias da batalha — O corpo d'el-rei é reconhecido pelo seu pagem Belchior do Amaral — Sorte dos prisioneiros . . . . .	260
Camões . . . . .	266
O cardeal-rei; sua educação; seus principios como inquisidor geral — Casamento proposto e logo regeitado — Declaração de uma regencia . . . . .	298
Resistencia do povo portuguez ás pretensões de Hespanha . . . . .	304
Morte do cardeal-rei — D. Antonio é eleito pelo povo — Expedição do duque d'Alba contra Lisboa — Tomada desta cidade — Resistencia do pretendente. . . . .	305
Impostores que tomárão o nome de D. Sebastião — Aventura do que foi julgado em Veneza, e veio a Paris em 1588 — Carta do doutor Nouvellet — O P. F. José Teixeira. . . . .	317
Os sebastianistas — Suas crenças expostas por um antigo viajante francez — Pertinacia nestas superstições . . . . .	323
Os sessenta annos de captiveiro . . . . .	325
As palavras de um veterano — Decadencia das Indias portuguezas — Nomes dos governadores mandados por parte da Hespanha . . . . .	330
Pedro Fernandes de Queiroz — Seus descobrimentos . . . . .	334
Restauração de Portugal — Exaltação de João IV. . . . .	336
A coroação — Chegada da rainha . . . . .	378
Chega a Madrid a noticia da sublevação — Palavras do conde-duque — Desafio do duque de Medina Sidonia — Embaixada mandada a França por el-rei D. João IV. . . . .	381

FIM DO INDICE.

## COLLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS.

D. João III. . . . .	(no rosto do livro)	
Fernando de Magalhães . . . . .		13
Portuguezes no seculo 16.º . . . . .		82
D. João de Castro . . . . .		98
D. Sebastião . . . . .		223
Camões . . . . .		266
Cardeal-Rei . . . . .		298
Filippe 2.º . . . . .		307
Filippe 3.º . . . . .		325
Filippe 4.º . . . . .		384







